

SÉGUINTE

Enquanto eu não te encontre

Pedro Rhua



Pedro Rhuay

Enquanto
eu não
te
encontre

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Sumário

Capa

Folha de rosto

Sumário

Dedicatória

Primeiro encontro

Hello, it's me

Cachaça é melhor que vodca

Meu Titanic está vivo

A lagartinha de luxo

Bicha, pague o meu dinheiro!

Sobre o encontro no banheiro

O momento em que abrem o coração

O sagitariano abandonado

Todas as coisas que ele gosta

No chão outra vez

Mais do que apenas festoxonado

Paju à vista

Inês who?

Bug temporal

A Cinderela desafia a Matrix numa poça de vômito

Desencontro

Naufrágio

Uma caminhoneira salva meu dia

Amigas & Ex-Rivais (Edição “De Volta para a Minha Terra”)

Bem acordado (ou momento autoanálise)

O Prism é melhor que o 1989

Segundo encontro

O reencontro no banheiro

Entra na minha casa, entra na minha vida

Dormir aqui e o mundo como espelho

De zero a dez?

Moeda grega

Então casa é isso

A manhã seguinte

Hora da surpresa

Gays não têm um segundo de paz

Antes do entardecer

Epílogo

Trilha sonora

Agradecimentos

Entrevista com o autor

Sobre o autor

Créditos

*Para todo mundo que nunca imaginou
que a vida podia ter gosto de comédia romântica*

PRIMEIRO ENCONTRO

Junho de 2015

Hello, it's me

Se me pedissem para me descrever com uma palavra, não hesitaria em escolher “desastrado”.

Veja bem, não é uma escolha infundada. De acordo com a fonte de pesquisa mais confiável da internet (oi, Wikipédia, tudo bom?), “desastre” vem do latim *dis* (que significa “mau”, “contrário”) + *aster* (ou *astrum*, “astro”). Em resumo, uma *desgraça causada pela influência negativa ou danosa dos astros*.

Não sei até que ponto meu mapa astral é o culpado por minhas fatalidades diárias, mas é melhor do que acreditar que sou eu mesmo quem as causa, certo?

Eu achava que sair de Luna do Norte — a minúscula cidade onde nasci, tão pacata quanto cruel — resolveria meus problemas, como se o lugar fosse o único culpado por eles existirem.

No ensino médio, meus amigos e eu passávamos horas debatendo sobre universidades e todas as aventuras que nos aguardavam na capital. Projetávamos o futuro mais do que vivíamos o presente, eternamente à espera de dias melhores quando não seríamos menos do que éramos; quando se esconder não seria preciso.

Pensei que os desastres, a falta de privacidade e a sensação de não pertencer àquele lugar acabariam quando me mudasse para Natal. Até começar a morar na cidade, claro, e descobrir que não passava de um

interior com mais shoppings e praias, e que soluções imediatas não viriam tão fácil.

Meu melhor amigo, Eric Santos, tem uma teoria. Segundo ele, meus chacras vão se alinhar quando eu arranjar um namorado. Magicamente, tudo vai começar a dar certo.

Discordo. É muito fácil achar que homem seria remédio para os meus problemas. Isso não é, sei lá, a antítese do empoderamento? Esperar que uma força externa seja a fonte da minha felicidade, que só com alguém ao meu lado eu possa me sentir bem?

A questão é: por mais que renegue a parte de mim que chora com comédias românticas e que escreve longas cartas aos amores que nunca tive, só me imagino vivendo um romance da maneira mais *Sessão da Tarde* possível. Como diria Katy Perry, a deusa maior a quem minha casa e eu decidimos servir, se não é como nos filmes, nem é para ser.

(Viver em uma bolha arco-íris cheia de glitter e referências questionáveis sobre divas pop é meu maior porto seguro.)

Infelizmente, essa pessoa idealizada nunca chega e a presença masculina na minha vida se reduz a Eric. Nos últimos tempos, porém, nem dá para contar muito com ele. Depois que conheceu Raul, o boy que arranjou na nossa SEGUNDA (!!!) festa em Natal, meu amigo me esqueceu no churrasco.

Não é ciúme, tá? Eri *merece* um chameguinho gostoso após uma vida de negação e silenciamento em Luna do Norte. Amo vê-lo viver com mais liberdade; é minha sensação de vazio que me entristece.

Antes, éramos nós dois contra o mundo, nos protegendo em um Coliseu cercado de leões esfomeados. É estranho que, agora que chegamos exatamente aonde queríamos, estejamos distantes.

Provavelmente é uma jogada arriscada, mas decido mandar uma mensagem para ele.

Vem comer em casa, princesa?

Acabei de fazer o almoço

Escrevo em um rompante de carência, acrescentando o meme do Gato de Botas — os olhinhos esbugalhados são reflexo da minha saudade.

Eri me responde na hora com uma imagem da Gretchen chorando.

Dsclp, migo. Não vai rolar.

Raul fez comida pra gente.

É assim desde o início do namoro. Pensei que seria rolo de uma noite, mas os dois engataram tão depressa que era quase inacreditável. Em menos de um mês oficializaram a relação, com direito a pedido no Iate Clube, buquê de flores e jantar à luz de velas. Juro.

Ignoro a mensagem, largo o celular na bancada e suspiro. É um dia quente em Natal. As cortinas floridas de vovó Lusa filtram a luz que vem de fora. Ajuda que nosso pequeno apartamento seja ventilado. São dois quartos, um banheiro, sala de jantar/ estar e uma varandinha cheia de plantas.

As paredes da sala são decoradas com ilustrações que Eric e outros amigos criaram. Uma é o desenho de uma vagina colorida esculpida numa goiaba (autoria da nossa melhor amiga, Ana) e outra — de longe minha preferida — somos Eric e eu abraçados numa versão *Os Simpsons*.

É tudo muito simples, mas a nossa cara. Se perguntassem, diria que é o meu lugar favorito no mundo.

Depois de comer, o tédio me vence e durmo assistindo *Grey's Anatomy*. Só sou despertado horas depois, quando a porta da sala é subitamente

escancarada. Meu primeiro pensamento é “ASSALTO !”, mas a realidade é pior: Eric invade a casa estragando “Bad Romance” com aquela voz que é o cúmulo da desafinação.

O rosto sorridente transpira tanta felicidade que é óbvio que transou. Sexo louco, suado e selvagem.

A vida é injusta.

— QUER ME MATAR DO CORAÇÃO, BICHA?

Arremesso nele a primeira almofada que encontro, meu peito ainda batendo acelerado. Eric a agarra no ar e joga de volta, me acertando de raspão na cara.

— De que coração você tá falando?

Ele se esparrama no sofá. Seu cabelo foi raspado há pouco tempo, os lados precisamente geométricos. Um arranhão de unha, quase imperceptível, sobe pelo antebraço esquerdo; há um chupão no cantinho do pescoço que ninguém, exceto eu, notaria.

— Como você tá, paixão do meu viver?

— Bem — respondo.

— Nossa, que recepção calorosa, Lu — ele debocha.

— De nada?

— Que bicho te mordeu, hein?

Quando o ignoro, Eric suspira e abre as cortinas. Lá fora, o céu exibe a paleta do fim da tarde, nuvens cor-de-rosa se movendo lentamente.

— Saudades do Lucas que me obrigava a sair todo santo dia quando a gente veio pra Natal.

— Saudades do amigo que *saía* comigo todo santo dia — contra-ataco.

— E qual é o plano, então? Ficar assistindo essa série chata o resto da noite? — Eric sinaliza a imagem na TV, o rosto paralisado de Patrick Dempsey sorrindo de orelha a orelha.

— Nem lembro a última vez que a gente saiu, Eri. Desde que você começou a namorar...

— Ai, lá vem. O que tem, Lu?

— Nem parece que mora aqui.

— Isso é mentira — ele diz, e eu o fulmino com o olhar. — Tá. Confesso que não estou sendo um amigo *tão* presente assim...

— Totalmente ausente...

— Mas quero compensar.

Cruzo os braços na frente do peito e Eric se aproxima.

— E se a gente sair hoje? — propõe.

— Pra onde?

— Não tem nenhum plano aí nessa sua cabecinha maquiavélica de *katycat* ?

— Por que teria, *little monster* ?

— Porque é sábado? — sua voz afina. — Internacionalmente conhecido como o dia da gente emplacar mais um número um na *Billboard* ?

— Isso seria novidade pra Gaga.

— Pelo menos ela canta, tá, fofa? Diferente de certas desafinadas cheias de número um por aí.

Dou uma risada. Se a gente começar a brigar por Katy Perry e Lady Gaga, a discussão nunca acaba.

— Bom, eu tô totalmente por fora dos rolés — digo.

É verdade. Nem trabalhei com essa hipótese. Imaginei que ele dormiria com Raul — de novo — e que eu passaria uma triste madrugada solitária compensando o isolamento sexual de uma vida inteira com oba-obas e amassos no The Sims — de novo.

— Deixa comigo.

Eric pega o celular. Deve estar investigando as festas da noite ou mandando mensagem para o nosso grupo no WhatsApp, sondando os planos da galera. Ele é mais ativo que eu (esse comentário é 100% desprovido de conotação sexual) — está acostumado a tomar a iniciativa, e quando quer algo, não há quem o segure. Normalmente, o deixo assumir a liderança.

— Achou alguma coisa que preste? — pergunto um tempo depois, me sentindo mais animado com a ideia.

— Mais ou menos. Pelo que vi, um pessoal tá indo pra Ribeira e outro confirmando presença na festa de abertura do Titanic. Mas não sei. Tô achando tudo caro.

Titanic?

— Peraí, bicha — eu digo. — Falou o quê?

— Que é a inauguração do Titanic?

Ele estreita os olhos.

Pulo do sofá.

— SÉRIO QUE HOJE É A INAUGURAÇÃO DO TITANIC ?

— Sim? — ele responde cuidadosamente.

— AAAAAAAAAAAAAA — eu surto, jogando as almofadas para cima enquanto Eric me olha em choque.

Ok, ok. Desculpa! Você merece explicações: o Titanic é uma boate novinha em folha, localizada à beira-mar na praia mais famosa da cidade, Ponta Negra. Espero pela abertura desde que o primeiro *flyer* saiu. Mal posso acreditar que é hoje!

Como pude esquecer? É o evento do ano. Todo mundo vai estar lá. **TODO ! MUNDO !** Não que eu conheça *todo mundo* com minha popularidade mais limitada que internet a rádio no interior, mas... **TODO MUNDO !** Incluindo várias drags legais de Natal, como Kaya Conky, Ciara Leglam e Potyguara Bardo.

— Quer ir? — Eri pergunta.

— ÓBVIO !

— Ebaaa! — ele comemora, botando “Hoje”, da Ludmilla, para tocar. Acabamos os dois requebrando como babuínos ensandecidos na sala. Ele desce até o chão e eu tento fazer um quadradinho, mas minha bunda é travada demais e o resultado não é nada satisfatório.

Depois da euforia com o Titanic, entra no ar “Nos capítulos anteriores da vida de Lucas & Eric”. Eu o atualizo sobre uma discussão que tive na aula com um colega que disse “homossexualismo” em vez de “homossexualidade”, e ele testa minha paciência narrando a tarde perfeita com Raul.

— ... então falei assim pra ele: mô, não acha que a gente devia tentar uma posição mais desafiadora?

— E ele?

— Disse que sim, e aí lembrei daquele link que a Ana mandou pra gente no grupo sobre o *Kama Sutra* gay, sabe? E fui pesquisar no Google.

— Calma, bicha — digo, arqueando a sobrancelha. — Vocês interromperam a foda pra olhar o *Kama Sutra* ?

Eric faz uma pausa enquanto analisa minha reação, roendo as unhas.

— Uhum.

— Não que eu tenha alguma experiência, mas isso não é meio brochante?

— Não. — Eric dá de ombros. — Tipo, rola uma *brochadinha* , claro, mas a gente consegue voltar pro pique super-rápido.

Dou uma risada.

— Tá boooom, informação demais pro meu gosto. Melhor a gente encerrar por aqui. — Me afasto dele no sofá.

— Oxe, e por quê?

— Porque é o tipo de coisa que só você e o Raul precisam saber.

— Certeza? Quer nem que eu chegue na parte em que o título do post era “10 posições inusitadas para testar com o parceiro e ter uma noite inesquecível”? — Eric insiste. — E que há uma posição chamada “yin-yang no ar”?

— Miga, CHEGAAA !

— E que tem outra chamada “mergulho de pirarucu”? — ele continua.

— WHAAAT ?! MERGULHO DO QUÊ ???

Rimos histericamente. Amo a risada dele porque me lembra um jumento rinchando.

Sinto falta de momentos como esse. Da leveza que é estar ao lado do meu melhor amigo falando besteira sem precisar me preocupar com nada.

— Você tem sorte que o Raul continua topando essas suas presepadas.

— Tenho mesmo — ele suspira, deitando a cabeça em meu colo.

— Me diz um negócio: qual é a de vocês? — ousou perguntar. — Conversam ou só fazem transar o tempo todo como dois tamanduás ninfomaníacos?

— A gente simplesmente se dá bem, Lu. Você não faria esse tipo de pergunta se já tivesse se apaixonado.

E lá está: o dedo na ferida. Ele tem razão. Não faço *ideia* de como é se apaixonar, então, sinceramente, quem sou eu para dar pitaco sobre relacionamento? Tudo que sei vem de filmes, livros e séries, e de uma observação limitada dos casais ao meu redor; nada *meu* .

— É o que você disse mais cedo. Não tenho coração...

— Tava brincando, seu leso! Claro que tem. Seu coração é gracioso, bondoso, magnífico! — Eri exagera. — A pessoa que vai enxergar isso como você merece tá pertinho de aparecer.

— Duvido.

— É sério. A gente nunca sabe o que o Universo tá tramando. Pode ser que você conheça seu príncipe encantado hoje, no Titanic — ele profetiza. De uns tempos pra cá, menciona cada vez mais o “Universo”, esse conceito abstrato que não entendo muito bem.

— Até parece. — Faço cafuné no cabelo dele. — Mais fácil ser um sapo, Eri, e, de qualquer forma, NÃO ? Quero nem pensar em macho. Hoje vou dar atenção exclusiva pro meu melhor amigo do Brasil todinho!

Eric pigarreia, levantando do sofá em posição de súplica.

— Sobre isso... — Mau sinal. Eu o encaro com cara de bravo antes de saber a bomba. — Sinto muito, muito, muito mesmo, Lu, mas chamei o Raul pra ir com a gente...

— FALSIANE ! — eu grito, jogando novamente uma das almofadas do sofá nele.

— Não me odeia, por favor!

Arremesso outra almofada.

— Pensei que seria só a gente hoje!

— Eu sei, eu sei...

E mais outra.

— Lembra o que você prometeu depois do rolé na casa da Ana?

— Claro que lembro. Mas você tem que entender que...

— Que preciso sempre ficar de vela?

— Que é isso que acontece quando a gente começa a namorar!

— Me poupe.

Ele faz biquinho e se aninha em mim de novo como o filhote pidão que é. Não recuo porque tenho o coração mole demais e um papelzinho eternamente pregado na testa escrito “OTÁRIO”.

— Desculpa — a voz dele suaviza. — Na próxima, tá bom? Prometo que na próxima vai ser como nos velhos tempos.

Velhos tempos.

Estamos em Natal há menos de um ano e a vida pregressa em Luna do Norte é comparável às histórias do Antigo Testamento. Nesse ritmo, fica difícil saber onde a gente vai parar.

Várias notificações começam a chegar no celular de Eric, salvando-o do confronto.

— É Raul. — Ele sorri para mim. — Tá perguntando que horas a gente quer ir. Disse que dá carona.

(Me chame de interesseiro, mas, na minha cabeça, é para isso que Raul serve: dar carona pra gente.)

Acertamos de sair às onze, e vejo quando o rosto de Eric ruboriza até atingir a cor de uma acerola madura.

— Por que você tá todo vermelhinho, hein? — pergunto.

— Nada, não...

— Ei, senhora, eu te conheço! Não me esconda nada! Quer dizer, nada *exceto* uma nude! Não quero ver nude do seu namorado! Ou sua!

— Não é nada de mais — ele diz, tímido. — E não é nude, Lu. Raul tá só perguntando se me recuperei do... hã... você sabe.

— Do quê?

— Do rolé do yin-yang.

— Vocês são NOJENTOS !

Não me controlo e dou uma gaitada, rindo até engasgar. Eric me acompanha. Não tenho dúvidas: o que quer que nos reserve, essa noite promete.

Cachaça é melhor que vodca

Quando eu era pequeno, minha mãe me pegou em seu quarto numa posição inusitada.

Laura e eu, minha fiel e desmilinguida companheira de traquinagem, brincávamos de desafiar as convenções de gênero reinantes. Enquanto ela usava peças do meu guarda-roupa, eu alternava feliz da vida entre as saias, os colares e os sutiãs de mainha, claramente vivendo *o momento do século* .

Pena que não calculei direito o retorno da matriarca. Ao escancarar a porta do quarto, ela me encontrou em um de seus vestidos preferidos, calçando as gladiadoras rosa-choque de Laura (a grande febre da época), com a boca pintada do batom vermelho mais berrante em sua nécessaire.

Para piorar, a gente estava no meio de um “aserehe-ra-de-re”, dançando e pulando enlouquecidamente “Ragatanga”, do Rouge, em cima da cama.

Poucas vezes vi minha mãe tão abalada quanto naquela tarde abafada de abril, anos atrás. Ela era calma e paciente; ver a decepção em seu rosto me dilacerou.

Lembro de tentar tirar o vestido às pressas e acabar tropeçando em Laura, que, *bum* , bateu a cabeça na cabeceira da cama e começou a chorar. O CD do Rouge, completamente arranhado, entrou em um *loop* no meio do “buididipi” e mainha desconectou o som da tomada.

Depois que Laurinha parou de chorar, desconfortável em meu macacão dos *Bananas de Pijamas* , minha mãe nos mandou trocar de roupa, lavar o

rosto e arrumar a bagunça. Seu olhar vacilava de um “não acredito no que tô vendo!” para um atordoado “o que é que tá acontecendo aqui, meu Deus?”. Não levantou um dedo nem gritou, mas a forma com que nos encarou...

“A gente conversa depois”, ela disse cerimoniosamente sobre um diálogo que, como outros, acabou nunca acontecendo.

Eu não entendia o porquê de não poder brincar com as roupas de mainha se todos me encorajavam a usar as do meu pai. Também não compreendia o motivo pelo qual deveria fazer aquilo em segredo.

Quando a gente é criança, porém, logo se dá conta de um acordo velado sobre o que se adequa ou não para meninos e meninas. Depois de um tempo, percebemos que algumas regras estúpidas são seguidas sem ninguém questionar, e não me refiro apenas à idiotice do azul *versus* rosa.

Ser ovelha arco-íris naquele rebanho cinzento foi complicado.

Eu amava bonecas. Amava inventar suas histórias de amor e infortúnios. Principalmente, amava toda a ideia do tal “universo feminino”: as roupas com lantejoulas, Lilica Ripilica e babados, *Madeline*, as bonecas de pano e cada uma das princesas da Disney (minha preferida era Aurora e o vestido maravilhoso que mudava de cor). Era um mundo que, gostasse ou não, estava impedido de conhecer como queria.

Recordo de matutar bastante sobre a melhor opção: fingir me contentar com os estúpidos carrinhos da Hot Wheels ou fugir sorrateiro à casa de Laura, onde brincaria com sua invejável coleção de Barbies na barraquinha do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*.

Nem preciso dizer qual opção escolhia, né?

Não sei por que lembro disso ao me arrumar para o Titanic. Encaro o espelho, meu reflexo sorrindo de volta. Tento encontrar meu velho eu ali, o Lucas que brincava com Laura e suas bonecas.

Alguém me disse que a infância guarda a maioria das respostas; que só encontramos paz de verdade dentro de nós ao curar a criança ferida que nos habita. Mas quando essa criança não consegue se ver representada em lugar nenhum, se entender se torna difícil.

Passei a adolescência buscando histórias de pessoas LGBTQIAP + como eu, mas logo percebi que haviam sido confinadas às entrelinhas: eternos papéis secundários, morrendo dramaticamente no final ou sequer existindo. Fiz uma promessa que, se um dia contasse a minha história, gritaria logo nas primeiras páginas sobre o viado orgulhoso e nordestino que sou. Reparação histórica.

Abro um sorriso. Às vezes a gente não se dá conta de como o tempo voa. Em um instante eu era a criança viada mais linda do Brasil, com franjinha, pele perfeita e bochechas rechonchudas. No outro, não passava de um jovem universitário ex-espinhento, parcialmente barbado, pronto para virar a noite enchendo a cara e, quem sabe, beijar umas bocas.

— Tá perto de terminar, Lu? — Eric me traz à realidade. — Raul tá chegando!

— Quase lá, miga!

Dou um último retoque no cabelo. É castanho-claro e encaracolado nas pontas, e hoje passo gel e o penteio para o lado. Visto uma calça *skinny* branco-acinzentada, uma camisa amarela e um colar com um pingente em forma de âncora.

Não me sinto feio, mas encarar meu reflexo com carinho não é fácil como gostaria. Costumo julgar cada detalhe, da pele, nem tão clara e nem tão escura, à linha reta e sem graça das sobrancelhas. Queria me ver como a pessoa bonita que sou e que todas as dúvidas desaparecessem em um sopro. Sei que a mudança não acontece assim, do nada. Mas bem que poderia.

Com uma última olhadela, saio do quarto e encontro Eric na sala.

Está impecável. A pele preta, de um tom quase acobreado, brilha com o glitter dourado que espalhou na parte de cima das bochechas. O sorriso, marcado por lábios cheios, é brincalhão.

Eric tem apostado em uma barba também, mas o resultado é tímido. O maior progresso corporal dos últimos tempos é visível em seus músculos, em razão das longas horas na academia: os bíceps estão pronunciados na camisa branca com gola em V e as pernas preenchem a calça jeans apertada.

Ele mal lembra o antigo Eric, a tímida criança gorda que optaria por um conjunto cinza sem pensar duas vezes. Naquele tempo, usaria qualquer roupa que o camuflasse, como se tentasse andar às margens do mundo.

Pra contextualizar melhor, Eric mudou de tal modo que seria *impossível* reconhecê-lo em contraste ao seu eu-anterior. Ele foi gordo até o estirão dos treze anos, e o cabelo crespo volumoso fazia dele a criança mais linda que conheci. Ainda assim, a quantidade de bullying que a gente sofreu na infância sugeria que nem todos concordavam comigo.

Se era difícil para nós dois sermos gays, some, no caso de Eric, ser negro + gay + gordo estudando numa escola pública no interior do Rio Grande do Norte.

Não foi fácil.

Às vezes, por mais que tenhamos mudado, sinto que não deixamos para trás aqueles dias; como se ainda fôssemos assombrados por eles.

— Uau! Que superprodução. — Eu assovio e ele dá uma rodadinha. — Seu namorado vai ter um treco. Tá muito lindo!

— Obrigado, flor. — Ele sorri, colocando a mão no queixo à medida que me avalia. — Sobre o seu *look*, migo...

— Lá vem.

Cruzo os braços.

— Olha, realmente gostaria de dizer que você tá lindo também, mas... — Minha careta furiosa deve assustá-lo, porque Eri diz: — Tá um arraso, Lu! GATÃO !

A partir daí, começamos um esquentado animado enquanto Raul não chega. Eric põe nossa playlist pop para tocar (a primeira música é “Can’t Get You Out of My Head”, da Kylie Minogue, nós dois nos esgoelando no “lalalalalala”) e eu fico responsável pela bebida.

Encontro uma garrafa de Pitú escondida no canto do armário. Está pela metade, mas serve. Pegó o saleiro e um limão, enchendo dois copinhos de vidro com a cachaça. Em seguida, chamo Eric.

Ele dá um falsete meio Melody e rebola na minha direção.

— Tá pronta, Galisteu?

— Manda ver, princesa — ele diz.

Lambemos o sal, piscamos juntos, e iniciamos a contagem.

— Uma... Duas... Três... Meia... e... JÁ !!!

BUUUM ! A cachaça queima minha garganta. Meus olhos se enchem de lágrimas e a primeira coisa que faço quando consigo reagir é chupar o limão e lamber o sal.

Eric faz o mesmo. A Pitú queima nossa garganta com tanta força que demoramos um pouco até recuperar o fôlego.

— Biiiiiicha, me explica por que a gente nunca trocou essa merda por vodca — Eric questiona com uma careta.

— Porque — eu falo, a voz trêmula enquanto tento imitar um antigo professor de cultura potiguar — a Pitú é um patrimônio cultural imprescindível à formação da identidade sociocultural do nordestino.

— Patrimônio cultural ou não, isso é horrível! As-que-ro-so! — Ele abre um sorriso. — Bora outra dose?

O que eu posso fazer, gente? Negar? É sábado à noite. Christina Aguilera canta que quer sentir o momento e estou com Eric, meu irmãozinho. Não há outra resposta possível.

— Só se for agora.

Já estamos um tiquinho alterados quando Raul avisa que chegou.

Ok.

Talvez mais que um *tiquinho* .

A gente não para de rir na saída do apartamento, e preciso mandá-lo calar a boca porque não quero problemas com o vizinho coxinha do 302 enquanto esperamos o elevador.

— Eri — tento roubar sua atenção.

Ele demora a desviar os olhos alcoolizados do Instagram.

— Oi?

— Tenho uma pergunta superséria pra fazer.

— Manda — ele diz, alerta, e não consigo não achar graça.

— Você lembra da última vez que eu disse “te amo”?

Eri ri.

— Papinho de bêbado antes mesmo da festa começar?

— Médio — admito com uma piscadela. — Mas falando sério, seu insensível. Quando foi?

— Faz um tempo, amigo.

— Bom, fique sabendo que te amo. Mesmo me trocando por seu namorado, mesmo me esquecendo no churrasco todas as noites e fins de semana da minha dolorosa existência terrena, eu te amo, Eric Santos! Muito! Do fundo do coração!

— Aaaai, meu Deeeus, Lucas! Fofo demais!

Eri sopra um beijinho. Mas um beijinho soprado não é o bastante para aplacar minha saudade. Eu me jogo nele, tomando-o em um desses abraços apertados preciosos.

Em silêncio, minha cabeça em seu ombro, agradeço por Eric, nossa amizade e tudo que enfrentamos juntos. Nunca deixarei de ser grato pelo irmão que a vida me deu.

O porteiro, Seu Teteo, prende Eric em uma conversa agitada enquanto Raul nos espera no carro. Lá dentro, é “Team”, da Lorde, que toca. Eu abro a porta traseira e exclamo alegremente:

— *Buenas nochees!*

— E aí, Luca! Tudo bem contigo? — Raul cumprimenta. Ninguém mais me chama de “Luca”; nunca fui fã do apelido. É meio forçado vindo dele, ou talvez seja a minha birra falando.

A gente tenta dar um abraço desajeitado entre os bancos, seu perfume doce enjoativo me atingindo.

— Tô ótimo! E você?

— Melhor impossível. — Ele sorri. — Sobretudo depois da tarde linda que tivemos juntos.

Raul tem uma voz fina que combina direitinho com seu visual indie-retrô-vintage-Tumblr-Pinterest. Hoje usa uma camisa branca com a capa do álbum *Froot*, da Marina and the Diamonds, previsivelmente ensacada em uma calça jeans cintura alta.

— Tô sabendo. Eri chegou nas nuvens. Cheio de chupões, uns papinhos estranhos sobre filosofia chinesa...

— A parte do chupão eu assumo, mas filosofia chinesa? — Ele franze a testa.

— Uhum. Yin-yang, essas coisas...

Raul me dá uma amostra da sua risada calorosa. Ele é branco, supermagro e o mais alto de nós três, com cabelo preto com franja, rosto oval com maçãs do rosto altas, olhos castanhos e sobrancelhas arqueadas. Sempre achei uma versão pirateada do Justin Bieber.

— Ele contou?

— Eri não me esconde nada, Raul. Você sabe. Coisa de melhor amigo.

É uma meia-verdade; sinto que tem ocultado algumas coisas de mim recentemente, um bloqueio invisível entre nós dois.

— O que posso dizer? — Raul responde, os olhos me estudando. Não sei muito sobre ele. Sei que seu avô é de Lisboa, que os pais são separados e que mora com a mãe. O pai, um cirurgião plástico, foi viver em Portugal há um tempo. O Instagram mostra que Raul está sempre viajando para lá. Chegou a prometer levar Eric em uma dessas idas, mas não boto muita fé. — Minha meta de vida é fazer meu namorado feliz.

— E tá conseguindo exemplarmente, moção. — Eric senta no banco do carona e dá um beijo estalado em Raul. — Ficou com saudades?

— Durante cada segundo desolador sem você, *amore mio*.

Eric põe a mão no coração. Nem trinta segundos no mesmo ambiente que os dois e eu já quero vomitar.

— E você tá lindo — acrescenta Raul. — Só não te ataco porque o Luca tá aqui.

— Ah, não seja por isso. Fiquem à vontade pra se pegar aí — digo, e dou de ombros.

— Só quando ele perder esse hálito de cachaça — Raul meio que brinca, e Eric dá um tapa em sua coxa. Os dois começam a rir sem motivo aparente e me deixo levar, relaxando. Não é porque nem tudo saiu como eu queria que a noite não vai ser legal. Estamos juntos e é a inauguração do Titanic. O que poderia dar errado?

Lorde inicia o refrão de “Team” e nós três cantamos a plenos pulmões. Posso não gostar de Raul, mas suas playlists são incríveis. Se há algo que nos une é a música. Mesmo que apenas por alguns segundos, realmente nos sentimos como um *time* .

Finalmente, ele gira a chave na ignição e dá a partida.

Meu Titanic está vivo

Adoro o modo como Natal se transforma ao anoitecer: as luzes alaranjadas dos postes iluminando apenas o suficiente; a brisa marítima que continua nos acompanhando de bom grado quando o sol se recolhe; o clima praiano relaxado.

Não que não ame a caatinga onde cresci. O sertão é a metáfora perfeita para a resistência nordestina, com suas cores cambiantes e o verde majestoso que uma única gota d'água é capaz de provocar. Mas o oceano Atlântico é uma adição maravilhosa à minha rotina.

Esta noite, como esperado, a praia de Ponta Negra, casa do cartão-postal de Natal, o Morro do Careca, está lotada. Há visitantes e potiguares circulando pelo calçadão; seguram latinhas de cerveja e bebem água de coco, dividindo-se nos quiosques à linha da água e nos restaurantes do outro lado da pista principal.

Apesar da minha preocupação, não passamos muito tempo procurando lugar para estacionar. Raul aproveita a saída milagrosa de um carro para ocupar a vaga, e Eric comenta como o Universo está “conspirando ao nosso favor”.

Do lado de fora, a maresia se confunde ao aroma de caldo de peixe e camarão frito. Observo as pessoas, os carrinhos de crepe e as ondas da maré cheia arrebatando na contenção de pedras. À minha direita, Eric e Raul caminham lado a lado sem dar as mãos.

Formando de ecologia, Raul precisa apresentar a monografia no mês que vem. Ele reclama que começar a namorar antes de enfrentar a banca dos seus pesadelos não foi a decisão mais acertada.

É para ser uma piada, mas o tom que usa me deixa com o pé atrás. Eric responde:

— Considerando a quantidade de trabalho que tô tendo, também não tá fácil conciliar.

— Bolsa de iniciação científica não é grande coisa, amor. — Raul ri. — E isso é só o início da graduação, viu? É daí pra pior.

Eric assente e tenho vontade de chacoalhá-lo.

Não é a primeira vez que algo assim acontece. Outro dia, entreouvi Raul dizendo que Eric comia demais para alguém que se matava na academia e que devia fazer uma dieta “de verdade”. Raul falou isso em tom casual, como se não fosse nada venenoso.

Me sinto meio louco por ser o único a perceber como esses comentários são problemáticos. Conheço Eric. Sei que se sente pressionado a se adaptar aos padrões, da busca pelo “corpo perfeito” no ensino médio à maneira como apaga sua feminilidade fora de espaços seguros — um mecanismo de defesa que não raro o machuca.

Eric não é assumido. É filho de um vereador conservador de direita, de princípios coronelistas e arcaicos, que teme profundamente. Ele tem certeza que o rabugento Dino Santos cortará a ajuda no nosso aluguel e fará da sua vida um inferno, atrapalhando seu relacionamento com a fofíssima mãe, dona Lídia, se contar que é gay.

Estudante de arquitetura, Eric diz que só sai do armário quando for “um homossexual independente, formado e preferencialmente assimilado pelo mercado de trabalho”. Enquanto não acontece, preenche o *lattes* com o máximo possível de informações, finge que Raul é só um amigo, que ele

próprio é super-hétero, e que meus comentários com memes da Gretchen no Facebook não passam de brincadeiras de *brothers* .

Quando éramos mais novos, me fez jurar não contar sobre sua sexualidade. Uma promessa que mantive solenemente, apesar de nem precisar prometer. Afinal, um dos mandamentos primordiais da comunidade LGBTQIAP + é que ninguém deve ser tirado do armário.

Mas será que Eric não se dá conta de como se apequena perto de Raul, contorcendo-se para caber nas expectativas do namorado? Temo que se perca, que não se priorize. Queria que tivesse ao seu lado alguém que o fizesse brilhar, não que o apagasse.

Minhas tentativas de diálogo não foram bem recebidas. Até citei *As vantagens de ser invisível* , um dos nossos livros preferidos, achando que o faria refletir; Eric escrevia “A gente aceita o amor que acha que merece” nas margens das páginas dos antigos cadernos. Eu queria que lembrasse disso.

Todas essas preocupações somem ao chegarmos no Titanic. Nós três, ao mesmo tempo, prendemos o fôlego.

Raul diz:

— Uau.

Eric diz:

— Carai.

E eu:

— Que. Pisão.

Sério! Quem quer que esteja por trás do empreendimento não mediu esforços para ser fiel à ideia de criar uma boate no formato de navio. Não de um navio qualquer, claro, mas do *TITANIC* !

Toda a estrutura externa da boate é feita para parecer o navio imortalizado no cinema por Leonardo DiCaprio e Kate Winslet.

As paredes simulando madeiras são altas. Luzes coloridas escapam de escotilhas espalhadas pelas laterais, e um segurança parrudo está posicionado na entrada, entre a bilheteria e uma espécie de passarela que termina em uma imensa porta dourada.

Duas garotas, uma de longas tranças roxas e outra de cabelo rosa, estão na proa, acima do segurança, no terraço da boate. Seus braços, abertos e entrelaçados, imitam a cena icônica da Rose e do Jack no filme; elas riem e se beijam diante da câmera do celular, encaixado num suporte para fotos.

Atrás delas, a bandeira arco-íris sacode ao vento.

Raul cutuca Eric. Claro que o Casal do Ano está planejando copiar as meninas. Até *eu* tiraria uma foto assim se tivesse alguém pra, sei lá, chamar de moção.

— Ok, é oficial. Esse lugar acaba de virar o meu favorito em Natal — Raul decreta. Nesse ponto, não consigo discordar.

Vamos para o final da fila e dou uma espiadinha nos arredores, procurando conhecidos. Não reconheço ninguém, exceto um cara que com certeza já vi em algum lugar. Talvez um dos meus muitos *matches* silenciosos colecionados no Tinder?

Seja quem for, é lindo. Pele preta retinta, corte de cabelo estilo militar, sobrancelha esquerda com um risquinho diagonal e regata com o rosto da Rihanna em “Man Down”. Deve ter uns vinte e três anos e está inquestionavelmente sorrindo para mim.

Fico sem graça e me viro exasperado para Eric.

— Não olha agora — sussurro —, mas acho que tem um boy me encarando.

— Onde? — Eric se move para espiar por cima do meu ombro, e piso de propósito no seu pé. — Ai, Lu!

— Seja mais discreto! — esbravejo, mas depois suavizo: — Ele tá perto da menina com vestido de bolinha amarela, no meio da fila. Viu?

Eric finge se espreguiçar e espreita.

— Gato — ele dá seu parecer. — E *definitivamente* olhando pra cá.

— Sério?

— *Sério*.

— Ai, meu Deus! O que eu faço agora, migo?

— Vá lá falar com ele, bicha.

— Eu não vou falar com um boy que não conheço no meio de todo mundo assim!

— Oxe, por que não?

— Não sei se você percebeu depois de uma vida inteira juntos, Eri, mas não sou tão cara de pau quanto você.

— Como acha que consegui esse aqui? — Meu amigo aponta pra Raul, que nos assiste entretido. — A vida é como aquele samba da Beth Carvalho: “Camarão que dorme a onda leva”. Se eu fosse você, não esperaria demais pra lutar pelo que quer.

A lagartinha de luxo

Depois de vinte minutos de fila, chega a nossa vez. Na bilheteria, os funcionários me dão um cartão magnético com o número 420 e uma pulseirinha rosa. Ela aparentemente significa que tô liberado para pegar geral essa noite, já que Eric e Raul ostentam cada um uma fitinha amarela de casal.

Ninguém me perguntou *nada* sobre meu estado civil. Minha solteirice é tão óbvia assim?

O segurança da entrada me recebe com um “bem-vindo” grave e me revista. Digo boa-noite para ele e cruzo a porta, atravessando uma pesada cortina de veludo azul royal. Chego em um corredor estreito iluminado com luz negra, as paredes emolduradas por lousas brancas.

Canetas marca-texto descansam em suportes. As pessoas riscaram os quadros com assinaturas, arrobas de Instagram e Twitter e desenhos obscenos que brilham em neon. O isolamento acústico deve ser muito foda; não tenho a mínima ideia do que toca lá dentro.

Enquanto escrevo meu nome na lousa, uma voz teatral reverbera, quebrando o silêncio:

— Seja bem-vinde ao Titanic, onde fantasias e sonhos tingem-se de realidade, e os amantes naufragam em deleite! Entre, enrede-se e perca-se! Que comece a melhor noite da sua vida!

A voz vem do fim do corredor. Eu aperto os olhos e vislumbro, encostada contra a parede, uma drag queen.

Me sinto dentro da cena de *Alice no País das Maravilhas* em que a menina encontra a Lagarta. Uma leve camada de fumaça artificial sobe do chão e bruxuleia ao redor da drag, dando a ela um ar surreal.

Os saltos, muito altos, lembram os que a Gaga usava nas eras mais monstruosas da carreira. Ela veste luvas pretas de látex e um macacão do mesmo material, que se ajusta perfeitamente na cintura finíssima e nos quadris extraordinariamente largos.

E o rosto... Se a parte de baixo do look é Gaga + “S&M” da Rihanna, o restante é Audrey Hepburn em *Bonequinha de luxo*. Até a peruca preta é penteada num coque imitando a Audrey, com a franjinha e a tiara prateada. Ela segura uma longa piteira de cigarro, o ponto alaranjado da brasa ardendo na escuridão.

Não há como negar que está arrasando. Tudo bem aquendadinho, silhueta nível Nicki Minaj, make no ponto... Não surpreenderia se estivesse saindo direto da nova temporada de *RuPaul’s Drag Race*.

— Oiê! — digo ao me aproximar.

— Olá, *monamour* ! — ela responde, baforando a fumaça do cigarro.

— Mana do céu, a senhora tá arrasando muito!

— Ai, *cariño*, obrigada! — ela diz vagarosamente, como se posasse para paparazzi imaginários. Os tamancos criam um abismo de trinta centímetros entre a gente e preciso erguer o queixo para enxergá-la melhor. De perto, aparenta ser ainda mais impressionante com os cílios colossais, nariz afiadíssimo e boca vermelha em formato de coração.

— Qual seu nome?

— *My name* ? — ela ri, pitando o cigarro. — Meu nome é Lohane Vêkanandre Sthephany Smith Bueno de HA HA HA de Raio Laser bala de

Icekiss, mais conhecida como Nati Natini Natili Lohana Savic de Albuquerque Pampic de La Tustuane de Bolda. A mulher jamais falada. A menina jamais igualada. Conhecidíssima como a noite de Paris — ela repete o meme tão rápido que não duvidaria se, sei lá, vencesse a Iggy Azalea numa batalha de papapum. — Mas pode me chamar de Holly Bardo.

Caio na risada. Ela se abaixa e nos cumprimentamos com dois beijinhos estalados no ar. Sinto que estou em um episódio de *Glitter: Em busca de um sonho*. Incrível como só de ficar na presença de uma drag já quero libertar minha Sasha Fierce interior.

— Holly Bardo! Você é filha da Potyguara Bardo também?

— Como todas as drags da cidade — Holly ironiza. Isso explica muita coisa. Acompanhar a cena drag de Natal é como assistir o nascimento de uma filha nova da Potyguara a cada quinzena... ou menos.

— Como nunca te vi antes?

— Eu inexistia nessa dimensão até pouco tempo — ela explica. — Digamos que fui aprisionada dentro de um iceberg por um bruxo malvado anos atrás. Quando o *Titanic* me acertou, fui finalmente libertada.

— E aí descobriu que se passaram cem anos e que você é a Avatar?

— *Exactly, my dear!* — ela gargalha. — Hoje não só controlo os quatro elementos como também trabalho para salvar o mundo dos héteros ensandecidos, racistas inveterados e transfóbicos congênicos da Nação dos Fascistas.

Pergunto qual é o seu Instagram. Na descrição do perfil, Holly se diz “trans fazendo drag, vai chorar?”, o que me faz rir. É engraçado porque há essa ideia de que mulheres, trans ou cis, não podem fazer drag, sendo que drag nada mais é do que uma performance artística. Mulheres *podem* dramatizar seu próprio gênero. Não é RuPaul quem diz, afinal, que nascemos pelados e o resto é drag?

Conhecer Holly reacende o sonho antigo de me montar. Até já sei meu nome: Luna Armstrong. “Luna” por motivos óbvios pra quem está lendo esse livro direitinho e “Armstrong” porque é o sobrenome do primeiro astronauta a pisar na Lua. Na minha cabeça, pelo menos, faz sentido.

Eric e Raul me alcançam, e Holly pigarreia.

— Esses jovens cavalheiros estão com você? — ela pergunta com súbito interesse.

— Sim, mana! Esse é o Eric, meu melhor amigo, e esse é o namorado dele, Raul — eu os apresento.

— Oi! — o casal saúda em uníssono.

— Ai, que brotinhos! — Holly assovia. — Posso fazer uma pergunta meio que, digamos, *indelicadan* ?

— Pode mandar — Raul fala.

Holly anda até ficar entre os dois, escorando o braço que não segura a piteira em Raul. O rosto de Eric se enche de ciúmes.

— O relacionamento de vocês é aberto ou fechado, *mi amor* ? Se for aberto, um ménage à trois não seria má ideia. Se for fechado, Holly Bardo é sempre sua melhor exceção.

Eric cruza os braços.

— Eu passo seu insta pra eles depois, Holly — digo. — Os dois têm tentado umas coisas... peculiares.

— Peculiares?

— Tipo uma tal de posição “mergulho de pirarucu”. Já ouviu falar?

— *Mergulho de pirarucu*? É isso mesmo que vocês estão tentando? — Holly ergue as sobrancelhas, gargalhando. — Mergulho de pirarucu é pra amadores, coisa de iniciante. Holly Bardo pode ensinar algo muito mais... revolucionário! — Ela abre os braços dramaticamente. — A cama-elástica holística-escoliótica, por exemplo.

— A cama-elástica o quê, *bee* ? Escolio-quê? — Eric bufa, mas Raul intervém:

— Lembrarei com carinho da oferta no futuro, Holly. Me parece... *interessante* .

— Perfeito. — Ela solta a fumaça mais uma vez e gira a maçaneta da porta dourada. De repente, toda a música que estava abafada chega aos nossos ouvidos. Está tocando “Say It Right”, da Nelly Furtado, e por isso sei que estou no lugar certo. — Foi um prazer conhecê-los, cavalheiros. Agora sumam da minha frente que atrás vem gente, não façam nada que eu não faria, e aproveitem a noite!

Apesar de meio ameaçador, ela diz tudo isso de forma superengraçada, e nós rimos. Eric e Raul dão abraços rápidos em Holly e são os primeiros a passar pela abertura.

Quando estou prestes a passar, ela põe a mão em meu ombro. Diz algo que não entendo e me inclino para ouvi-la melhor. Um lastro denso de fumaça paira ao redor do seu rosto, e seus olhos me fitam enigmaticamente ao sussurrar com seriedade:

— A vida tem um jeito estranho de enviar mensagens, *ma chérie* . Mas acredite: essa noite é sua! O que quer que aconteça, você merece. Só agarre! Nenhum encontro é por acaso.

Bicha, pague o meu dinheiro!

Nenhum encontro é por acaso . A frase ecoa na minha cabeça enquanto tento acreditar que é cem por cento normal uma drag queen dar conselhos que mais parecem profecias na entrada de uma balada. Sinto um arrepio estranho atravessar a base da minha coluna, a sensação de que há algo inesperado prestes a acontecer...

Mas Holly fecha a porta antes que eu possa questioná-la, preservando a surpresa para o próximo cliente. Eu pisco e balanço a cabeça, como se acordasse de um transe, e perco *tudo* quando vejo o interior do Titanic.

Luzes dançam ao meu redor. A batida da música pulsa entre as paredes e a energia é diferente de tudo que já senti.

O lugar é mais lindo do que as fotos sugeriam. É como se estivéssemos mesmo em um navio, mas com toda a decoração de uma boate de filme. No primeiro ambiente, iluminado por candelabros e luz negra, as paredes ostentam quadros que vão de Marilyn Monroe a Popeye e Olívia, de Gianni Versace a Ney Matogrosso e de Carmem Miranda a Betty Faria em *Tieta* .

Boias brancas com linhas azuis cintilantes estão suspensas em intervalos regulares pelo teto, e o bar lembra os pubs britânicos dos filmes. Uma escadaria leva ao convés e um corredor desemboca na pista de dança.

Todos os barmen estão vestidos de marinheiros e a maioria flerta com os clientes. Eric me puxa direto para lá, querendo começar a festa com duas rodadas de tequila.

— Só avisando que não vou cuidar de ninguém quando vocês estiverem na bad e vomitando — Raul tira o dele da reta enquanto o garçom prepara a dose. Como é o motorista da rodada, fica de fora assistindo.

— Vai dar certo, mozi — Eric responde. Só eu percebo quando Raul revira os olhos, mas ignoro e bebemos juntos.

Há uma sensação elétrica no ar. É uma fuga momentânea da realidade. Pessoas de todos os estilos vieram; estão espalhadas pelas mesas, sentadas em sofás ou vagando pelo salão. Uma drag maravilhosa, numa montagem inspirada na Mística, a pele azul escamosa em um 3D incrível, passa por nós e Eric pede para tirar uma foto.

Enquanto tiramos selfies, reconheço Thamirys, namorada de Ana, segurando um bastão de *led* azul no meio da multidão. Thamy é lindíssima: negra, com longos cabelos que caem em cascata pelos ombros. Ela tem uma pintinha acima do lábio superior e outra na coxa direita, como a Angélica.

Além de ser uma das fotógrafas mais requisitadas de Natal, Thamy é superpopular na cena. De vez em quando faz uns frilas como modelo também; ontem mesmo postou o resultado de uma campanha. Tinha pintado o cabelo em um tom de cobre e agora usa uma trança de boxeadora maravilhosa.

Ela se aproxima quando nos vê, tirando uma foto espontânea de nós três recostados no bar.

— BOM DIAAAAA — Thamy diz, animada. Com ela, é sempre “bom dia”, qualquer que seja a hora.

— Biiiicha, seu cabelo tá PERFEITO — Eric comenta.

— Gostaram?

— Tá muito linda, Thamy! — respondo. — Não sabia que você tava trabalhando hoje.

— Nem eu. — Ela veste um cropped branco rendado, salto alto e um short jeans curtinho. Pequenos círculos verdes neon acompanham o formato de suas sobrancelhas e ela sorri quando a abraçamos. — Me chamaram pra fazer a cobertura de última hora.

— Ana não vem? Mandei mensagem e ela nem respondeu — digo.

— Amigo, desde quando aquela mulher sai de casa?

Faz sentido. Ana e Thamy moram juntas há alguns meses. Vivem em uma quitinete fofinha na Vila de Ponta Negra com três gatos. Parece a minibiografia clichê de uma escritora, mas é mais um dia comum na vida da sapatão moderna. Afinal, como Ana diz, “sapatão não namora, sapatão casa”.

— Saudades de rolezinhos com vocês duas — Eric fala de forma arrastada; ele não tem muita tolerância e fica bêbado mais rápido que todo mundo.

— Juro que eu também. Mas a Ana anda superocupada com o lance da Marcha e com o estágio — Thamy diz, deixando a câmera pender no pescoço ao pedir um copo de suco de laranja no bar. — Quando vocês vão aparecer lá em casa?

— Quando o semestre acabar, acho. Tá tudo uma loucura — eu respondo.

— Nem me fale. Queria me formar logo.

— Tá fazendo o TCC também? — Raul tenta se entrosar com o único assunto que conhece.

— Não ainda, mas já tô perdendo a cabeça com a UFRN .

Thamy dá um gole no suco. Ela é minha veterana em P&P , o curso de publicidade. A gente se conheceu em um churrasco logo quando entrei na faculdade. Eu podia levar dois convidados pro rolê e foi assim que Ana e ela se conheceram (motivo pelo qual sou o padrinho oficial do casal, Eric

goste ou não). Meu poder é juntar pessoas, mas nunca encontrar alguém pra mim. Flopadíssimo.

— Ih, Thamy, quando começar o TCC é que você vai descobrir o que é dor de cabeça mesmo — Raul diz.

(Lembrete mental para o Lucas do futuro: não falar exaustivamente sobre TCC quando estiver fazendo o TCC .)

— Né? Quero nem pensar nisso agora. — Thamy e eu trocamos um olhar conspirador. Ela acabou de beber o suco em um gole e deixou o copo no balcão. — Bebês, a gente se esbarra depois. Tenho que garantir fotos novas pro perfil de *todas* as pessoas da festa.

Dou uma risada.

— Boa sorte, miga.

— Valeu! E ah, antes que eu esqueça. — Ela me entrega três fichas douradas. — Eu e a Ana estamos fazendo um detox babadeiro e paramos de beber por um tempo, então não vou precisar dessa consumação toda.

— Ai que tudo! Obrigado, amiga. — Dou pulinhos animados e beijo sua bochecha.

— Vê se leva um boy pra casa, Lucas, pelo amor de Deus — Thamy repete a piada interna do nosso grupo. Pra você ver como eu soffro.

Depois que ela se vai, pego uma caipiroska para mim e uma água para Raul. Eric decide procurar o lugar onde estão fazendo as pinturas com tinta neon. Como tô a fim de dançar, combinamos de nos encontrar na pista depois.

A cabine do DJ é o ponto focal do espaço; um timão decorado com paetês oculta o computador do público e há projeções de clipes famosos na parede. As bichas se beijam loucamente enquanto convulsionam ao som de “Bang Bang”, da Jessie J, Nicki Minaj e Ariana Grande, seus rostos iluminados por um gigantesco globo espelhado no teto.

Me deixo levar pela música, que é um HINO , mas só me solto pra valer no rap da Nicki.

Até que ouço alguém berrar meu nome por cima do barulho. Penso em ignorar. Com certeza tem mais de uma pessoa chamada Lucas aqui. Mas aí escuto outra vez.

Me viro em direção à voz.

Meu coração dispara de uma maneira nada agradável ao ver a silhueta dele — justo dele, caramba, entre todas as pessoas possíveis!!! — tomar forma na multidão.

E, de boa, posso mandar a realzona?

Eu.

Não.

Tenho.

Sorte.

Alguma.

De vez em quando a vida nos envia o que chamamos popularmente no Nordeste de ENCOSTO . No meu caso, o encosto em questão atende pelo nome de Gabriel.

Bonitinho mas ordinário, foi o meu primeiro e único date do Tinder em Natal. Acho que fiquei traumatizado, porque ele é meio... *intenso demais* pro meu gosto. Com seus olhos castanhos, nariz empinado, pele branca bronzeada e um corpo que merecia estar em uma embalagem de cueca, todos os dias Gabriel alimenta seus seguidores sedentos no Instagram com fotos do tanquinho definido, braços torneados e olhar marrento.

A própria definição de “padrãozinho”, hoje ele usa uma calça preta bem justa, botas de cano alto, camisa branca e jaqueta preta de couro. Para

completar, o cabelo é penteado com quilos e mais quilos de gel, numa falsificação barata e porcamente executada do John Travolta em *Grease* .

O conjunto todo dá a entender que a fantasia de bad boy não poderia ser mais apropriada — exceto que, em seu caso, não é uma fantasia, mas quem ele tenta exaustivamente ser.

O Danny Zuko natalense me puxa num abraço apertado, os lábios mordiscando minha orelha, e me sussurra num sotaque paulista mais falso do que a grávida de Taubaté:

— Olha quem apareceu! O mundo não tem sentido sem você, meu. Tava te esperando!

Ele acha que consegue enganar alguém com essa?

Ok... Provavelmente *ninguém* resiste a Gabriel em Natal. Eu inclusive, até um passado nem-tão-longínquo-assim. O boy é, de fato, um dos mais gatinhos que já peguei. Só que, tirando os músculos ressaltados, o olhar matador e a pele bronzeada, o que ele teria de especial?

Lembrei: o volume gigantesco nas partes inferiores (que você já deve estar imaginando, sua pervertida), algo que eu e outras mil pessoas analisamos detalhadamente em uma nude tour, mas não é pra TANTO ...

— Faz quanto tempo que a gente não se vê, pô? — Gabriel pergunta com a voz arrastada de quem está eternamente chapado.

— Hmmm, não lembro. — Dou de ombros, finalizando com um gole o que tinha sobrado da caipiroska.

— Acho que foi desde aquela festa, não? Na Newhouse?

— É, acho que foi lá — digo sem empolgação, procurando qualquer brecha para dar o fora.

— Aquela festa foi tudo, né? — Gabriel enfia as mãos nos bolsos da jaqueta de couro. Me pergunto como alguém pode não sentir calor em uma

dessas. Será que devia lembrá-lo que a gente está em Natal, tipo *literalmente* abaixo da Linha do Equador?

— Pior que eu não lembro.

— Mas cê lembra dos nossos beijos, né? — ele continua. — Tava pensando aqui... Mano, a gente podia ir no cinema de novo qualquer dia desses. Anima?

Permaneço em silêncio, o que ele interpreta como se eu dissesse “Animo, claro!”. Ele dá um sorrisinho de canto e avança. De repente, me pressiona contra a parede de vidro da pista de dança.

— Que saudade que eu tava de você, Luquitas — murmura. Espalma a mão direita no vidro, posicionando o braço acima do meu ombro e contraindo o bíceps.

Haha!

Tão típico de Gabriel, tão predador...

Eu não sabia se ele agia assim para me impressionar ou na esperança de que alguém gravasse a cena e postasse no Snapchat. Talvez os dois.

— Por que não respondeu minha mensagem? — Gabriel pergunta. Me faço de desentendido. — Não viu que mandei no Zap?

Ele é do tipo que fala “Zap”. Durma com essa.

— Não? — minto. — Meu celular tá travando horrores, aí nem tô pegando nele direito.

— Não esquentar. O importante é a gente estar aqui agora. — Ele se aproxima ainda mais. — Como dizem mesmo? *Cartidien*? Viva o hoje.

— *Carpe diem* — corrijo, tentando me desvencilhar dele. Gabriel não cede. Me apertando como faz agora, é mais uma muralha de músculos do que um ser humano de verdade.

Pra minha sorte, Eric, o Cérebro do meu Pinky, o Junior da minha Sandy, surge do nada e interrompe quaisquer que fossem os planos maliciosos de

Gabriel.

— Mulher, onde foi que a senhora se meteu? — ele pergunta ao parar do nosso lado, as linhas verdes neon recém-desenhadas na bochecha reluzindo na pista de dança. Deve perceber minha cara de SOS , já que emenda: — Oi, Gabriel! Beleza, amigo? Que jaqueta linda!

Eri pode ser leso, mas até que joga bem o jogo quando a situação é urgente. Meu salvador distrai Gabriel, puxando-o em um abraço e me libertando.

Raul está um pouco atrás, assistindo a cena. Ele me lança um olhar cúmplice de quem diz “eu entendo sua dor e sinto muito, gay” e se aproxima para cumprimentar Gabriel também.

Tudo acontece super-rápido e aproveito a oportunidade para fazer o anúncio que muda a minha vida:

— Galera, vou no banheiro, viu? Tô muito, muuuuito miúri!!!

Então, como se tirasse o peso do mundo das costas, saltito em direção ao banheiro sem esperar resposta de ninguém. Primeiro calmamente, a fim de manter o mínimo de dignidade, e depois com mais celeridade, num passo que é parte andando, parte correndo.

É neste momento que acontece.

Quando estamos levemente alcoolizados, o álcool costuma intensificar sensações. O que é engraçado fica mais engraçado, o que é quente fica mais quente, e assim por diante. Basta estar naquele limiar tênue, mas sustentável, entre sobriedade e embriaguez.

É quando a gente exagera que tudo começa a girar. Ainda estou na primeira etapa: rosto corado, suor e a pele supersensível, razão pela qual o impacto do gelo e do álcool me paralisa.

Petrificado, minha única reação é olhar para a camisa amarela ensopada e a calça que, atingida por um líquido vermelho não identificado, parece

coberta pelas vísceras de um zumbi fedorento de *The Walking Dead* .

Tenho plena consciência de que meus braços estão levantados num ângulo estranho, em sinal de surpresa, enquanto observo o líquido pingar da camisa e encharcar a minha pele.

Ninguém dá bola ao meu estado aturdido nem oferece o mínimo apoio.

Pelo contrário: o que vejo são duas bichas malévolas apontando e rindo.

Sei o que você está pensando: gays deveriam se unir! Se apoiar, ampliando nossa representatividade, fortalecendo a luta contra uma sociedade homofóbica e historicamente conservadora como o Brasil! Não, tipo, reforçar as opressões hegemônicas.

Me sinto um daqueles coitados que sofrem bullying na cantina da escola nos filmes americanos. A diferença é que por enquanto não há nenhuma Regina George promovendo a minha humilhação.

Meu pior pesadelo se torna realidade.

Ótimo!

Maravilhoso mesmo!

É uma pegadinha?

“Leve um banho de álcool e ganhe bebidas grátis pelo resto do ano em nosso novíssimo bar cinco estrelas”????

“Acerte o primeiro viado de calça branca que encontrar pela frente e concorra a uma noite cheia de surpresas em nossas dependências”????

Cadê as câmeras, Silvio Santos?

Nem tenho coragem de encarar o causador do incidente, embora registre, furtivamente, o movimento de seus cabelos dourados. Faço o que qualquer um no meu lugar faria: saio correndo em direção ao banheiro, repetindo “merda, merda, merda” até achar uma cabine desocupada.

Ao fundo, o DJ mixa “Bicha pague meu dinheiro”. Seketh Bárbara canta qualquer coisa como “bicha, não me enrole, tu não tem vergonha, não?” e eu

penso que não há nada mais apropriado para essa situação, *nada* !

Sento na tampa do vaso e afundo o rosto entre as mãos. Quem quer que seja o roteirista da minha vida é uma criaturinha escrota, sem coração e certamente desocupada. O que mais pode acontecer essa noite?

O marco zero de um apocalipse pandêmico?

Ser abduzido por extraterrestres safados viciados no XVideos?

Dilma Rousseff impichada e o vampiro do Temer usurpando a presidência, abrindo caminho para anos de retrocessos, neoliberalismo e fascismo no Brasil?

Nenhuma opção é infundada.

Depois do que passei, até que elas soam bastante prováveis.

Sobre o encontro no banheiro

Tem um cara vomitando na cabine ao lado. Seria motivo suficiente para qualquer pessoa decente vazar, mas não para mim. Continuo plantado no vaso sanitário, encarando a porta enquanto o estranho, a poucos metros, bota os bofes para fora.

Não ajuda em nada que o Titanic seja recém-inaugurado: a porta não está riscada com convites para orgias, desenhos de rola e bunda ou piadinhas problemáticas. Nenhum “A culpa é do PT ” ou um apelido horrendo do Bate-Papo Uol. Tampouco um “Selena testuda” ou “*I don’t know her* ”, conforme se acha em qualquer banheiro decente de boate gay.

Mas o que estou fazendo? Desperdiçando a festa que esperei por meses por uma besteira dessas? Esfrego as mãos no rosto, chateado. Isso é tão genuinamente eu: exagerar uma situação só para me sabotar.

Às vezes parece que estou sempre esperando a menor oportunidade para me colocar para baixo. E quer saber? Cansei de ser meu pior inimigo. Vou dar descarga no meu ego e dançar até o Titanic naufragar.

Estalo o pescoço com a confiança renovada e abro a porta da cabine.

É quando eu o vejo.

Não consigo explicar o que sinto quando meus olhos se fixam nele. Imediatamente, uma sensação elétrica pulsa em meu peito, como se eu tivesse colidido contra uma parede invisível, e meus batimentos cardíacos aceleram.

Ele é lindo.

Não, vamos encarar os fatos: é gato pra caralho.

Estamparia *fácil* uma capa da *Vogue* ou qualquer outra revista chique que quisesse. Bastava, não sei, estalar os dedos e ordenar sem nem um pinga de educação, sabe?

Está próximo à porta de entrada, as costas e a perna direita apoiadas na parede, os braços cruzados no peito enquanto uma sombra esculpe misteriosamente seu rosto.

Seu cabelo é bonito, reluzente. Os fios dourados se entrelaçam em uma trama caprichada de cachos, parte deles cobrindo a testa. Seu corpo é magro e a pele branca viu mais sol do que deveria — está vermelha e descascada na região do nariz, largo e comprido.

Embora eu não seja um especialista em esculturas romanas, ele me remete a uma famosa estátua de Adônis (ou ao Niels Schneider em *Amores imaginários*, para facilitar o Google); a compleição delicadamente confeccionada.

Adônis, como decido chamá-lo, usa uma camisa branca com a icônica Marilyn Monroe em pop art do Andy Warhol. Seu jeans é azul-claro e ele calça um par de mocassins marrons.

O mais inacreditável é que ele me encara, quase como se me esperasse.

Nós dois procuramos por algo ali, naquele instante, e meio que encontramos. Não é como se tivéssemos acabado de nos conhecer. Há um reconhecimento nesse olhar, seus penetrantes olhos verdes me desconcertando.

Estou acostumado a fatos, verdades concretas. Mas não há nada de lógico no que sinto agora.

Me sinto desarmado, vulnerável com a atenção que ele me dá. O que, claro, se tratando de mim, se traduz em desastre. Na tentativa de fugir do

olhar do rapaz, acabo tropeçando e caindo no piso do banheiro.

Meu timing não poderia ser pior.

Mas quem esperaria por isso? Ele me encarando, como se estivesse me paquerando.

Me paquerando!!!

Eu sei!!!

É impossível!!!

Esse é o tipo de boy que habita as mais eróticas, intangíveis e platônicas paisagens dos meus delírios românticos subterrâneos, naquele lugar raramente irrigado que é o meu coração.

Já a vida? Jamais!

Dou uma risadinha murcha ao tentar levantar. Reúno o que restou de dignidade e me dirijo calmamente à pia, fingindo que nada aconteceu. Mantenho a cabeça baixa enquanto lavo as mãos, despendendo um esforço excruciante para não olhar Adônis.

Ele também não faz nada para ajudar meu ego desconcertado. Segue junto à parede, calado, como se quisesse me dar um tempo pra... sabe. Me recompor.

Até que, numa inesperada jogada de xadrez, ele para ao meu lado com seu imponente um metro e noventa de altura. Não consigo me mexer e nem sei como reagir, sinceramente. Minha única certeza é ter feito papel de bobo.

As luzes de dentro do banheiro alternam em laranja, lilás e azul. Selena Gomez sussurra o pré-refrão de “Come & Get It” quando nossos olhos se encontram timidamente no espelho.

Ele está prestes a falar, mas aí abre e fecha a boca, incerto. Ficamos nesse vaivém desconfortável por alguns inacabáveis segundos até que Adônis toma coragem e fala:

— Olá, boa noite. Eu gostaria...

Ai, meu Deus! O sotaque... O SOTAQUE ! Bicha, você não tem noção!
Acho que ele não é brasileiro.

Certeza que não é. O “eu” é algo como “é-ul” e o “gostaria” é, tipo, “gôsta-rria”; de uma forma que é encantadora demais, charmosa demais, gostosa demais. Apesar disso, não consigo definir exatamente de onde ele é.

Que é europeu eu saquei. Suíço, belga ou francês são bons palpites, mas não dá para chutar de imediato. Conheço a Europa tão bem quanto conheço o Sul do Brasil, ou seja, *nada* .

Seja como for, ele se embaralha, fazendo uma pausa antes de prosseguir:

— Gostaria de te pedir desculpas — e é “ti”, não “tchi”, que ele fala, o que me deixa mais confuso. Não consigo entender a textura potiguar em seu sotaque, e o menino enfia as mãos nos bolsos, todo tenso e inseguro.

Fecho a torneira e enxugo as mãos. Finalmente, me viro para Adônis, num ímpeto de bravura que renderia dez pontos à Corvinal se estivéssemos em Hogwarts.

— Oi, moço — eu falo com cada grama de autoconfiança que consigo reunir. — Desculpa por quê?

Tento usar o menor número de palavras possíveis porque, se falar demais, vou gaguejar.

— Sua roupa. — Ele aponta a mancha rosa que se espalha pela camisa e, ainda pior, pelo tecido branco da calça. — Acho que sou o culpado por isso.

Ergo as sobrancelhas, focado em como diz “culpado”, dando ênfase no “do”.

— Hmmm. Deixa eu ver se entendi direito... — digo. — Você *acha* ?

— Não, não! Desculpa mais uma vez! — ele se atropela todo ao falar e fico querendo beliscar suas bochechas como uma tia chata, de tão lindinho que é.

— Ok, menino. Respira.

— Tá. Só estou meio... — ele hesita. — Nervoso.

— Nervoso?

— Por falar contigo. — Adônis inspira, e eu acompanho o show que é esse homão da porra ruborizar na minha frente. — O que quis dizer antes é que eu sou o culpado pelo acidente. Cem por cento de certeza.

— Tá de boas. — Ele é tão cavalheiro em pedir desculpas que imediatamente relaxo, os cantos dos meus lábios se erguendo em um sorriso. — A culpa não foi só sua.

— Mas você estav...

— Dançando a parte da Nicki Minaj em “Bang Bang” com mais empolgação do que deveria? — sugiro, omitindo minha fuga de Gabriel. — Fora que você trombou com a pessoa mais desastrada do Titanic.

— E se essa pessoa for eu? — Adônis pateticamente aponta um dedo para si mesmo.

— Vai perder se quiser competir comigo nesse quesito...

— Você é o único com a calça destruída — ele fala, se aproximando um pouquinho. — Não é justo. Eu teria o maior prazer em assumir a consequência por esse desastre.

A conversa é infelizmente interrompida quando o rapaz que estava vomitando na cabine decide nos dar um alô sepulcral. Se minha entrada foi vergonhosa, a dele é pa-té-ti-ca. Parece que foi beijado por um dementador: o rosto suado, o cabelo colado na testa e a gola da camisa polo manchada e gosmenta...

O coitadinho bamboleia até a pia. Sem pedir licença, se joga entre mim e Adônis, lava as mãos e sai se segurando pelas paredes. É tudo tão rápido que nem tenho a oportunidade de oferecer uma barrinha de chocolate.

— A ressaca que esse menino vai ter amanhã... — eu comento.

— Deveríamos prestar algum tipo de socorro? — Adônis pergunta bondosamente.

— Ah, não. Ele se vira. Além disso, você não devia sair por aí abraçando o mundo sozinho. Foque em resolver um problema de cada vez — digo, apontando a calça. — Começando por esse problemão aqui.

— Se você fosse mais alto — Adônis sorri —, poderíamos fazer uma troca de roupa.

Tento imaginar a cena: ele tirando a roupa na minha frente, ficando de cueca enquanto me passa a camisa e a calça limpas.

Ok, Lucas.

RESPIRA.

— É, não vai dar — digo. — Mas não ia reclamar de te ver sem roupa.

Nossos olhos se encontram no espelho outra vez e fico receoso de ter exagerado na cantada. Ele dá risada.

— Vou lembrar disso — ele garante. — Então está tudo bem mesmo?

— Tá, sim. É muito fofo da sua parte me procurar pra pedir desculpas. Nem todo mundo faria isso.

— O mínimo que posso fazer por alguém cuja calça eu destruí é pedir desculpas. — Adônis sorri abertamente. Seus dentes superiores, levemente separados, suavizam a simetria perfeita do rosto dele. É engraçado, até; engraçado que ele lembre uma estátua romana e, ao sorrir, se transforme em um sócio perdido da Melanie Martinez.

E Adônis Martinez tem covinhas. Covinhas maravilhosas que acentuam quão lindo ele é. Além de sobrancelhas grossas bem definidas, do jeito que eu gosto.

Filho da puta lindo do cacete.

Eu tô cem por cento rendido.

— Desculpas aceitas — tento soar minimamente como alguém que não está perdendo as estribeiras.

— Achei que você tivesse ficado bravo. A maneira como saiu correndo... — ele emenda. — Eu pensei: “É. Aparentemente acabei de arruinar a noite desse garoto”.

Gosto de como soa “aparentemente” (“ti”!!!) em seu sotaque franco-potiguar.

— Fiquei puto? Fiquei. Mas nem tinha visto quem derrubou, então não pude culpar ninguém pelo meu azar.

— Acha mesmo que foi azar? — ele pergunta.

— Não tenho mais tanta certeza.

— Não acho que foi azar também. Pela minha experiência, tudo acontece como deve acontecer. Nada é por acaso. Mesmo um passo em falso pode levar para o caminho certo.

Ficamos em silêncio. O sorriso que ilumina o rosto dele some, substituído por um olhar intenso.

E esse olhar, gente. Adônis precisa ministrar um tutorial de “Como encarar uma pessoa sem parecer um maníaco assustador” e postar no YouTube. Com certeza viralizaria. O modo como me encara... Há uma paquera descarada ali, um interesse genuíno.

— Já sei como te recompensar pelo drama que causei — ele anuncia.

— Ah é?

— Uhum. A ideia é a seguinte: pegamos algo para beber, sentamos em uma mesa e conversamos pelo resto da noite sobre nossos desastres e calças manchadas — ele sugere. — Ambos de roupa, e tudo por minha conta. Aceita?

— Adorei a proposta... — digo, surpreso com o pedido e rindo com a piada. Jamais diria *não* à vivificação dos meus sonhos, principalmente

quando está me dando mole assim. Ele espera a resposta. — Sim, sim. Por que não? Seria... massa.

O menino dá um passo à frente, nossos corpos a poucos centímetros de distância. Sua voz suaviza quando diz:

— Vem comigo?

Ele me surpreende ao estender a mão. Onde foi parar o tímido Adônis do início, nervoso em me abordar?

— Farei esse esforço porque você é simpático — eu brinco, tentando disfarçar a ansiedade crescente.

Ofereço a minha mão e ele a envolve com cuidado, me eletrizando por completo.

Quando deixamos o banheiro, com Adônis na frente abrindo caminho, olho para nós dois (tô de caszinho no Titanic, porra!) e não consigo acreditar que isso está acontecendo.

Estudo nossas palmas unidas, percebendo algo que me provoca uma explosão de endorfina: cravada em seu pulso, piscando como um cartão de boas-vindas, há uma brilhante pulseirinha rosa.

Isso significa que o cara dos meus sonhos não apenas derrubou bebida em mim (!), como me convidou para beber com ele (!!), está segurando a minha mão (!!!) e é SOLTEIRO !!!!

Se soubesse que uma calça estragada traria tanta sorte, teria tentado antes.

O momento em que abrem o coração

Levito em êxtase enquanto o menino me conduz ao bar.

De vez em quando ele inclina o pescoço para trás e nossos olhares se cruzam. Adônis sorri nessas ocasiões, desviando de transeuntes cambaleantes em um Titanic cada vez mais cheio. Sua mão é quente, macia, sem vestígios de calos ou aspereza. Contra a minha, é como se desenhasse um encaixe perfeito, natural, de modo que logo fica inegável que há algo realmente *acontecendo* entre nós.

É um tipo de energia cuja vibração não consigo explicar, que não entendo propriamente. Nunca senti isso antes; esse frio na barriga desenfreado, essa atração improvável por alguém que acabei de conhecer.

Adônis me leva até uma mesa vazia. É iluminada com luz neon e cercada por dois sugestivos banquinhos de madeira: um cenário tão perfeito que mais parece um set de filmagem preparado para a gente.

— Lindo — ele diz. — Quer sentar aqui enquanto pego nossas bebidas?

— Claro! — Meneio a cabeça freneticamente demais, ainda preso no “nossas”, na suavidade quente do plural.

— Alguma preferência? — Adônis pergunta.

— Desde que não seja vinho, porque sou alérgico, não precisa se preocupar comigo.

— Deixa de charme! Faço questão. — Estamos perto o bastante para que eu possa sentir seu hálito rescindindo a pastilha de melancia e promessas, o

que me deixa sem jeito.

— Bom, pode ser uma aguinha com gás.

Adônis ri alto. O som de sua risada é contagiante, irresistível.

— “Água com gás”? Sêrio? — replica.

— Oxe, e qual é o problema?

— Não quero parecer mandão, mas você não vai beber água. Até porque

— Adônis ergue uma das sobrancelhas — eu disse que te pagaria uma *bebida* .

— Desde quando água deixou de ser bebida?

— Água não se enquadra no que ofereci antes.

— Se água não tá valendo, você se refere ao quê?

Um ar traquino envolve Adônis, que não cai no meu jogo. Ele diz:

— Muito bem. Farei as honras e escolherei por nós dois. É até melhor.

— Por quê?

— Porque me dá a chance de te surpreender.

Não é uma tarefa muito difícil , penso em dizer. Minha resposta é mais boba:

— Isso deveria soar animador?

— Não exatamente — Adônis diz, misterioso —, mas relaxe. Você vai gostar.

— Só não se perde no caminho, moço — eu digo.

— E você não vai embora sem mim, ok?

Como se eu *pudesse* .

Separando pela primeira vez nossas mãos, o rapaz sussurra um “já volto” e vai comprar as bebidas.

Estar sozinho desde que o encontrei me permite surtar à vontade, então lá vai: O QUE TÁ ACONTECENDO ? Em um instante eu estava caindo no chão do banheiro, no outro Adônis me guiava pelo Titanic.

Não duvidaria se alguém contasse que, na verdade, sou um personagem do The Sims controlado por uma entidade superior desconhecida (quem sabe um adolescente viciado no Twitter e nos livros do John Green). Essa nada desastrosa realidade onde eu e ele flertamos reciprocamente é uma falha na Matrix. Quase como se tivessem usado um código MOTHERLODE para trapacear no jogo e me conceder bonança infinita, sabe?

Não estou acostumado a estabelecer canais de comunicação efetivos com potenciais ficantes: ou fico muito nervoso ou digo a coisa errada. Não com Adônis. Com ele estou simplesmente... arrasando. Arrebentando a boca do balão.

O que me deixa louco quando sento à mesa é que nem sei o nome dele e já estou com saudades.

Estúpido. Exagerado. Rápido. Impensável.

Quem faz isso? Quem fica assim depois de tão pouco tempo? Não é como se eu fosse melodramático como a Bella Swan ou insinuasse que Adônis é o meu Edward Cullen, veja bem...

Na primeira oportunidade, contudo, procuro por ele entre as explosões de selfies, beijos triplos e grupos diversos virando garrafas inteirinhas de cachaça. Encontro-o lutando por espaço no bar, dando sorte quando um cara sai bamboleando com dois copos de cerveja sobre a cabeça; Adônis se joga na brecha e se inclina na bancada. Não consigo deixar de reparar em como seu jeans é apertado, destacando as pernas e a bunda.

Ele retorna à mesinha escondida pouco depois. Equilibra duas taças cheias enquanto eu, cabisbaixo, finjo não ter passado os últimos minutos secando-o de cima a baixo.

— Voltei. — Adônis, animado, me passa uma das taças. — E aqui está: bebida secreta especial, *sem água com gás*, saindo no capricho!

— Opa, obrigado! Que bom que não se perdeu. — Abro um sorriso angelical.

— Seria difícil me perder tendo uma estrela linda e brilhante como você norteando meu caminho — ele responde com uma piscadela. É uma das cantadas mais bregas que já ouvi, mas gosto do inocente malabarismo fonético que guia as palavras.

— Nossa. Que profundo — eu brinco.

— Demorei?

— Nada. Chegou na hora certa.

— Que bom — ele diz.

— Você não vai dizer o que é a bebida antes de me fazer provar, né? — O líquido dentro da taça é verde. Lembra um desses sucos nojentos que meus amigos veganos amam tomar.

— Nem pensar.

— É que sou alérgico a várias coisas e... olha, sem querer ser chato, mas isso é alface batido? — arrisco com uma careta.

— Você é alérgico a alface? — Ele arqueia a sobrancelha.

— Não exatamente...

— Então sem dicas — Adônis diz, e eu cedo porque é *ele*.

O menino descansa o braço na mesa. Sem pensar duas vezes, trago sua mão para junto da minha. Ele não fica surpreso, mas curioso. Um sorriso maroto se forma em seu rosto, revelando dentes luminosos e as malditas *covinhas*.

Não sei se você concorda comigo, mas a fixação dos romances adolescentes por covinhas não é exagerada? Escritores as enaltecem como se fossem UAU, a última ciriguela da safra, sendo que nunca reparei nelas antes de conhecer Adônis.

Mas aqui está ele, lindo, esclarecendo o porquê justificado da obsessão mundial por covinhas.

— Como sou um rapaz educado — dramatizo —, aceitarei com uma condição.

— Qual? — ele pergunta.

— Você tem que me falar seu nome.

— Eu não disse? Meu nome é Pierre.

Pierre! Casa direitinho com ele; com os cabelos de Eldorado, o espaço entre os dentes da frente, os olhos verdes com riscos cor de mel, a melodia cadenciada da voz...

Pierre.

O nome paira em minha língua como ele fala, “Piér”. Então, quando sinto que divago, digo:

— Sou Lucas.

— É um nome bonito — ele sentencia com a voz firme. — Lucas.

E meu rosto fica em brasas.

Pierre profere “Lucas” como se fosse a primeira vez que escutasse a palavra. Ele não pronuncia “Lu-cas”, como um brasileiro faria, mas “Lou-cas”. É charmoso, é sexy, é único — vogais e consoantes namorando.

Nunca gostei do meu nome. Acho que não diz nada a meu respeito. Minha teoria é que pertence a um desconhecido, uma combinação aleatória de letras e pronto.

Adoro nomes que falam por si, que quando a gente se apresenta disparam: “Poxa, você tem mesmo uma cara de *insira seu nome aqui*!”. Eu olho para Eric, por exemplo, e não consigo imaginar nome melhor; meu amigo é tanto seu nome quanto o nome o é.

Esse nunca foi o meu caso.

Quando Pierre vai do L ao S em sua boca, no entanto, flexionando e traçando e saboreando as letras, estou certo de nunca ter reparado em como “Lucas” pode ser lindo também.

— Obrigado.

— Só falei a verdade — ele diz.

— É um prazer te conhecer, Pierre.

— O prazer é todo meu, Lucas.

Pierre sorri, seus dedos pressionando meu pulso. Sinto como se ele lesse a minha alma; como se cavasse fundo em mim, vendo tudo que não é aparente na superfície. É uma sensação estranha, uma elaborada performance da Marina Abramović; não aguento muito tempo. Desvio de seu olhar, mudando de assunto:

— De onde você é?

— De uma cidade próxima a Paris — Pierre responde, e isso explica bastante.

— Ah, então é por isso!

— Por isso o quê?

— É que eu tava tentando adivinhar esse teu sotaque gostoso desde o banheiro e agora faz sentido. Nunca conheci um francês antes, sabia? Tô achando o máximo. Qual é o nome da cidade?

— Conhece Versalhes?

— Versalhes?! Fala sério!

— Juro! Nasci lá.

— Um dos meus filmes preferidos é *Maria Antonieta*, da Sofia Coppola!

— *Marie Antoinette* ! Claro! Sou apaixonado pelo filme! — ele se empolga em resposta.

— Que coincidência doida. Nunca pensei que fosse conhecer alguém de Versalhes.

— Quer que eu conte uma história sobre *Marie Antoinette* ? — ele pergunta.

— Por favor!

— Eu era criança quando começaram as filmagens. — Pierre olha pro teto, resgatando a memória, e sorri. — Pararam tudo na época. Era uma produção enorme. Ninguém pôde visitar o castelo ou correr pelos arredores dos jardins durante algumas semanas. Todo mundo se juntava para tentar ver a Kirsten Dunst e o restante do elenco.

— Você viu?

— Essa é a parte chata: não tive essa sorte. Minha avó... — ele pausa. — Digamos que ela não gosta muito de aglomerações. Acabei não conseguindo foto com ninguém do elenco, mas uma menina da minha turma, sim. Com a Kirsten, ainda por cima.

— Ai, deve ter sido foda!

— É, foi bem legal mesmo. Eu não parava para pensar nisso há tempos. Versalhes é uma cidade linda. — Nostalgia tinge sua voz. — Muito próxima a Paris, inclusive.

— Quanto de distância?

— De trem? Nem meia hora de viagem.

Imagens aleatórias do país, sobretudo de Paris, passam pelos meus olhos.

— A França é um dos meus maiores sonhos — eu digo. — Quero muito conhecer um dia.

— E vai! Terei o maior prazer de te mostrar meu país — ele diz. — Você vai gostar bastante, Lucas.

A convicção em sua voz me dá a sensação de que isso pode mesmo acontecer, embora seja descabido. Eu, uma poczinha do sertão do Rio Grande do Norte, na *França* ? Não é muito provável.

No entanto, nos visualizo em um piquenique com vistas para a torre Eiffel; os dois em um beijo intenso debaixo do Arco do Triunfo; passeando às margens do Sena; comendo um croissant juntinhos em uma calçada parisiense; contemplando a *Mona Lisa* no Louvre...

Caramba, produção! Seria pedir demais estrelar minha própria versão nordestina de *Anna e o beijo francês* ?

— Pra ser sincero, sou meio que *muito* apaixonado pelo cinema francês — revelo.

— Verdade? Tipo o quê?

— *Piaf* , *Azul é a cor mais quente* , *Uma questão de amor* , todos os filmes com a Audrey Tautou... — eu cito, a resposta na ponta da língua.

— *Amélie Poulain*? — ele chuta.

— Principalmente *Amélie* ! É o meu preferido!

— *Très bien, très bien* ! — Pierre sorri, orgulhoso. — Esses também são alguns dos meus preferidos. O apartamento da nossa família em Paris é em Montmartre, o bairro onde se passa a maior parte de *Amélie*.

— Sua vida é meio que de sonhos, Pierre. Surreal.

Uma sombra cruza seu rosto quando comento isso. Ele olha para baixo, e percebo quando disfarça com um aceno de cabeça.

— Quer saber de uma coisa? — ele diz. — Já deu de falar sobre mim. Quero mais informações sobre você agora.

— Não tem muito pra contar.

— Você é natalense? — ele insiste.

— Natalense, não. — Rio ao ouvir a fofura que é a palavra sendo dita por dele. — Sou de uma cidadezinha minúscula, no meio do nada. Nenhum castelo, nenhum filme famoso...

— Não importa. Tem você.

Ele é impossível.

— Tá — eu cedo —, mas certeza que você não conhece. Se chama Luna do Norte, beeem pra lá do fim do mundo.

— Luna do Norte... — Pierre murmura. — Esse nome não me é estranho.

— Acho que você tá se confundindo com Tibau do Norte.

— Não, eu ouvi falar mesmo em uma Luna — ele fecha os olhos. — Fica no Seridó?

— Sim?

— Perto de Caicó? Currais Novos?

— Literalmente no meio do caminho???

— Isso! Tinha certeza que sabia! — ele comemora.

— Como você sabe? Já foi em Luna?

— Meu pai é geógrafo e me fez decorar o mapa do RN desde os meus nove anos. Sei que o estado tem cento e sessenta e sete municípios, alguns com nomes estranhos tipo Venha-Ver e até uma Barcelona — Pierre conta. — Segundo ele, isso é “essencial” para entender as minhas raízes. Mas não conheço Luna do Norte.

Isso responde minha dúvida anterior: o pai dele é daqui. Foi assim que seu sotaque se tornou essa mistura incrível, boina francesa e gibão de couro.

— Seu pai deve ser uma figura — eu falo. — Nem sabia que existia uma Barcelona no RN .

— Existe. E sim, meu pai é o potiguar mais orgulhoso que conheço — Pierre diz. — Também tenho uma tia em Caicó. Ela sempre diz que é muito quente.

— Demais. O Seridó é uma das regiões mais desertificadas do Brasil, sabia? Então você pega o calor de Natal, só que sem a brisa, e adiciona a sensação de deserto. Tá pronto o combo.

— Mais quente que Natal?

— Tipo, *muito* mais. Natal é uma Sibéria em comparação.

Ele ri.

— Você mora em Natal há muito tempo?

— Não muito. Mudei pra cá no início do ano com meu melhor amigo. Tô estudando publicidade na UFRN agora.

— Legal, Lucas. Como seu amigo se chama?

— Eric. Ele tá aqui na festa, inclusive. Com o namorado. — Automaticamente reviro os olhos. Pierre percebe.

— Senti um clima estranho. Vocês não se dão bem?

— Ficou óbvio assim?

— Um pouco — ele admite.

— Preciso aprender a disfarçar melhor. — Dou um sorrisinho amarelo. — É que sei lá... Não gosto de ficar me metendo na vida dos outros, mas sabe quando você sente que tem alguma coisinha fora do lugar? Me sinto assim com Raul.

— Raul é o namorado do seu amigo? — Pierre pergunta. Ele é a pessoa mais gentil do mundo; dá para ver que está interessado, me instigando a falar sobre a minha vida e seus dilemas inúteis.

— Isso. Queria muito gostar dele, mas não consigo.

— Já aconteceu alguma coisa romântica entre você e seu amigo? — ele me surpreende. — Desculpa se estou sendo direto demais.

— É uma mania francesa?

— Mais ou menos. — Pierre sorri. — Se estiver incomodando...

— Não, tudo bem. Você só me pegou despreparado. — Eu poderia mentir. Dizer que nada jamais rolou entre mim e Eric, mas não gosto da ideia de não ser sincero com Pierre; é como se houvesse um acordo tácito para que falássemos a verdade e apenas a verdade. É por isso que decido. — Nunca digo pra ninguém porque as pessoas têm presunções sobre relacionamentos. Tudo tem que caber numa caixinha, num espectro perfeito.

Pierre assente.

— Vocês namoraram?

— Não descreveria como um namoro... A gente é amigo desde criança, porque Luna do Norte tem, tipo, oito mil habitantes? Crescemos juntos. Não havia muito espaço pra se descobrir e entender a nossa sexualidade — eu conto. — E aí um dia a gente se beijou.

— Foi confuso?

— Muito! Pra ter uma ideia, a gente parou de se falar por um tempão. Eri começou a namorar com uma menina, e aí eu fiquei com essa *mesma* menina.

— Pierre abre a boca em choque. — Só depois de dois meses de guerra intensa que a gente voltou a se falar.

— Você ficou com a namorada dele? Uau. — Pierre acha graça.

— Boy, foi uma bola de neve terrível. A gente acabou se dando conta que confundiu tudo, no fim. Eri é meu melhor amigo, o irmão que nunca tive. Mas a galera não entende. Se eu falar, vão dizer que tenho “sentimentos mal resolvidos por ele”, que o fato de não ir com a cara do Raul é ciúmes e blá, blá, blá.

— Não é? — devolve, me testando.

— Não. — Então cedo: — Talvez um pouco, mas não por gostar dele romanticamente.

— Entendi. Você tem razão. O olhar é ainda muito quadrado, mas a vida é fluida. As pessoas e suas relações estão sempre em movimento. — Pierre filosofa. — Mas talvez você devesse falar com seu amigo e explicar como está se sentindo. Não faz bem carregar esse peso.

Ele diz isso com tranquilidade. Há um brilho ao seu redor, como se guardasse mais mistérios do que revela. É hipnotizante. Busco seu olhar, reparo no modo com que morde o lábio inferior de vez em quando, e penso em nossos caminhos se cruzando nessa noite. Penso na coincidência que foi

conhecê-lo entre tantos encontros possíveis. Talvez nenhum encontro seja mesmo por acaso, afinal.

— Mas não entendi uma coisa, senhor Francês — eu digo. — Como é que seu pai é brasileiro e você nasceu em Versalhes?

— Minha mãe era francesa e meu pai é daqui, então sempre vinha ao Brasil — ele conta. — Por isso que português é minha segunda língua. *Papa* fez questão que eu aprendesse.

— Foi justamente nisso que reparei. Seu português é perfeito demais para alguém que estivesse aprendendo agora.

— Não é para tanto, mas obrigado — ele fala com modéstia. — Tem a questão do sotaque também, mas estou trabalhando nisso.

— Nem ouse! A mistura no teu sotaque é *tudo*, Pierre!

— Não sei... Fica muito na cara que eu sou gringo. Queria me misturar mais.

— Fofinho, você é loiro, tem olhos claros, cara de galã de cinema e altura de um poste. Como que vai se misturar no Nordeste?

Pierre me dá um chute de leve por debaixo da mesa, mas não fala nada. Eu emendo:

— Então você é fruto do amor entre um brasileiro e uma francesa.

— Isso — ele diz. — Os dois se conheceram numa viagem quando meu pai foi estudar na França. O primeiro encontro deles foi em Versalhes, inclusive. Nos jardins do Palácio.

— Que romântico!

— Muito romântico mesmo, mas não durou para sempre, claro. — Pierre franze as sobrancelhas. — Moraram na França juntos por seis anos. Olhando para trás, era óbvio que já não se amavam mais e insistiam na relação por mim. Quando se separaram, meu pai voltou para Natal. Continuei vivendo em Versalhes, depois nos mudamos para Paris... Eu visitava o Brasil nas

férias de verão e papai insistia que eu nunca deixasse de falar português. O resultado foi esse.

— Como você manteve o português tão vivo assim na sua rotina? Porque você fala realmente muito bem — eu digo.

— Lendo muito. A literatura brasileira é uma das minhas grandes paixões. Clarice Lispector, Verissimo, Nelson Rodrigues, Jorge Amado, Adélia Prado... — Pierre diz, e não fico surpreso com o que ouço.

— Que massa. Gosto mais de séries de fantasia. Tipo Percy Jackson, Academia de Vampiros, Instrumentos Mortais, Jogos Vorazes... — falo, evitando dizer que nunca fui muito de ler obras clássicas nacionais. Reconheço que preciso corrigir isso e estou tentando, tá? *Dom Casmurro*, por exemplo, foi uma grata surpresa. Eu *amei* toda a tensão homoerótica entre Bentinho e Escobar.

— Eu adoro fantasia também. Aliás, queria ler alguma ambientada no Nordeste.

— Já pensou um livro de cangaceiros gays com superpoderes? — eu imagino, e então decido voltar ao assunto família. — Deve ter sido difícil pra você quando seus pais se separaram, né?

— Foi. Eu era pequeno, muito apegado ao meu pai... Passamos meses sem nos ver — Pierre diz. — Só quando ele se organizou melhor que pude vir com mais frequência ao Brasil.

Enquanto conta sua história, concluo que Pierre se expressa elegantemente. Não me refiro ao sotaque, que é fofo demais, mas à escolha lexical. É de uma formalidade inocente, como se escapasse das páginas dos meus romances históricos favoritos, um mocinho da Julia Quinn; suas palavras apreendidas de um velho manual, decoradas de dicionários gastos e empoeirados. Os livros que leu não foram encerrados em sua biblioteca:

estão imersos nele, aparentes em sua fala; lembranças de personagens que já não se escrevem mais.

É engraçado conversar com o Pierre agora. Essa aura mágica que o envolve, o reflexo das luzes neon em seu cabelo angelical. Ele parece saído de uma paisagem do Monet, sorrindo com os dentes à mostra e o coração aberto.

— Acabei de perceber que nunca parei de verdade pra ouvir a história de como meus pais se conheceram — confesso. — Sei que estão juntos desde o ensino médio. Painho foi o primeiro e único namorado de mainha, e os dois se casaram logo após a escola. Seu Calisto é dono da Casa Lotérica de Luna do Norte e Dona Vera virou enfermeira, mas não sei detalhes.

— Você sempre pode perguntar — Pierre fala, meio aéreo. — É bom resgatar as peças que constroem o nosso passado.

— Vou fazer isso — digo. — Mas como é? Você tá visitando seu pai? Volta em breve pra ficar com sua mãe em Paris?

Naquele segundo, compreendo que eu e minha boca grande dissemos algo muito errado.

— Ei, desculpa se toquei em um assunto delicado — acrescento. — Se achar melhor, não precisa falar sobre isso...

— Não, está tudo bem — Pierre diz. Mas não sei. Há um leve tremor em sua voz que o desmascara. Até que confidencia: — Minha mãe morreu, Lucas.

O sagitariano abandonado

Meu coração se comprime, as palavras pesando na língua. É difícil continuar olhando-o sem me sentir culpado.

— Sinto muito, muito mesmo, Pierre. Não queria te colocar pra baixo.

Ele dispensa minha preocupação e eu aperto sua mão. Sei que é um gesto simples, mas é tudo que posso oferecer.

— Tudo tranquilo, Lucas — ele responde. — Aconteceu há quase dois anos. Naquela época, minha reação seria outra. E foi isso que me fez tomar todas as decisões que me trouxeram até aqui.

Ele quer falar mais, percebo. É esse o motivo pelo qual faço a pergunta:

— Como assim?

— Quando minha mãe morreu — Pierre diz, respirando fundo —, eu fiquei sem chão. Estava me preparando para a universidade, tinha vários planos... Decidi jogar tudo para o alto. Passei seis meses desconectado em uma fazenda no interior da Dinamarca, um retiro com ioga e meditação. Foi ótimo, mas não foi fácil também. Havia muitas... sombras que eu não entendia — ele baixa a voz. — Cheguei à conclusão de que não dava para continuar fugindo daquela dor. Precisava realmente olhar para dentro para conseguir superar.

Tento encaixá-lo na moldura: Pierre recebendo a notícia da morte da mãe e deixando tudo o que conhecia para trás; seus olhos verdes encharcados de

lágrimas e a dor pesada encurvando os ombros. Não deve ter sido fácil. Perder alguém importante assim e se sentir sozinho no mundo...

— Conseguiu?

— É um processo. Conversar francamente faz parte dele. Antes eu me fecharia em uma concha se tocassem no assunto. Foi algo que aprendi: guardar a dor é seguir bebendo o veneno.

E isso explica muito, na verdade. Explica a maneira honesta com a qual se comunica, essa energia especial que sinto emanar dele, a maturidade em sua voz...

— Pra onde você foi depois que saiu de lá?

— Viajei pra vários lugares. Eu tinha meu mochilão, uma barraca, o dinheiro que recebia por ter alugado o apartamento em Paris e *coragem* — Pierre se anima. — O bom da Europa é a facilidade em viajar. Trabalhei em um albergue numa ilha na Croácia, depois em um acampamento na Bulgária, um centro de permacultura na Polônia, uma escola de surfe em Portugal... Foram dois anos na estrada antes de voltar para a França. Resolvi umas coisas, fiquei com minha avó em Versalhes por uns dias e vim para o Brasil.

— Quando você chegou?

— Faz uns três meses — ele conta. — Passei boa parte desse período em Pipa, em um albergue também. Conhece o Cajulândia?

— Você vai me julgar muito — digo —, mas não conheço Pipa.

Ele arregala os olhos.

— Mentira, Lucas.

— Eu juro. Não conheço.

— Lindo, você mora pertinho de um dos lugares mais bonitos do país e não *conhece* ? — Ele balança a cabeça.

— Eu sei! Há meses que Eric e eu combinamos de ir, mas nunca deu certo. Talvez...

— Comigo?

— É um convite?

— Se você aceitar, é sim.

Minhas bochechas ficam em brasa e meu peito se tranquiliza ao vê-lo relaxar. Me preocupei achando que o comentário sobre sua mãe o deixaria mal, mas ele já se recompôs. Pierre se senta displicentemente na cadeira e passa a mão pelo cabelo.

— Qual a sua idade? — indago. É uma mudança brusca, mas preciso voltar para a minha zona de conforto.

— Quantos anos você acha que tenho?

— Odeio quando fazem isso — reclamo, mas finjo observá-lo como se tentasse descobrir a resposta pela forma como sua covinha se aprofunda na bochecha esquerda.

— Isso o quê?

— Pedir pra adivinhar a idade de alguém é jogo baixo.

Pierre brinca com uma mecha do cabelo cacheado e me olha como Capitu.

— E aí? Já chegou a uma conclusão?

— Vinte anos?

— Mais.

— Vinte e um?

— *Mais* .

— Vinte e dois?!

— Finalmente! — ele diz.

— A-há! Sabia que você era mais velho.

— Eu não sou *tão* mais velho assim, poxa — Pierre rebate. — Você deve ter o quê? Dezenove?

— Uhum.

— Imaginei. Tem cara mesmo de novinho.

Dou uma risada porque seu “novinho” soa mais como “novilho”.

— Novinho?

— Lucas... — Ele me encara de modo desafiador, e então diz lentamente:

— *Novinho* . Um bebê.

— Ah, tá. Claro. Porque você é um suuuuuper *daddy* , né, Pierre?

— Um *daddy* francês — ele corrige, o “*daddy* ” com ênfase no “i” no final.

— Faço vinte em setembro — digo.

— Virgem? — Pierre pergunta, e fico sem reação. — Só para esclarecer, estou falando do signo.

— Claro que está, Pierre. — Meu tom de voz é falsamente sério. — Eu sou virginiano, sim. E você?

— Sagitário.

— Ih...

— Não gosta de sagitarianos?

— Eu disse isso?

— Não foi o que perguntei — Pierre fala com firmeza. — Gosta ou não de sagitarianos?

Não digo nada e faço uma careta.

— Ai, merda, não gosta!

Dou um berro. Em parte pelo “merda”, mas, sobretudo, porque todo o diálogo é engraçado. Acabo batendo o joelho contra a mesa, as taças chacoalhando, e peço desculpas. Pierre me encara como se eu fosse muito interessante de se observar — como um alienígena, ou talvez seu personagem favorito. De qualquer forma, gosto de ser o alvo de sua atenção.

— Sagitário é meu ascendente — conto. — Eu diria que é um dos melhores signos.

Percebo a tensão diminuir.

— Ufa. Fico mais aliviado.

— Ué, mas por que ficou tão preocupado com o que eu poderia achar do seu signo?

— Hm, digamos que é um assunto complicado... Algumas pessoas levam isso a sério demais.

— Tô sentindo um cheirinho de trauma no ar.

— Realmente, essa é uma história inacreditável — ele diz. — Eu conheci um cara uma vez em Paris que odiava sagitarianos. Quando contei o meu signo, juro, ele levantou da mesa do restaurante e foi embora.

— O inacreditável não é *desgostar* de sagitarianos, Pierre. Isso até entendo — digo. — O estranho mesmo é ele conseguir abandonar *você* em um encontro! Quem faria isso?

— Não sei, mas ele fez.

— A galera passa dos limites, né? O pouco que sei sobre signos é porque meus amigos amam astrologia, mas acho tudo muito exagerado. — Estou visivelmente me passando. — Como alguém pode acreditar que conhece as profundezas de uma pessoa pelo signo? Não posso ser resumido à maneira como os astros estavam alinhados no céu ao nascer.

— Concordo em partes. Astrologia é um estudo milenar e bem efetivo — Pierre diz. — O pensamento racional tenta negar tudo que não pode ser explicado cientificamente, mas isso não tira a validade da astrologia. O problema, é claro...

— Começa quando as pessoas vão embora de um encontro ao descobrirem o signo da outra?

Ele gargalha.

— Franceses podem ser meio estranhos, por isso prefiro os brasileiros.

— Falando em franceses, inclusive — eu digo —, é verdade que as pessoas lá fe...

— Fedem? — Pierre completa antes de eu conseguir continuar.

— Como sabia que eu ia perguntar isso?

Ele revira os olhos.

— É o que todo mundo pensa. Como todo estereótipo, esse tem seu fundo de verdade, mas não dá pra generalizar.

— Ou seja, *sim*, a maioria dos franceses fede.

— Lucas... é problemático afirmar...

— Tá, mas então por que esse fuzuê sobre franceses federem?

— Bom, para explicar o estereótipo eu teria que voltar à Idade Média e tudo mais. Basta dizer que pegar o metrô de Paris durante o verão não é aconselhável... Sempre tem um idiota que não passa desodorante. Já quanto a mim — ele sorri maliciosamente —, não se preocupe. Minhas origens brasileiras nunca me deixaram ser descuidado.

— Sei...

— Sou definitivamente limpinho, Lucas. E cheiroso — Pierre diz, insinuante. Penso em várias respostas possíveis à sua cantada, mas não verbalizo nenhuma. — Já que sei que você não vai fugir de mim agora — Pierre completa, inclinando a cabeça em minha direção —, talvez devêssemos fazer um brinde.

— É bom. As bebidas devem ter esquentado já. — Ficamos tão envolvidos na conversa que esquecemos completamente delas. — Mas tem que ser mais específico, moço. Brindar ao quê?

— A esse momento, claro — ele sugere em tom de confiança. — A você e eu.

— É um brinde excelente, maaaaas só topo se você prometer que não vai derrubar nada em mim de novo.

— Um raio não cai duas vezes no mesmo lugar — ele responde.

Quis contrapor que, em termos científicos, pode cair, *sim* . Deixo pra lá porque estou todo desmanchado por ele.

Sinto que fogos de artifício explodirão a qualquer momento do meu peito, como a Katy no clipe de “Firework”. E apesar de ser eu o brasileiro, apesar de ser eu quem viveu toda a vida ouvindo e falando este idioma, dobrando-o em minha língua, é de mim que as palavras escapam, escondendo-se em um lugar imperscrutável da mente, como se não me pertencessem.

— Também acho justo brindarmos à sua calça — completa Pierre, fazendo graça ao perceber minha tímida mudez repentina. — Ela é a razão pela qual estamos aqui, afinal.

Eu começo a rir.

Levanto minha taça com a mão livre (a outra segue entrelaçada à dele). Pierre ergue a sua também e brindamos.

— *Santé* — ele sussurra, seus olhos sem jamais desviar dos meus.

— Saúde — murmuro em resposta.

Em sincronia, bebemos.

Todas as coisas que ele gosta

Conversamos sobre tudo.

O português caramelizado à francesa de Pierre me encanta ao narrar sobre os amigos que deixou para trás. A sensação da neve durante os invernos de sua infância. As primeiras noites frias no *ashram* na Dinamarca, o corpo cansado pela ioga intensiva e as meditações fracassadas. A polidez de sua avó em oposição à agitação da família brasileira. A vez em que quase se afogou quando surfava.

Pierre tem muitas histórias. Suas mãos se movem como uma extensão da fala, dançando em gestos extensos e agitados. Ele tem mania de apertar o lóbulo da orelha, puxando-o para baixo. De certo modo, é quase impossível tomá-lo por sua idade. Em nada soa como alguém de vinte e dois anos; há uma maturidade nítida nele, visível no faiscar de seus olhos e na maneira como enxerga o mundo.

Eu o assisto como a um espetáculo. Devo ter sido enfeitiçado (uma dose de Felix Felicis? Foi isso o que o francês me ofereceu?). Sinto como se estivéssemos unidos por uma linha magnética ou mágica, ou uma combinação poderosa de ambas.

Ouvir sobre sua vida me transporta para um mundo que não é o meu, mas que é, também. Descubro nele uma pessoa tão real quanto um personagem literário, confrontado com uma trajetória diferente de tudo que vivi em Luna do Norte, entre a linearidade das estações e minhas poucas viagens.

Me sinto fascinado por ele, deslumbrado pela névoa sutil que nos rodeia e pelo desejo atropelado de compartilhar *mais* , de saber *mais* . Sermos completos estranhos não nos intimida. Pelo contrário: nos enche de uma sinceridade incomum, como se apostássemos todas as fichas um no outro, neste momento, aqui e agora.

Em determinado instante da noite, com os cotovelos sobre a mesa e o rosto apoiado entre as mãos, ele me pergunta sobre meu primeiro beijo. Metade do seu rosto é iluminada por uma luz neon rosa, metade tomada de azul. Não duvidaria se estrelasse um clipe da Ariana Grande dirigido por Hannah Lux Davis.

— É uma história meio constrangedora — digo, a voz amaciada pelo drinque delicioso de kiwi e umbu.

— Histórias constrangedoras são as minhas favoritas — ele rebate, e lá está o sorriso torto e a pose de conquistador.

— Sabe o *Big Brother* ?

— Do 1984 ?

— Não esse. O reality show onde prendem várias pessoas numa casa e a última a sair ganha um prêmio milionário.

— Ah! Na França temos algo parecido, mas chama *Secret Story* .

— Pois é. Aqui no Brasil o BBB era uma febre, coisa de louco mesmo.

O que não conto a Pierre é que, quando era mais novo, passava horas no site do programa lutando para proteger meus favoritos; era tão viciado que até participava de maratonas de votação (Lia, se estiver lendo isso, saiba que tentei te defender no paredão com a Fernanda a todo custo).

Em 2003, cheguei a ligar escondido para tentar escutar as conversas dos brothers junto à piscina da Casa (não ouvi nada, confesso). No início do mês seguinte, quando a conta telefônica chegou lá em casa, recebi o primeiro castigo da minha vida. A punição? Um mês sem assistir *Digimon*.

— Meus amigos e eu adorávamos brincar de *Big Brother* nos nossos onze, doze anos — continuo a história. — Não tínhamos nada pra fazer, então a gente marcava de ir na casa de alguém do grupo e passar a tarde brincando. Fazíamos as provas do líder, do anjo, os paredões... Numa dessas tive que beijar Clarinha pra ganhar imunidade, porque todo mundo achava que eu era a fim dela. Ninguém sabia que eu nunca tinha beijado e era gay, então, pra evitar problemas, beijei Clarinha por dois minutos! De língua, enquanto todo mundo cronometrava e assistia!

— Você gostou do beijo?

— “Gostar” não é a palavra ideal — eu digo. — Foi estranho. *Melecado* .

— Beijou outra menina depois disso?

— Algumas.

— Beijava porque gostava?

— Mais porque eu gostava de beijar, acho, do que por serem meninas, se é isso que tá perguntando.

— Entendi — Pierre diz. — E o beijo com o Eric? Ele foi o primeiro menino?

— Foi. Primeiro e único por muuuuito tempo. A gente tinha uns catorze anos na época. Mas e você? Como foi seu primeiro beijo?

— Nada de mais — ele diz. — Tinha dezesseis anos.

— Dezesseis?!

— Muito cedo?

— Meio tarde em comparação a mim. — Abro um sorriso. — Foi com menina ou menino esse primeiro beijo?

— Menino. Nunca beijei uma menina.

— Mentira!

— Sério.

— Ok, isso é surpreendente.

— Por quê?

— Sei lá. Achei que fosse meio que um rito de passagem obrigatório todo gay perder o BV com uma menina.

— O que é BV ?

— Boca virgem.

— Gostei da sigla — ele ri. — Devo ser uma exceção. O beijo aconteceu quando fui passar uma noite na casa do meu tio em Paris. Um amigo do meu primo estava com a gente também... Dormimos todos no mesmo quarto. De madrugada, saímos escondidos para a varanda. Nos abraçamos e...

— E?

— Nos beijamos.

Isso, sim, é romântico: um primeiro beijo em Paris, o romance com o amigo do primo, o silêncio da madrugada... Não um beijo com a Clara na frente de todos os meus colegas enquanto brincava de *Big Brother* ...

Depois de mais uma ida ao bar, Pierre decide sentar ao meu lado. Posso sentir o calor de seu corpo e como cheira à brisa do oceano. Ele passa o braço pelo encosto da minha cadeira e giro o pescoço justo nessa hora; por pouco nossos lábios não se encontram, errando por um ou dois centímetros. Tenho a impressão de que vai me beijar. Até fecho os olhos por um microssegundo, mas ele não o faz.

Em vez disso, faz uma pergunta inusitada:

— Lucas, o que você quer?

Não sei como responder. Essa pergunta implica *tanta coisa* . Será que se refere a essa noite, à minha vontade de beijá-lo? Ou à vida, a um futuro hipotético? Eu peço para ele se explicar.

— O que você quer *mesmo* ? Quais são seus sonhos?

Não consigo evitar a piada:

— Esse é o tipo de pergunta que você faz num primeiro encontro?

— Estamos num encontro?

— Acho que sim.

— Então é um encontro. — Pierre é firme. — E é o tipo de pergunta que eu faço, sim. Lembra quando falei que achava que nada era por acaso?

— Como derrubar bebida em mim.

— Exato — Pierre assente. — Antes da minha mãe morrer, eu era uma pessoa totalmente diferente. Eu era mais... *louco* .

— Não consigo visualizar isso.

— Tente. Festas, drogas, sexo. Fiz muitas dessas loucuras. Era jovem e...

— Você é jovem — eu arengo, mas ele prossegue sem me dar bola:

— Me perdi nisso. Não me dei conta de quão superficiais eram as relações que construía até minha mãe falecer. De repente, foi como se um véu fosse tirado dos meus olhos. Não foi fácil. Foi outra coisa que viajar me ensinou: que preciso me conectar de verdade e estar presente. Nunca sabemos quem pode entrar na nossa vida e nos transformar para sempre. Foi quando descobri que algumas perguntas são mágicas. Que se conectar genuinamente significa ser vulnerável, e nada como saber o que alguém quer, ama e sonha.

Pierre para. Procura minha mão, aperta-a de leve, e espera.

— Não tenho sua vivência, mas acho que te entendo — eu finalmente falo.

— Essa versão minha que você conheceu hoje, Pierre, esse Lucas que tá se abrindo... Bom, não é o Lucas que existe fora do Titanic. O Lucas fora do Titanic é alguém que guarda tudo pra si. Que tem medo de parecer fraco. Que está assustado, mas finge que não. Que faz graça para esconder o que sente. Que odeia mudanças, teme demais o futuro e não se acha digno de amar ou lutar por seus sonhos.

Eu poderia culpar a bebida por dizer tudo isso, mas seria mentira. É ele. Pierre é curioso de um modo que, embora não seja de todo inocente, tampouco é malicioso. Ele realmente gosta disso: de olhar nos olhos *de verdade* , de compartilhar *de verdade* . Ele inspira confiança. Sinto que posso dizer o que for essa noite sem temer que minhas palavras sejam usadas contra mim.

— E eu não sei direito o que quero — continuo. — Quero me formar, arranjar um emprego. Quero fazer drag em algum momento. Viajar, sair do RN , ver outras coisas. Não que não ame o meu estado, mas conheço tão pouco do mundo.

— Para alguém que não sabe o que quer, até que você quer bastante — ele brinca. — O que mais?

— Deixar meus pais orgulhoso. Ir em um show da Katy...

— Katy Perry?

— Eu sou... fã dela. — Por que estou com vergonha de dizer isso?!

— Você é muito doce, sabia? — O dedo indicador de Pierre percorre meu antebraço.

Reviro os olhos.

— Ninguém nunca me disse isso.

— Mas é verdade. Você é doce — ele diz. — Minha música preferida da Katy é “Waking Up In Vegas”. Me lembra você, com seus sonhos e sua alegria.

É esse o momento em que me apaixono.

— Tem outra coisa também — eu sussurro, mas não sei se devo dizer. Parece que estou me colocando em uma posição delicada, revelando todas as cartas.

— O quê?

— Não sei se consigo amar alguém.

— Lucas, isso é loucura. — Pierre balança a cabeça. — Tudo que sinto de você hoje é amor. Pode fazer careta à vontade, mas é verdade. Amor não é só romance. É ser sincero, se abrir, se permitir ser vulnerável.

— E como a gente faz isso?

— Você já está fazendo — Pierre diz. — Mas talvez devesse começar por onde menos imaginou.

— E onde seria isso?

— Em si mesmo.

— Jura? “Em mim mesmo”?

— É sério! — Ele sorri. — A resposta está sempre mais perto do que a gente imagina. O problema é que buscamos fora o que já está dentro à nossa espera. Talvez o amor que você procura precise ser desenvolvido primeiro em você, antes de ir para outra pessoa.

Não chego a responder. Sinto uma mão em meu ombro e, quando olho para trás, é uma incandescente Holly Bardo, as luzes do interior do Titanic criando um halo ao redor de sua cabeça.

— Ora, ora! Vejam quem seguiu meu conselho! — Ela sorri teatralmente.

— Holly!

— Ulalá! Quem é esse príncipe ao seu lado?

— Pierre — ele se apresenta com uma postura impecável.

E esse, caros leitores, é o último pedaço da conversa que consigo acompanhar. O que se segue é a espalhafatosa e nada inteligível transcrição do diálogo entre Holly Bardo e Pierre, que você pode pular à vontade ou se esforçar no Google Tradutor, se preferir:

— *Français ?* — Holly pergunta a Pierre com a mão na cintura e os cenhos franzidos.

— *Oui . Parlez-vous français?*

— *Juste un peu.* — Ela junta a ponta do indicador com o polegar. O neon dessa parte do Titanic marca o contorno em seu nariz.

— *Non, vous parlez très bien! Avez-vous étudié?*

— *J’ai tout appris grâce à l’internet, aux films et à la musique.*

— *Incroyable! Et vous avez aussi un bel accent.*

Ele é uma gracinha falando em seu idioma materno, o enrolado da língua, o toque aveludado nas palavras... Já Holly se comunica com o eterno beicinho de uma diva do cinema mudo, uma modelo perdida de Yves Saint Laurent, exultante em demonstrar sua habilidade no francês.

— *Merci, monsieur. Je serai une star internationale.*

Holly e Pierre riem. Eu fico ali, olhando dela para ele, totalmente perdido.

— *Connaissez-vous Lucas?* — Pierre pergunta. Esse Lucas em questão sou eu, certo?

— *Je l’ai rencontré aujourd’hui. Il me ressemble un garçon merveilleux. Vous n’auriez pas pu trouver quelqu’un de mieux.*

— *Je ne peux pas être plus d’accord.*

Os dois se viram e me olham de modo estranho, expectante.

— *Voulez-vous coucher avec moi* pra vocês também — digo, porque “Lady Marmalade” é minha única referência. — Sacanagem, viu? Entendi nadinha do que vocês falaram. Tradução na minha mesa *agora*.

— Ah, *ma chérie* — Holly diz, dando um tapinha em meu ombro. — Foi totalmente proposital.

Eles continuam conversando até alguém chamar Holly para uma selfie. Ela se despede de Pierre com beijos no ar e voltamos a ser nós dois outra vez.

— O que vocês falaram? — pergunto.

Ele replica em um cochicho:

— Que eu não poderia ter conhecido alguém melhor hoje.

No chão outra vez

Aqui vai um apanhado do que descubro sobre ele:

1. Pierre tem três irmãs — duas gêmeas — por parte de pai. Antes de começar a viajar, estudava engenharia (quem diria!) e chegou a trabalhar em um cinema em Paris;
2. Diz gostar das mesmíssimas cantoras indies que eu, Foxes, Banks e Zella Day (“Não acredito que você conhece a Zella!”, exclamo quando ele cita seu nome. “‘Sweet Ophelia’ é a melhor música do mundo”, Pierre afirma, contente, enquanto eu mexo a cabeça numa concordância acalorada);
3. Ama As Crônicas de Nárnia, as animações do Studio Ghibli, os filmes do Xavier Dolan (“Tirando a parte em que falam aquela língua estranha que chamam de ‘francês’ no Canadá”, Pierre desabafa, rindo da minha pronúncia em “Xavier”, já que em francês está mais para “Csaviê”) e a adaptação de *Orgulho e preconceito* com a Keira Knightley, minha atriz preferida no momento;
4. Pierre assiste *Please Like Me*, também conhecida como a melhor série gay de todos os tempos (podemos casar???);
5. Curte muita produção nacional: Céu, Caetano Veloso, Elba Ramalho, Vanessa da Mata, Elis Regina;
6. Gesticula muito. Maneia a mão livre no ar fluidamente, mexendo bastante a cabeça e arqueando as sobrancelhas quando se empolga. Seu entusiasmo

é contagiante, os dedos constantemente em minha pele, massageando meu ombro ou em outro carinho sutil;

7. Pierre é super mão aberta. Pede o prato mais caro do cardápio (posta de salmão com patê de *foie gras* , receita supostamente servida no último jantar do *Titanic* antes do naufrágio), apesar das minhas tentativas de convencê-lo do contrário. Entre a ausência de gastos com hospedagem — ele trabalha em troca de alimentação e moradia em suas viagens, me explicou — e as conversões de euro para real, sobra bastante grana. É a primeira vez que sai desde que chegou a Natal e está “disposto a aproveitar a noite como merece”.

Para alguém que passou tanto tempo em um retiro espiritual, ele entende muito de música pop: reconhece dois de cada cinco hits tocando na pista de dança. Sua voz cantarolando as músicas é bonita. Assume um ar mais grave, rouco. Eu me pergunto quais truques ainda guarda na manga.

Não raro o flagro me estudando também. Não sei justificar sua atenção. Por que, entre tantas pessoas, ele me escolheu? Eu não sou tão bonito assim; sou sem graça onde Pierre é extraordinário. Saber que ele me enxerga traz um contentamento besta — o que sentimos ao perceber que o sentimento, seja qual for, é recíproco.

Pela primeira vez em minha inexistente e desastrosa vida amorosa, acho a balança equilibrada: Pierre demonstra tanto interesse em mim quanto demonstro nele. Essa simples percepção desperta o meu sabotador, e começo a travar uma batalha contra sua voz sussurrando sobre o fim desta noite — o inevitável naufrágio da história de nós dois.

Até que ele me convida para dançar.

Imediatamente digo que sim, mas me sinto bêbado, a visão periférica tomada por um borrão brilhante. Nós dois estamos, na verdade. Quando Pierre tenta levantar, não consegue.

— Acho que estou com um probleminha aqui — ele balbucia um instante depois.

— Que tipo de problema? — Estreito os olhos.

— Não consigo levantar. — Pierre começa a rir.

— Ah, é?

— É. E você podia ter mais empatia e me ajudar.

Balanço a cabeça.

— Por favor? — insiste ele. — *Por favorzinho ?*

Apoio as mãos na cintura e dou de ombros, impassível.

Mas aí Pierre usa a única tática contra a qual eu não resisto.

Minha kriptonita.

— *S'il vous plaît ?* — ele murmura.

Não dá para negar nada a um francês bonitão murmurando “*s'il vous plaît*” para mim em Natal. Qual é a probabilidade, numa escala de zero a cem, disso acontecer num dia normal, para começar?

— Você está bêbado, Pierre de Versalhes.

— Não estou, Lucas de Luna do Norte, e posso provar. — Pierre tenta se erguer. Acaba se desequilibrando e afunda novamente no banquinho. — *Oui* . Talvez um pouquinho.

— *Pouquinho ?* Eu acho — digo, me aproximando dele — que você está *muito* bêbado.

Estendo as mãos, fazendo de conta que quero ajudar, mas me afasto quando Pierre quase se apoia em mim. Ele me olha com toda sua incredulidade francesa.

— Ei! Isso é contra as regras!

Meu sorriso triplica.

— Que história é essa de regra agora?

— De acordo com as regras que eu criei — ele diz —, esse movimento é terminantemente proibido.

— Vocês europeus — bufo. — Sempre imperialistas, querendo impor ao mundo suas vontades coloniais.

Pierre revira os olhos. Estendo as mãos, dessa vez de verdade.

— Te peguei — murmura ao se apoiar em mim, mas acaba me puxando com força demais. Subitamente, seu um e noventa de altura desmorona sobre meu corpo como uma avalanche.

Pierre ainda tenta se equilibrar, mas é tarde.

Nos estatelamos juntos no chão, minhas costas acertando o piso e doendo tanto que quase grito. O álcool amortece parte do impacto, mas não o bastante para evitar as pontadas que vão da base da minha coluna até o pescoço.

O mundo gira. Tenho a impressão de estar dentro de um caleidoscópio: as cores no salão, fundidas, embaralhadas e psicodélicas; Pierre sobre mim; o barulho das pessoas — me torno consciente disso tudo.

Fecho os olhos, tentando me recuperar do impacto.

Pierre está imóvel, nós dois pateticamente deitados no chão do Titanic. Escuto as risadinhas das pessoas ao redor. Ao olhar para a minha direita, vejo a figura embaçada de Thamirys, o polegar erguido para mim.

— Arrasou, Lucaaaaaaas! — a voz entrecortada dela chega aos meus ouvidos. De repente, o flash de sua câmera dispara em nossa direção e as pessoas começam a gritar “Beija! Beija! Beija!”.

É uma cena de colegial, o francês sobre o meu corpo, os aplausos, as luzes coloridas... Fecho os olhos, tomado pela vergonha, pela tontura e pelo peso dele em mim.

Até que lá está.

Quando abro os olhos, o rosto de Pierre paira sobre o meu como uma obra de arte impressionista. Vejo tudo em detalhe ampliado: as covinhas, os minúsculos pelinhos dourados em suas bochechas, os cílios longos.

Ele está perto demais, e nossa respiração se acelera e descompassa, quente e frenética.

Pierre se esforça para se ajeitar, flexionando os braços em cada lado do meu corpo e aliviando a pressão. Então, de leve, muito educadamente, ele roça seus lábios nos meus — um convite, um pedido de permissão.

O menino me observa o tempo todo, como se esperasse minha fuga.

Espero que meus olhos digam que não precisa se preocupar.

Que não planejo ir a lugar nenhum.

Que ele me tem *literalmente* debaixo do seu nariz.

— Devemos dar o show que todos estão esperando? — Pierre pergunta com um sorriso malicioso no rosto.

— Um beijo de verdade?

— Isso. Apesar de que não foi assim que imaginei nosso primeiro beijo — sussurra.

— Assim como?

— Você sabe, Lucas. No chão.

Seus olhos me desafiam.

A plateia barulhenta ao nosso redor se dissipa.

Ele ali.

Seu corpo junto ao meu.

Seu cheiro e calor.

O torpor que nos embala.

E seria “Teenage Dream” tocando ao fundo? Porque poderia jurar que Katy sussurra sobre o coração parando quando Pierre me encara, seu toque me fazendo querer aproveitar esse momento e nunca olhar para trás...

“*No regrets* ”, ela canta, afinal, e eu tomo a mais certa, ousada e perfeita decisão da minha vida: beijo Pierre no chão do Titanic.

O mundo se alinha no instante em que nossos lábios se tocam. É sonho, é calor e é uma energia inexplicável. Por mais que meus olhos estejam fechados, meu mundo interior nunca foi tão vívido.

A distância é consumida em instinto. Pressiono sua nuca, meus dedos se afundando em seus cabelos, trazendo-o até mim.

Seus lábios macios pressionam os meus. Sinto o sorriso dele, seu cheiro e o sabor de maçã verde em sua boca. Mesmo em meio ao torpor do álcool, eu sinto, também, o despertar de algo ainda mais profundo.

Uma certeza.

Um sentimento que jamais imaginei que fosse experimentar: a sensação de que é aqui, com ele, nesse beijo, onde eu deveria estar.

Exatamente onde deveria estar.

Mais do que apenas festoxonado

Não tem como falar de outra forma: o beijo desperta o fogo de uma vida toda guardado em mim.

Nesse instante, se minha existência pudesse ser traduzida em uma sequência cinematográfica, não me espantaria com qualquer semelhança com *O fabuloso destino de Amélie Poulain*. Tudo é tão claro na minha mente que até imagino a cena seguinte ao beijo saltando do meu roteiro e ganhando forma na telona:

UMA EXPLOSÃO ATÔMICA.

UM GÊISER JORRANDO COM BRUTALIDADE.

UM DESMAIO COLETIVO.

UM GRUPO DE BEATAS SE ABANANDO ORGASTICAMENTE...

A atração que ferve entre mim e Pierre é do tipo difícil demais para ser explicada sem metáforas bobas apaixonadas. Somos os polos opostos de um ímã atraindo-se incansavelmente. Desgrudar um do outro, portanto?

Im-pos-sí-vel!

Por isso, não é sem esforço que nos reerguemos do chão.

Uma plateia risonha — incluindo uma animadíssima Thamirys, balançando a cabeça como se dissesse “sei não, viu?” — nos observa como se nada pudesse entretê-la melhor. Palhaço que sou depois de algumas doses,

ainda ensaio uma reverência estúpida e o francês, bonzinho, me acompanha, nos rendendo outra rodada de aplausos.

Em pé e aos risos, puxo Pierre pelo colarinho da camisa até encostar suas costas na parede ao lado da mesa. Eu não ligo para a falta de privacidade e ele tampouco se importa. Nos agarramos ali, selvagens, como se fosse 21 de dezembro de 2012 e vivêssemos as últimas horas antes do Apocalipse Maia.

Então, *sim* . Nem preciso dizer que fazemos nossa parte na inauguração do Titanic ao nos beijar em TODOS os lugares possíveis da boate.

São beijos na pista de dança — ele mordendo e sugando meu lábio inferior, sua mão se movendo por minhas costas, a pressão entre nossos corpos colados, “What You Know”, do Two Door Cinema Club, tocando ao fundo —, no local do acidente que nos uniu e até de volta no banheiro.

Enquanto nos descobrimos nesse jogo com tanta naturalidade, a sensação de conhecê-lo há mais tempo martela minha cabeça. É impossível que tenhamos nos esbarrado apenas duas horas atrás.

Não creio em vidas passadas, é claro; sou cético demais para isso. Mas a fluidez em nossas palavras, a intimidade sem disfarce e o reconhecimento no olhar contam uma história diferente. Combinados, esses elementos são como os indícios de algo mais... mágico.

Eu o observo atentamente. Registro os mínimos detalhes. A voz que fica mais leve a cada dose que a gente vira; os olhos que variam conforme a luz, chamejando entre azul-piscina, dourado e verde; seu riso genuíno para cada uma das minhas piadas sem graça...

Acho chocante que aprecie em mim tudo o que eu normalmente esperaria que outros rejeitassem; chocante que seja tão astuto, cuidadoso e educado, ao mesmo tempo *suuuuipersafado* , suas mãos apertando meu corpo, os dentes mordiscando o meu pescoço naquele ponto que arrepiava até o último fio de cabelo.

Nos entregamos, comprometidos com apenas uma missão: “Desvendar o Titanic se atracando a cada dez metros”. Esqueço de tudo, inclusive de Eric e Raul. De modo que é uma sincera surpresa ler as centenas de mensagens desesperadas enviadas pelo meu melhor amigo no curso das últimas horas:

Oi, meu docinho de coco. Kd vc? 0h32

Lucaaaas, oiêêê? Tá onde, hein? 0h48

Miga? 1h01

Migaaann??? 1h04

RESPONDE, CARAIII. Tá morta, Galisteu? 1h09

LUCAS???????????? 1h15

PUTA QUE PARIU, LUCAS, KD VC, VIADO? 1h29

Vou te MATAAAAR, gay 1h37

MULHER??? 2h02

ESPERO QUE ESSA R*L* QUE VC TÁ M*M*ANDO ESTEJA
VALENDO A PENA 2h14

É por isso que agora estamos no convés, Pierre e eu, nossos cabelos bagunçados pelo vento da madrugada. Combinei de encontrar os meninos

aqui em cima e Pierre veio comigo. Estamos encostados contra a amurada, observando a praia — a maré está secando, a lua incidindo sobre as águas — e o Morro do Careca à direita, parcamente iluminado, o espaço em V desnudo da duna à mostra como uma fenda.

Ainda há pessoas andando pelo calçadão apesar de a maior parte dos bares estar fechada. O vento faz a bandeira arco-íris balançar e três casais aguardam numa fila para tirar fotos na proa da boate, como as meninas que vi na entrada.

— O que você achou do Titanic? — Pierre pergunta, os cotovelos sobre a amurada, o rosto inclinado em minha direção.

— Eu achei incrível. Tô muito feliz por ter vindo e completamente apaixonado.

— Só pelo Titanic? — Seu tom de voz é brincalhão.

— O quê, apaixonado? — digo inocentemente.

— Não se faça de sonso — ele replica. — Apaixonado, “*in love*”, “*amoureux*”...

— É, pelo Titanic.

— Sério? Entendi errado. — A expressão em seu rosto é falsamente dramática. — Ou fui muito presunçoso, porque por um momento achei que você estivesse apaixonado por outra coisa...

— Que coisa?

— Não sei. — Pierre faz charminho. — Talvez um jovem francês sem muito tato e levemente embriagado, por exemplo?

Dou uma gargalhada.

— Jamais diria que o “jovem francês” não tem tato depois da última hora, e discordo da parte “levemente embriagado”, como o beijo no chão provou.

Ele ri.

— Mas apaixonado não seria a palavra certa — concluo.

— Qual seria então?

— Festoxonado.

Pierre fica confuso.

— Odeio estragar o clima, mas nunca ouvi isso antes.

— Nem sei como poderia. Eric e eu inventamos. — Me aproximo dele até nossos braços se tocarem.

— O que significa?

Hesito. Pierre nota a carranca duvidosa estampada em meu rosto. Ele passa o braço ao redor do meu ombro, e fico tão grato por esse gesto. Prendo a respiração e me deixo ser envolvido por ele.

— Não é nada de mais, na real. Só nunca falei pra alguém por quem eu estivesse festoxonado o que é festoxonar. — Não preciso olhar seu rosto para saber que ele está sorrindo. — É como estar apaixonado, mas não exatamente apaixonado, entende? É meio paradoxal. É quando você conhece uma pessoa e divide com ela partes de si que não esperava. Vocês compartilham um momento que, mesmo sendo uma fração na magnitude do tempo, é enorme, e importa. Vocês vivem algo especial juntos e não sabem explicar por que isso está acontecendo. Geralmente, é algo que rola no período de uma festa, de um encontro, uma situação superaleatória. Depois, quando os dois vão embora e se desencontram, quando o contexto muda e os personagens mudam de cena... Acabou.

Pierre se mantém em silêncio.

Uma nuvem pesada e gris encobre a lua e escurece o mar. O vento desapareceu, deixando as folhas das árvores em uma estranha calmaria. Tudo fica suspenso enquanto espero Pierre dizer alguma coisa.

— Parece intenso. E descreve bem o que estamos vivendo. — Seu braço aperta meu ombro com gentileza. — É uma boa palavra para justificar

conexões fortes, aquilo que acontece quando ambos estão presentes no agora. Mas a maneira com que você fala carrega melancolia, tristeza.

— É *muito* a gente. E é meio triste, sim. A vida não é assim?

— A tristeza existe e é necessária, porque é a balança da alegria. Não dá para conhecer uma sem sentir a outra. Mas a vida não é triste em si, puramente — ele contesta, como se já tivesse pensado sobre isso. — O problema é se conformar com a tristeza, se apegar a ela. Eu acredito que criamos nossa realidade com nossas escolhas e pensamentos. Quando decidimos enxergar algo de forma negativa ou cruel, formamos uma realidade onde isso se manifesta. Sem querer, atraímos justamente o que buscávamos evitar.

— Não sou de acreditar nessas coisas.

— Fico preocupado, Lucas, porque o jeito que você fala... — Pierre pausa. — Não sei. É como se você não tivesse esperanças de que pudesse viver algo melhor. E você é bonito, incrível e cheio de vida demais para se limitar a isso.

Suas palavras reverberam intensamente em mim. Inflamam um pavio adormecido. Embora eu não acredite em destino ou no Universo, sei que algumas pessoas aparecem na nossa vida apenas para nos mostrar as verdades das quais tentamos fugir.

— Ninguém nunca me disse nada tão bonito — sussurro.

— Talvez você não estivesse saindo com os caras certos. — Ele dá um beijo na lateral da minha cabeça. — Porque se eu passei algumas horas ao seu lado e pude perceber tudo isso, Lucas, me surpreende que nunca tenham te falado quão maravilhoso você é. Quão especial você é.

Meus olhos marejam.

Meu cérebro entra em combustão e há um milhão de pensamentos agora. É como se todas as minhas vulnerabilidades quisessem falar mais alto,

decididas a abandonar seus esconderijos habituais.

— Não sei se sou isso tudo que você disse. Ou até se mereço esse encontro. Nós dois.

Sinto Pierre baixar o rosto e me analisar atenciosamente enquanto tento manter o olhar fixo na praia. Em seguida, ele se posiciona atrás de mim, me escoltando contra a amurada do convés. Por um momento, é como se fôssemos mesmo Jack e Rose. Como se de fato estivéssemos no *Titanic*, somente o mar infinito ao nosso redor.

O francês alonga a coluna e encaixa a cabeça sobre meu ombro, sua boca em minha orelha.

— Você está tão enganado, Lucas — Pierre murmura.

— Por quê?

Minha pergunta é sincera. Quero que ele me contradiga e me convença a ver o mundo por uma ótica diferente, mais romântica e menos melancólica, se possível. Quero ver as cores que ele vê quando olha pro céu e para essa lua que volta a refletir para nós dois no Atlântico.

— Porque você merece — ele dá o veredito. — Merece ser feliz e sorrir, espalhando sua luz pelo mundo como tem feito durante toda essa noite que passamos juntos. Você é lindo e, por favor, nunca esqueça disso.

Dessa vez, é ele quem me beija.

Paju à vista

— Ah, e para não esquecer — Pierre fala depois de nos beijarmos pela quinquagésima nona vez —, ainda acerca de “festoxonar” e sua triste conclusão conceitual, tenho um apontamento prático.

— E qual seria, doutor Pierre?

— Bem, que nada acaba de verdade. Até pensamos que sim, mas não é que tenha “acabado”. É que se transformou, ou nós incor... — Ele hesita. — Argh, que droga! — Pierre xingando é uma gracinha. — A palavra está na ponta da língua, mas não consigo lembrar...

— “Incorporamos”? — sugiro.

— Isso! Obrigado! — Pierre diz, mordiscando a minha orelha. — A “coisa” não acabou. É que nós simplesmente a *incorporamos*, mesmo que seja no sentido de assimilar a vivência, dar um novo significado...

— “Na natureza nada se cria, nada se perde. Tudo se transforma.”

Subitamente penso na mãe de Pierre. Ela sempre estará com ele. De uma forma diferente, claro, mas sempre com ele.

— Seja como for, saiba que estou festoxonado também. Muito festoxonado — murmura em meu pescoço. — *Muito*.

Olho diretamente para Pierre. Suas sobrancelhas repetem aquele movimento que me deixa desnortado e seus lábios estão praticamente tocando os meus outra vez...

Como não poderia deixar de ser, Eric e Raul escolhem logo esse momento para aparatar ao meu lado.

Me chateio com a falta de tato dos meus amigos. Tô tendo uma cena de filme aqui, gente. Custa não atrapalhar?

Mas uma pequena parte de mim se alegra em vê-los. Reclamei sobre Eric me excluir e hoje sou eu quem o abandona, voluntariamente sequestrado pelo garoto dos meus sonhos.

— Da próxima vez que sumir assim, Lucas Henrique Silva — meu nome completo soa ao mesmo tempo ameaçador e patético quando Eric o pronuncia —, faça o favor de avisar primeiro, tá?

Solto uma gargalhada.

— É meio que parte do *conceito* do sumiço não avisar antes, migo — respondo.

— Haha. Engraçadinho. A pessoa passa HORAS à procura do melhor amigo pra ser tratada assim. — Ele balança a cabeça, evidentemente alcoolizado. — Pensei que gays fossem mais elegantes!

É quando os olhares de Eric e Raul repousam em Pierre, o único elemento incongruente da história.

Antes que o clima fique estranho demais, pigarreio e assumo minha melhor postura diplomática-conciliadora.

— Pierre, estes são Eric e Raul — eu os apresento numa voz *nada* bêbada. Pierre solta minha mão e aperta a de Eric primeiro, repetindo o mesmo com Raul em seguida. — Meninos — continuo —, esse é Pierre.

— Oi! É um prazer conhecê-los — o francês diz, se esforçando para amenizar o sotaque e, como esperado, fracassando completamente. — Lucas tem falado a noite toda sobre vocês.

Ele está sendo educado — sabemos que não é verdade, não quando eu só prestava atenção nele, meu mundo era ele e ele era tudo o que importava.

— O prazer é todo nosso — Raul sorri. — E nem quero saber o que o Lucas falou sobre a gente, Pierre. Provavelmente jogando alguma shade maldosa, né?

— Ah, não... Ele contou histórias incríveis sobre vocês — o francês diz com seriedade.

Faço carinha de anjo, mas é difícil mantê-la quando Eric estraga tudo com a pergunta mais idiota do mundo:

— Vocês já se conheciam?

Tenho vontade de dar um murro nele. Eric conhece todas as pessoas da minha vida (talvez não *todas*, mas certamente todos os meus colegas, familiares, vizinhos, ex-crushes, amigos virtuais e professoras do jardim de infância), então não entendo onde quer chegar com a pergunta.

— Acabamos de nos conhecer — Pierre responde por mim.

— Não, tipo, *agora*. Há um tempo — acrescento.

— É sério? — Eric me concede uma piscadinha horrorosa, como se sua pálpebra tivesse pregada com Super Bonder. Ele segura um copo de cerveja e dá um gole cheio antes de continuar. — Como vocês se conheceram? Duvido que Lucas tenha chegado em você.

Pierre me olha de soslaio.

— Para ser bastante honesto — ele diz —, eu dei o primeiro passo.

— A história é um pouco mais complicada que isso, gente — me defendo.

— E envolve, naturalmente, uma série de desastres.

— Claro que envolve — Raul tira onda. — Qual foi o paju dessa vez?

Pierre e eu nos entreolhamos.

— Não sei o que “paju” significa, mas se entendi o contexto — Pierre diz —, o que aconteceu foi que nos esbarramos e eu derramei bebida no Lucas.

— Isso quando você foi no banheiro? — Raul me pergunta.

— Exatamente. Na hora eu nem olhei pro Pierre — digo. — Só consegui correr o mais rápido possível e me trancar numa cabine.

— E foi assim — o francês narra — que eu acabei indo atrás dele, mas ele ficou tão nervoso em me ver que caiu no chão.

— Ei, sem eguinho, tá? Não foi por *te ver* — defendo minha versão. — Só perdi o equilíbrio.

Pierre franze as sobrancelhas, mas não diz nada. Eu faço cara de paisagem enquanto os outros me encaram.

— Não me surpreende. Luca tem uma espécie de ímã para desastres. — Raul passa a mão na testa, tirando a franja dos olhos. — Ele falou da vez que foi atropelado por uma bicicleta enquanto corria de um cachorro?

— Não...

— Ou da vez que vomitou no meio da sala de aula durante um amigo-secreto? — Eri continua.

— Ai, gente, parou. Não é como se eu fosse passar a noite falando essas coisas pro menino, né?

— É melhor alertar de uma vez, Luca. Você sabe, dar uma chancezinha pro coitado fugir... — Raul diz, e eu penso na frase de Michael Corleone: “Mantenha os amigos perto e seus inimigos mais perto ainda”.

— Acho que vai levar um tempinho até ouvir todas essas histórias. — A mão de Pierre aperta a minha. — Mas não tenho pressa. Talvez se contar uma a cada encontro, por exemplo...

— Como é que é? — Eri pergunta. — Vocês já têm planos pra depois?

— Com certeza — Pierre consente.

Oi?

A gente não discutiu esse assunto. Se ele diz, eu que não vou reclamar.

— Ei, boy, falando nisso, de onde você é? — Eric pergunta, e em seguida vira a cerveja de uma vez e mal consegue se sustentar em pé.

Meu amigo bebeu mais do que imaginei. Reparo em seus olhos injetados e vermelhos. Até a fala está afetada, mais fina e lenta que de costume.

Enquanto o inspeciono, começando a me preocupar, Pierre demonstra se divertir com a situação.

— Eu sou da França, mas meu pai é potiguar.

Eric assente com veemência e aponta para a gente.

É sério. Ele literalmente aponta e diz:

— Luquinha tá pegando um gringoooooooooooo!

Ele continua rindo, dizendo daí para pior.

Entendo Lana Del Rey como nunca.

Ver Eric agir desse modo me faz desejar só uma coisinha: *estar morta*.

— Eri, você não se deu conta que Pierre fala português? — tento cochichar em seu ouvido, mas ele ri ainda mais alto.

É uma situação desconfortável.

Realmente desconfortável.

— Gente, Eric não tá se sentindo bem — Raul se desculpa por ele.

— Quê? — Eric grunhe ao nosso lado. — Não, mozi! Eu tô bem!

— Baby...

— Pia mermo, agora *pronto* ! — O sotaque seridoense de Eric se escancara. — *Bêbo!* Pelo amor de Deus, gays. Vocês me aguardem!

Para tornar minha vida um musical ainda mais fodido, “Crazy in Love”, da Beyoncé, começa a tocar. A música dá ânimo a Eric, que rebola, e o público no convés assiste alegremente.

— ATENÇÃO, TODAS AS GAYS, SAPATÕES, BIS E TRANS DO MEU VIVER! — Eric berra diante da animação da galera, que começa a aplaudi-lo quando Beyoncé entoa os primeiros vocais. — AGORA EUZINHA VOU DESFILAR PRA VOCÊS E MOSTRAR COMO É QUE SE PISA NESSA PORRA!

Inês *who* ?

Devo reconhecer que Eric cumpre o prometido.

Ele tenta andar em linha reta até a outra extremidade do convés, bamboleando durante todo o percurso em sua malsucedida tentativa de imitar a Gisele Bündchen.

A qualidade questionável do seu gingado traria problemas numa passarela real, mas estamos no Titanic. Outras bichas se juntam a Eric e o convés se transforma num grande flash mob improvisado.

Parece que uma batalha de vogue vai começar a qualquer segundo e tudo piora quando a escolha seguinte do DJ é “Sissy That Walk”.

E o que acontece quando “Sissy That Walk” começa a tocar em uma festa cheia de gays transtornados?

Sim, *exatamente* isso : todo mundo se organiza de um lado, formando uma linha, e quando a *mama* Ru dá o comando final, a galera sai em sincronia desfilando com braços estendidos e carões impagáveis.

Eu fico ao lado de Pierre, que ri da cena, encantado, como se tudo fosse nível Broadway demais para ser real.

— Esse tipo de coisa acontecia no seu retiro espiritual? — pergunto.

— Não é bem o tipo de mantra que costumávamos cantar — Pierre responde com bom humor. — E não tínhamos tanto gingado.

Eu insistiria no assunto se não visse Eric perigosamente perto da amurada, o sinal de alerta ressoando. Raul e eu damos um gritinho de preocupação e

corremos até ele. Passamos em meio ao flash mob e o salvamos por um triz de uma morte horrível.

— Viram? Eu tô bem — ele diz, inocente.

— Eric — falo sério, puxando-o —, parou de paixão!

— Mas eu não tô me passando! — Ele soa como um bêbado numa novela da Record.

— Luca tem razão. — Raul milagrosamente me apoia, pegando-o pela cintura e caminhando pela margem do convés, evitando as pocs dançarinas.

— Já deu.

— Até você?! — meu amigo choraminga.

Raul revira os olhos.

— *Até eu*, Eri, que tô completamente sóbrio, cansado e sem um pinga de paciência pra bêbado.

— Nem quando o bêbado em questão é o amor da sua vida?

— Muito menos — Raul bufa.

Pierre nos aguarda com um sorriso quando voltamos.

— Tudo bem, Eric?

— Nunca estive mais perfeita. — Eric cruza os braços, emburrado.

Raul me puxa para um canto, se afastando dos meninos.

— Tô indo pro carro, Luca. É melhor a gente ir embora antes de uma merda maior acontecer — ele murmura.

Respiro fundo, engolindo em seco.

— O que ele bebeu, Raul?

Olho na direção de Eric, decepcionado, mas não surpreso, ao ver Pierre tendo que *correr* atrás dele.

— Skol Beats, tequila, cerveja, vodca e a cachaça que vocês beberam antes.

— Tu deixou ele misturar isso tudo?

Raul me olha com impaciência.

— Você conhece Eric melhor do que eu. Sabe que quando enfia uma ideia na cabeça...

— Eu sei, Raul, mas você tá sóbrio. Podia ter ficado mais na cola dele, poxa!

— Luca, escuta. — Raul fica sério. — A gente nem te viu na festa, cara. Se fosse pra se preocupar de verdade, teria dado notícias duas horas atrás, quando Eric começou a te mandar mensagem. De qualquer forma, tô indo. Vou levar o Eric pro carro. A gente se encontra em alguns minutos?

Um tiro doeria menos.

Me despedir de Pierre, dar fim à noite mais linda da minha vida... Por um momento, tive a impressão de que hoje duraria para sempre. Que seria eterno.

— Não acha que tá exagerando? — insisto. — Tem certeza que a gente precisa ir agora? Não rola ficar nem mais um pouquinho?

— Olha, sei que a noite tá incrível pra você. O francês é um homão da porra e tá na sua...

— Você acha? — eu pergunto.

— Total! — Raul suaviza e sorri, tocando meu ombro. — Mas não dá pra ficar. Daqui a pouco Eric começa a vomitar e se passar ainda mais. Tenho que acordar cedo, então não posso dormir com ele. E ele sozinho em casa seria um desastre.

— Tem razão. Encontro vocês no carro daqui a pouco. Vou me despedir de Pierre.

— Tá certo. Tome o tempo que precisar e beije muito esse boy. Mas, por favor, não demore demais, tá?

Como ele quer que eu tome o tempo que precisar e não demore demais?

Raul aperta meu ombro e corre para Eric.

Eu o vejo agradecer a Pierre, que assente e sorri. Depois, passa os braços ao redor do namorado.

— Tchau, Pierre. Desculpa a gente precisar sair assim, mas esse aqui tá dando um trabalhão! — Raul fala enquanto tira Eric de cena o mais rápido possível.

— Tudo bem! Não faz mal, Raul. Foi ótimo conhecer vocês! Espero vê-los em breve! Boa noite, fiquem bem e boa sorte! — Pierre se despede.

— *Goodbyeeeeeeeee* , gringo do Lucaaaas! Você é um pãozinho francês!
— Eri grita.

Meu Deus.

— SE ESSE MUNDO EXISTE, GRAÇAS A DEUS, POR QUE EXISTE? PORQUE NÓS CRIAMOS O MUNDO, GRAÇAS A DEUS ...

— ouço Eric gritar enquanto os dois descem as escadas.

Vou em direção a Pierre, que me encara de maneira engraçada.

— Sei nem como começar a explicar — eu digo. — Mil desculpas.

— Que nada. Foi divertido.

— Sério, eu não fazia a mínima ideia que Eri estava mal assim.

— O que ele disse quando estava descendo? Não entendi.

— Um meme da Inês Brasil.

Pierre arqueia uma sobrancelha.

— Meme de quem?

— Inês Brasil — repito, olhando-o incrédulo. Quando ele não esboça nenhuma reação, fico chocado. — Boy, como assim você não conhece Inês Brasil?

— Deveria?

— Claro! Inês é a melhor pessoa da internet.

— Se você diz, eu acredito. Mas talvez não conheça porque não sou fã de redes sociais. Sou mais tradicional: prefiro longos e românticos e-mails

peçoais. — Pierre passeia a mão distraidamente pelos cachos. — Seus amigos são muito engraçados.

— É, eu sei — suspiro. — Espero que não tenha tido uma primeira impressão muito errada de Eric. Ele nunca bebe desse jeito e é um cara superinteligente.

Não entendo por que preciso provar que meus amigos são legais para Pierre, mas o faço mesmo assim. É como se eu quisesse sua aprovação, como se eu *precisasse* .

— Ei. — Ele me puxa para perto de si. — Eles são legais. Legais de verdade. Como você, que é maravilhoso.

Sorrio de orelha a orelha ao escutar a última parte.

Então lembro que preciso contar para ele que estou indo embora.

Que Raul e Eric me esperam lá embaixo.

— Não sei se você vai continuar me achando tão maravilhoso assim.

— Por quê?

— Vou ter que ir embora com eles.

Pierre parece murchar.

— Queria que você ficasse mais.

— Eu também.

Eu poderia pegar um táxi (o que sairia caro demais pro meu bolso), esperar até o amanhecer para voltar de ônibus...

Mas Eric...

Me sinto responsável por ele.

— Então não vá, *oui* ? Fica comigo.

— Não consigo resistir quando você começa a falar francês. Não é justo!

Ele beija meu pescoço.

— E o que eu posso fazer? — Ele mordia minha pele. — Nós usamos as armas que temos...

— Por mais tentador que seja, não posso. De verdade.

— Tudo bem.

Pierre exala.

E fico triste.

Triste porque estou festoxonado. Porque não quero ir embora. Porque quero beijá-lo mais. Porque não quero que sejamos resumidos a esse encontro.

O álcool deve ter sua parcela de culpa no carrossel de emoções. Sóbrio, talvez, eu não estivesse à mercê desses sentimentos.

— Quero muito te ver de novo.

Não sei. Embora ele tenha dito que nos encontraríamos depois, nada foi discutido de modo oficial. É diferente quando coloco nesses termos, quando as palavras partem de mim.

Me sinto estúpido. Meu olhar vai dele pro chão em uma fração de segundo.

Mas Pierre levanta meu queixo com o indicador, me obrigando a encará-lo. Até então nossa diferença de altura, mais de um palmo, não esteve tão evidente. Ele circunda minha cintura com o braço e sorri, os lábios avançando nos meus, a respiração quente que exala me aquecendo como brisa de verão.

Fecho os olhos e me entrego ao coração acelerado, à certeza que conduz esse beijo.

Ele acaricia minha bochecha com o polegar e afasta a boca da minha.

— *Je ne pouvais pas rêver mieux* — Pierre enfatiza cada palavra. — Eu não poderia pedir nada melhor que isso.

Bug temporal

Quando estamos praticamente na saída do Titanic, a certeza do fim da noite é total. A sensação de que não nos conhecemos o suficiente atravessa minha garganta e ali sinto o peso do não dito. Quero ficar até o amanhecer contando e ouvindo histórias. Histórias como a neve nos invernos da sua infância, nossos primeiros beijos, os segredos que não ousamos partilhar com ninguém.

Mas a vida inevitavelmente nos leva a uma conclusão.

— Tem WhatsApp? — Pierre começa as despedidas com uma voz forçadamente animada.

Eu assinto. Para sair do Titanic, precisamos seguir um caminho secundário diferente da entrada. Essa área é iluminada por lustres, a luz trêmula projetando nossas sombras na parede.

Pierre e eu paramos na metade do caminho. Evitamos chegar muito perto um do outro, como se isso fosse atrasar nosso adeus. O celular dele descarregou e ele me pede para adicionar o número dele.

— Já sabe como vai voltar pra casa? — pergunto.

— Táxi, eu acho — Pierre diz. Um vento frio nos atinge quando a porta da saída é escancarada e um grupo vai embora. Me encolho um pouco ao lado dele para me aquecer, nossos ombros se tocando. — Fala comigo amanhã?

— Dou um oi assim que chegar em casa — eu lhe asseguro, a vulnerabilidade em sua voz me desarmando.

— Acho bom — Pierre diz. — Quero saber que vocês chegaram bem.

Rio de nervoso ao imaginar isso acontecendo.

— Tá bom, lindo. Aproveito e mando uma selfie comprovando que estamos todos sãos e salvos.

— E então te mando outra mostrando que *eu* comprovei que *você* comprovou que está bem.

— E aí eu mando uma terceira pra mostrar que *eu* comprovei que *você* comprovou que *eu* comprovei que eu tô bem — continuo.

— E ficamos nesse looping até não ter mais memória no celular, que tal?
— Pierre encerra a brincadeira.

Rimos juntos e então, do nada, um silêncio recai sobre nós.

Ambos sabemos que em algum lugar lá fora Raul e Eric estão esperando por mim, que o tempo está passando e que a hora é agora.

Não quero interromper o momento. Interromper significa quebrar algo precioso. Algo que *importa*.

Me coloco de frente para ele.

À luz dos candelabros, Pierre consegue ser ainda mais magnífico. A suavidade de sua pele, os poucos pelinhos dourados que lhe dão a sugestão de um bigode por nascer...

Como será sua aparência em cinco anos?

E em dez?

Mais perfeita do que é, aposto — e desejo estar ao seu lado para descobrirmos juntos.

— Obrigado por ter tornado essa noite tão especial — Pierre diz. — Por ter perdoado o incidente com a calça, aceitado meu convite, falado sobre os seus sonhos...

— Não imaginei que essa noite pudesse ser tão incrível.

— Eu também não.

Os olhos de Pierre vacilam, e então me dou conta.

Pessoas são como icebergs. Navegamos em meio a mares estranhos e desconhecidos, e quando as encontramos, enxergamos quase sempre apenas o superficial. Nos reduzimos a acreditar na imagem evidente, fácil, quando na verdade o visível aos olhos, uma fração irrisória do todo, esconde um universo inteiro submerso.

Há ocasiões, como no caso do Titanic, em que colidimos com esses icebergs. Estamos tão acostumados com a ilusão do superficial que, confrontados com a imensidão oculta, nem sabemos como reagir...

Apesar de ter se aberto tanto hoje, há um mundo de histórias sobre Pierre que não conheço; uma infinidade de medos, inseguranças e memórias que não serão partilhadas essa noite. Que ficarão submersas, e que eu torço para um dia ter a chance de descobrir.

A chance de submergir com ele.

Me estico na ponta dos pés e beijo sua bochecha rosada.

— Não sabia que sagitarianos pudessem ser tão amorzinhos assim.

Pierre me abraça.

— Não sinto como se tivesse acabado de te conhecer — Pierre diz em meu ouvido. — É mais como se te reencontrasse. Em um momento estávamos no banheiro e no outro tínhamos chegado aqui, ao fim da noite. Não vi o tempo passar. E é lindo quando isso acontece, quando o tempo se dobra, quando simplesmente vivemos o agora.

— Einstein estava certo. O tempo é relativo, e injusto. Hoje poderia ser uma daquelas noites que nunca acabam — digo. — Como em *Feitiço do tempo*, o mesmo dia se repetindo várias vezes.

Ele ri.

— Mas com a gente só faria sentido se tivéssemos consciência do bug. Do contrário, eu teria que esbarrar em você todas as noites...

— Destruir minha calça, no caso, né? — falo. — Mas se esse for o preço pra gente se encontrar, eu aceito.

Há um segundo de silêncio antes de falarmos novamente.

— Essa é a parte em que a gente se despede?

— Acho que não tem jeito, lindo.

Ele me aperta em um abraço ainda mais forte que o anterior. Meus dedos percorrem o tecido da camisa dele até tocar a pele de suas costas. Seu queixo repousa no topo da minha cabeça. Meu rosto afunda no espaço quentinho e confortável entre o seu ombro e o pescoço. Respiro seu cheiro, essa mistura de suor e perfume francês que ficará comigo.

— Promete uma coisa antes de ir? — pergunta e se afasta gentilmente, me encarando.

— Depende da promessa.

Pierre franze a testa.

— Não posso prometer nada antes de saber o que é, Pierre — explico. — Promessas são promessas, a gente não pode quebrar. Tem que levar a sério. E se você me fizer prometer pular de um prédio? Eu teria que cumprir, por isso que...

Pierre me cala com um beijo longo e apaixonado, e eu agradeço. Considerando meu histórico de falar besteira quando estou nervoso, continuaria discursando e discursando até os seguranças do Titanic expulsarem a gente.

No beijo, embora cada um confidencie um desejo distinto, partilhamos o que importa: o sentimento de que nenhum dos dois gostaria de partir, e que vamos fazer o que estiver em nosso alcance para nos encontrar de novo.

Então seus lábios se desprendem dos meus.

Ele mantém as pálpebras cerradas e respira fundo. Quando volta a me encarar, os olhos verdes estão carregados da mais profunda intensidade.

— Promete que não vai fugir? — ele murmura, as mãos se encaixando em cada lado do meu rosto. — Que vai nos dar uma chance?

Esboço um sorriso. É louco como Pierre me leva a sério, como já ultrapassamos todas as barreiras de um primeiro encontro.

— Prometo, Pierre de Versalhes, que não vou fugir, não importa a circunstância — eu digo. — Prometo que vou dar uma chance para nós.

A maneira como o rosto dele se transforma à medida que pronuncio as palavras é tão fofa que quero puxar a gola da camisa da Marilyn Monroe e beijá-lo, beijá-lo e beijá-lo.

— Você prometeu, ouviu? — sussurra em meu ouvido. — Agora não pode fugir de mim.

Talvez eu estivesse enganado todo esse tempo.

Talvez meu conto de fadas não fosse tão impossível quanto pensava.

Talvez acontecesse bem aqui, neste exato momento.

— Besta. Não tenho a menor intenção de fugir. Nunca tive. Fugir é a última coisa que faria.

A Cinderela desafia a Matrix numa poça de vômito

Pierre me dá um último beijo na saída do Titanic. É rápido e intenso: com cobertura de ultimato, dedos tracejando peles inexploradas e murmúrios embaralhados em francês que não entendo.

Viro somente quando já estou na rua, longe dele, e nossos olhos se encontram antes da porta do Titanic se fechar, nos separando.

A ficha cai.

Pisco e chacoalho a cabeça, tocando os lábios de forma abobalhada, os mesmos que Pierre pressionou contra os seus com tanto carinho...

E não consigo acreditar.

Não consigo acreditar que tudo isso *realmente* aconteceu e não é, sei lá, um sonho.

Tudo é tão... fantástico! Como se eu tivesse acabado de sair do cinema depois de ver a comédia romântica mais fofa de todos os tempos.

Como a vida é linda!

COMO O UNIVERSO É INCRÍVEL !

E pensar que cogitei ir embora da festa por conta da calça, quando na real ela traria justamente a maior alegria de todas!

Não sei explicar essa mistura inebriante de felicidade (pelo que rolou) e tristeza (por ter acabado). Mas meu estado de espírito é como a cena icônica

de Gene Kelly em *Cantando na chuva* .

Vou saltitando nas nuvens em direção ao carro de Raul. Um sorriso de cem mil amperes ilumina meu rosto e cantarolo a melodia de “You’re The One That I Want”, de *Grease* , durante todo o caminho.

Há menos carros estacionados na orla. Consigo distinguir o Gol de Raul entre eles, a parte amassada no lado esquerdo do capô visível à distância.

Chego mais perto e vejo o que só pode significar uma coisa: D.R . Eric continua alterado e Raul gesticula bastante. Não quero estragar meu humor ao cair de paraquedas em uma briga que não me envolve, por isso decido dar um tempinho para eles se resolverem.

Os dois, concentrados na discussão, nem me veem chegar. Um pouco à frente da porta do carona, tiro o celular do bolso, verifico a hora e leio as mensagens.

Ana me mandou um milhão de áudios e mainha quer garantir que não fui sequestrado.

Respondo Ana primeiro:

miga, escuto já os seus áudios, tá? tô revoltado que vc não veio, mas deixa eu dizer um negócio: conheci um boy INCRÍVEL, CHEIROSO, LINDO, E DETALHE: FRANCÊS!!!
vc não vai acreditar qnd eu contar td!!!

Depois, começo a digitar uma mensagem falsamente sóbria para mainha quando Eric abre a porta do carona com tudo.

Raul é supercuidadoso com o carro desde o acidente chato no trânsito que resultou no capô amassado. E se Eric tivesse seguido o código de conduta preestabelecido pelo namorado, nada do que rolou a seguir aconteceria. Eu teria regressado tranquilinho para casa, #gratiliz e festoxonado pelas

vivências do dia. E vários dos dramas que se desenrolarão nas próximas páginas teriam sido evitados.

Não foi o caso, lógico. Vítima mais uma vez de circunstâncias injustas, a vida provando que não posso ter UM SEGUNDO de paz, tenho a sorte de estar posicionado *literalmente* na frente da porta quando meu melhor amigo a abre.

Desculpe interromper sua leitura pacífica e quebrar a quarta parede de novo, mas preciso perguntar:

Você já assistiu *Matrix* ?

Lembra daquela cena icônica em que tentam matar o personagem do Keanu Reeves e ele se inclina para trás, se esquivando de umas trezentas balas?

Não que eu tivesse a *menor* capacidade de imitá-lo, vamos ser sinceros. Instintivamente, tentei colocar algo semelhante em prática diante da ameaça de ser alvejado pela porta.

A realidade, isto é, *a vida real sem efeitos especiais* , é muito diferente de *Matrix* , principalmente quando: a) você está bêbado; b) é um tremendo de um sedentário; e c) simplesmente não tem nada a fazer pra evitar, more.

Então o que rola mesmo é isso: a porta me atinge com um impacto descomunal e eu sou atirado no chão.

Na hora, nem percebo que meus joelhos ficam ralados. Minha maior preocupação é manter o celular intacto. E não me envergonho disso, tá? É um comportamento absolutamente aceitável quando nos enxergamos como meros produtos de uma sociedade regida pelo capitalismo brutal, onde as elites controlam os meios de produção e, pros pobres coitados como você e eu, resta a eterna desventura de tentar preservar os bens de consumo adquiridos com tanto esforço.

O problema nesse caso é que não sou rápido o suficiente. O aparelho escapa dramaticamente das minhas mãos, despencando na quina da sarjeta com um *CLAP* que me lembra ossos se partindo.

Tudo não demora mais do que alguns segundos para acontecer, e é Eric quem me desperta do meu transe, sua voz trêmula e embriagada.

— Puta que pariu, migo, DESCULPA ! — ele grita. — Foi sem querer, juro! Não te vi aí! Desculpa!

Eri está perdido, confuso entre quem ajudar primeiro: o celular ou eu. Olha de um para outro sem saber o que fazer. No fim das contas, opta por me estender a mão.

Eu respiro fundo, rejeitando seu apoio.

— Eri, sério. Dá um tempo.

Eu levanto. Meu coração está batendo rápido, a dor nos joelhos piorando.

Eric continua a falar. Repete que não teve intenção, que não tinha me visto.

É a maneira como ele fala, no entanto. O fato de estar tão fora de si.

Não consigo me segurar. Um vulcão estoura dentro de mim. Sentimentos que venho guardando há eras entram em erupção, como se estivessem esperando a menor oportunidade para se libertar. São irrefreáveis, e eu explodo.

Não é bonito.

Não é certo.

Tampouco é o lugar ideal.

Mas explodo.

— BICHA, VOCÊ TEM NOÇÃO DO QUE FEZ? TEM NOÇÃO DE COMO ESSA NOITE ESTAVA SENDO ESPECIAL E VOCÊ ESTRAGOU TUDO ?

— Lu... — Eric tenta me acalmar.

Eu pisco, chateado, surpreendido com meus olhos cheios de lágrimas.

A coisa mais horrível que poderia me acontecer seria chorar na frente de Eric. Mesmo que ele tenha me visto desabar trilhões de vezes, mesmo estando sempre ao meu lado em momentos assim...

Eu não quero chorar.

Sério mesmo.

Não quero chorar.

— Era pra ser só você e eu! — Meu desejo agora é dizer tudo que está entalado enquanto as palavras seguem inflamadas, me queimando por dentro.

— Aí na primeira noite que a gente tem você vai e convida seu namorado!

— A gente já falou sobre isso — Eric tenta justificar, mas eu o corto.

— Você nem perguntou como eu me sentia, Eric! Só chamou o Raul e pronto!

— E você disse que tava tudo bem.

— Claro! Você já tinha chamado ele, Eri! Eu não tive escolha! — cuspo.

— Raul é seu namorado e eu entendi quais são as suas prioridades. Mas não precisava estragar a minha noite.

— Não te obriguei a vir embora com a gente — ele diz baixinho, erguendo o queixo em seguida. — Ninguém te obrigou. Você podia ter ficado lá com o boy que *acabou de conhecer* se quisesse. Mas não, tá aqui. Então vamos logo pra casa, Lucas. Não tô nada bem.

O glitter dourado que antes iluminava seu rosto está bizarramente espalhado por todas as partes, a tinta neon derretida. Seu semblante é o de quem vai ter um passamento a qualquer segundo, e ainda assim, sem me conter, insisto em continuar brigando:

— Não ia te deixar sozinho em casa nesse estado! Meu Deus, Eri! Que saco! Você não percebe como as coisas mudaram? Usar o Raul como escape não vai resolver nada! E eu tô tão feliz por você! Tão feliz que você esteja

superando a merda que era a nossa vida e sendo quem você é! Mas pra isso não precisa esquecer o que a gente era!

Perco o fôlego, misturando um milhão de linhas de raciocínio. Eric me encara de boca aberta, sem palavras dessa vez. Dou uma chance para que diga algo, mas não há nada além do vento da madrugada entre nós.

Nem sei por que perco meu tempo. É provável que amanhã ele nem lembre dessa discussão. Qual é o propósito, então? Por que insistir?

Viro em direção ao celular e reparo em Raul. Ele nos observa de dentro do carro, assistindo a discussão. Quando me flagra encarando de volta, desvia o olhar pro volante.

É melhor assim; não conseguiria encará-lo também.

Mordo os lábios e me agacho para resgatar o celular do calçamento frio de Ponta Negra.

A tela está pressionada contra o chão, o visor destorcido de um modo muito, muito irremediável — tão morto quanto qualquer coisa lançada do décimo nono andar de um prédio.

Um entorpecimento atravessa meu corpo. Não sei se fico com ódio do meu melhor amigo idiota, puto com meu azar ou estressado com o prejuízo que vou ter.

A única coisa que martela em meu cérebro é Pierre, seu número salvo na bosta desse celular e a possibilidade de ter perdido a única conexão entre a gente.

Mas se achei que nada mais pudesse dar errado, me enganei terrivelmente.

Como se cobrando uma dívida por ter me presenteado com as últimas três horas espetaculares, a vida volta atrás e lembra que sou seu inimigo número um.

Quando retorno para perto de Eric e falo pra gente ir embora, ele dá uma de *A escolha perfeita* pra cima de mim.

E o que é que significa dar uma de A escolha perfeita, Lucas?, você pode se perguntar.

Pois bem, significa que essa poc desgraçada dos infernos vomita do nada, espirrando um jorro maciço de vômito viscoso, fedorento e nojento igualzinho ao do filme, que acerta diretamente a minha calça.

A maldita calça!!!

Só me resta assistir com espanto o resultado da bebedeira de Eric se precipitar sobre mim.

É um momento humilhante, em que toda a vibe *Cantando na chuva* evapora completamente.

E então percebo que devo ser não apenas o maior caso documentado de mau-olhado entre jovens LGBTQIAP + do Nordeste, mas que o efeito Cinderela-volta-a-ser-borracheira-sem-príncipe chega para todos, amores, e não quero pensar em mais nada.

DESENCONTRO

Naufrágio

Desde que o *Titanic* naufragou em sua viagem de inauguração, em abril de 1912, ao acertar um iceberg no Atlântico, o mundo nunca o esqueceu. A opulência destrozada do navio, as vidas perdidas e as histórias romantizadas da tragédia seriam fonte inesgotável de inspiração para filmes e músicas e livros e até boates temáticas com drag queens sensíveis e franceses encantadores.

Quando vi o filme pela primeira vez, eu ainda era criança. Era exibido tarde na televisão. Meu pai, deitado na rede da sala, roncava alto. Minha hora de dormir já havia passado, mas me esgueirei pelo sofá e, em silêncio, assisti tudo com olhos bem abertos e a respiração agitada, completamente absorto.

Chorei no final, as lágrimas rolando pela bochecha enquanto a Rose cantarolava baixinho e o Jack já sem vida, a pele fria e congelada, submergia no mar.

Tentei imaginar qual seria a sensação de estar ali, nas últimas horas antes do fim, e como seria, também, olhar para trás anos depois, como a versão idosa da Rose fez. A vida dela sempre estaria marcada por aquele incidente. Haveria um antes e um depois; e ela jamais seria a mesma.

Não consigo parar de pensar na ironia de ter vivido minha própria versão (menos fatal, óbvio) do *Titanic*. A festa não teria sido uma experiência completa sem um naufrágio no final, mas eu tinha esperanças de que, ao

contrário do amor de Rose e Jack, meu romance com o francês pudesse ter sobrevivido (vamos combinar que aquela tábua era enorme e com certeza cabia os dois, né?).

À medida que os dias passavam após aquela noite envolvida em fumaça e beijos e sonhos desfeitos, eu me sentia um sobrevivente solitário do *Titanic*. Depois do conto de fadas que foi conhecer Pierre, voltei ao meu mundo desencantado onde tudo dava errado.

Minha primeira grande decepção, no domingo à tarde, foi Thamirys. Lembrei que ela estava com a câmera quando Pierre e eu caímos no chão, pouco antes do nosso primeiro beijo. Se encontrasse alguma foto dele, talvez eu pudesse juntar todas as CSI do LDRV em uma missão especial.

— Miga — falei quando Thamy atendeu a chamada de voz pelo Skype.

— Bom diaaaa! — disse, animada, mas morgou ao ouvir meu “oi” apático. — Aconteceu alguma coisa, Lucas?

— Você tem as fotos do Titanic aí? — desviei da pergunta.

— Bebê, sabe que só posto as fotos das festas uma semana depois, né?

Thamy costuma dizer que a pior parte de ser fotógrafa de eventos é que as pessoas sempre vão cobrar as fotos no dia seguinte. Ela ODEIA que a gente peça.

— É uma emergência, miga.

Passei um resumo sofrido da noite anterior e ela começou a procurar. Minutos depois, Thamirys disse:

— Desapareceram, Lucas. Não tô encontrando um dos cartões de memória que usei, o que significa que tô fodida também. Se realmente não achar — ela suspira —, o pessoal do Titanic vai me matar.

— Tem certeza, Thamy? Já procurou em todos os lugares mesmo?

— Absoluta. Só achei a sua com os meninos, mas não com o francês. Desculpa. Que merda.

- Como isso aconteceu?
- Não sei. É estranho. Quase como se...
- Não fosse pra encontrar ele. É, tá parecendo isso mesmo.
- VDC , Lucas — Thamy encorajou.
- Se achar as fotos...
- Eu envio. Relaxe.

Moral da história: nunca achou.

As fotos eram apenas uma peça do quebra-cabeça. Pierre era o arco principal daquele enredo, seu mistério ainda a ser desvendado. Tentei as estratégias mais criativas que minha mente conseguiu desenvolver para encontrá-lo na internet, mas sem sucesso.

O celular tampouco se salvou. O preço de reparo da tela era o mesmo de um novo. Tomei a única medida plausível: liguei desesperado para os meus pais. Dias depois, após reunir os melhores argumentos, consegui convencê-los. O lado negativo? Tive que abrir mão do presente que esperava ganhar no meu aniversário de vinte anos. A ideia era realizar meu maior sonho e viajar para assistir o show da Katy no próximo Rock in Rio.

No meio disso tudo, ainda havia Eric. Ele preferia fingir que não havia nada fora de lugar, e um silêncio pesado nos cobriu, impregnando nossa relação com o acumulado de todo o não dito.

Ele tentava se mostrar forte, orgulhoso e impenetrável, mas era vulnerável; nós dois éramos. Eu via através de sua armadura; sabia quando mentia ou ocultava algo.

Na adolescência, sobrevivemos aos nossos piores momentos juntos, enfrentando o preconceito das pessoas e a pressão de famílias que não nos entendiam. Eu reconhecia Eric, e Eric me reconhecia; nos aceitávamos naquele olhar mesmo sem entender por quê. Nossa relação foi a acolhida

mais sincera que tivemos, para não dizer a única. Ela nos salvou. Quando tudo era impossível, ter um ao outro tornou a vida suportável.

Se eu o conhecia melhor do que ninguém, havia mais de uma razão para acreditar que a recíproca era verdadeira.

Passadas duas semanas da festa e nenhuma conversa, Eri bateu na porta do meu quarto.

Era tarde da noite e eu estava insone. Via vídeos no YouTube, pulando de uma resenha para a outra nos meus canais literários favoritos.

— Posso entrar?

— Entra — dei permissão.

Eri girou a maçaneta e entrou, embora sem ousar muito; ficou parado na soleira da porta, cabisbaixo. Estava triste. Meu coração se contorceu ao vê-lo assim.

Ficamos em silêncio por alguns segundos.

— E aí? Não vai dizer nada? — perguntei.

— Desculpa. — Eric levantou o rosto. A tela do notebook descansando no meu colo era a única fonte de luz em todo o quarto. — É isso que vim dizer: *desculpa*. Desculpa por não ter dito nada. Desculpa pelo vômito e pelo celular, por ter estado tão ausente na sua vida desde que Raul apareceu. Desculpa de verdade, Lucas.

Eric despejou aquilo tudo e começou a chorar. Chorar pra valer. Em outros tempos minha reação teria sido correr para confortá-lo, mas permaneci quieto.

Eu aceitava seu perdão, claro...

Mas não sabia bem o que fazer com ele.

Tirei o notebook do colo e sentei na cama, de frente para meu amigo.

— Eric... Tá desculpado — eu disse, soando firme. Ele secou as lágrimas e voltou a me olhar. — Mas não sei se tô pronto pra falar sobre isso agora. É

melhor tirarmos um tempinho pra processar tudo.

Lógico que queria ouvir sua versão. Eu também não estava sóbrio, e o motivo pelo qual Eric ficou tão bêbado me intrigava. Dentro de mim, no entanto, sentia um bloqueio enorme.

— Tudo bem. — Ele concordou com a cabeça. — O tempo que precisar. Mas saiba que estou aqui. — Apontou para a parede que separava seu quarto do meu. — Quando quiser, na hora que quiser, me chama.

— Valeu, Eri. Eu sei. Obrigado — assenti, apertando os lábios.

Eric suspirou. Vi que queria continuar conversando. Para o meu alívio, optou por deixar para depois.

— Boa noite, Lu — ele disse, se virando para sair do quarto.

Respirei fundo antes de responder.

— Boa noite, nego.

Hesitante, Eri virou novamente para a fresta da minha porta. Esperou alguns instantes e então disse:

— E pra não esquecer, Lu... Eu te amo, tá?

A gente passou a se comunicar o mínimo possível depois daquela conversa, tratando apenas de assuntos domésticos: os boletos, as faxinas, as comidas estragadas na geladeira... Havíamos nos tornado estranhos vivendo juntos, cada um em sua ilha.

Meu sonho era que nossa relação voltasse ao normal em um passe de mágica, mas não era tão simples. Eu não me sentia o mesmo, não com Pierre me assombrando, sua ausência ditando a minha rotina.

Com o início das férias em julho, a maior parte dos meus amigos viajou para visitar a família no interior, deixando para trás uma Natal tomada de turistas em busca de seus trezentos e sessenta e cinco dias de verão. Eric

partiu com eles e eu fiquei, nossa casa em paz pela primeira vez em muito tempo.

Estava aliviado. Eu era tão fácil de ler, afinal. Meu rosto, um mapa preciso dos meus sentimentos, sempre me traía. Naqueles dias, esconder o que eu sentia de Eric e de todos que me amavam era minha principal missão. Ficar sozinho tornava mais fácil manter o disfarce.

Enquanto contemplava o meu próprio naufrágio, vivi na companhia apenas dos meus fantasmas.

Uma caminhoneira salva meu dia

A pior parte de morar sem os pais é adoecer e não ter ninguém para cuidar da gente. No fim de julho, minha garganta inflamou, não passei na seleção de estágio que queria e ainda discuti com minha mãe, que segue chateada com a minha ausência. É o período mais longo que já passamos distantes um do outro. Mas eu sabia que, se voltasse para casa, ela enxergaria dentro de mim, e não tenho a menor intenção de mostrar como me sinto.

Por mais que eu queira colo, por mais que queira algum tipo de consolo e calor humano, a ideia de estar com outras pessoas me dá calafrios. Minha família está acostumada com a versão brilhante e feliz de mim — nada do que sou agora. Não quero que conheçam as minhas sombras, que sintam pena de mim ou que me vejam triste.

Então, quando mais um agosto chuvoso chega, aqui estou: sem vida social, sem namorado, e com Ana batendo na porta do meu quarto.

Sabia que uma intervenção ocorreria, mas não esperava que fosse acontecer logo hoje. Me encontro em estado vegetativo, definhando em posição fetal debaixo dos lençóis, o ventilador ligado na potência máxima.

Eu deveria deixá-la entrar, mas não consigo levantar da cama. Não *quero* levantar da cama.

— Sei que você tá aí — ela diz, impaciente, do outro lado da porta. — Se não abrir em cinco segundos, Lucas, EU VOU ENTRAR!

Abafo um gemido contra o travesseiro quando Ana finaliza a contagem e invade o quarto.

— Caralho. — Sua voz expressa o susto. — O que aconteceu com esse lugar?

— Nada.

Ana põe as mãos na cintura. É imponente na contraluz, gigante, uma versão dark e perigosíssima da Mulher-Maravilha. Levanta as sobrancelhas da maneira assustadora que faz quando está chateada. Antes que eu possa protestar, seu dedo indicador pressiona o interruptor.

— Porra, Ana! — reclamo quando a luz fluorescente é acesa, protegendo os olhos com as mãos.

— Porra digo eu, boy. Que merda é essa? — Ana pressiona as têmporas com a ponta dos dedos, horrorizada com a bagunça. — Por que tá agindo assim?

— Não é da sua conta.

— Ah, qual é, Lucas! Por favor.

— Só me deixa em paz, tá?

Ela suspira.

— Há quantos dias você não sai?

Essa é uma pergunta delicada.

As férias acabaram há menos de dez dias. Gazeei aula na quinta. Como nunca tenho nada nas sextas, emendei o fim de semana. Hoje é sábado. Suponho que ainda faça sol, embora a cortina disfarce o tempo lá fora. Ou seja, uma vez que não deixo minha casa desde quarta, a resposta seria três dias de confinamento.

Não digo nada. Ela afasta a franja dos olhos e inclina o pescoço, me analisando. Eu conheço o movimento: é basicamente uma declaração de guerra. Aluna do quinto período de psicologia, Ana se sente no direito de

dar pitaco na saúde mental do Rio Grande do Norte inteiro, em especial na minha.

— Quem te deixou entrar?

— Quem você acha? — ela ironiza. — Talvez fique surpreso ao saber que Eric mora nessa casa também. Eric, seu melhor amigo desde a creche em Luna do Norte, lembra? Pois é, foi ele que me pediu pra, tipo, ver se você ainda tava vivo.

— E-ele não precisava fazer isso! — eu gaguejo.

— Era questão de tempo até eu aparecer, Lucas. Não é como se você tivesse dado escolha quando parou de visualizar as mensagens.

Não respondo. Meu celular está reproduzindo o *Ultraviolence* de novo. Lana Del Rey havia sido minha única companhia nos últimos dias, sua voz sussurrada e melancólica cantando “Cruel World”. Eu pauso a música e encaro Ana.

— Já viu que eu tô vivo, né? Então pode ir. — Faço um gesto em direção à saída.

Ela fica calada. Percorre o quarto, avaliando tudo, e abre as cortinas. Ainda é dia, a tarde nublada do lado de fora combinando com o meu humor.

— É por causa dele? — Ana pergunta calmamente. — Por causa do francês?

Meu silêncio é um incentivo para sua mente de quase-psicóloga. Eu a conheço. Sei que seu cérebro já está no *modus operandi*, traçando um milhão de teorias.

Como imaginei, Ana morde os lábios e senta na beirada da cama.

— É por ele, né? — Ela estala os dedos. — Meu Deus, Lu. Você tá assim por um cara que viu uma vez?

— Para.

Ana faz que não com a cabeça.

— Sério que você se afastou dos seus amigos porque o celular quebrou e não conseguiu mais falar com um boy que pegou por meia hora na balada?

— O celular não “quebrou”! — eu explodo, soando como uma criança contrariada. — Foi *destruído violentamente* ! E Eric vomitou em mim!

— Bicha, você vai fazer vinte anos. Celulares quebram, caras desaparecem, amigos vomitam — ela diz. — Qual é o problema?

Eu suspiro.

Sei que Ana está certa; estou sendo infantil. Sua abordagem, porém, é injusta. Eu a apoiei quando terminou com Sophia e quando Thamy pediu um tempo. Ana ficou um trapo em todas essas ocasiões. Ela também nos evitou, passando um tempo sozinha, e eu *entendi* .

Não é demais pedir reciprocidade.

— Agradeço pela preocupação, de verdade. Mas sinceramente, Ana? — Eu a encaro. — Te vi ficar no chão várias vezes. Em nenhuma delas invadi o seu espaço.

— São casos diferentes. Sofi era minha namorada há dois anos, se é disso que está falando. Lógico que eu ia ficar na bad — ela contesta. — Você só está bancando a vítima pra virar o jogo.

— “Bancando a vítima”? Sério? — protesto, chateadíssimo.

— Sim, Lu, *bancando a vítima* . Cara, ficasse chateado porque não estava saindo com Eric, reclamando de ser “deixado de lado”. Quando vão para uma festa juntos, TCHÃRAAAM , você desaparece! Estava tão absorto no próprio mundo que nem lembrou dos amigos. E não tô passando pano pro Eric, tá? Ele também errou feio, mas você fez com ele a mesma coisa que criticava. Percebe isso?

— Você não está enxergando tudo, Ana. Pode pensar que estou assim só por conta da festa, mas não é verdade.

— Amigo — ela toca minha perna —, como vou saber o que é se você não desabafa, se não se abre sobre o que está sentindo?

— É só que... — começo quando consigo, fugindo do seu toque. — É a primeira vez que isso acontece. Nunca agi assim antes porque NUNCA me apaixonei. Essa experiência é nova para mim. E sim, é patético sentir isso por alguém que conheço há tão pouco tempo, mas agora entendo.

— Entende o quê?

— O que todo mundo sente quando se apaixona! — E aí está: a palavra cujo significado eu desconhecia todo esse tempo. — Antes era como se vocês fizessem parte de um grupo seleta, que eu não entrava por não preencher o requisito. Me sentia um estranho no mundo do amor romântico, pensando que havia algo errado comigo. E que talvez, no fundo, eu não merecesse ser amado.

— É isso que te atormenta? — Ela está surpresa.

— É a primeira vez que sinto algo assim, Ana, o coração disparando por alguém, vivo e pulsante.

— Então por que esconder esse sentimento?

— Porque não consigo lidar com isso. — Eu balanço a cabeça, suspirando. — Você sabe que, por mais que tente disfarçar, no fundo sou uma manteiga derretida.

Ela assente.

— Você sempre chora quando assiste comédia romântica, por mais que esconda pra ninguém ver — diz, sorrindo ligeiramente. — Lembra quando a gente foi ver *A culpa é das estrelas* e eu pensei que você fosse ter um treco?

— Pois é, e olha a minha estante! Por incrível que pareça, não tem só livros de fantasia.

Ana vira o pescoço, os olhos apertados denunciando sua curiosidade.

— *Eleanor & Park* , *Garoto encontra garoto* , *Aristóteles e Dante descobrem os segredos do Universo* ... — cito alguns dos títulos. — Eu só sabia o que era amor através de histórias. Até agora. Até Pierre. Até o Titanic.

Esfrego as mãos no rosto. Posso sentir a umidade, o tremor em meus dedos. Não sei se me fiz entender. Nem acredito que falei *tudo* isso, que me confessei dessa forma. Me sinto exausto, mas estranhamente aliviado também. Leve.

Quando busco Ana, descubro em seu rosto o que menos esperava.

— Você tá sorrindo? — pergunto. Tento parecer indiferente, mas não consigo disfarçar a incredulidade. — Depois de tudo que falei, você tá *sorrindo* , miga? Isso não é coisa de, sei lá, sociopata?

Ela ri alto.

— Não, idiota. Isso se chama intervenção — Ana amolece. — Vem aqui, vem.

Minha amiga abre os braços. Antes que possa listar as razões pelas quais não deveria abraçá-la, me jogo nela. Abraçar Ana é uma delícia. Depois de tanto tempo distante, não fazia ideia do quanto precisava dessa familiaridade.

É um abraço atrapalhado, fungado. Ana faz carinho na parte de trás da minha cabeça, como uma irmã mais velha consolando o caçula chorão, e não resta dúvidas: ela é uma das minhas pessoas preferidas. A gente se conhece de vista desde criança, já que também é de Luna do Norte. Mas por ser alguns anos mais velha e ter estudado em outras escolas, não chegamos a nos aproximar. Nossa amizade só se solidificou pra valer quando Eric e eu viemos para Natal.

É engraçado. Apesar de Ana nunca ter dito nada, eu meio que sabia que ela era lésbica. Não era claro na época porque ela era uma das

coordenadoras de um grupo de jovens da Igreja católica, e realmente correspondia às expectativas da personagem. Foi em Natal que Ana se sentiu livre para externar sua sexualidade. A gente acompanhou esse processo mais pelas redes sociais. Ela não gostava de voltar pro interior. Ainda não curte, na verdade — seus pais, religiosos ao extremo, não receberam bem a notícia, e as pessoas a julgam muito, comparando com seu passado.

Era a típica menina católica usando vestido fofo florido nas missas de domingo quando foi embora de Luna. Hoje em dia é a própria Ruby Rose em *Orange Is the New Black* : cabelo curto e raspado na lateral, algumas tatuagens, rosto fino e roupas geralmente esportivas.

É o ser humano mais sarcástico e engraçado que conheço, militante da Marcha Mundial das Mulheres e leitora assídua de Marx e Simone de Beauvoir.

Graças a ela minha chegada à capital potiguar foi bem menos conturbada do que poderia ter sido.

— Tive que te irritar pra ver se você dizia alguma coisa, abigobel — Ana esclarece quando minha cabeça descansa em seu ombro.

— E funcionou — sou sincero.

— Claro que sim. Como psicóloga... — Ela umedece os lábios, e eu pigarreio. — Tá, como *futura* psicóloga, meu parecer é que você demonstrou uma postura extremamente passivo-agressiva, além de um tanto masoquista, Lu. Parece buscar prazer na dor do coração partido causado pelo desencontro com o francês. Uma dor, aliás, que serviu como mote de questionamento existencial, e que evidenciou todo um comportamento autodestrutivo, nessa sua sina de querer preencher um suposto vazio interior.

O jeito que ela fala é como se eu estivesse no leito de morte.

— Quantos dias ainda tenho de vida?

— Não vai morrer coisíssima nenhuma. — Ana me dá um tapinha no braço. — Você só precisava de um catalizador, algo que te ajudasse a botar tudo pra fora.

Esse catalizador era ela, claro.

Minha risada é esganiçada.

— Muito obrigado, Freud.

— Bom, não sei se Freud seria a comparação ideal pra uma feminista como eu — ela pondera —, mas de nada, migo. Sei que sou uma amiga excelente.

— É mesmo.

— E você é muito fofo. Toda essa história de se apaixonar pela primeira vez é tão bonitinha. Na parte em que começou a citar os livros eu tava, tipo, meu Deus, vomitando arco-íris por dentro! — Ela bagunça meu cabelo.

Só faço rir. Nos abraçamos mais um pouco até Ana se afastar, levando consigo o forte cheiro do perfume de tangerina e limão que é a sua cara. Ela organiza os cabelos revoltos e me estuda. Eu nem tenho mais o que falar depois do abraço e da explosão. É difícil retomar a conversa.

Faço uma varredura no quarto. Além do amontoado de roupas, pratos e copos, há sapatos, cuecas sujas, lençóis retorcidos, saquinhos de pipoca Bokus e embalagens de Treloso de morango espalhados pelo chão. Pelo visto, vou ter que fazer uma faxina daquelas.

— Ainda não acredito que você se apaixonou — Ana diz depois de um tempo.

— Eu também não.

— E um francês em Natal? — Ela tenta me animar, batendo seu ombro no meu. — Qual é a probabilidade?

— É isso que me deixou ainda mais confuso. É quase zero, mas aconteceu!

— Tem noção que sua carreira internacional começou antes que a da Anitta?

A gente ri até se acabar.

— Desculpa por ter sido tão idiota — eu digo.

— Tudo bem. Só não some de novo. — Ana faz carinho em meu rosto. — Todo mundo tá com saudades de você.

Dou mais um beijo em sua bochecha e me ajoelho aos seus pés. Segurando sua mão esquerda, faço uma reverência ridícula.

— Oh, Ana, rainha lésbica caminhoneira, dona da grande galáxia socialista de Vagines! Oh, Poderosa Ana, obrigado por me permitir encontrar a verdade que se escondia bem debaixo do meu nariz!

Ela me abraça.

— Quer saber? Acho que a gente devia f1 pra equilibrar de vez sua energia e celebrar sua reintegração oficial à sociedade — Ana propõe.

— Uau! Sério? Tem aí?

— Eu não faria uma intervenção sem trazer um verdinho.

Eu amo essa menina!

— Deus te abençoe, minha filha.

— Vou desligar o celular pra não tuitar merda — ela diz arregalando os olhos, e eu dou outra risada.

Ana tem vários seguidores no Twitter porque está sempre hitando com postagens sobre feminismo e outros temas políticos. Não é o meu caso; meu Twitter só serve para enaltecer Katy Perry e postar frases como “tô dormindo na aula de metodologia alguém me tira daqui” ou “amo/sou sushi, queria um rodízio” — nada que gere curtidas instantâneas. É, sou flopada.

— Simbora pra sala!

Fazemos o que ela sugere — eu com o cu na mão, morrendo de medo do vizinho coxinha sentir o cheiro e reclamar com o síndico, que com certeza

fofocaria com mainha (ainda não estou preparado para ser o filho gay e maconheiro).

Quando sentamos no sofá, Ana tira da bolsa um enorme beck bolado e um isqueiro azul com a figura de um triângulo apontado para baixo que lembra exatamente o que você pensou.

Ela acende o baseado, dando um trago demorado para impedir que o fogo se apague rápido. Então expira, a fumaça dançando no ar antes de se extinguir.

Ana faz menção de passar o beck para mim. No último segundo, quando meus dedos estão praticamente ao seu redor, ela balança a cabeça em negativa.

— Pensou que seria fácil? — ela diz, maligna. — Para merecer o beck sagrado, primeiro você tem que fazer um pacto.

Reviro os olhos.

— Eu não vou vender minha alma pro diabo.

— Não é isso.

— Então o que é?

Ana dá outra tragada, juntando fumaça nos pulmões.

— Pra poder pitar o beck sagrado — insiste, baforando na minha cara —, você precisa voltar a falar com Eric.

A voz dela sai anasalada, como se tivesse inalado gás hélio.

— Combinado — eu aceito os termos, surpreso com a facilidade com que chego à decisão. Ana também não parece acreditar. — Isso já foi longe demais. Vou me acertar com ele.

— Vai mesmo?

— Prometo.

— Era tudo o que eu precisava ouvir. — Ana é a mestra da chantagem.

Ela segura a minha mão de leve, e faço uma segunda promessa em silêncio: não vou mais afastar as pessoas que amo quando estiver mal. Vou tentar me abrir e lembrar que sempre posso contar com elas.

— E agora me conte tudo sobre o francês que conquistou seu coração — ela diz. — Quero entender como esse milagre aconteceu.

Ana me entrega o beco com um sorriso reluzente e eu dou o melhor trago da minha vida.

Amigas & Ex-Rivais **(Edição “De Volta para a Minha Terra”)**

No fim, meu acerto de contas com Eric acontece antes do esperado. Ainda naquela tarde, enquanto Ana e eu viajamos, rindo como babuínos ensandecidos após o beik (e meu resumo completo da noite no Titanic), ele aparece.

Eric para na entrada da sala, o cabelo arrumado e o rosto sério. Está surpreso em me ver sorrindo e fora do isolamento sombrio do quarto; me estuda com curiosidade, as sobrancelhas arqueadas. Eu também o observo. Esse Eric é o *meu* Eric; nada daquela versão Emily-Rose-endemoniada da madrugada no Titanic, quando estava tão ausente de si mesmo.

Sustentamos o olhar um do outro sob a atenção redobrada de Ana, testando nossos limites, e pronto.

Basta isso.

Eu meneio a cabeça, como se dissesse: “Ei, bonita. A gente tá bem, ok? Chega dessa putaria besta entre nós”.

Eric sorri de canto e dá de ombros, como se dissesse: “Tá bom, bonita. Fico feliz que você se deu conta de que estava agindo como uma criança mimada”.

— Oi, gente — ele diz animado.

— Oi, Eric — eu falo, tão alegrinho quanto. — Tudo bem?

— Tô ótimo, Lucas — Eri responde.

Ana alterna o olhar entre nós com curiosa descrença. Às vezes eu sinto como se fôssemos ratinhos em seu laboratório. Ela estuda as complexidades das relações humanas através de seus amigos, algo que, devo dizer, é bastante impressionante.

— Que bom! Senta aqui com a gente — sugiro, sorrindo.

— Espero que vocês tenham tido a decência de deixar pelo menos uma pontinha pra mim. — Meu quase-ex-melhor-amigo diz ao sentar com as pernas cruzadas no tapete da sala.

— Na verdade, não — respondo. — Mas a Ana vai bolar outro pra gente, né, miga?

Ana sorri.

— Minhas unhas não estão pintadas de branco pela paz — ela diz —, mas farei esse bem à humanidade.

E assim nosso cessar-fogo é selado.

Com naturalidade, Eric se junta a Ana e eu assistindo *Girls in the House* chapadíssimos na sala. Ele é, de fato, a peça que faltava — a engrenagem secreta que promove minha vida a um nível quase aceitável de normalidade.

Só temos A Conversa depois do meu aniversário de vinte anos, em uma não muito emocionante edição especial do quadro “De Volta para a Minha Terra”.

Não dá para me esconder eternamente; é preciso encarar minha família e Luna do Norte após tantos meses isolado em Natal. Cheguei a pensar em fazer surpresa, mas os planos foram frustrados ao descobrir que não só meus pais me aguardavam como tinham preparado uma festa improvisada com Eric.

Chegamos em um final de tarde calorento. O ônibus lotado sacoleja em direção à minha cidade num trajeto de quase quatro horas, deixando o verde da capital para trás e abraçando um sertão amarronzado, sem chuvas desde maio.

Luna do Norte está como sempre naquela sexta-feira: a fumaça das cerâmicas espirala na entrada, o Monte da Águia risca o céu, e há os mesmos velinhos sorridentes nas calçadas.

A casa onde cresci, um primeiro andar, fica em cima das Lotéricas, no centro. A vista da varanda dá para uma mangueira enorme — que várias vezes havíamos conseguido impedir que a prefeitura arrancasse — e para a praça principal, com um chafariz que é acionado no inverno, grama sintética, coreto e quiosques.

Amigos, primos, familiares e achegados, mais ou menos umas trinta pessoas, se espremem no alpendre esperando minha chegada. A maioria está ali pela comida, mas faço cara de espanto quando as luzes são acesas e os parabéns, ecoando de todos os lados, começam em uma algazarra só.

Um enorme bolo de chocolate com velinhas cor-de-rosa (tenho que dar os créditos: meus pais me conhecem) celebra meus vinte anos. Balões coloridos pendem do teto e uma mesa abriga brigadeiro, salgadinhos e fotos engraçadas de quando eu era criança.

Painho e mainha estão em lados opostos do alpendre. Ele, se balançando em sua rede, sorri. É gordo e branco, mais baixo e calvo do que gostaria, com o que sobrou do cabelo exibindo uns poucos fios cinza-amarelados. A camisa, em vez de cobrir o peitoral, pende na lateral do ombro. Já posso ouvir o chilique de mainha depois que os convidados nos deixarem, reclamando da sua falta de etiqueta.

Já ela, posicionada atrás do bolo como a guardiã que é, usa uma jaqueta amarela com forro em seda e um montão de maquiagem. É a pessoa mais

vaidosa que conheço, capaz de sair com vestido de veludo para ir à pizzaria da cidade vizinha. A cada ano fica mais bonita e agora, aos quarenta, aparenta estar na casa dos trinta. É uma cópia de vovó: pele preta e brilhante, diferenciando-se só pelos traços finos do rosto, que puxam mais ao meu avô, branco e de ascendência holandesa.

Encarando os dois, me sinto desconcertado, como se fosse reapresentado a eles.

Dona Vera e Seu Calisto não formam o casal mais óbvio. Como prole dos dois, sou tão diferente quanto. Minha própria pele é um reflexo dessa mistura que me intriga. Antes da universidade e do meu envolvimento com o movimento estudantil, teria me identificado como “pardo”, sem questionar, se um agente do IBGE me abordasse no portão de casa.

Agora, todas as discussões sobre colorismo me ajudaram a ver essa questão por um novo ângulo. Estou em processo de me entender como negro de pele clara, algo que, embora sutil para muitas pessoas, representa uma grande mudança em relação a como me enxergava. Mesmo assim, sei que ser negro para mim é diferente do que é para Eric: ele enfrenta situações racistas com mais frequência, e certas oportunidades não me são negadas por conta da minha cor.

Essa passabilidade me coloca em uma gangorra às vezes, sem saber para onde pender, mas sigo tentando encontrar minha identidade.

Painho é o primeiro a falar comigo após os parabéns. Veste a camisa rapidamente, dá um pulo da rede e me puxa para um abraço.

— E não é que o bom filho à casa torna, meu povo? — ele diz, seu timbre marcante se sobressaindo. É o que há de mais notável nele; impossível esquecer essa voz após ouvi-la a primeira vez. — Feliz aniversário, moleque!

— Valeu, painho! — respondo, observando o modo como as rugas em sua testa formam uma fenda vertical ao sorrir. — Senti saudades do senhor.

— Que tua vida seja coberta de alegrias, filhão!

Não lembro de interagir desse jeito com ele há anos, talvez desde criança. Nossa relação não é ruim — só nunca foi a mais fácil. Sou privilegiado por ter pais que me acolhem e me apoiam, claro, mas seria mentira dizer que foi assim desde o princípio. Nada acontece de um dia para o outro; há muitas tempestades antes de o arco-íris colorir o céu. Comigo não foi diferente.

— Vai ser, pai!

— E que você tenha muito juízo, Lucas, porque quando eu tinha a sua idade...

Ele nunca consegue completar a história.

— Quando tinha vinte anos o quê, Calisto? — mainha o interrompe, me apertando em um abraço firme. — Quando tu tinha vinte anos tava com uma esposa grávida e morando de favor na casa da sogra, seu marmanjo.

Agora dá para entender quem eu puxei?

— Mainha...

Eu a abraço ainda mais forte. Lembro de Pierre, seus olhos marejando quando falou sobre a própria mãe. Sou grato por ter dona Vera em minha vida. Em pensamento, juro não me ausentar outra vez.

— Parabéns, filho! — ela sussurra.

— Obrigado, mainha — respondo com um beijo em sua bochecha. — Amo demais a senhora, viu? Desculpe ter demorado tanto pra aparecer.

— O que deu em ti, hein, menino?

— Um filho não pode dizer que ama a mãe? — Faço beicinho.

Ela ergue as sobrancelhas, desconfiada, como se checasse se ainda sou o velho, bom e pidão Lucas. Acho que vai desmascarar meus sentimentos ali, na frente de todo mundo, mas simplesmente diz:

— Poder pode, mas quando você fala eu já penso que vou ter prejuízo.

— Não vai. Obrigado pela festa. Tá linda.

Mainha segura meus dois braços e me leva para a mesa com os salgados.

— E você trate de comer. Tá tão magrinho, Lucas. Só os ossos, meu filho.

Dou uma gargalhada e a beijo.

O resto da noite passa entre fotos, uma umbuzada deliciosa, Eric colocando o rock mais pesado da história — “Feliz Aniversário”, do RBD — para tocar e até uma cervejinha com a galera no coreto.

Estar em casa é... *estranho*. Não que me sinta deslocado; só é doido estar em Luna do Norte após os últimos acontecimentos. Eu até sinto a mudança em Eric neste território: o modo como sua postura varia, como olha de lado e monta guarda; relaxando apenas quando estamos com os amigos mais chegados, universitários de outras cidades que regressam para o ninho dos pais todo fim de semana. Talvez seja verdade o que dizem; só sentimos o peso da liberdade quando ela nos é tirada.

Passo o sábado na fazenda do tio Joca, jogando dominó e cartas com minhas tias e primas, ouvindo todas as fofocas que perdi — a primeira-dama se separou do marido e deve se candidatar a prefeita com o amante, ex-secretário de Turismo, como vice; dramas do interior.

Volto a encontrar Eric no domingo, quando ele aparece lá em casa fazendo barulho com a moto do pai.

— Vem, Lu! — Eri buzina, levantando o capacete teatralmente ao ver meu rosto sonolento na varanda.

— Se eu cair, Eric... — ralho, subindo na garupa pouco depois. Eric não é conhecido por ser o melhor piloto do mundo, mas sobrevivemos.

Ele me leva até um dos nossos lugares preferidos: o início da Trilha dos Perdidos, um sítio arqueológico entre a Serra da Lua e o Cânion dos Amores. É um dos únicos pontos turísticos de Luna do Norte, com suas

pinturas rupestres milenares e histórias sobre luzes dançantes em noites de lua cheia, chupa-cabra e abduções alienígenas.

Nosso destino é a Pedra do Gato, uma obra de arte da natureza que lembra exatamente o que o nome sugere. Ali, nos sentamos em um banquinho de carnaubeira improvisado, o sol da tarde projetando a sombra felina da rocha no chão da caatinga.

— Se perguntando por que te trouxe aqui, né? — Eric fala.

Na verdade, não me surpreendo tanto. É uma tradição nossa fazer esse circuito. De algum modo, contudo, pensei que seria diferente dessa vez.

— A gente finalmente vai ter a conversa? — sou direto.

— Eu queria, se você estiver a fim — ele diz. Depois, mais comedido: — Preciso te contar uma coisa.

Quando paro para observá-lo melhor, dá para ver que há mesmo algo acontecendo. As unhas de Eric, irretocáveis, estão roídas. Ele exala ansiedade — como se estivesse numa batalha entre estar muito animado e muito receoso, o que não combina com ele.

— Não é certo ainda, Lu, mas passei na primeira fase da bolsa do Ciência sem Fronteiras.

Não era isso que eu estava esperando.

— TÁ BRINCANDO ? — grito.

— Não!!!

De repente, somos duas crianças cheias de sonhos outra vez, nos abraçando na cidade que nos viu crescer, celebrando aos risos as conquistas que tanto antecipamos. Nunca me senti tão orgulhoso dele.

— Raul sabe disso? — pergunto após a empolgação inicial.

O rosto dele murcha na hora. Eric faz que não com a cabeça.

— Eu tentei, mas...

— Acha que ele não vai gostar?

— É. — Eric dá de ombros. — Mencionei a possibilidade hipoteticamente e ele não reagiu bem. Odiou, na real. Disse que acabaria o namoro se algo assim acontecesse.

— Ele disse *isso* ?

Fico chateado. Eric se preparava para aquela oportunidade fazia tempos, estudando muito para garantir as melhores notas; às vezes mais do que sua saúde mental permitia.

— Disse. E agora eu tô nesse impasse. Não é nada oficial ainda, é a primeira parte da seleção, mas...

— Você sempre consegue o que quer, Eri. Não conheço ninguém mais esforçado — falo com firmeza. — E esse é o teu grande sonho, nego. Acho absurdo que tentem se colocar entre você e ele.

— Mas amigo...

— Olha, sei que a gente tá pisando em ovos nessa conversa. Se me trouxe aqui é porque quer ouvir o que eu penso, certo?

— Não importa quantos boys apareçam em nosso caminho — Eric faz carinho no meu braço —, sempre vou te ouvir.

— Então tá bom. Foi você quem pediu. — Finalmente, FINALMENTE !!!, posso dizer o que estava engasgado. — Vamo lá: nunca percebeu nada estranho em como o Raul te trata?

— Ele é um pouco cabeça-dura...

— Não, Eri. Ele age como se fosse superior a você. Tenta te diminuir de *todas* as formas, em diferentes circunstâncias, e consegue, porque você realmente se apequena quando está com ele.

— Nunca percebi que isso acontecia.

— Eu sei. Pra alguém que fala tanto sobre energia, me estranha que não perceba que ele suga a sua.

— Hã?!

Eu suspiro. O amor realmente turva nossos sentidos.

— Olha, sei que você está apaixonado, que Raul é o seu primeiro namorado e que essa relação é importante, mas ele não se preocupa com a sua felicidade — eu digo para um Eric desconsolado. — É egoísta pra caralho, egocêntrico demais, o mundo todo precisa girar ao redor dele... Quando estão juntos, você se torna um planeta nanico orbitando a Grande Estrela Raul.

Ele suspira.

— Não sei o que dizer.

— Tenta isso: por que você ficou tão bêbado no Titanic?

— Eu... — Eric enfia o rosto entre as mãos. — Acho que você tem razão sobre o Raul. Sinto como se estivesse perdendo ele, como se nada que faço fosse suficiente... Na festa foi assim. Não era nada *claro* na minha mente, mas eu sentia, e acabei bebendo demais. E tinha o lance de que eu sabia que estava sendo escroto contigo também, esquecendo meu melhor amigo por um boy que...

— Não te valoriza.

— Isso. E eu não sei. Era diferente no começo, Lu. Não que ele tenha mudado tanto. O sexo ainda é ótimo, a gente se diverte junto, ele me apresentou à família... — Eric suspira. — Mas eu tenho dado tudo de mim e nunca é o bastante.

Eu passo os meus braços sobre os ombros de Eric.

— É uma linha tênue. As partes divertidas são legais, mas será que compensam todas as partes ruins? — digo com delicadeza. — Sei que você está vivendo sua fantasia: namorando um cara bonito, com uma família que te recebeu bem... E seria mesmo lindo se fosse um relacionamento que te colocasse pra cima.

— Acha que me faz mal?

— Eu não posso dizer isso por você, mas a impressão que tenho é que você saiu da casa de um pai que te limitava para cair nos braços de um namorado que faz o mesmo.

Passamos um bom tempo em silêncio.

Deixo Eric processando, o olhar fixo nos paredões amarelados ao nosso redor. Perto daqui, se seguirmos a trilha que corta os cânions, encontramos cavernas com mensagens ancestrais cravadas nas pedras.

— O que você vai fazer? — pergunto quando o sol começa a desaparecer, colorindo o sertão com tons de laranja.

— Não sei... Essa conversa foi muito esclarecedora, Lu. Gratidão de verdade. — Eric diz. — Não quero tomar nenhuma decisão precipitada. Vou conversar com ele primeiro.

— Muito bem, migo. É o melhor.

— Mas e você? — Eric pergunta. — Como tá se sentindo?

— É difícil explicar. Como alguém pode ficar de coração partido depois de uma só noite, Eric?

— O francês te arrasou mesmo, né?

— Amiga, *demais*. O mais doido é que eu tenho a impressão de que vou esbarrar com ele a qualquer momento. Fico procurando ele na parada de ônibus, esperando uma solicitação de amizade no Facebook...

— Tá mais apaixonado por ele do que já foi por mim?

— Nem vem.

— Táááá! — ele ri. — Sabe que eu não lembro bem do Pierre? O rosto dele tá borrado na minha mente, mas lembro que era alto e simpático. Eu paguei o maior mico naquela noite, não paguei?

— Tá no top dois dos maiores micos da sua vida, Eri, ao lado da vez que soltou um peido no meio do seminário de geografia.

— Vai mesmo me lembrar disso?

— Até que a morte nos separe.

Bem acordado (ou momento autoanálise)

À medida que deixo os dias solitários para trás, começo a entender por que foi tão importante dedicar esse tempo a mim mesmo. Estava envolvido demais no meu próprio drama para enxergar todas as nuances ao meu redor. Me distanciar e buscar uma nova perspectiva foi a única maneira de ver a imagem completa.

Eis o que concluo: passei os meses antes da festa correndo atrás de Eric e da nossa amizade, tentando desesperadamente mantê-la como costumava ser. Se ela já não era a mesma, tampouco *nós* éramos. Vi um tuíte que dizia o seguinte: “Quando não aceitamos que as relações e os sentimentos mudam, estancamos o fluxo natural da vida; nos frustramos e machucamos”.

É isso, sabe? Deixar que as mudanças ocorram, estar aberto ao novo, não se prender demais. Eric e eu não somos os meninos que se mudaram para Natal em 2014, inexperientes e com fome de mundo. Somos os meninos que *vivem* essa experiência e são transformados por ela. Nosso passado está fora de alcance porque não existe mais.

E Pierre.

Por um lado, ele representa o padrão eurocêntrico de beleza (branco, loiro, cult, olhos claros, FRANCÊS !!!), o mocinho dos livros e filmes que

amo, suposta e enganosamente capaz de me salvar de uma realidade onde nem sempre pude ser quem sou. Por outro, Pierre é DE VERDADE .

Ele não é só uma ideia. É o menino gentil, charmoso, inteligente, romântico e vulnerável que me enxergou para além da superfície, como poucos tentaram. Eu realmente o conheci. Nós de fato vivenciamos a noite mais linda no Titanic.

Passei a vida sonhando com aquilo: com o momento em que encontraria alguém que despertasse em mim o que ele conseguiu em poucas horas.

Uma vez que nos desencontramos, preenchi as lacunas com idealizações. Por um tempo, ele deixou de ser a pessoa real que era para se tornar o que projetei; um personagem em minha própria história inventada.

Criar expectativas para um reencontro com Pierre era aguardar um destino tão cruel quanto o *Artpop* , da Lady Gaga.

Garanti a Ana e Eric que seguiria em frente, mas falar é mais fácil do que fazer. Parte de mim — a parte que sabe quão precioso Pierre é — não quer deixá-lo ir; se recusa a desapegar de quem seríamos se tivéssemos tido a chance.

Se não me vejo mais da mesma forma que antes, é muito por conta dele.

Após Pierre, medos e traumas antigos vieram à tona. Foi difícil lidar com eles, a princípio. Tentei mantê-los nas sombras, mas quando finalmente permiti que emergissem, algo mudou: pela primeira vez em anos, consegui olhar para dentro de mim de verdade.

Uma das minhas descobertas foi realmente chocante. A razão pela qual não conseguia me apaixonar era delicada: eu não gostava de mim. Eu afastava as pessoas antes que me rejeitassem e sentissem o que eu mesmo sentia a meu respeito — nada. E como eu não tinha um bom relacionamento comigo, era difícil ter com os outros.

O clipe de “Wide Awake” ilustra bem o processo que passei. Nele, a Katy sai da personagem colorida que projeta para o mundo ao tirar a peruca lilás e se encarar no espelho do camarim. Diante de si, ela abandona seus disfarces e se transporta para *dentro*. Ali, nada é o que parece. Ela se descobre em sombras; Katy está presa em um labirinto representado por sua própria mente. As paredes estão se fechando, e a única forma de atravessar o caminho que se estreita é se apegando à sua luz.

A luz é a sua criança interior. Ela se encontra com aquela Katy, pequena, forte e inocente, e tenta protegê-la, quando na verdade é a sua versão adulta, traumatizada e frágil, que precisa de proteção. Ao ver a criança lutar contra os demônios de sua mente, Katy se liberta das amarras que a prendem e foge com a menina, rompendo sua prisão interior e encontrando a saída do labirinto.

O mundo se ilumina. As cores dos figurinos mudam. Katy fica mais leve. Mas até aquela saída é cheia de armadilhas — como o príncipe no cavalo branco com quem ela poderia escapar de si novamente, se quisesse. Dessa vez, Katy o enfrenta e reassume sua força. O labirinto se enche de vida. Ela chega ao final da aventura e se despede da criança, voltando à realidade.

Acho essa imagem de “Wide Awake” maravilhosa. Trata de encontrar sua identidade em meio aos traumas, abraçar sua criança interior, deixar de fugir ou fingir. Em suma, *ser* para além das máscaras.

Como Katy, eu estava muito apegado às minhas próprias máscaras para ver a parte de mim que continuava machucada.

E então eu visitei memórias.

Quando tinha dezesseis anos e minha avó falou que sentia orgulho de mim por ser “macho”; *orgulho* por não ter “virado” o viado que achava que me tornaria pela criança afeminada que fui.

Quando dois garotos me bateram e mantive essa violência em segredo.

Quando riam de mim só por ser diferente.

Quando o pai evangélico de Laurinha a proibiu de brincar comigo porque eu era um “sodomita filho de Satanás”.

Tudo isso constrói defesas. Tudo isso nos molda e nos fere.

Minha sexualidade não é mais um entrave na minha relação com meus pais, mas sofri muito no caminho. Tive medo de não ser amado, de não ser aceito... É difícil manter a autoestima quando o mundo ao nosso redor nos diz que somos feios e errados.

Encaro todas essas perguntas e reflexões como sinais: sinais de que estou finalmente crescendo, assumindo responsabilidade pelo que sinto e pelo curso da minha própria vida.

Pela primeira vez, reconheço o coração partido que Pierre deixou ao desaparecer não como uma maldição. Se não fosse por ele, não teria percebido que tudo o que busco já está dentro de mim.

O *Prism* é melhor que o 1989

Achei que não aceitaria o convite do João para sair quando ele me mandou a mensagem.

Nos conhecemos há alguns dias, no começo de setembro. Eu andava em um dos corredores da biblioteca da UFRN , meus pensamentos distraídos com os estudos — após o fiasco com o estágio, o plano era me candidatar a uma bolsa de pesquisa para analisar a representação de pessoas LGBTQIAP + em peças publicitárias. Foi quando colidimos, o meu ombro acertando o dele e derrubando seu fichário no chão. Papéis se espalharam pelo corredor e eu o ajudei a recuperá-los. O menino tinha um metro e setenta de altura, só um pouco mais baixo que eu. Os cabelos eram lisos e os olhos, castanhos. Usava óculos de grau e uma camisa polo com o símbolo do seu curso, direito.

João se confirmava imediatamente como a antítese de Pierre. Algo no contraste — a distinção palpável entre os dois — despertou meu interesse.

Nós pedimos desculpas um ao outro, rimos e seguimos nossos caminhos. Quando olhei para trás no corredor, ele me encarava.

Dez minutos depois, outro esbarrão.

— De novo? — João riu alto. Uma bibliotecária nos repreendeu com o olhar e baixamos o tom.

— Tá perdido ou algo assim? — perguntei com bom humor.

— Mais ou menos. — A voz dele, grossa, tinha algo de suave também. — Você estuda aqui?

— Faço publicidade.

— Ah — ele assentiu, como se finalmente entendesse onde eu me encaixava na universidade.

(Eu estava vestindo uma bermuda preta curtinha, meias arco-íris quase no joelho e uma regata vermelha com lantejoulas. Estudantes de comunicação são sempre mais estilosos que os de direito.)

— Será que pode me ajudar, então? — Ele apontou a tela do celular, logada em uma página do Sigaa. — Sou meio novo aqui. Tô tentando encontrar essa seção, mas não consigo. Já rodei tudo isso de uma ponta a outra e nada.

Sabia que João não estava perdido de verdade, que aquilo não passava de um pretexto para nos aproximarmos. Mas decidi ver no que dava.

Juntos, rodamos os corredores da biblioteca, seção por seção, enquanto João me contava sua história. Aos dezenove anos, havia acabado de entrar na universidade e era de Macau, uma cidade do litoral potiguar conhecida pela exportação de sal, praias lindas e carnaval agitado. Tudo era novo para o menino, e em João eu vi a pessoa que fui logo que cheguei na capital; exceto que ele era bem mais desenrolado do que eu no quesito paquera.

— Foi muito legal te conhecer — João disse quando encontramos o livro que procurava.

— Também achei. A gente se vê por aí, então? — respondi, traçando a lombada dos livros na estante ao lado.

— Seria ótimo. — João fez que sim com a cabeça e me olhou por cima dos óculos. — Posso pegar o seu Whats pra gente combinar?

Ele não era *nada* tímido (e pelo menos não falava “Zap”). Fiquei surpreso, mas recitei o número enquanto João mexia no celular, me pedindo

para conferir se estava tudo certo no final.

Era irônico. Aquela interação aconteceu às avessas de como foi com Pierre; sem preocupações, sem dramas, mas sem o coração acelerado, também. Nos despedimos com um abraço desajeitado, com João garantindo que me daria um “oi” em breve, e foi isso.

Ele esperou a sexta-feira chegar para dar sinal de fumaça.

Oi, Lucas. Aqui é o João da biblioteca. 😊

Acabei de terminar o livro que você me ajudou a achar naquele dia, haha.

Obrigado pela força, viu?

Deu certo o lance da bolsa? Espero que tenha conseguido passar! ☐

Já disse isso antes, mas repito: foi mesmo ótimo te conhecer.

Um cheiro!

A mensagem me fez sorrir.

e aí, João!

de nada, boy. foi tudo te conhecer tb (dsclp pelo esbarrão de novo!!! haha)

ainda tô estudando pra prova da bolsa 😊

mas e vc? tá fazendo o quê?

Ele respondeu logo depois:

Tá mais do que desculpado, Lucas! 😊

Ah, eu tô de bobeira em casa.

Inclusive... tá a fim de fazer alguma coisa?

Queria dar uma animada nessa sexta kkk

Tirei um minutinho para ponderar a decisão. Não havia mal algum naquilo, certo? Eu só iria conhecê-lo. O que tinha a perder?

No fim, talvez fosse exatamente o que eu precisava para encerrar aquele capítulo e me abrir para uma nova história.

opaaaa!

tô de bobeira também. diz onde e quando que eu vou.

Combinamos de nos encontrar no Subway do Carrefour. De lá, a ideia é comprarmos algo para beber e sentarmos na Colina, como chamamos o acostamento do estacionamento do supermercado. Ao lado de um dos maiores shoppings da cidade, a Colina oferece uma visão incrível de uma

das principais avenidas de Natal, com seu fluxo constante de carros e motos, e, em dezembro, da Árvore de Mirassol, a mais alta árvore de Natal do Brasil.

Pego meu ônibus, desço em frente ao Via Direta, atravesso a passarela e ando até o Carrefour. A Colina está lotada. Pessoas fazem exercícios físicos ou passeiam com cães, e casais — alguns deles gays — se beijam. As bichas se aglomeram mais para o final do estacionamento, iluminadas pelos postes de luz amarela. São *muitas*. Como sei que posso encontrar algum conhecido, evito passar por lá agora.

Dentro do Carrefour, a temperatura agradável do ar-condicionado e a cacofonia das pessoas nas filas dos caixas me recepcionam. Dou uma olhada nas mesas quando paro no local acertado e vejo que João ainda não chegou. Sento em uma cadeira no centro, para ficar visível, e abro o WhatsApp.

Há duas mensagens dele.

Em uma João diz que chega “em breve” e na outra pede que, *por favor, por favor*, eu o perdoe pelo atraso.

Meus lábios se abrem em um sorriso. Decido enviar meu meme favorito da Nicole Bahls:

Oito horas pra fritar um peixe e fazer um arroz, meu Deus.

João responde imediatamente:

HAHAHAHAHAHAHA.

Tô chegando!

Não desiste de mim!

Cinco minutos depois, ele surge vestindo um short jeans azul-escuro coladinho nas pernas e uma camiseta vermelha com uma flor presa dentro de uma redoma de vidro, como em *A Bela e a Fera*.

— Oi!

Nos abraçamos de modo desajeitado.

— Ei, Lucas! — Joao cumprimenta ao se afastar. Há um relógio prateado em torno de seu pulso e ele dá uma olhada nele. — Desculpa pelo atraso.

— Cheguei agorinha também — eu o tranquilizo.

— Mesmo assim. — Ele está suado, os fios finos de sua franja pregados na testa. — Foi mal o convite em cima da hora, aliás. Fiquei feliz que você topou vir.

— Tá brincando? E perder a chance de sair de casa em uma sexta? Você me fez um favor.

Ele ri, concordando.

E o assunto morre.

Assim, do nada.

João fica louco com nosso súbito silêncio. Seu rosto denuncia quão ansioso está com o encontro, e é evidente que todo o nervosismo que eu não sinto foi transferido para ele.

Decido assumir a liderança. Me aproximo dele e dou um soquinho em seu ombro.

— Já sabe o que vai querer beber? — pergunto na brotheragem.

João exala aliviado.

— Pensei em racharmos um vinho. Rola?

Faço que não.

— Eu meio que sou alérgico a vinho tinto.

— Sério? Como isso é possível?

— É por causa de um corante — explico. — Até posso tomar o verde ou o rosé, mas não curto muito.

— Que chato. É alérgico a outra coisa? — ele pergunta. — Só para não te envenenar sem querer.

Dou uma risada.

— Pelo de gato.

— E eu tenho a pelo de cachorro! Se a gente casasse não daria pra criar um bichinho, né? — Ele cora, imediatamente se arrependendo da frase. — Exagerei?

— Um pouco — admito, pensando que não somos tão diferentes, afinal. — Não precisa se preocupar.

— Ok. Bola fora minha. Muito fora. Desculpa. Era pra sair como uma piada. Não como se eu estivesse pensando em *casar contigo* — ele diz, e logo emenda: — Mas não é como se eu não quisesse casar tamb...

— Ei, João. Sério. Tá tranquilo — eu me apresso com um sorriso antes que ele continue se enrolando.

Longe de me deixar desconfortável, acho seu comentário impensado fofo.

— Bom, considerando que vinho está fora de cogitação, o que sugere? — João retoma o assunto.

— O que acha da Skol Beats azul? Já tomou?

Ele dá uma risada.

— Tem certeza? Da última vez que bebi eu fiquei supertranstornado.

Não consigo visualizá-lo bêbado.

— Costuma sair muito em Natal?

— Não como gostaria. Ainda estou me acostumando com a cidade e tentando me encaixar. Parece que todo mundo em direito é hétero.

— Duvido. Você vai ver. Até a metade da graduação, um terço da sua turma vai sair do armário — eu brinco com ele. — Pelo menos foi isso que

meus veteranos prometeram.

— Tomara. Até agora só fui em calouradas e foi tudo um saco. Nenhuma música que eu gosto.

— E o que você gosta de ouvir?

Estamos na seção de bebidas agora. João lança um último olhar desejoso aos vinhos antes de colocar nossas Beats em uma cesta de compras.

— Música pop.

— Então você é dos meus. Deveria ir no Titanic — sugiro —, a balada que abriu há uns meses. É bem legal, você vai adorar.

— Talvez a gente possa ir juntos? — sua voz carrega expectativa.

— Talvez — respondo, mas sei que é mentira. Não conseguiria voltar à boate sem Pierre.

Pensar nele me faz duvidar do que estou fazendo, como se viver essa noite com João fosse errado. Renego a ideia, no entanto, lembrando o que Ana me disse alguns dias depois da intervenção:

— Você precisa parar de acreditar que vai vê-lo, Lucas. Até onde a gente sabe, há grandes chances do Pierre ter voltado pra França ou estar acampando em Machu Picchu. Ele é o seu crush de Schrödinger agora. É você quem decide se continua apegado ou apenas o deixa ir.

Ao longo dessa noite, pelo menos, farei o possível para mantê-lo longe dos meus pensamentos.

João e eu pagamos as bebidas no caixa rápido e voltamos ao estacionamento. Há mais gente aqui fora do que antes. Um carro com o porta-malas aberto toca “Shake It Off” e a galera perto do final do estacionamento canta bem alto. Mesmo não curtindo essa era da Taylor (sinto falta de hits antigos como “You Belong With Me”, auge na minha adolescência), é impossível ignorar a aura de euforia juvenil que a música cria.

— Gosta da Taylor? — Ao meu lado, João está tão animado cantarolando o refrão que não consigo escapar do assunto.

— Ela é o meu tudo! — ele admite, o canto dos meus lábios se erguendo. É exatamente o que eu diria sobre a Katy. — E você? Curte a loirinha também?

— Então... Não muito?

— Como assim? — João aperta os olhos, me julgando.

— É que eu acho a Taylor meio... *meh* ? — a boca dele se abre. — Pra mim ela é meio sem graça. Mas é só minha opinião. Não tô te condenando. Pode ser fã à vontade.

— Como alguém pode não gostar do *1989*, Brasil?

Dou de ombros.

— Eu prefiro a Taylor no country e sem lançar singles que incentivam rivalidade feminina, tipo “Bad Blood”.

João me dá um empurrãozinho.

— *And the haters gonna hate, hate, hate* — ele canta junto da música só para me alfinetar.

Começo a rir outra vez. Se você é fã da TayTay, peço que não desista de mim. Juro que não sou um hater maldoso (não a chamo de cobra nos posts do BCharts, por exemplo, porque tento desconstruir meu machismo inato todos os dias). Respeito sua trajetória como compositora, mas a considero mediana musicalmente. Em termos de publicidade e dinheiro que ganha, no entanto, é insuperável.

Caminhamos até um espaço livre ao lado de um poste na calçada à margem da Colina. Sentamos lado a lado, mantendo uma distância pequena entre nós. Os carros passam na BR como em uma foto em longa exposição, e algumas pessoas se amontoam lá embaixo, à espera de ônibus.

— Eu sei por que você não gosta da Taylor — João diz com um meio sorriso misterioso.

— Sabe?

Ele assente.

— Porque — João encosta o joelho no meu — é fã da Katy Perry.

— E como você sabe disso? — Chego mais perto dele.

— Seu Last.fm não é um segredo de Estado...

— João, você *stalkeou* meu Last.fm?

— Stalkeei, sim. Admito.

— E como você encontrou o meu perfil?

Ele balança a cabeça em negativa.

— Não interessa. O que importa é que você é fã da doceira.

Gosto da audácia dessa versão dele. João coloca a mão sobre a minha coxa e, a julgar pela maneira com que me fita agora, os olhos castanhos direcionados aos meus lábios, dá para dizer que quer me beijar.

Eu pego minha Beats e entrego uma latinha a João também, cautelosamente escapando de seu olhar.

— Brindamos? — ele pergunta quando abrimos.

— A quê?

— Ao nosso primeiro encontro e ao *1989*, claro.

Ele sorri.

— Se você for brindar ao *1989*, então eu brindarei ao *Prism*.

— Tudo bem, vai em frente. Não sou eu quem vai te julgar.

— Ao *Prism*, então. — Levanto minha latinha azul. Ele faz o mesmo, o tempo todo me olhando.

— Ao *1989*.

Nós brindamos e eu dou um gole imenso.

Um sorriso está escancarado em meu rosto e uma brisa morna, tipicamente natalense, atravessa o ar. Me sinto tão leve. É o tipo de conversa fiada de que senti saudade por tanto tempo: fácil e boba e sedutora na medida certa.

João é um amor.

Ele está mais perto agora, seus dedos traçando círculos na minha pele. Sinto uma repentina vontade de tirar seus óculos e beijá-lo, passando as mãos pelo seu cabelo e trazendo o seu corpo para junto do meu.

Nesse momento, os rumos dessa história poderiam ter sido diferentes.

Eu poderia ter beijado João, e seria simples com ele.

Passaríamos tardes assistindo clipes e discutindo sobre Katy e Taylor. Alguns dias nos veríamos na UF também, beijando debaixo de árvores, comendo açaí com leite condensado nos intervalos das aulas. Eu o levaria em Luna do Norte e ele me apresentaria às montanhas de sal de Macau. Maratonaríamos séries juntos e leríamos os mesmos livros para comentar a respeito.

Mas isso nunca vai deixar de ser uma mera possibilidade, a trama esquecida de um remoto universo paralelo.

Não é culpa dele que, no instante em que nossos lábios se aproximam, o impossível acontece.

A lata da Beats cai das minhas mãos em um movimento pateticamente cômico, descendo Colina abaixo. Fico pálido. Sinto um formigamento crescer na palma da mão, um arrepio estranho na base da coluna.

Simplesmente não pode ser real.

— Lucas, você tá bem? — Ouço João dizer, sua voz cada vez mais longe.
— Aconteceu alguma coisa?

Não respondo.

O mundo está suspenso, e minha atenção está focada em um ponto não muito distante de onde sentamos.

Só pode ser uma piada que ali, maravilhoso e irradiando alegria, como se nunca tivesse desaparecido, esteja o francês.

Pierre.

Me encarando.

Na Colina do Carrefour!

Vindo em minha direção!!

Acenando pra mim!!!

O problema?

Ele não está sozinho.

Ao seu lado, vestindo sua caricata jaqueta de couro preta e topete de John Travolta, está Gabriel.

Os três me encaram, em expectativa.

João, o boy do meu atual date.

Gabriel, o boy que já peguei, tenho ranço e deixei no vácuo, aparentemente num date com...

Pierre, o boy por quem estou apaixonado e julguei impossível reencontrar.

Honestamente, que grande criador de reviravoltas é o Universo. Engolindo em seco, tomo a única decisão que meu cérebro julga minimamente adequada.

Saio correndo.

SEGUNDO ENCONTRO

Setembro de 2015

O reencontro no banheiro

A reviravolta deixa um gosto amargo na minha boca. Enquanto me encaro no espelho arranhado do banheiro do Carrefour, o reflexo pálido e a respiração acelerada, chego à conclusão de que a gente nunca tem controle sobre a vida.

Até alguns meses atrás, eu pensava que jamais me apaixonaria. Via meu coração como um objeto estranho, cujo manual de instrução haviam esquecido de entregar. Me sentia em um eterno inferno astral, o sapo rejeitado que o príncipe não beijou.

E então eu me apaixonei.

Foi dessas paixões à primeira vista avassaladoras, meio inacreditáveis, que surgem quando a gente menos espera. Poderia ter sido lindo, icônico e maravilhoso, mas, francamente, foi o meu maior tombo. Quando achei que a vida estava voltando aos eixos, Pierre — a paixão em questão — reaparece bem no momento que tudo fluía com João, meu date fã de Taylor Swift.

Eu não deveria ter corrido, *eu sei*, mas ver Gabriel e Pierre juntos?

A ideia de ficar vulnerável na frente deles, meu coração à vista para todos verem, era insuportável.

Eu o havia encontrado — tudo o que mais desejei nos últimos meses —, mas a que preço?

Eu fiz o que pude diante das circunstâncias.

Foi o certo?

Não tenho tanta certeza...

Jogo água no rosto com força, tentando desanuviar os pensamentos. Me sinto preso em uma verdadeira batalha interna agora: voltar à Colina ou me esconder nesse banheiro até ser expulso pelo vigia. Não apenas deixei João na mão ao correr daquele jeito como devo ter magoado Pierre e pagado mico na frente de Gabriel (embora ele seja a menor das minhas preocupações).

Meu único consolo é que o banheiro do Carrefour está vazio no momento. Isso me surpreende. Não esperava encontrá-lo assim; o lugar é um famoso point de pegação gay (tem até uma plaquinha na entrada proibindo “banheirão”, e eu tô falando sério) e costuma estar lotado, em especial numa sexta-feira.

Meu isolamento, contudo, não dura muito. Enquanto tento conter o volume do meu cabelo, a porta é aberta.

Um rapaz caminha até o meu lado, e sinto tudo borrar outra vez. Ele se move com determinação e até um pouco de raiva, o rosto erguido, altivo.

Abre a torneira ao meu lado, ignorando meu queixo caído, e lava as mãos. Seus olhos me queimam no espelho quando decide falar:

— Você não é muito bom em manter promessas, é? — a voz firme e inesquecível de Pierre faz meu sistema nervoso inteiro entrar em colapso. — E nem parece ter a menor consciência ambiental. Vai realmente desperdiçar água desse jeito, Lucas?

Ok. Não foi assim que imaginei acontecendo.

A virada de jogo me deixa em alerta máximo. Não só respiro o mesmo ar que Pierre, como aqui estamos outra vez: em um banheiro, exatamente como quando nos conhecemos no Titanic. A ciclicidade da vida não poderia ser mais irônica.

— Foi mal — eu digo sem erguer os olhos quando consigo encontrar as palavras, interrompendo o fluxo de água.

— Sei — Pierre diz friamente, enxugando as mãos. Nunca, nem em meus piores pesadelos, eu o imaginei me tratando com desdém.

— Pierre... — eu tento começar, mas ele me corta.

— Não precisa se explicar, Lucas — fala, jogando o papel no lixo e se virando para mim.

Minha vontade é me jogar nele, abraçá-lo e jamais soltar, mas não posso. Então faço o que me sobra como opção: analiso os cabelos perfeitos, agora muito maiores que antes, os cachinhos ainda mais volumosos e bonitos; a pele branca, rosada, como se tivesse sido exposta demasiado ao sol; o bigode e a barba por fazer que começam a se espalhar por parte da bochecha...

Pierre veste uma camisa florida de botões e bermuda jeans escura que vai até os joelhos. É uma estética bastante tropical, e a cereja no bolo é o par de Havaianas brancas que ele usa.

Fato 1: minhas memórias não faziam jus a Pierre.

Fato 2: ele é ainda mais lindo do que eu lembrava, e está aqui, me encarando.

O problema é que ele não parece nada feliz com isso.

Na verdade, é notável o *quanto* está chateado. Seu rosto é uma mistura de decepção e raiva que me deixa em pedaços.

— Não é o que você tá pensando — tento contornar, piorando tudo.

Ele se escora junto ao mármore da pia.

— Lucas, da minha parte está tranquilo. Você não me deve explicações — Pierre diz.

Realmente, por que *eu* tenho que dar justificativas? É ele quem estava com GABRIEL, o famoso Gabriel do LDRV. Pareciam bastante próximos antes.

— Você também não — respondo na lata, incapaz de esconder o ciúme. — Tava todo agarradinho com Gabriel.

— Você conhece o Gabriel?

Bufo.

— Mais fácil perguntar quem em Natal não conhece.

— Eu não... — ele para, recobrando a compostura. — O que você pensa que eu estava fazendo? Conheci Gabriel em um *meeting* do Couchsurfing, uma aula pública de francês que dei como voluntário. Eu não estou saindo com ele.

Couchsurfing!

Por que não pensei em procurar Pierre por lá?

— Vocês n...

— Não — Pierre diz. — Foi você quem se arrependeu de ficar comigo e não quis falar nada. Mas está tudo bem. Não faz mal.

Balanço a cabeça em uma negativa acalorada.

É claro que faz mal!

Claro que não está tudo bem!

Claro que ele entendeu *tudo* errado.

— Eu jamais me arrependeria do que aconteceu entre a gente.

É ele quem revira os olhos dessa vez, apoiando o peso na perna esquerda e passando a mão pela testa.

— Você rompeu nossa promessa.

— Que promessa?

— Já esqueceu? — Ele me encara. — Você prometeu que não fugiria. Agora veja onde estamos.

Não sei o que dizer. Todos os meus monólogos ensaiados falharam ao desconsiderar uma parte bem importante da equação: como Pierre interpretava o que aconteceu.

Para ele, sou o boy lixo que: a) prometeu mandar mensagem e nunca mandou; b) SUMIU depois de dizer que estava festoxonado; e c)

praticamente beijava outro cara durante o nosso reencontro.

Na minha cabeça, os culpados da nossa “separação” eram claros: Eric e o Universo.

Não é assim que Pierre enxerga.

— Sei que nada que eu diga vai te fazer parar de achar que eu fui um escroto da porra — prossigo.

— Ah, sim?

— Eu sei. Mas não foi desse jeito que as coisas aconteceram, Pierre. Posso explicar?

— Foi só uma noite, Lucas — ele insiste, seco. — Entendo que não tenha sido especial para você como foi para mim, mas esperava algum tipo de consideração.

Perco a paciência.

— Menino, POR TUDO QUE É MAIS SAGRADO , será que dá pra calar a boca?

Pierre cruza os braços, aguardando. Eu começo:

— Você não tem noção do quanto eu queria falar contigo. Do quanto tentei...

— E por que não falou? — ele pergunta, a voz contida. — Era difícil assim mandar uma mensagem?

— Porque eu não tinha como! Lembra quando a gente se despediu?

— O que tem?

— Eu voltei pro carro e, quando cheguei lá, os meninos estavam discutindo. De alguma maneira, Eric me acertou com a porta. Eu caí e o celular quebrou durante a queda. — Pierre, com as sobrancelhas arqueadas, é impassível. — Perdi o seu número. Tentei te procurar de todas as formas, mas nunca te achei.

Agora a confusão em seu rosto é visível. Tenho a impressão de que Pierre não só quer uma explicação minha, como quer *acreditar* nela também. Cruza e descruza os braços; cobre a boca com a mão... Há uma batalha interna acontecendo dentro dele; uma parte dizendo para acreditar em mim e a outra para me dar um pé na bunda.

Eu espero algum comentário seu, torcendo para que a verdade tenha sido o bastante para convencê-lo.

Mas aí a porta do banheiro é escancarada *de novo* antes que Pierre diga alguma coisa.

Um cara suado em roupas de ginástica passa por nós. Ele é todo entroncadinho; o cabelo castanho grudado na testa, a camisa azul-escura supercolada para ressaltar o peitoral. Ele nos olha com malícia e caminha até parar em um dos mictórios.

Me aproximo um pouco de Pierre e sussurro, aproveitando a distração:

— Acredita em mim?

— Não sei — ele diz honestamente. — Eu quero acreditar, mas...

— Mas o quê?

— Talvez devêssemos esquecer isso tudo, Lucas. Fingir que aquela noite nunca aconteceu, que *hoje* nunca aconteceu. Seguir nossa vida — ele fala com cuidado, baixinho.

Dói ouvir isso, mas eu preciso saber o que sente. Sua dúvida é minha única aliada; se ela existe, ainda tenho chances de convencê-lo.

Ter essa conversa no banheiro do Carrefour, porém, é uma cilada. O local, pouco iluminado e cheirando a desinfetante barato, é o oposto de uma cena romântica. Para completar, o cara que entrou continua no mictório, nos lançando olhares.

— Não posso fazer isso. Não consigo fingir que aquela noite nunca aconteceu — sussurro para Pierre. — Mas não consigo ter a conversa que

gostaria nesse banheiro.

— Concordo que um banheiro não é o lugar ideal, mas sempre que te encontro você está fugindo para um — ele alfineta. — Assim fica difícil, Lucas.

Quero rir da piada, e nem sou capaz de descrever quão feliz me sinto por vê-lo tirar onda da situação. Finjo seriedade.

— Ok. Eu reconheço minhas predileções duvidosas, mas não é isso. — Começo a apontar com a cabeça para o cara no mictório. Eu digo “olha pra trás” sem emitir som, torcendo para a leitura labial de Pierre ser eficaz.

A princípio ele não entende. Fica com cara de paisagem, achando que tô louco, mas aí sussurra um “ok, calma” e move a cabeça devagar.

É quando as coisas desandam. O cara no mictório, pressentindo o movimento, também vira o rosto em nossa direção. Ele dá um sorriso e gira de leve, indecentemente revelando mais do que necessário.

A gente fica perplexo, é claro. Eu cubro os olhos e Pierre se volta para mim, boquiaberto.

— Acho que entendi agora — ele diz.

— Pois é, era *disso* que eu tava falando — respondo, me controlando para não rir enquanto o Cara do Mictório segue nos olhando.

— O que você sugere? — Pierre pergunta.

— Tive uma ideia — falo com inocência, ficando ainda mais perto dele.

— Não está sugerindo o que eu estou pensando, está? — Pierre aponta para trás.

— Claro que não! — Faço uma careta.

— Com seu histórico envolvendo banheiros...

— Não é isso.

— Então o que é?

Respiro fundo. Tenho que fazer parecer que esse plano é a última opção de uma lista absurda, não o que eu comecei a arquitetar desde o instante em que o vi no espelho.

— Ok. Tudo bem. — É agora. Minha cartada final. Se ele aceitar, saberei que tenho uma chance de consertar essa bagunça. Se não... — Eu pensei que, sei lá, talvez a gente pudesse terminar essa conversa lá em casa? Mais tranquilos, sossegados... O que acha?

Entra na minha casa, entra na minha vida

Sempre quis entender por que “boy” é uma expressão tão popular em Natal.

Quando morava no interior, não gostava da palavra. Achava americanalhada. Não curtia que fosse usada como pronome sem gênero quando era claramente masculina. Odiava como meu mimado primo Carlinhos chamava vovó Lusa de boy ou quando comentavam sobre a “boyzinha” de alguém.

Minha percepção sobre o “boy” natalense mudou durante uma aula de comunicação política na UFRN . De acordo com a professora, a história era muito mais interessante do que parecia; um desdobramento direto da Segunda Guerra Mundial.

Consciente da posição geográfica estratégica de Natal — o ponto mais próximo à Europa e à África na América do Sul —, os Estados Unidos fundaram aqui sua principal base militar em território estrangeiro. Na cidade, os Deuses da Guerra criaram o maior quartel-general dos países aliados no hemisfério sul.

Natal ficou conhecida como o “Trampolim da Vitória”. Foi o primeiro lugar da América do Sul a vender coca-cola, chiclete, calça jeans e ketchup no Brasil (você quer, São Paulo?). Nosso aeroporto já foi o mais movimentado do mundo, e jazz e blues eram hits nos bailes de gala (daí

“galado”, outra gíria popular). Do presidente Franklin Roosevelt a famosos como Bette Davis e Tyrone Power, várias estrelas hollywoodianas passearam pelas terras da Noiva do Sol.

O legado, além de nomes de praias como a praia de Miami e hotéis luxuosos hoje decadentes, inclui marcas linguísticas como o “boy”.

O mais importante mesmo a se saber sobre o seu uso é que a palavra se espalha como erva daninha. Depois que convive o suficiente com natalenses, logo é você falando “boy” no dia a dia, queira ou não.

Por isso, se ouvir alguém de outra cidade reivindicando o “boy” como seu (tô de olho, Recife), desacredite!

Quero contar a história do “boy” para Pierre, mas no táxi em direção à minha casa nossa comunicação cessa. Estamos os dois no banco traseiro. Pierre atrás do banco do carona e eu, do motorista. Seu olhar está fixo na janela, no trânsito de uma movimentada sexta-feira à noite em Natal, e me esforço o máximo que posso para não encará-lo.

Não acredito que ele disse “sim”.

Não acredito que está *aqui*, suas pernas descansando ao lado das minhas.

Mordo meus lábios apenas para verificar que não estou sonhando.

Torço para que Pierre não se arrependa de ter me escolhido.

— Vocês aceitam uma água, meninos? Querem que abra os vidros? Nem todo mundo gosta de ar-condicionado, mas o que eu não gosto mesmo é do calor da muleta que tá fazendo nessa cidade — o motorista comenta, quebrando o gelo e nos observando pelo retrovisor.

Ele se chama José. É um cinquentão simpático de cabelos brancos curtos e sorriso gentil. Seu carro é bem cuidado e a rádio está sintonizada em uma estação gospel que toca o atemporal hino “Faz um milagre em mim”, do Regis Danese.

— Valeu, seu José. Pode deixar no ar mesmo, se estiver tudo bem para você — digo essa última parte para Pierre, aproveitando a oportunidade para fitá-lo sem disfarces. — Vai querer a água? Não tô com muita sede agora.

Odeio quão nervoso eu fico ao lado dele. Se percebe meu nervosismo, não transparece. Responde calmo, me olhando de verdade pela primeira vez desde que entramos no carro:

— Vou aceitar a água. Obrigado.

O motorista passa o copinho de água para Pierre e indaga:

— Você é daqui, rapaz? Ou tá visitando a cidade?

— Eu moro em Natal — Pierre esclarece, retirando o lacre e dando um gole —, mas nasci fora.

— Nasceu onde, homi?

— Na França.

— E foi? Como é lá, hein? — seu José fala com o arrastado sotaque do oeste potiguar; Apodi, eu apostaria.

— É um lugar muito bonito.

— Faz frio, né? Imagino que a vida seja melhor que aqui. Aqui tem muito bandido. Muita corrupção. Lá tem também?

E pronto. É a oportunidade que o motorista procurava para puxar conversa. Seu José bombardeia Pierre com perguntas, que responde educadamente.

Fico na minha, observando.

A ficha ainda não caiu.

Eu não esperava que ele fosse *mesmo* na minha casa. A proposta era um tiro no escuro; achava improvável que Pierre dissesse sim, mas me surpreendeu com um “vamos sair daqui”, concordando enfaticamente com o plano.

A gente caiu no riso ao deixar o banheiro do Carrefour e o Cara do Mictório para trás (ele deve ter ficado decepcionado, mas *SHAME ON YOU* : o que você fez é assédio).

Por um momento, foi como se estivéssemos de volta à naturalidade da noite em que nos conhecemos, quando tudo fluía e o futuro, por mais distante, flutuava em nossas mãos.

— E Gabriel? — eu perguntei enquanto chamava o táxi. — Não vai atrás dele?

— Não tenho nada com Gabriel — Pierre assegurou. — E você? Não vai atrás do rapaz?

João .

Senti um aperto pela maneira como nossa noite terminou. Garanti a mim mesmo que daria uma boa explicação mais tarde.

Finalmente, seu José freia o carro em frente ao meu condomínio. O taxímetro avisa que a corrida custou dez reais e eu pago, tirando o cinto de segurança e agradecendo.

— Não vamos dividir? — Pierre pergunta.

— Essa é por minha conta.

— Ah — ele diz, assentindo, mas tira a carteira do bolso. Pega uma nota de cinco reais e a entrega ao motorista, que olha de Pierre para o dinheiro com surpresa.

— Boa noite, amigo — Pierre fala. — Espero que sua esposa melhore logo. Desejo tudo de bom para o senhor e sua família.

Arqueio a sobrancelha. Quando a conversa ficou tão íntima?

— Ah, meu filho, obrigado! Pense num rapaz com coração de ouro, viu? Que a paz do senhor te guie e proteja. Vou orar por você — o motorista decreta.

Pierre agradece, e nós dois saímos do carro, que arranca e segue viagem. Ele nota a expressão curiosa em meu rosto e questiona:

— O que foi? Fiz algo errado?

— Pelo contrário. — Abro um sorriso. — Você é inacreditável, e eu tô bobo que esteja aqui, na entrada do meu prédio! Tem certeza que é verdade?

Ele ri.

— A gente vai entrar ou...

— Sim, claro.

Enfio a mão no bolso à procura das chaves. Me embaralho todinho para girar a fechadura e Pierre me encara, entretido.

Quando abro o portão, ele passa por mim e roça de propósito seu braço no meu. A atitude me pega desprevenido, me imobilizando por um segundo.

É um bom sinal, certo?, me pergunto. *Ele não faria algo assim se ainda estivesse com raiva.*

É verdade. Pierre está menos tenso ao observar os arredores, analisando o local onde moro com interesse.

Pro seu azar, não tem muito o que ver. Meu prédio é antigo e sem graça. O síndico e a maioria dos moradores não dão importância à aparência do lugar. O resultado é uma estrutura externa bem deprimente, com a pintura amarelo-clara descascando nas paredes e o chão implorando por limpeza.

Há um parquinho de criança junto ao jardim desordenado, mas tudo o que restou dele foi um escorregador sucateado que não deve ser usado desde a era FHC.

Juntos, passamos pelo salão mal iluminado e entramos no elevador, a única coisa nova em todo o prédio.

Pressiono o botão do terceiro andar e encaro o chão. Não há espaço para respirar. A tensão no ar é visível; Pierre me olha com interesse.

Eu o ignoro durante os vinte segundos que ficamos ali dentro, e praticamente pulo para fora quando a passagem é liberada.

Pierre respeita o meu silêncio. São dois apartamentos por andar e a gente tem que atravessar um corredorzinho para chegar à minha porta. Há um tapete dizendo “Bem-vinde ao inferno” na entrada e pelo menos seis adesivos diferentes da campanha da Dilma, todos colados por Ana, sua maior cabo eleitoral.

Toco a campainha para confirmar se Eric está em casa (esqueci de avisar que ia levar visita). Ninguém responde.

— Chegamos. Não repara na bagunça, tá? — digo ao abrir a porta, ensaiando meu melhor sorriso.

— Com licença — Pierre fala, comedido, seu olhar indo do meu rosto para o apartamento escuro. — Posso deixar a sandália aqui?

— Ah, não precisa. Fica à vontade. A casa é sua, lindo.

Pierre entra. Mas deve ser alguma mania francesa; tira as havaianas apesar dos meus protestos, deixando-as ao lado da porta quando acendo as luzes da sala.

Minha casa se torna menor com Pierre dentro. O menino, enorme, não se encaixa em nosso caos: as almofadas espalhadas pelo chão da sala; a pia virada com a louça suja do almoço; a bancada empoeirada da cozinha que não reclamaria se fosse espanada...

Deixo a chave sobre a mesa de jantar e ponho as mãos nos quadris. Pierre estuda a decoração ao seu redor, irradiando contentamento, como o detetive que finalmente encontra o esconderijo do vilão.

— Que legal o espaço de vocês — elogia.

— É bem simples, mas é nosso — respondo, timidez enrubescendo minhas bochechas.

Ele balança a cabeça em concordância e se aproxima da parede cheia de desenhos ao lado da televisão.

— Essas ilustrações são lindas — Pierre diz.

— Curtiu?

— Muito. Você quem fez?

— Quem dera. Só sei fazer artes no Photoshop porque meu curso exige. Eric quem desenhou a maioria.

— Ele é muito talentoso.

— É sim.

Estou sendo sincero. Eric é um artista incrível. Suas linhas são delicadas e precisas, e eu amo como ele consegue escapar da linearidade matemática da arquitetura para mergulhar numa efervescência criativa quando quer.

As várias facetas que compõem meu amigo são retratadas em sua arte. Em nossa parede, diferentes Erics estão representados. O Eric místico, com a pintura de um coloridíssimo terceiro olho aberto em um rosto humano em meditação; o Eric assustado, com um autorretrato sinistro de quando era pequeno, lutando para se sentir em paz num corpo bombardeado por críticas; e o Eric *little monster*, com um desenho sorridente da Gaga segurando seu Grammy pelo *Cheek to Cheek* no início do ano.

Essa foi a última contribuição de Eric para nossa coleção, a propósito. Ao lado dela, meu amigo fez um desenho da Katy na mesma pose que a Gaga, mas obviamente sem segurar Grammy nenhum.

Fiquei chateadíssimo com a afronta e preguei um post-it entre as duas ilustrações com os dizeres: “FALAR EM GRAMMY É FÁCIL. AGORA CONTA QUEM É A ÚNICA MULHER NA HISTÓRIA COM UM *SPOTLIGHT*, QUERIDA ”.

— Ficou tudo bem com ele depois da festa? — Pierre pergunta. Um sorriso lindo ganha seu rosto quando ele lê a mensagem no post-it.

— Depende do que você enxerga como “bem” — respondo. — Tendo em vista que Eric vomitou e quebrou meu celular, “bem”, nesse caso, é meio relativo...

— Ah, é verdade. Esqueci que isso aconteceu — Pierre brinca. Ele está na frente do desenho em que Eric e eu somos personagens de *Os Simpsons*, inclinando-se para ver melhor. — Esse também é dele? Achei diferente dos outros.

— Não, não. Esse é do Isaac, outro amigo nosso. É o meu preferido.

— Gostei muito — Pierre diz, sua voz suave me aquecendo. — Gosto de como vocês parecem felizes e inseparáveis. E dos sorrisos...

— O que tem eles?

— Gosto muito dos sorrisos.

Relaxo.

— A gente conversou, sabia? Como você sugeriu que eu fizesse.

— Quer falar mais sobre isso? — ele pergunta.

Reúno coragem e chego mais perto dele, junto à ilustração de Isaac. Há uma distância de um palmo nos separando agora. Quando me aproximo, meu coração bate como as asas de um beija-flor e meu corpo inteiro responde ao dele.

— Conteí tudo o que pensava sobre o relacionamento dele com Raul.

— Acabaram?

Faço que não.

— Eri está disposto a dar mais uma chance. No fundo, acho que acredita em uma mudança da parte do Raul. Mas eu não sei... — Passo a mão pelo cabelo. — Torço pra que eles consigam se resolver da melhor forma, principalmente agora que Eric pode começar um intercâmbio.

— Que bacana! Já sabe onde vai estudar?

— Não ainda, tá esperando o resultado das inscrições. Mas estamos superanimados — eu digo. — Ele quer Espanha ou Inglaterra.

— Vai amar — Pierre diz. Os lábios contraem, em seguida. — Vendo vocês dois juntos, morando juntos, fico pensando em como deve ser bom ter um amigo assim.

— Muito. Minha vida sem Eric teria sido mais difícil. Definitivamente menos divertida.

Pensei que dizer isso o faria sorrir, mas Pierre está subitamente sério.

— Nunca tive uma amizade como a de vocês dois.

— Não?

Ele me olha de lado.

— Não estou querendo dizer que nunca tive amigos de verdade. Tenho alguns muito queridos na França, e outros maravilhosos que fiz durante as viagens, mas me refiro a essa sensação de irmandade, essa partilha diária que você e Eric têm — Pierre desabafa. — É algo que eu invejava, até entender que faz parte da vida. Cada um de nós tem ao lado quem deve estar.

Concordo com ele, surpreso. Acho que nutria uma ideia superficial de Pierre como um popstar cercado de fãs, saindo para festas e sendo o mais carismático do rolê, mesmo depois de tudo o que ele me contou sobre si no Titanic. Fico aliviado que ele ainda confie em mim o suficiente para mostrar suas feridas.

— Você planeja visitar o pessoal na França? — pergunto. Ele aperta os olhos quando digo isso, e só assente de leve. É nítido que não quer falar sobre o assunto, então indico o sofá florido.

Ele dá uma última checada nos desenhos antes de caminhar para o sofá. Desvia de uma almofada caída no chão e cruza as pernas ao sentar.

— Ah, quase esqueci. Tá com fome?

— Não muito, lanchei há pouco tempo. Por quê?

— É que fiz almoço hoje. Se quiser, posso esquentar.

— Não precisa mesmo, Lucas. Obrigado — ele responde. — Mas se você estiver com fome, por favor, não se acanhe por mim.

Balanço a cabeça, concordando, e abro a porta da varanda para ventilar a casa.

Volto e sento cuidadosamente na outra extremidade do sofá.

— Então... — Ele me segue com o olhar conforme me acomodo. Deve pesar os prós e os contras do que dizer a seguir, e deixa a frase suspensa.

— O que você quer saber, lindo? — vou direto ao ponto.

— Quero entender tudo. — Pierre é sincero. — Passei os últimos meses pensando em nós dois, Lucas, em por que não enviou a mensagem, por que não apareceu... Criava desculpas para justificar sua ausência, mas continuar esperando perdia sentido a cada dia. Até o ponto em que desisti e passei a acreditar que aquela noite não tinha significado nada para você.

Saber que minha ausência o machucou, saber que havia esperado tanto por mim...

Posso continuar falando sobre como perdi seu contato, enchendo Pierre com aquela história que parecia furada, mas de que vale? Como contribui?

A única coisa que faz sentido é me abrir com ele. É entregar a Pierre o que há de mais genuíno em mim: minha verdade.

— Eu sinto muito, Pierre. Tudo o que falei sobre o que aconteceu depois que nos despedimos foi real. Mas se entendi, você quer saber como eu me senti quanto a isso, não é?

Ele assente.

— É difícil explicar. Te conhecer foi como achar algo que nunca percebi estar procurando — murmuro. — Lembra no Titanic quando você me perguntou sobre amor?

— Lembro. Mas a drag apareceu e você não conseguiu terminar. Tem a ver com isso?

— Tem. Eu sempre quis experimentar o “amor romântico”. É bobo quando falo em voz alta, mas duvidei por muito tempo do meu próprio coração. Eu achava que ele não... *funcionava*. Achava que tinha algo errado comigo. — Ergo o queixo, buscando minha coragem em seus olhos. — Cheguei a pensar que nunca sentiria isso, até que você apareceu.

Na teoria, ser honesto é lindo. Na prática, dói pra caramba. Abrir meu coração, mostrar minhas vulnerabilidades... Não estou acostumado. Não é *fácil*. Sinto meu corpo resistir. As palavras se tornam pesadas, espinhentas.

Felizmente, Pierre destrói a distância. Ele segura minha mão, seu toque demolindo uma muralha invisível que eu nem sabia nos separar. Já não estamos na sala, mas na mesinha do Titanic; seu rosto iluminado em luz neon, seu sorriso me incentivando a falar sobre mim como nunca fiz, garantindo que era seguro *ser* como jamais *fui* com alguém.

Baixo a guarda completamente.

— Não é como se eu não amasse as pessoas. No fundo, a verdade é que não sentia nada *por mim*. E quando você disse que eu era lindo e especial... Quando você me abraçou daquele jeito... Eu não queria acreditar. Não porque não confiasse, mas porque aquelas palavras pareciam impossíveis — balbucio. — “Lindo”, “especial”... Você precisa entender, Pierre, que eu nunca me enxerguei assim. E aí você chegou do nada numa noite de sábado e me disse todas essas coisas...

Ele pressiona o polegar na minha bochecha direita. Passeia por meu rosto com a ponta dos dedos. Seus olhos perscrutam cada pequeno detalhe meu, e toda raiva ou frustração que existiu um dia nele desvanece.

— A gente passou tão pouco tempo junto e ainda assim você mudou a minha forma de enxergar o mundo, Pierre — eu digo. — Porque você fez

algo que poucos foram capazes: você me viu. *Você me viu* .

Dormir aqui e o mundo como espelho

— Lucas... — Pierre murmura, e o espaço entre nossos corpos desaparece.

A última imagem que minha mente registra é o instante suspenso que precede os lábios dele avançando e encontrando os meus: a sensualidade e o desejo emoldurados nas linhas cor de mel dos seus olhos.

Em outras circunstâncias, eu não confiaria em ser guiado pelo que sinto. Me calaria, ignoraria o impulso instintivo que me atrai a Pierre, e diria *não*. Foi assim que aprendi a lidar comigo. Havia me escondido atrás de um escudo rachado, achando que, se evitasse confrontos, se escapasse pela tangente, me protegeria. Não percebi que me enganava aquele tempo todo, fugindo de mim.

Mas agora minhas mãos seguram o pescoço dele, e a redoma se estilhaça. Deve ser isso o que acontece quando silenciemos a voz da dúvida e nos permitimos viver no presente: me entrego a Pierre como nunca fiz antes.

O mundo sai de foco. Pierre me agarra pela cintura, me trazendo para perto de si. Eu o empurro contra o sofá e me inclino sobre seu peito. Ele puxa meu cabelo, primeiro comedidamente, buscando permissão em meu olhar.

Devo assentir de algum modo, já que a pressão se intensifica e seu dente mordisca o meu lábio inferior. Me torno todo sensações e zero racionalidade. Experimento o que nunca cogitei existir *aqui*, com ele. Há um *big bang* inteiro em meu peito, como se ambos quiséssemos recuperar uma

parte que nem sabíamos estar em falta, explodindo em um milhão de micropartículas quando conseguimos.

Eu abro, atrapalhado, os primeiros botões de sua camisa. Meus olhos exibem uma súplica silenciosa e Pierre sorri de lado, me ajudando. Ele não tira a blusa por completo, contudo, e nossas mãos se chocam no caminho. Depois, contemplo o espaço visível que o tecido ocultava, a pele branca contornada com finos fios de ouro, seus mamilos rosados, os músculos tensos...

Ele é tão lindo.

Eu sussurro isso — *lindo, lindo, lindo* — enquanto Pierre tira a minha blusa também, enquanto o beijo. Eu o abraço, pressionando nossos corpos, respirando seu cheiro, sentindo seu calor.

Nos lábios dele eu me torno mais consciente de mim. Consciente de suas mãos passeando pelas minhas costas, baixando até a bunda, eletrificando minha pele e arrepiando cada pedacinho meu. Consciente do calor do ar que ele expira junto ao meu rosto, da pressão pulsante em minha cueca, e do quanto eu o *quero* em mim.

Afundo a mão em seus cachos dourados, bagunçando-os do modo como sempre fantasiei fazer. Sua língua explora a minha boca, e nosso beijo comunica tudo o que não foi verbalizado: como esse encontro é esperado, como somos especiais um para o outro, como tudo isso importa...

E como merecemos estar juntos, aqui e agora.

Ele me deita. Eu abro o cinto e o zíper de sua calça, os dedos tremendo. Os olhos de Pierre se fecham. Respiramos rápido, arquejantes. Ele espalma a mão em meu peito, me empurrando contra o sofá quando tento me inclinar para beijá-lo.

Suas pernas me prendem com força. Ele está por cima de mim agora, os lábios em minha barriga, e então indo mais e mais para baixo, um centímetro

de cada vez. É uma tortura senti-lo assim e imaginar tudo que poderíamos estar fazendo, mas aproveito cada segundo.

Prendo o fôlego ao sentir sua boca logo acima da minha virilha. Levanto meu pescoço para olhá-lo, e ele está me encarando, também. Pedindo permissão.

Não preciso dizer nada.

— Lucas — ele sussurra em meus lábios, beijos depois, a respiração entrecortada, o rosto a centímetros do meu. — Você não faz ideia de como esperei para estar assim contigo. Para te beijar de novo e ouvir sua voz e tocar sua pele. — Entreabro os olhos e o encontro me encarando com ternura. Contorna minha sobrancelha com o indicador e sorri, os dentinhos separados que acho tão perfeitos à mostra. — Gosto de você como nunca gostei de ninguém, sabia?

— Eu gosto de você como nunca gostei de ninguém também. — Sorrio um sorriso que espelha o seu, brilhando como um milhão de diamantes. — Obrigado por ter aceitado meu convite. Obrigado por estar aqui.

— Claro — ele responde, rindo e beijando a ponta do meu nariz enquanto me ajeito em seu colo. Será que sabe o quanto me faz sentir bonito, desejado? — Você é muito persuasivo, *mon chéri*. Como poderia dizer não?

Não sei por quanto tempo continuamos assim. Poderia muito bem ser por uma ou duas horas, dias ou semanas inteiras. O tempo se transforma nesse elástico maluco, relativo, como só acontece em momentos especiais como o que vivemos.

Estamos em silêncio há alguns minutos; minha cabeça debruçada em seu ombro, minha mão alisando sua barriga quente. O único som vem da casa do

vizinho e do farfalhar das árvores do prédio. Sua respiração é calma, mas dá para sentir que hesita.

— Eu tenho algo para te contar — Pierre finalmente diz, e fico nervoso. Minha mente já começa a pensar em mil e uma possibilidades; nenhuma positiva.

Não nos movemos. O que quer que Pierre esteja prestes a falar fica apenas na sugestão, porque seu celular começa a vibrar. Ele o deixou sobre o centrinho da sala quando os beijos se intensificaram. É lá onde está agora: tocando, o nome “Papá” estampado na tela da chamada.

— Merda — Pierre xinga, levantando do sofá com um pulo e ajeitando a bermuda na cintura. Um observador mais atento notaria o volume admirável presente em certa-parte-que-não-deve-ser-mencionada, mas eu, santo que sou, não fico olhando nada. (Até parece.)

— Que foi? Tá tudo bem?

— Esqueci de avisar ao meu pai que vinha para a sua casa — Pierre responde com a voz embolada, sem perceber meu olhar malicioso.

— Eita. Acha que ele vai ficar chateado?

— Provavelmente não, mas está tarde e eu gosto de avisar quando vou me atrasar ou dormir fora — Pierre explica, agachando-se para pegar o celular. — Você se importa se eu atender na varanda?

— Nada, fica à vontade — digo, também me levantando. — Vou servir um pouquinho de água pra gente enquanto você fala com ele, tá bom?

— Beleza — Pierre responde, me dando um selinho e atendendo o celular à medida que caminha descalço para a varanda. — Oi, pai — eu o escuto dizer em uma voz macia. — Estou bem — pausa. — Desculpa não ter falado antes...

Eu o deixo conversando, visto a camisa outra vez e vou até a geladeira, ainda sem acreditar que a gente se pegou daquele jeito. Deixo em segundo

plano o mistério que Pierre quer revelar e, me abanando dramaticamente, tiro uma jarra de água gelada e encho dois copos limpos, incapaz de parar de pensar em quão gostoso esse homem é e em como está *agora* na minha varanda.

Finjo estar atento à tarefa atual. Como um bom luna-nortense, porém, e já que fuxicar a vida alheia faz parte da minha herança genética, tento entreouvir o diálogo de Pierre com o pai.

A conversa segue com amenidades até que escuto meu nome ser mencionado.

— É, pai. Na casa do Lucas — Pierre diz. Vejo-o pelo vidro da porta da varanda, os cotovelos escorados na mureta. — Aquele Lucas. O da festa. — Pausa. — É, ele apareceu. — Pausa. — Pai, é sério. Eu estou bem. — Pausa. — Sim. É óbvio que estou feliz.

Então Pierre se vira e me flagra espiando.

Tento disfarçar abrindo a geladeira para guardar a jarra, assoviando, mas é tarde.

— Espera um minuto, pai. Já falo. — Ele cobre o celular com a mão e enfia a cara pela porta da varanda. — Você estava me espionando, Lucas?

— Quê? *Eu* ? — me faço de desentendido.

— Quem mais seria? — Pierre brinca.

— Eu nunca faria algo assim, menino. Que absurdo!

— Pode espionar, mas preciso de ajuda com uma coisa.

— Que coisa?

— Posso dormir aqui? — ele dispara.

Ok.

Agora *sim* eu estou chocado.

— Dormir aqui? — repito suas palavras. — Você quer dormir *aqui* ?

Pierre arqueia a sobrancelha.

— Foi o que eu disse.

— Dormir, tipo, *comigo* ?

— Se você deixar, claro. Preciso dessa resposta para poder tranquilizar o meu pai e convencê-lo de que, bem, não estou desabrigado e não vou dormir debaixo da ponte.

— Pode — respondo. — Claro. Claro que pode. Com certeza. Será um prazer... dormir contigo.

— Legal. Vou falar isso para ele. — Pierre me dá uma piscadela maliciosa. Ele fica de costas e meu coração dá um pulo quando o ouço retornar à conversa. — Pai, pronto, confirmado: vou dormir com o Lucas.

MEU DEUS ?

Eu ouvi isso mesmo???

O que o pai de Pierre sabe sobre mim, gente?

E, acima de tudo, o que diabos vai pensar que significa seu filho “dormir com o Lucas”?

— Eu tomo cuidado. Não esqueci dessa parte. — Pausa. — Ok. Beijos, *papa* . Também te amo. Boa noite. — Pierre desliga a chamada e deixa o celular de volta na mesa. Fecha os botões de baixo da camisa e diz: — Já te disseram que é feio ficar bisbilhotando?

— Eu não estava bisbilhotando, fofo — me defendo, dando um empurrãozinho de leve em seu braço e entregando um dos copos com água quando ele entra na cozinha. — Mas esse é um apartamento pequeno. Não dá pra ter muita privacidade aqui.

— *Uhum* . Sei. — Ele estreita os olhos. — Agora a culpa é do tamanho do apartamento?

— Com certeza — minha voz sobe duas oitavas. Damos um gole sincronizado na água e desvio o assunto: — São onze e pouco já?

— É.

— Caramba. A gente realmente perdeu a noção do tempo.

— Sinal de que estávamos aproveitando um reencontro aguardado. — Ele sorri.

— Concordo plenamente. — E porque não aguento mais fingir que não ouvi nada da conversa dele, falo: — Então o seu pai sabe sobre o tal “Lucas da festa”, né?

— Sabe.

— O que você contou?

— Nada de mais.

— Nada de mais não é resposta.

— Eu disse que ia dormir na sua casa e que você era o Lucas da festa.

— Desculpa, mas não foi só isso que ouvi.

— Claro que foi.

— Pierre, suas exatas palavras foram: “vou dormir com o Lucas”. — Faço as aspas no ar. — Não “no Lucas” ou “na casa do Lucas”, mas “com o Lucas”!

— E daí?

— E daí? E daí que *você*, dono de um português tão primoroso, deveria saber que agora o seu pai deve estar pensando que a gente vai transar!

A risada alta e gostosa de Pierre preenche a cozinha.

— Eu não veria mal algum nisso, Lucas — ele responde de forma supersensual, tocando a maçã do meu rosto e desencadeando um acesso de tosse em mim, que engasgo e acabo cuspiendo um pouquinho em seu ombro, claro.

— Ai meu Deus, Pierre, desculpa! — digo, pegando um pano de prato e tentando contornar o estrago.

— Não tem problema — Pierre ri com meu exagero.

— Não faz isso comigo de novo, tá? — peço ao me recuperar, deixando o pano na bancada e dando outro gole na água.

— E não te ver ficar todo vermelho?

— *Ha-ha-ha* . Muuuuuito engraçado. — Reviro os olhos, mas me sinto fascinado com essa interação.

Há uma aura especial envolvendo nós dois agora. O que houve minutos atrás — a gente no sofá, os beijos, minhas mãos em sua pele — fortaleceu o nosso elo de modo perceptível.

— Mas voltando... Você falou em transar comigo?

Ele ri de novo.

— Isso. Algum problema?

— Problema nenhum. Eu só... — Respiro, tentando me acalmar. Será que essa é a hora em que digo que sou virgem? Não. Melhor não. A gente não precisa fazer nada hoje. E ainda que ele vá dormir comigo na minha apertada cama de solteiro, do meu ladinho... Bom, sexo é totalmente opcional. T-O-T-A-L-M-E-N-T-E . — Sei lá. Não esperava que você fosse falar algo assim pro seu pai.

Pierre está escorado em nossa geladeira cheia de ímãs com números de *disk* água e gás. Ele me observa, curioso, os lábios se abrindo em um sorriso encantador. As covinhas estão ali em plena forma e reparo também em seus cachos bagunçados, o lábio inferior mais vermelho do que nunca.

— O que você acha que estávamos fazendo no sofá? — ele questiona.

— Não sei. Se pegando? Matando a saudade?

A verdade é que qualquer um que nos visse agora saberia *exatamente* o que andamos aprontando.

— Preliminares? — Pierre aconselha, e engulo em seco. — É brincadeira, Lucas. Só quero te ver envergonhado.

— Ah, tá. Entendi — digo. — Se esse era o objetivo, parabéns, lindinho: conseguiu.

Ele estende a mão, que seguro. Pierre me puxa em direção ao seu corpo e me gira, de modo que fico de costas contra seu peito, sua cabeça se curvando sobre o meu ombro esquerdo.

— Mas sobre meu pai — ele sussurra —, devo admitir que contei tudo sobre você.

— O que é “tudo”, Pierre?

— Tudo tipo: “Me apaixonei, pai. Ou melhor, *festoxonei* por um menino chamado Lucas no Titanic e agora estou perdido, completamente arrebatado de paixão”. E então, dias depois, com os olhos cheios de lágrimas: “Ele não me enviou nenhuma mensagem e não sei por quê, e é por isso que estou perambulando como um miserável, *papa* . Desculpa”.

— Ele deve me odiar.

— Não, mas ficou surpreso ao ouvir do reencontro.

A respiração de Pierre faz cócegas em minha pele.

— É isso mesmo? Nem conheço meu sogro e já vou precisar trabalhar dobrado pra conseguir a aprovação dele?

— Hmmmmmm. Sogro, é?

Eu o ignoro de propósito.

— Meus amigos também vão ficar chocados quando eu contar que a gente se reencontrou no Carrefour, de todos os lugares possíveis.

— Por que acha isso?

— Porque fui um babaca com todo mundo, Pierre, e também porque meio que pensaram que eu estava inventando você.

— Mas Raul e Eric nos viram — protesta.

— Ninguém conseguia acreditar que eu fiquei tão mal por um garoto que conheci em uma festa.

— Foi grave assim?

— *Muito* . Eu me distanciei de todos.

— Do Eric também?

— Principalmente. Fiquei chateado demais com ele — admito. — Aquele dia foi uma loucura, atípico em todos os sentidos. Não só te encontrei, como nunca tinha visto Eric tão... *não ele* .

— Sabe o motivo?

— Ele disse que sentia que havia algo de errado com o Raul, só não entendia bem o quê — respondo. — Eric esconde muito.

— Pelo menos vocês conseguiram se resolver.

— Pois é. Percebi que não estava sabendo lidar com as mudanças. Sempre fomos nós dois, aí chegamos em Natal e isso mudou. De repente havia todas essas pessoas ao nosso redor, tantas possibilidades... Acho que estamos descobrindo quem somos agora, e quem não somos também.

— Isso. — Pierre assente. — As pessoas não agem como esperamos que ajam. Na minha opinião, é isso que as torna interessantes.

— Você e suas divagações filosóficas — brinco. Senti falta disso.

— Mas é verdade — ele continua. — Quando esperamos que as pessoas se comportem como nós queremos e não como são, não estamos permitindo que *sejam* , mas tentando controlá-las. E isso não é justo. Nunca leva a lugar nenhum.

— É. Acho que a gente não só tenta controlar, como tem medo da mudança também.

— Sim, e é por temer a mudança que tentamos controlar — Pierre diz. — É o medo do desconhecido que assusta.

— Eu tenho medo do desconhecido — confesso num sussurro.

Pierre, me prendendo em seus braços, beija meu pescoço e diz:

— Sério?

— Aham. Tenho medo de não saber o que vem pela frente. Você não?

— Não. Eu *gosto* do desconhecido. Gosto de não saber o que vem no futuro. Gosto de me surpreender, de me perder para me achar.

— Nós somos muito diferentes.

— Você acha?

— Acho. Você é tão... não sei, *conectado* com a vida? Eu me sinto muito preso. Limitado, com medo de arriscar, de ousar ver as coisas com outra perspectiva e o que isso pode acabar me mostrando sobre mim.

— Esse é outro aspecto do medo da mudança que a gente falou — Pierre diz calmamente. — Porque você acaba temendo quem pode se tornar quando já não for mais o mesmo.

— É isso.

— Mas o medo não é algo isolado que nasce do nada. Um bom exercício que aprendi é se perguntar *quem* em você sente esse medo. É sua criança ferida? É seu eu sabotador? — ele pergunta. — Como o medo surge? De onde ele vem? O que ele te impede de viver?

Balanço a cabeça, assentindo.

— Antes eu me enxergava de uma forma muito quadrada, como se fosse um personagem de uma animação 2D. Eu era plano demais, vivia dentro de uma caixinha... — suspiro. — A universidade, Eric, você e as conversas que tive ultimamente me ajudaram a ampliar os horizontes, mas é uma *tour*.

— *É uma tour* — ele me imita, rindo, e se afasta para me olhar, seu rosto imerso em uma áurea mística. — Conhece a teoria do espelho?

— Não. — Semicerro os olhos. — O que é?

— Segundo essa teoria, tudo o que a gente enxerga no mundo exterior é um reflexo do que existe, ou já existiu, dentro de nós mesmos — ele responde, entusiasmado. — Por isso, atraímos pessoas e situações que representam essas partes para que possamos trabalhar com elas e evoluir.

— Lei da Atração?

— A Lei da Atração faz parte disso, também.

— Você acredita mesmo?

— Acredito.

— Tá... Trazendo pro que aconteceu com a gente, então — eu digo. — O que você acha que precisava aprender com nosso desencontro pós-Titanic?

Ele reflete por um instante.

— Que eu tinha que deixar fluir — diz. — Que precisava confiar mais.

— Confiar em quê?

— Em nós dois — ele explica. — No Universo. Confiar que voltaríamos a nos encontrar.

— Mas não seria uma contradição, Pierre? Você disse que ficou um caco com nosso afastamento — eu rebato.

— É essa a questão, Lucas. — Ele sorri. — Eu ainda *estou* aprendendo. O tempo todo, aliás. Só minha postura mudou. Passei a acreditar que o mundo funciona como um espelho meu, onde crio minha realidade através dos meus sentimentos, das minhas palavras e escolhas... Mesmo o que é difícil, como ter te perdido, vem para me ensinar. Não porque foi imposto, mas porque eu precisava disso para crescer.

Paro para analisar o que isso implica nas entrelinhas. Na visão de Pierre, não existem vilões ou heróis. Ele não poderia ser considerado uma vítima de si mesmo; é o criador de sua própria realidade, mesmo que essa realidade entre em colapso com a de outros.

Para mim, isso é maluco. Deus, o Céu e o Inferno sempre foram conceitos absolutos na minha família. É difícil desapegar da lente cristã quando ela está tão entranhada, ainda que eu tenha principiado diversas rebeliões — a maior delas, claro, é viver orgulhosamente como a bicha pintosa e assumida que sou.

Não prossigo no assunto.

Em vez disso, suspiro e falo:

— Como saímos da conversa sobre seu pai achando que vamos transar pra isso?

Ele ri.

— Não sei, mas sentia falta da facilidade com que falamos sobre tudo. Foi o mais especial naquela noite, quando paro para pensar — Pierre conta. — O jeito como abrimos nosso coração. Todas as coisas que dissemos um para o outro, todas as referências que se encaixavam...

— Siiiiim! Eu lembro de ficar me perguntando coisas tipo: “como é que esse boy conhece TUDO que eu tô mencionando? Tá lendo minha mente? Saiu dos meus sonhos?”. Até Zella Day, Pierre! *ZELLA DAY!*

Seu sorriso se alarga.

— Talvez eu tenha mesmo saído dos seus sonhos, mas isso significaria dizer que você veio dos meus também.

Queria ser capaz de fotografar esse momento e acessar sua imagem nos dias em que o mundo não for bonito como agora: Pierre encostado na pia cheia de pratos e panelas sujas, a camisa desabotoada, os cabelos desgrenhados e a luz incandescente da cozinha envolvendo-o em uma aura ambárica.

Então eu peço à minha mente que guarde esse instante. Que o proteja em um espaço resistente ao tempo e que, por favor, nunca o apague.

— Como você sabe dizer todas as coisas certas? — pergunto.

— Falando o que meu coração pede.

Me aproximo dele e o beijo suavemente. É engraçado o modo como meu peito dispara quando meus lábios encontram os seus, e como tenho certeza sobre ele — sobre nós —, apesar de ser a segunda vez que nos encontramos. A conexão, o *sentimento*, é tão forte...

Quando paramos, Pierre estende os braços e apoia cada uma de suas mãos em meus ombros.

— Aliás, sabia que o Carrefour é uma marca francesa? — Há malícia em seus olhos. Faço que não. — Tá vendo? Isso tudo estava sendo orquestrado. É coisa de cinema, Lucas: nos conhecemos em um Titanic, nos reencontramos em um Carrefour... Qual vai ser a próxima reviravolta?

— Um casamento em Versalhes? — proponho ironicamente, mas Pierre leva a sério.

— Um casamento em Versalhes... — ele testa as palavras. — Sim, perfeito. Gosto da ideia. Vou anotar no meu mapa dos sonhos.

— Tá — digo, voltando atrás. — A gente precisa parar. Isso — faço um gesto exagerado indicando nós dois — tá indo rápido demais.

— Considerando tudo o que dissemos e que foram pouco mais de dois meses sem te ver, acho que essa tese de “rápido demais” é desnecessária e totalmente antiquada — Pierre diz. — Nosso tempo é nosso. Não precisamos viver pelas regras de ninguém.

Eu suspiro, me deixando convencer pelo argumento, e pergunto:

— Mais água? Banheiro? Posso te servir de algum modo, senhor?

Ele encosta o nariz no meu.

— Consigo pensar em um milhão de maneiras de ser servido por você, *mon cœur*, mas não quero te deixar tímido. — Beija a minha testa. — De qualquer forma, toda essa conversa me deu fome e eu adoraria provar dos seus dotes culinários. Vamos jantar?

De zero a dez?

Pensei que conhecer Pierre no Titanic seria o episódio mais inusitado da minha vida. Pierre sentado na nossa mesa de jantar, bebendo suco de tamarindo e devorando um prato de feijão-preto, macarrão e frango frito que preparei, é muito, *muito* mais.

— E aí, qual é a nota? — pergunto para acariciar meu ego insaciável ao acabarmos de comer.

— De zero a dez? — ele pergunta, relaxando no encosto da cadeira.

— Uhum.

— Bom — ele diz, fazendo mistério. — Eu gostei.

— Só isso?

— Se você não ficasse me interrompendo, eu poderia continuar dizendo que acertou no tempero do feijão. E a folha de louro... É folha de louro que chama, não é?

Eu assinto.

— Deu todo um toque especial — ele continua. — E também adorei o molho do macarrão.

— Para de enrolar, criatura.

— Não estou enrolando. Estou literalmente elogiando sua comida, se não percebeu. — Ele sorri quando reviro os olhos. — Não é fácil agradar um francês na cozinha. Somos muito exigentes.

— Exibido.

Ele ri.

— Ok. Vou dar um oito porque a comida era requentada e porque você pode fazer melhor.

A verdade é que ele ficou bastante satisfeito, a julgar pela voracidade com que devorou a comida. Se não tivesse gostado, não teria rapado o prato.

— Tá, tá — concedo. — Fico feliz que gostou. Da próxima faço minha receita especial e garanto seu dez.

— Que receita é essa?

— É surpresa — me vingo. Nunca esqueci o que me fez passar quando comprou nossos drinques no Titanic.

Pierre cerra os olhos e se inclina na mesa, segurando a minha mão.

— Sabe o que eu queria agora?

— Um mousse de maracujá com pedacinhos de morango?

— Delícia, mas não.

— *Crème brûlée* ?

— Negativo.

— Então o quê?

— Queria um banho.

— Sozinho?

— Acompanhado. — Ele morde os lábios.

— Nem vem — respondo. — Só pretendo entrar em um banheiro contigo de novo depois do nosso quinto encontro consecutivo. Até lá, vai ter que se virar sem mim.

Pierre olha pro teto, como se estivesse fazendo um grandioso cálculo matemático.

— Tudo bem. O quinto encontro não está tão longe — ele decide dizer. — Posso aguentar.

— Bobo... — Eu aperto sua mão. — Vou separar uma roupinha minha pra você vestir depois do banho. Preparado pra conhecer meu quarto?

— Venho sonhando com esse momento desde que você falou sobre sua paixão por filmes franceses — ele comenta, suas palavras me aquecendo por dentro.

Nos levantamos. Pierre recolhe os pratos e os empilha sobre a pia. Lavei a maior parte da louça enquanto a comida esquentava no fogão; agora, a bancada lembra menos uma zona de guerra.

Vejo quando Pierre pega o detergente e a bucha, e tento pará-lo:

— Ei, nem pensar. Pode deixar aí que eu lavo depois, tá?

Ele faz que não.

— Que tipo de pessoa você acha que sou, Lucas? — Pierre questiona, ensaboando um copo. — Meu pai é brasileiro e me ensinou bem. É claro que vou lavar a louça na casa do meu anfitrião charmoso.

Deixo como está porque a cena é impagável. É divertido vê-lo nessa posição: a postos em uma corriqueira tarefa doméstica, as mãos cheias de espuma, o sorriso brincalhão.

— Desse jeito eu caso, viu?

Ele me olha de soslaio.

— Em Versalhes, não é? Já sei.

Rio. Mainha diria que achei o boy perfeito. “É esse tipo de homem que vale a pena, filho”, ela sussurraria se visse Pierre na cozinha.

Não me refiro a quão educado ele é, sua amabilidade, seu passaporte europeu ou mesmo sua beleza. Mainha nasceu e foi criada em Luna do Norte. Embora tenha uma mentalidade aberta, é guiada por algumas certezas essenciais. Por isso, não é difícil ganhar suas graças: basta lavar a louça na primeira refeição em família.

— Pronto — Pierre diz quando termina. Eu passo o pano de prato e ele seca as mãos. — Agora posso conhecer os seus humildes aposentos imperiais, vossa alteza?

— Claro, milorde — faço uma medida teatral. — Acompanhe-me.

Pierre agarra minha cintura por trás e seguimos andando assim até o meu quarto, sem conseguir parar de rir.

O menino me manteve tão entretido que sequer saí da área de sala e cozinha desde que chegamos. Isso explica como não vi a folha pregada na porta do meu quarto antes. Algo de que me arrependo muito, sério mesmo. É o tipo de climão desnecessário que adoraria evitar.

Reconheceria a autoria desse bilhete em qualquer lugar. A caligrafia é cheia de firulas, vitoriana e exagerada como quem a escreveu, e o conteúdo demonstra sua contínua falta de tato.

A mensagem diz o seguinte:

Meu querido amigo Lucas, espero que sua noite tenha sido incrível e que tenha beijado muito o João da Biblioteca! Como sei que você tem tentado evitar qualquer tipo de comunicação virtual nos últimos dias, deixo esta mensagem como prova do meu amor e para anunciar que não dormirei em casa. Não faça nada que eu não faria e, por favor, lave a louça — tá começando a feder.

Ansioso por detalhes do encontro,

Eric Santos

(Graduando em Arquitetura & assessor especial do RDT Lady Gaga)

Que Eric nunca ganharia a categoria “Amigo do Ano” é um fato, mas “Melhor Amigo Sem Noção” foi feita para ele.

Engulo em seco ao ler a mensagem na porta, meu pomo de adão se mexendo como uma gangorra desengonçada.

Não faço ideia do que falar ou fazer agora, muito menos o que Pierre está pensando; e me pergunto se todos os meus esforços foram para o lixo, se esse bilhete é o que nos separa.

Mesmo que tente ver o mundo com lentes positivas, não consigo me livrar de um pensamento limitante, resultado de anos de desastres: sempre que algo bom acontece, algo horrível na mesma escala virá em seguida. Como se a vida não pudesse se contentar com minha efêmera felicidade e estivesse a postos para a vingança.

Espero que não seja o caso, mas leio as mãos de Pierre se afrouxando em minha cintura como um mau sinal.

Hesito antes de me virar para ele, temendo o pior.

Mas não.

Quando o olho, vejo que Pierre está sorrindo.

SORRINDO !

— Eric é uma figura — é tudo o que Pierre tem a dizer sobre o bilhete. Seus olhos estão focados no papel, e ele maneia a cabeça de forma engraçada. Depois, me fitando, continua: — Na verdade, vocês dois estão entre as pessoas mais engraçadas que já conheci na vida.

Não me controlo.

Dou uma gargalhada, o alívio tomando conta de mim.

Não é dessa vez que minha teoria “de todo bem vem um mal” é confirmada.

— Sério que não tá chateado?

— Claro que não. Eric escreveu isso antes de saber o que aconteceu. E mesmo que não fosse o caso — ele diz. — Você estava vivendo sua vida, seguindo o fluxo do que te parecia certo...

— Você acreditou rápido demais em mim — eu digo, as sobrancelhas arqueadas.

— Deveria repensar?

— Não, tá ótimo assim. Mas por quê? Por que tanta confiança?

— Minha intuição me diz para confiar. — Pierre dá um beijinho na minha bochecha. — E eu *quero* acreditar em você.

— Obrigado por isso.

— Eu gosto muito de você, Lucas. Nosso reencontro é importante demais para mim, mesmo tendo sido duro contigo mais cedo.

— Eu fiquei com tanto medo.

— Medo?

— De você não querer me ouvir.

— Então agora você sabe.

— O quê?

— Que eu estou disposto a tentar.

Eu o abraço, pressionando o rosto em seu peito.

— Obrigado, lindo.

— Antes que eu esqueça — Pierre murmura. — Você deveria enviar uma mensagem para esse menino. João, certo? Falei com ele quando você saiu correndo. Me pareceu bem decepcionado.

— Decepcionado tipo dor de cotovelo?

— Mais para “onde foi que eu me meti?” — A risada de Pierre é gostosa.

— O que você disse?

— Que te conhecia e que iria te procurar.

— E ele?

— Foi embora.

Coitado do João, gente. Não merecia isso.

Agora sou de fato o *bad blood* da sua vida e a imagem da Katy ficará manchada para ele. O que me resta é escrever um longo pedido de desculpas e torcer para que não me odeie para sempre.

Me faço prometer que vou cuidar disso daqui a pouco e abro a porta do quarto, a mão automaticamente no interruptor.

A primeira coisa em que penso é no quão feliz estou por ter feito faxina ontem — trazer Pierre pra cá com meu quarto uma zona teria sido catastrófico. Apesar de não fazer tanto tempo desde que fui na Colina e minha vida deu um duplo twist carpado digno da Daiane dos Santos, a impressão é que estou em um lugar totalmente novo.

Assisto tudo a partir da perspectiva dele. Vejo o rosto de Pierre se iluminar ao meu lado à medida que vai da estante entupida de livros para os pôsteres pregados na parede branca.

Ele aprecia sobretudo o cartaz de *O fabuloso destino de Amélie Poulain* atrás da minha cama, o rosto sorridente da Audrey Tautou e a Sacré-Cœur ao fundo. Repara também no pôster da Katy perto da janela, o que retirei de uma edição especial da *Capricho* e mostra minha diva como uma poderosa rainha promovendo sua fragrância Killer Queen.

Pierre se movimenta pelo quarto. Segue o percurso do pisca-pisca, que conecta os pôsteres e o guarda-roupa cheio de adesivos de *Digimon*, *Sailor Moon* e *Sakura Card Captors*. Ele também examina uma foto minha com Eric em um porta-retratos — foi tirada no dia da nossa formatura do ensino médio, os dois posando desengonçados para a câmera. Nela, sou o mais gay que pude na ocasião, requebrando e soprando um beijo; já Eric, sério e com cara de machão, tem os braços cruzados.

Meu quarto — cheio de vida, cheio de histórias — mostra muito de quem o habita. Estou em cada pedacinho dessa decoração; nos pôsteres e nos livros e nas fotos. Entrar nele é como conhecer o meu mundo secreto, e sei que Pierre considera o mesmo. Ele demonstra tanta satisfação que decido nem incomodar; só sento na beirada da cama e o deixo à vontade.

Depois de uma eternidade, ele me olha e sentencia:

— Então era aqui que você se escondia durante todos os dias em que não estive comigo.

Suas palavras me fazem lembrar das nossas últimas conversas no Titanic, de como me pareceu vulnerável... Pierre pode até ser mais real agora que está aqui, na minha frente, no meu quarto, mas em muitos aspectos ele é um mistério.

— Bem-vindo ao meu centro de operações. — Dou duas batidinhas na cama, convidando-o.

— Sinto muito por sua última missão ter sido um fracasso — ele diz, sentando ao meu lado.

— Não foi um fracasso, vai. Você tá aqui, não tá?

— Estou, mas não foi você quem me achou.

— Nem você! — exclamo, e então, digo algo que nunca pensei que diria: — Pode ter sido o Universo.

Achei que doeria dizer algo assim em voz alta, mas não. Faz perfeito sentido. As coincidências são extensas demais para não serem obras do acaso.

Pierre passa o braço ao redor do meu ombro.

— Talvez com uma ajudinha do Universo, sim. Mas definitivamente com o desejo inconsciente dos nossos mundos buscando colidir a qualquer preço, se atraindo sem parar...

Eu concordo, rindo. Ele sempre cria frases como essa, ao mesmo tempo piegas e sedutoras. Amo nunca saber o que dirá em seguida.

Em vez de explorar as possibilidades metafísicas de seu pronunciamento, pergunto:

— Você *realmente* não tem Facebook?

— Não. — Ele sorri. — Acho que Mark Zuckerberg tem demasiado poder sobre a nossa vida e não quero abrir mão das minhas informações pessoais tão facilmente.

— Ai, Pierre, se lascar, viu? Não me diga que você é um desses paranoicos que acham melhor, tipo, usar o Telegram em vez do WhatsApp por conta da criptografia.

— Bem, esse sou eu.

— Teria sido TÃO mais fácil se você tivesse Facebook. Eu teria te achado no mesmo dia.

— Não tem graça quando é fácil demais.

Reviro os olhos.

— Você é um idoso, isso sim. Porque, sério, eu nunca conheci um millennial que não tivesse rede social por VONTADE PRÓPRIA .

— Eu não sou um idoso, companheiro — Pierre adota um tom “militante comunista” másculo que me acerta em cheio. — Sou um revolucionário, é diferente.

— Revolucionário... — Reviro os olhos. — Uma pena que esse revolucionário tenha perdido meu aniversário.

— Hã?! — Os olhos verdes dele ameaçam saltar das órbitas. — Eu perdi seu aniversário?

— Uhum. Perdeu.

— Não acredito!

— Faz mal não.

— Claro que faz! Queria ter passado esse dia contigo, Lucas. Seria nosso primeiro aniversário juntos.

— Teria sido perfeito, mas você sossega se eu disser que tô recebendo o meu melhor presente agora?

Suas covinhas de galã de filme adolescente reaparecem.

— Que presente seria esse?

— Você, obviamente.

— Só queria confirmar — ele diz, convencido.

Nós nos beijamos e sinto aquela plenitude me arrebatando novamente, porque é um beijo sólido, cheio de determinação e vida.

A mão de Pierre acaricia minhas costas, descendo cada vez mais, e sei que, se continuarmos, não seremos capazes de parar tão cedo.

— Banho. — Me afasto dele e falo a primeira palavra que vem à mente.

— Você disse que queria tomar um banho, né?

Ele suspira.

— O banho poderia ficar para depois...

— Nada disso — digo, levantando e abrindo o guarda-roupa. — É tarde já. Vou pegar uma roupa pra você vestir e aí você vai primeiro. Alguma preferência?

Pergunto e percebo que não faço ideia do que posso emprestar. Pierre é mais alto e largo que eu; qualquer roupa minha ficará apertada.

— Dormir sem roupa é uma opção? — ele pergunta maliciosamente, e mesmo de costas sei que sorri.

— Não .

— Queria lembrar que franceses são bem liberais em relação a nudismo. Temos várias praias do tipo na Europa, sabia?

— Uhum. E eu sei bem o que vocês fazem nessas praias — ironizo, atirando nele uma cueca samba-canção vermelha com estampa de cereja que

não uso há séculos. — Espero que sirva, salientando que dormir pelado está fora de cogitação, tá?

Pierre agarra a cueca no ar.

— Poxa...

Ignoro sua decepção.

— Tem uma toalha limpa no banheiro também. Uma rosa. Pode usar.

Pierre assente e inspeciona o samba-canção.

— Nada para usar por baixo?

— Isso é o que usamos por baixo na hora de dormir — explico o óbvio.

— Nenhuma cueca?

— Samba-canção é um tipo de cueca, ô idiota. Fora que nenhuma cueca normal minha caberia em ti.

— Hmmm. Então é isso mesmo? — Pierre provoca. — Vou dormir seminu ao seu lado?

— É o que parece.

— Nessa estreita cama de solteiro?

— Aham.

— E nós estamos sozinhos, sem ninguém em casa?

— Isso aí.

— Me parece bom. — Pierre assente, dando um pulo da cama. — Muito bom. *Magnifique* .

— Pode ir tirando o cavalinho da chuva. Sou um rapaz de família, Pierre. Não faço esse tipo de safadeza.

— Pois eu faço. — Como não esboço reação, ele levanta, fica na minha frente e comenta: — Tenho certeza que se eu tivesse imaginado essa noite ela não seria tão interessante quanto é na realidade.

Finjo que essa cantada não foi perfeita (embora esteja BERRANDO por dentro) e aponto para fora do quarto.

— O banheiro fica no final do corredor. Vai logo e para de ficar me atiçando.

Pierre dá uma risada que poderia acordar o prédio inteiro.

— Ai, Lucas, Lucas — ele diz ao sair, balançando a cabeça. — Você é uma caixinha de surpresas.

Moeda grega

Acendo o pisca-pisca e meu quarto se transforma radicalmente. Acho incrível como uma boa iluminação é capaz de mudar um lugar; a maneira como essas luzes vermelhas, azuis, verdes e amarelas, piscando cadenciadamente, fazem toda a diferença.

Quero deixar o ambiente o mais agradável possível para quando Pierre voltar do banho, então ligo a caixinha JBL que Ana, Eri e mais alguns amigos se juntaram para me dar de aniversário. O presente vinha acompanhado de um cartão: “Lucas, te amamos, e lembre que você nunca está sozinho, mesmo quando nos abandona — mas nem ouse fazer isso de novo!”.

Conecto o celular e faço uma playlist com todas as músicas que considero perfeitas para a ocasião.

Não sei como é para as outras pessoas, mas, para mim, construir playlists é uma terapia; me dá a sensação de que consigo estabilizar os pensamentos e a cacofonia do mundo. Quando estou triste ou feliz, quando me sinto perdido ou especialmente animado, criar conexões entre músicas e artistas é como resolver um enorme quebra-cabeça sentimental.

Nomeio tudo com títulos exagerados. Há uma que gosto muito chamada “Meus dias desoladores feitos de lágrimas e cinzas”, e é a ela que recorro nos dias tristes. Inicia com “Linger”, dos Cranberries (se você não chorou com essa música ao assistir *Click*, então não teve infância), segue com “The

Only Exception”, do Paramore, “Dancing On My Own”, da Robyn, e termina com “Thinking of You”, da Katy.

Na playlist que monto agora, tento ser menos dramático. Adiciono algumas músicas sobre as quais Pierre e eu conversamos no Titanic, tipo “Sweet Ophelia”, da Zella Day, e “Youth”, da Foxes. De propósito, para chocá-lo com o quanto lembro, acrescento nacionais, como “Malemolência”, da Céu, e “Você é linda”, do Caetano.

Outras faixas são riscos meus. “I Wanna Go”, da Yuna, e “This Old Dark Machine”, do James Vincent McMorrow, duas das minhas preferidas; “Sound & Color”, da Alabama Shakes, que eu acho muito hino; “Desire”, do Years & Years, porque CLARO ; e “Fear of Love”, da Noosa, que é meu xodozinho desde 2013.

Música consegue falar por mim mais do que palavras. Satisfeito com o resultado, dou o nome à playlist: “Pra provar que estamos aqui”.

O chuveiro continua ligado, o barulho abafado da água chegando ao quarto, e aproveito que Pierre não voltou para mandar uma mensagem para Eric.

A foto do meu amigo no WhatsApp é reveladora mais pelo que *não* diz: Eri está sério, de paletó e com um sorriso forçado, com uma passabilidade hétero que nunca cansa de me surpreender.

Essa é sua foto em todas as redes, exceto, claro, no Twitter: ali, disposto a dividir toda sua viagem com o mundo, Eri usa a capa de “G.U.Y.” como icon desde que o clipe foi lançado.

Seu visto por último indica que meu amigo esteve on-line há meia hora e eu digito sem esperar resposta:

E aí, princesaaaaaa

Então, acho que vc vai gostar de saber que Pierre tá na porra
do meu quarto, gay

Era isso

Beijinhos de luz

Em seguida faço o que prometi há pouco, clicando na conversa com João. Nossa última mensagem foi o meme da Nicole Bahls que usei para garantir que ele não precisava se preocupar com o atraso. A lembrança do menino, empolgadinho e inocente, pipoca na minha cabeça, e toda a culpa que eu havia ignorado estoura.

Porque, de verdade, odeio tê-lo arrastado ao meu drama. Odeio ter feito com que se sentisse mal de alguma forma. Odeio que ele possa, não sei, perder a confiança em si mesmo por isso.

Temos que ter cuidado com a maneira com que tratamos os outros. Sobretudo dentro da comunidade LGBTQIAP +, quando lidamos com tanta negatividade vindo de fora; quando até amar é um risco... Um risco não só pelos desafios que o amor traz, mas pelas barreiras que a sociedade nos ergue diariamente.

Responsabilidade emocional é isso. Não fazer o que não gostaríamos que fizessem conosco. Ter empatia pelos sentimentos das pessoas como gostaríamos que tivessem com os nossos. Se importar em um mundo que diz não valermos a pena.

É abstrato falar desse cuidado às vezes. Mas a melhor forma de dar vida ao discurso é utilizando-o na prática.

Então eu escrevo, torcendo para que essas palavras, embora incapazes de apagar o que aconteceu, possam, pelo menos, expressar a João que sinto

muito. Que me importo.

Apago e reescrevo o texto algumas vezes antes de chegar nessa versão:

Ei... Nem se te enviasse “22” pedidos de desculpas daria pra compensar esse “Espaço vazio” pela forma como te deixei na mão hoje. Reencontrei uma pessoa muito especial, alguém que achava ter perdido, e não soube reagir na hora. É “Triste, bonito e trágico”, e espero que você consiga me perdoar, porque perdoar é “Melhor que vingança”. Mas do “Outro lado da porta” eu percebi que “Tudo mudou”. Você tem “Um coração perfeitamente bom” (sério mesmo). Torço pra gente, quem sabe, “Começar de novo” como amigos.

Dou uma última lida na mensagem, confirmo a tradução dos títulos das músicas da Taylor e então aperto enviar.

Antes de guardar o celular, vou além para selar a paz:

João, tenho mais uma coisa a dizer.

O *1989* é melhor que o *Prism* .

É isso.

Não me odeie.

E desculpa.

Pierre ressurgiu alguns minutos depois. Se sua imagem já é um bocado impressionante vestido, pare TUDO o que estiver fazendo e o imagine sem camisa, a pele levemente molhada, usando meu samba-canção vermelho e com a toalha rosa descansando no ombro.

Imaginou?

Se sua visualização criativa foi bem-sucedida, agora pode compreender como me sinto. Especialmente porque esse tipo de coisa (uma escultura viva do Michelangelo no meu quarto) nunca me aconteceu.

É a primeira vez que recebo um crush em casa e acho que comecei arrasando, né?

Arqueio as sobrancelhas quando meu Adônis entra.

Dessa vez nem tento disfarçar: encaro seu peito nu, os esparsos pelos dourados e os sinais que cruzam seu torso. Posso tê-lo visto assim no sofá da sala, minutos antes, mas a visão é mais nítida agora, e eu a aprecio.

Pierre é desses magros que nunca precisam pisar em uma academia para ter um abdômen definido; reparo nos gominhos, no dourado e tentador caminho da felicidade que leva meus olhos em direção a...

Esse é um dos pontos altos da história, aliás. A cueca ficou curta, como imaginei. Lembro que esse pedacinho velho de seda é a única coisa separando meu francês do nudismo que cogitou minutos atrás (e sobre o qual me arrependo amargamente de não ter concordado).

Pierre pega a toalha e a passa pelos cabelos úmidos, despreocupado, e é isso que me choca: ele está tão confortável aqui, tão... Aff, tão *em total controle da situação*, enquanto eu, pelo contrário, pareço morar em uma dimensão paralela do meu próprio quarto.

Eu gostaria de ter essa mesma confiança sobre o meu próprio corpo. Gostaria de poder tirar a camisa e me sentir como ele, perfeitamente em paz

com quem eu sou. Mas um passo de cada vez. Pode demorar, mas vou chegar lá também.

Ele olha ao redor, para o pisca-pisca em plena alternância de cores, e depois fixa a vista em minha boca entreaberta.

— Perdão — diz com uma falsa cara de perdido. — Esse é o quarto do *monsieur* Lucas Henrique de Luna do Norte?

Meu impulso é rir, mas me contenho.

Faço questão de adicionar o item à minha lista de “Coisas que sei sobre Pierre”: ele gosta de encenações bobas, como eu.

O que significa que (EBA !) aquele meu fetiche de médico e paciente nunca esteve tão perto de ser realizado.

Entro na brincadeira.

— *Si, si* — eu digo, sério, ajustando minha postura na cama. — *Es* aqui mesmo, *señor* .

Pierre sacode os cachos molhados, sorrindo.

— Você sabe que está falando espanhol e não francês, né?

— Claro que *si* , *señor* — eu respondo num sotaque mexicano digno de Mia Colucci. — Mas o que me espanta é você dizendo “né”. Desde quando cê fala assim, Pierre? Pensei que fosse formal demais pra isso...

— Más influências como a sua estão arruinando o meu português — Pierre contesta com um suspiro.

— Por favor, não destrua seu português arcaico por conta de *bárbaros* nordestinos como eu — ironizo, tirando onda com ele.

— E correr o risco de perder o meu maior charme? Jamais — ele rebate, mostrando a língua.

Pierre aperta os olhos e analisa o quarto.

— Posso te ajudar? — pergunto.

— Onde coloco a toalha? — ele indaga, e aponto para o armador da minha rede junto à janela. Pierre olha o entorno com atenção. — Você tem uma rede no quarto?

— A gente tá no Rio Grande do Norte — respondo. — É claro que eu tenho uma rede no quarto. Embora ela esteja suja e indisponível no momento, se é nisso que está pensando.

Ele caminha até o armador.

— Achei inusitado, apenas. Na casa do meu pai temos rede, mas na varanda.

E aí eu perco a voz.

Não porque ele fala ou faz algo chocante, veja bem. É que, ao ficar de costas sem camisa, Pierre termina revelando mais uma peça do seu quebra-cabeça pessoal.

É uma tatuagem: delicada e simples, o desenho 3D de uma pena saindo de um tinteiro. Ao lado da pena há um pergaminho praticamente intacto, não fosse por uma frase em francês que não faço ideia do que significa.

Os traços são bonitos, precisos. Pierre deve ter feito a tatuagem com um profissional muito talentoso; a pena praticamente salta da pele, a tinta em sua ponta afiada pingando no pergaminho como se estivesse prestes a escrever uma nova palavra.

Tenho vontade de tocá-la, beijar a pele dele toda, das sardas aos sinais que a salpicam. Um milhão de eternos beijos, se possível.

— Sua tatuagem é linda — falo quando ele se aconchega em mim.

— *Merci!* Gostou mesmo?

— Muito! É super-realista.

— Concordo. Não gosto tanto porque não posso vê-la com frequência — Pierre diz. Quando não respondo de imediato, ele se explica, a testa franzida: — Porque, claro, a tatuagem está nas minhas costas...

— Aaaaah, sim. Foi uma tentativa de piada?

— Fracassada, pelo visto.

— De fato — digo, sorrindo, e vou em frente: — Quando você fez a *tattoo* ?

— No dia do meu aniversário de dezoito anos.

— Que presente legal.

— O tio de uma amiga é tatuador e estava abrindo um estúdio novo em Montmartre, bem pertinho da Sacré-Cœur — Pierre conta, animado com a lembrança e apontando a catedral no pôster sobre a cama. — Essa amiga sabia que eu queria fazer uma tatuagem quando completasse dezoito, e combinou tudo com a minha mãe sem que eu soubesse.

— Peraí. Sua mãe tava nessa tour? — pergunto, espantado. — E deixou?

— Minha mãe era viciada em tatuagens — ele explica. — Ela tinha umas quinze, pelo menos, espalhadas pelo corpo. Fazer uma tatuagem no início da vida adulta era algo que conversávamos desde que eu era criança, um rito de passagem que só fazia sentido para nós dois.

— Meu Deus, que perfeita! Mainha me mataria se eu tatuasse algo — falo. — Mas e aí? Qual o resto da história? Ela foi contigo?

— Não só ela — Pierre sorri —, como mais alguns amigos. Havia uma festa completa montada no estúdio: bolo, balões, bebidas... Eu fiz essa tatuagem com todo mundo assistindo e rindo das minhas caretas de dor.

— Isso é icônicoooo! O máximo que fiz no meu aniversário de dezoito foi ficar legalmente bêbado com meus amigos e ilegalmente fumar meu primeiro beek.

— Você fuma? — ele pergunta sem nenhum traço de crítica.

— Só às vezes com meus amigos. E você?

— Antigamente, sim. Depois de um tempo, começou a me deixar paranoico. Achava que as pessoas estavam me olhando, e atacava muito a

minha ansiedade — Pierre explica. — Hoje prefiro evitar.

Nunca senti algo assim, mas sei que não é raro. Fico orgulhoso por ele ter percebido que fumar não lhe fazia bem.

— Como é na França? É proibido também?

— É. A legislação francesa é extremamente atrasada nesse sentido em comparação a outros lugares da Europa — Pierre não consegue esconder sua irritação. — Toda a guerra às drogas, na minha opinião, é uma farsa. Não funcionou positivamente em lugar nenhum, só amplia desigualdades, repressões e fortalecimento de milícias.

— Até porque — eu digo — existe “guerra às drogas” onde? Pra quem? Em qual bairro? Rola na favela, nos lugares em que o Estado já quer intervir de qualquer forma. Mas quem financia o tráfico não é o preto pobre colocado como alvo e encarcerado. É o engravatado branco com helicóptero e quatrocentos e cinquenta quilos de pó que aparece em fazenda de senador.

Pierre esboça um sorriso.

— Você gosta de política?

Reviro os olhos, sorrindo.

— Gosto. Faço parte de um coletivo na faculdade. A gente discute bastante sobre representações hegemônicas na mídia, proibicionismo, opressões... Vários debates a que eu não tinha acesso antes.

— Não conhecia esse seu lado, pequeno *katycat* .

— Ser *katycat* não me torna alienado — replico, e ele ri. — Mas, de verdade, isso me chateia tanto. Tipo, todos esses assuntos que a sociedade não quer discutir, esses tabus... Isso só gera mais conflitos. A gente não consegue ter uma conversa honesta sobre saúde mental e drogas, porque o assunto é proibido, ou então tratado de forma tendenciosa. Isso deixa as pessoas mais vulneráveis.

— Com certeza. Eu adoraria ter tido esse tipo de conversa aberta quando mais novo — Pierre diz. — Teria ajudado. Foi complicado para mim.

— Parar, você diz?

— É. Meus amigos naturalizavam muito o uso de drogas. Era quase como se só pudéssemos aproveitar de verdade se estivéssemos chapados. Eu vi algumas pessoas no fundo do poço, Lucas, e nem foi isso que acendeu o sinal vermelho — ele suspira, balançando a cabeça. — Às vezes eu penso em quem poderia ter me tornado se as coisas tivessem sido diferentes.

— Mas você nunca vai saber.

— Não, nunca.

— Porque nada disso aconteceu. As coisas são como são. Você é quem você é agora, com os erros e os acertos que cometeu.

Ele concorda.

— É tão bom poder te tirar da minha imaginação e te conhecer melhor assim. — Pierre está encostado em meu guarda-roupa, me olhando através dos cachos molhados que caem por sua testa. — Estou sempre viajando, praticando novos idiomas, vivendo novas experiências... Mas o que aconteceu com a gente, o que eu tive contigo, Lucas, foi único.

Minhas bochechas estão absurdamente vermelhas.

— Tem um livro que eu gosto muito... — Aponto para a estante ao lado dele. — Se chama *A probabilidade estatística do amor à primeira vista*.

— Esse título é maravilhoso.

Ele tira o livro da prateleira e folheia, avaliando a capa (a menina de vestido de noiva, o All-Star do menino, o aviãozinho voando).

— Quando li, disse a mim mesmo que a probabilidade estatística do amor à primeira vista era, no meu caso, zero. Não acreditava nisso.

Pierre tira os olhos do livro, fixando-os em mim.

— E agora? Continua sendo zero?

— Agora — me esforço para manter a voz firme —, o amor à primeira vista já não é tão improvável como pensei que fosse.

Ele sorri.

— A sinopse é ótima. Posso pegar emprestado?

— Com certeza. É bem fofinho. Talvez você curta.

Gosto de olhar para ele. Gosto de sua expressão concentrada, a maneira como a testa fica franzida e ele morde o lábio inferior, de leve. Pierre é concreto agora.

Ficamos em silêncio, ouvindo apenas o som das páginas virando.

— No que você está pensando? — ele indaga em seguida, deixando o livro de lado.

— Estava pensando na sua mãe, na verdade — respondo. — Fiquei tentando imaginar você fazendo uma tatuagem em uma festa com ela. Tipo, gente, como assim?

— Às vezes penso que ela sabia que seria um dos nossos últimos aniversários juntos. — Pierre exala devagar. — Estava cem por cento presente naquele dia. Acho que nunca a vi sorrir tanto. Toda a atenção que me deu, as confissões e quão fácil era o nosso relacionamento...

— Ela parece maravilhosa — eu afirmo, olhando-o nos olhos. — Exatamente como você.

Ele aperta os lábios num meio sorriso. Há carinho e gratidão estampados nesse sorriso, e o momento me deixa emocionado.

O pisca-pisca desacelera em meio à transição de cores e para na luz vermelha. O corpo inteiro de Pierre é tomado por esse efeito avermelhado que o transforma em uma figura brilhante dentro do meu quarto.

— Qual a tradução da frase na *tattoo* ?

Pierre senta ao meu lado na cama, de costas para mim. Posso ver a tatuagem melhor; a luz muda de vermelho para azul-escuro e a frase no

pergaminho contrasta ainda mais forte.

Está escrito: *J'écris mon histoire tous les jours* .

— “Escrevo minha história todos os dias” — ele traduz, me olhando por cima do ombro.

As sombras em sua pele acentuam todas as partes certas. As linhas fortes da mandíbula, os lábios carnudos e a coroa de cachos dourados. Visto de perfil, Pierre parece saído de uma antiga moeda grega.

Paro de hesitar e me aproximo dele. Espalmo a mão sobre a tatuagem, cravada na parte superior da omoplata direita, e sinto sua pele fria contra meus dedos.

Me inclino de leve e dou um beijo no local exato onde o “*tous les jours*” termina. Pierre estremece, os olhos fechados, e deixa uma trilha de beijos até parar atrás de sua orelha.

— Acho que estamos escrevendo um capítulo novo da nossa história hoje — sussurro, e o escuto arfar baixinho, os pelos da nuca se arrepiando. — Um muito lindo, por sinal.

— Concordo — ele sussurra de volta.

— Estou tão feliz com nosso reencontro, Pierre. Sei que já disse antes, mas obrigado por ter vindo. Significa muito.

Ele se move, se ajeitando para virar de frente para mim, e toma meu rosto em suas mãos. Nossos narizes se tocam, sua respiração provocando meus lábios, e ele me beija.

Esse beijo é mais contido que os outros. É carinhoso, leve, doce. Sincero. O beijo que eu descobriria ser sua marca registrada. O hálito de Pierre rescinde a pasta de dente, e por um momento é como se eu lembrasse de uma tarde que ainda não vivemos: nós dois em um jardim florido imperial, o vento frio bagunçando nossos cabelos, um nascer do sol magnífico despontando no horizonte...

Eu paro. Me sinto completo por dentro, cada parte de mim em perfeita ordem. Quando volto a fitá-lo, Pierre está me encarando. Vejo os risquinhos cor de mel ali, minha própria imagem refletida em seu olhar, seus cílios impossivelmente longos...

E então Pierre diz:

— Banho.

Eu pisco, como se acordando de um transe.

— Hã?

— Essa é a minha forma de retribuir sua interrupção de antes — Pierre brinca. — Você tem que ir tomar banho antes da gente dormir.

— Ai, menino! Quer me matar? — eu protesto, suspirando e me afastando dele. Pego meu próprio samba-canção no guarda-roupa e o encaro. — Eu deveria ter te esperado na porta do banheiro, pra adiantar logo isso. Mas não. Vou acabar pirando!

Pierre acha graça. Ele deita na cama, se esparramando sobre os travesseiros e entrelaçando as mãos atrás da cabeça. Seus braços se contraem e suas axilas expõem a mesma tonalidade dos pelos no abdômen.

— Temos todo o tempo do mundo aqui, Lucas — ele diz à vontade. — Fica tranquilo. Podemos aproveitar como quisermos.

Eu pego o celular e vejo a hora: meia-noite e uns quebradinhos.

— Não sei se a gente tem todo esse tempo do mundo, não. Mas eu fiz uma playlist enquanto você tomava banho — informo. — Em comemoração a essa noite.

— Uau. Posso ver?

— Você vai *escutar* — o corrijo. — A primeira música tem quatro minutos de duração. Prometo voltar antes disso.

— E o recorde de banho mais rápido vai para...

— Ó, sem tiração de onda, tá? — eu falo, avexado, e dou play no aplicativo do Spotify. — Tô fazendo isso por você. Agora fique em silêncio e, por favor, escute a palavra do James Vincent. Já volto.

Então casa é isso

Encontro Pierre de olhos fechados ao retornar. Meu esposo, James Vincent McMorro, entoou o final da melodia de “This Old Dark Machine” com sua voz carregada de sentimentos.

É uma cena bonita: ele confortavelmente recostado na cama ouvindo uma de minhas músicas favoritas. A única parte engraçada é que ele é tão alto que seus pés ficam sobrando.

— Gostasse? — pergunto enquanto ligo o ventilador no máximo.

As pálpebras de Pierre se abrem preguiçosamente.

— É linda, Lucas. A letra é maravilhosa — ele boceja. — Obrigado por ter me apresentado. Viajei muito na história. E quando chega nesse final, quando canta “*we will live like this forever*”, é forte.

— Que bom que você curtiu. É um hino mesmo.

Pego um cobertor extra e Cassandra, meu cherosim (também conhecido como o lençol que levo pra todo lado comigo desde os doze anos; um companheiro de batalha tão fiel que tem até nome).

— Oi — Pierre diz, se virando para me olhar quando deito ao seu lado.

Ele repousa a mão em cima do meu umbigo.

Estou usando um samba-canção, como ele, e nenhuma camisa. Não sei como tive coragem de fazer isso. Uma coisa é tirar a blusa no auge da pegação, outra muito diferente é já aparecer sem ela. Quase escolhi algo

para vestir por cima, mas não costumo dormir com muita roupa. Fora que seria mal-educado deixá-lo seminu sozinho.

Porque, sabe, eu sou a própria Madre Teresa de Calcutá.

— Oi, lindo — digo.

— Seu cabelo ainda está molhado.

— Eu sei.

— E seu banho foi realmente *muito* rápido.

— Anos de prática.

Eu cumpri mesmo o prometido de minutos antes: tomei a chuveirada mais rápida da história, esperando que aquela pressa toda me ajudasse a não pensar em *certas coisas* .

Coisas como, por exemplo, se deveria me preparar (oi, chuca) para o caso de algo mais *intenso* rolar essa noite. Ou se roncaria e me mexeria demais na cama, arruinando todas as nossas chances de dormirmos juntos no futuro.

A real é que dormir com um menino que eu gosto é assustador, e nunca ter feito isso não ajuda. Minha falta de experiência é notável pela maneira como fico tenso, em dúvida até de como me mexer.

— Está com sono? — Pierre pergunta, alheio aos meus pensamentos.

— Nem tanto. E você? Cansado?

— Bastante. Acordei cedo e corri um pouco — ele diz.

— Não sabia que você corria.

— Não é sempre. Hoje senti que precisava.

— Alguma coisa te incomodando?

— Mais ou menos.

— Tem a ver com o que você queria me falar antes do seu pai ligar?

— Tem.

Pierre faz uma pausa.

— É só que tem algumas coisas que preciso resolver, pendências que fui postergando e postergando...

— Sei como é. A gente vai adiando até não dar mais. Ou a gente encara ou é engolido por isso.

— Pois é. E minha avó ligou também, chorando...

— Sério? Ela tá bem?

— Faz muito tempo que não a visito, Lucas. Sei que se sente sozinha, talvez até um pouco abandonada. — Pierre sussurra. — Não consigo evitar a culpa.

Não é tudo, porém. Há mais que ele está guardando, palavras aparentemente difíceis de serem ditas.

Se não se sente à vontade para contar, não irei pressioná-lo.

— Qual a idade dela?

— Setenta e cinco. Me sinto mal por ter me distanciado nos últimos anos, justo depois da morte da minha mãe. Era filha dela, afinal.

— E você o filho.

— Sim, mas...

— Você fez o que achou adequado, Pierre, e precisava disso para se encontrar. Sua avó deve entender.

— Ela entende. É que... — Pierre limpa a garganta. — Deixa pra lá. Você está certo. Vai ficar tudo bem.

Ele toca meus lábios com a ponta dos dedos.

— Quer saber uma coisa? — pergunto.

— Conta.

— Você sempre me deu a impressão de ser tão forte, como se nada pudesse te machucar.

— Por que achava isso?

— Você é tão... *certo* sobre tudo. Me passa tanta confiança.

— Pareço maduro assim? — A expressão dele é curiosa.

— Para alguém da nossa idade, sim. Você aparenta ter visto tanto. Mais do que deveria, até.

— Pode ser — a voz dele está contida. — Mas não poderia ser apenas mais uma armadura? Mais um mecanismo de defesa? Como se estivesse me escondendo atrás da máscara de alguém tão sábio.

— É verdade — eu concordo. Na verdade, não me surpreenderia se fosse o caso. — Mas não sei, talvez eu...

— Não me conheça tão bem ainda, não tenha visto todas as minhas sombras. Todas as partes de mim que faço questão de esconder, com medo do que os outros poderiam pensar — ele fala, e isso me dói. Pierre percebe. — Ei, desculpa... Não era para ter soado dessa forma.

— Não faz mal. — Eu suspiro e me ajeito na cama. Estou de lado, espelhando sua posição, e nossos olhos se alinham. A luz ao nosso redor agora é azul. — Você tem razão. Mal nos conhecemos. Estamos apenas no segundo dia da nossa história, mas não é louco o quanto já sabemos um sobre o outro?

— Isso não é exatamente verdade.

— Por quê?

— Bem, eu não sei qual é a sua cor favorita.

— Agora você me pegou.

Ele ri.

— Tenho uma proposta — Pierre se empolga.

— O que você sugere?

— Um jogo.

— De perguntas?

— Sim.

— Com desafios pra quem errar? Tipo striptease?

— Não foi bem desse jeito que imaginei o jogo... — Ele sorri. — E striptease demandaria que usássemos mais roupas além desses *boxers*.

— Isso é verdade. Não faria muito sentido tirar a única coisa que a gente tá vestindo.

Seus olhos dizem: “faria *muito* sentido”.

— Então pronto: eu pergunto, você responde e vice-versa. Quer começar?

— Pode ser, mas a gente pode comentar as respostas? — indago. — Porque, tipo, acho importante fazer comentários em casos extremos.

— Combinado. Mas só se for realmente muito necessário.

— Tá. — Faço carinho no ponto macio de suas costelas. — Qual é a sua cor favorita?

— Azul. A sua?

— Verde. Rihanna ou Beyoncé?

— Rihanna — Pierre diz, sem me surpreender com a sensatez. — Filme preferido da saga Harry Potter?

— *Prisioneiro de Azkaban* — digo.

— Eu também — Pierre murmura.

— Canjica ou pamonha? — continuo.

— Canjica. Marvel ou DC ?

— Marvel. Qual o seu nome completo?

— Pierre Nohant-Guerra.

— Sério???

— Essa é sua pergunta?

— Esse sou eu chocado — rebato. — Que nome fofo. Guerra é da parte do seu pai?

— Aham. Mas olha, se isso fosse um jogo de striptease, você teria que tirar a cueca agora — ele lembra, maroto.

— Oxe, e por quê?

— Pelo excesso de perguntas. O que, aliás, me leva à minha: qual seu fetiche mais louco?

— Eu diria... transar descendo de um tobogã? Ou comer sushi durante o sexo? — Ele ri alto. — Mas sim. Definitivamente transar descendo de um tobogã.

— O sushi a gente pode tentar — Pierre morde os lábios —, mas o tobogã parece inviável.

Ele muda de posição, apoiando os cotovelos na cama, o queixo descansando nas mãos.

— Ué, você já ouviu relatos de alguém que não tenha conseguido?

— Esse não é o ponto. Transar num tobogã é tecnicamente impossível. Sexo não funciona assim.

— Aí eu não sei. Não tenho nada além de uma mente bastante criativa — comento, só depois notando que deixei minha virgindade explícita demais. Busco em seu rosto qualquer sinal de que percebeu, mas a expressão neutra dele não denuncia nada. Talvez ache que sou mais experiente depois do que fizemos no sofá. — Qual foi o lugar mais esquisito onde você beijou alguém?

— O Titanic? — Pierre sorri, e eu caio na gargalhada.

— Essa é uma boa resposta.

— Eu sei. Lacrei muito.

— Repete???

— Que eu lacrei muito?

— Oi? Você tá falando “lacrar”?

— É uma expressão bastante popular entre a comunidade LGBT no Brasil, certo? — Pierre diz, se divertindo com minha cara de espanto.

— Isso eu sei — falo. — O doido é você dizendo “lacrei”. Onde aprendeu?

Ele faz que não.

— É minha vez de perguntar agora.

— Eu insisto. Posso até ficar devendo uma rodada, mas INSISTO .

— Ok. Depois que você me abandonou — Pierre explica, e eu o belisco —, precisei ocupar meu tempo. Foi assim que segui sua indicação e procurei por Inês Brasil on-line. Um caminho, devo dizer, completamente sem volta. Uma coisa levou à outra e fiz uma maratona de todos os memes sugeridos no YouTube, ampliando de forma descomunal o meu vocabulário.

— Viu as Trans Finíssimas também?

— Também.

— Leona Vingativa?

— Certamente.

— Meu Deus, não sei se fico chocado ou muito orgulhoso do meu bebê — digo. — Pisou, manaaa.

— Pisei mesmo — Pierre se inclina para me dar um selinho. — Mas voltando... se você pudesse convidar qualquer celebridade do mundo para um jantar, quem seria?

— Tem que ser uma pessoa viva?

— Óbvio.

— Então seria a Katy. Sou fã dela.

— Jura? — ele ironiza, mostrando o pôster na parede. — Não tinha percebido.

Reviro os olhos.

— Se você pudesse escolher qualquer lugar no mundo pra morar, onde seria?

— Seychelles.

— “Sey” *what* ?

— Seychelles. É um país na África — ele explica. — Um arquipélago com cento e quinze ilhas. É lindo demais, paradisíaco.

— Você conhece?

— Não sei se te contei. Minha mãe era jornalista especializada em viagens. Quando eu era criança, ela foi enviada como correspondente do jornal em que trabalhava para Seychelles. Passamos três meses na capital, Victoria, no verão. Eu era muito novo, mas nunca esqueci — ele diz. — De quem é a vez agora?

— Sua, eu acho.

— Bom, digamos que pudéssemos aprender automaticamente um novo idioma. Qual você escolheria?

— Francês.

Ele ri.

— Tem certeza que só não está querendo me agradar?

— Certeza absoluta. Queria aprender francês muito antes de te conhecer. Acho sexy.

— Agora sei por que te conquistei tão fácil. — Pierre aperta minha bunda.

— Acertou em cheio — concedo, sem ar. — Quais idiomas além de português e francês você fala?

— Inglês, um pouco de espanhol, italiano e me arrisco em alemão — Pierre responde com naturalidade, não como se contasse vantagem. — E você?

Ok...

Essa é a parte em que eu deveria ficar intimidado? Porque, *bem*, só sei falar português mesmo, mais nada.

Não é como se as escolas públicas brasileiras fossem conhecidas pelo ensino de línguas estrangeiras, nem como se todas as palavras e frases aleatórias que aprendi por conta das músicas das minhas divas fossem fazer

sentido em uma conversa. Chegar em alguém e dizer “*I wanna see your peacock*” ou “*Do you want a piece of me?*” ia parecer atiradinho demais.

— Só português — admito, torcendo pra ele não me achar burro. — Mas você é poliglota! Isso é muito foda! Espero um dia conseguir aprender outra língua também.

— Posso te dar uma mãozinha nisso, se quiser — Pierre diz com malícia, sua mão descendo pela minha cintura e passando por baixo do elástico da minha cueca.

Eu o afasto antes que seja tarde demais. Ele ri, feliz e excitado, enquanto seguro seus dedos com força. Me esforço para lidar com os dois jogos que acontecem ao mesmo tempo, as perguntas e nossos toques.

— Esse jogo está muito fácil — comento.

— Como podemos apimentá-lo, então?

Mordo seu lábio.

— Para apimentar a noite — digo lentamente —, solicito sua opinião sobre a política brasileira, levando em conta os últimos escândalos e um possível golpe de Estado.

Pierre ri.

— Ah, é? Você quer falar sobre política *agora* ?

E pela forma como ele pressiona seus quadris contra os meus, não tenho mais tanta certeza.

— É muito importante saber qual é sua posição em relação ao assunto.

— Certo. — Pierre beija meu pescoço. — Bom, eu defendo a tese de que o Brasil é um país complexo, com um sistema político corrupto, enormes marcas escravocratas e uma democracia frágil que nunca saiu das sombras da ditadura militar. Infelizmente, não acredito que a Dilma aguente muito. Não com tantos inimigos dispostos a derrubá-la, uma mídia golpista e uma sociedade conservadora como a brasileira.

— A propósito, quando a gente se casa em Versalhes mesmo? — eu brinco.

— Quando quiser. — Ele massageia minha nuca. — Isso significa que passei no seu teste?

— Passou.

— Minha vez, então.

— Cuidado com o que vai perguntar...

— Uma vez que você trouxe à tona a pauta política — seus olhos reluzem maquiavelicamente —, imagine a situação hipotética: Eduardo Cunha, Michel Temer e Aécio Neves. Com quem você transa, casa e mata?

— PIERRE !!! — eu dou um tapa em seu braço, mortificado. — Que tipo de pergunta é essa?

— Minha forma de provar que estou atento ao que acontece neste país e que não sou nenhum pseudogringo alienado.

— Nossa. Foi longe demais agora, boy. Vai ser polêmica — digo quando consigo parar de rir.

— Polêmica por quê?

— Porque eu transaria com o Aécio.

— Eca! Nojento!

Ele se afasta de mim na cama o máximo que pode.

— Eu sei! Odeio todos esses caras e o que eles estão fazendo com o Brasil. Honestamente, acho que é o transar-casar-matar mais difícil da história.

— Poderia ser pior — Pierre diz.

— Por quê?

— Eu poderia ter incluído o Bolsonaro como uma opção.

Meu vizinho que me desculpe: mas eu berro com essa, minha gargalhada incontrolável preenchendo o quarto.

— E aí? — Pierre cobra.

— Eu casaria com o Temer e mataria o Cunha — finalmente respondo.

— Por que casaria com o Temer?

— Porque ele é rico e velho. E talvez morresse antes dos outros, me deixando com toda sua fortuna.

— Mas e a teoria de que ele é um vampiro?

— É, isso atrapalharia os meus planos...

E o jogo continua.

Acho que nunca me diverti tanto.

Aqui, nessa cama apertada, o pisca-pisca em movimento e minha playlist nos embalando, sou minha melhor versão desde o Titanic; o coração leve, os músculos em meu rosto doloridos de tanto rir, a certeza de que estou no lugar certo, com a pessoa certa...

Pierre se mostra mais engraçado do que me lembrava. Seu senso de humor brinca com o absurdo e com o flerte. Diz coisas que me pegam desprevenido — piadas que de outra forma não seriam engraçadas, mas que com ele e seu sotaque franco-potiguar ganham um sabor especial.

Ele me beija entre uma pergunta e outra, também. É macio e intenso e sabe exatamente o que fazer comigo; nossos corpos encontram formas novas de se tocar e a cada segundo me sinto mais confortável para me entregar a ele.

No fim, não precisamos de nada de extraordinário para tornar este momento perfeito. Só estar ao lado dele é o suficiente.

Driblamos os primeiros bocejos. Porém, quando até a JBL descarrega, é como se recebêssemos um ultimato.

— Deveríamos dormir — Pierre, claro, é quem propõe.

— Não sei se consigo... — gemo, olhando pro teto.

— Talvez se apagarmos a luz?

— Talvez. Quer que eu desligue?

— Deixa comigo. — Pierre levanta da cama meio cambaleante. A tomada do pisca-pisca fica perto da janela. Aponto. Ele desconecta o fio e meu quarto é tomado pela escuridão.

A cama range e treme quando Pierre volta. Ele cola nossos corpos. Em seguida, desliza a mão pelo meu quadril, e isso é mais que o suficiente para fazer meu coração disparar.

Inspirando, tomo coragem e passo a mão por sua pele também, tateando-o com cuidado. É um toque diferente em comparação ao do sofá, quando nos sentíamos necessitados um do outro, e ao de quando começamos o jogo das perguntas, fogo puro. Agora é tudo sutil; calmo como uma canção de ninar.

Inicialmente não consigo enxergá-lo. Depois que meus olhos se acostumam, o pouco de claridade que passa pela janela revela o seu rosto. Ele me encara como nunca fez antes, e há algo de terno nesse olhar no escuro. Como se Pierre transmitisse um segredo há muito guardado, realizando um desejo que julgara impossível de concretizar. Parece mais jovem do que nunca. Um garoto — talvez pela primeira vez em muito tempo — se sentindo confortável, seguro.

Sinto o mesmo, por mais inexplicável que seja. É como se eu tivesse viajado por muito, muito tempo e finalmente chegasse em casa.

Então, com um clique, entendo que “casa” não é o que eu pensava ser. Não é um lugar, mas essa sensação: nossos corpos unidos, seus lábios macios curvados em um sorriso caloroso, seu cheiro doce e almiscarado, seus cabelos de querubim...

— Lindo — eu murmuro.

— Meu — ele replica.

Contorno a linha de suas sobrancelhas grossas com o indicador. Meu dedo desce por seu nariz até pausar em seus lábios. Me inclino e o beijo.

Se houvesse uma maneira de descrever esse beijo, se houvesse uma maneira de defini-lo, eu diria “tranquilizador”. Tranquilizador porque me envolve de paz e carinho, e tudo que não estava certo antes simplesmente se endireita.

Me deixo ser guiado quando Pierre nos cobre e me puxa para perto de si, seu braço esquerdo passando por baixo da minha cabeça, agora apoiada entre o ombro e o peito dele.

E quando o sono enfim nos vence, as últimas palavras que escuto antes de dormir vêm de sua voz rouca sussurrando “*bonne nuit* ” em meu ouvido, o pulsar tranquilo de seu coração dizendo que está tudo bem. Que estamos em casa.

A manhã seguinte

Você deve ter imaginado que eu teria, tipo, um bilhão de comentários românticos pra fazer depois da minha primeira noite com o homem dos meus sonhos, certo?

Apontamentos clichês como: “Com ele ao meu lado, senti que nunca dormi tão bem” ou “Eu já nem sabia onde ele começava e eu terminava”. Seria divertido utilizar recursos textuais como esses, mas, pra ser sincero, eu não recordo de muito.

Não que esteja insinuando que a noite em si tenha sido ruim, tá?

Eu só não... *lembro* dela concretamente.

Minha última recordação é menos uma imagem e mais uma sensação: eu, de olhos fechados, minha cabeça apoiada no ombro de Pierre, o vento na intensidade três do ventilador soprando na cara e toda a plenitude que nunca cogitei que me faltava.

Não faço ideia se ronquei, peidei na cara dele ou o empurrei aos chutes. E o pior disso é que nem posso tirar satisfação sobre minha performance. Quando espreguiço e abro os olhos, me dou conta de que Pierre sumiu.

Por um microssegundo, me pergunto se a noite passada aconteceu de verdade ou se foi mais um delírio. Penso que, se ele tiver mesmo ido embora, seria a concretização do pesadelo de TODOS os viadinhos do mundo.

Mas as roupas de Pierre dobradas no banquinho ao lado da escrivaninha detonam minha teoria e me arrancam um “ufa” aliviado.

A luz da manhã de sábado atravessa as cortinas sem piedade, e eu deixo meu corpo se acostumar com o ambiente antes de começar a agir.

Existem algumas possibilidades para o sumiço: 1) Pierre foi ao banheiro; ou 2) saiu pra falar com o pai no telefone. Essa última opção faz mais sentido, porque escuto vozes risonhas vindas de fora.

Pego o celular debaixo do travesseiro antes de procurá-lo. São quase dez. A notificação de uma mensagem de João, enviada pouco tempo atrás, se destaca na tela e abro nossa conversa.

Oi, Lucas.

Obrigado por ter falado.

Fiquei preocupado e me perguntando se tinha feito alguma coisa errada.

Sendo bem sincero, não gostei da sua atitude. Sair daquele jeito quando estávamos vivendo algo tão legal foi foda.

Enfim. Agradeço sua mensagem. Espero mesmo que você seja feliz com a pessoa que reencontrou.

E sim, nisso aqui você acertou: o *1989* é mesmo melhor que o *Prism*.

Valeus!

Respiro aliviado. A resposta não foi tão ruim quanto eu esperava, e pelo menos ele respondeu.

Onde quer que você esteja agora, João, sério mesmo, *foi mal* .

Levanto da cama, bocejando e me deixando guiar pelas vozes. Abro a porta do quarto com cuidado e ando na ponta dos pés, tentando não fazer barulho.

Uma gargalhada explode pela casa. Chegando à cozinha iluminada, vejo uma combinação surreal: Pierre, de samba-canção, sentado à mesa e segurando uma fumegante xícara de café, enquanto Eric acaba de preparar um cuscuz. Os dois não são os únicos no ambiente. Reluzindo como o casal perfeito que formam, Ana e Thamirys estão de mãos dadas, rindo com os meninos.

Não sei o que fazem aqui. As meninas, que não são muito de fazer surpresa, não comentaram nada sobre a visita. A parte mais estranha é que há um rocambole caprichado na mesa, receita de Ana para datas especiais.

Eles não me notam de cara. Aproveito os segundos de invisibilidade para assisti-los à espreita — os cachos bagunçados de Pierre, que tenta seguir o fluxo acelerado das conversas; a euforia incontida de Eri que vem à tona quando acerta uma piada, dominando o centro das atenções; o olhar de rapina de Ana, tomando nota de tudo; a maneira agitada com que Thamirys balança uma de suas tranças com lâ de um lado para o outro, sem parar...

Quando finalmente decido aparecer, sou recebido por vaías cearenses capazes de levantar um defunto da cova.

— Olha só! A bonita apareceu! — Eri diz de forma cantada, empolgado.

— Oiê — respondo, a voz saindo rouca e arrastada. — O que tá acontecendo aqui, gente?

Ana levanta para me abraçar. Ela usa uma legging preta e uma blusa florida, a franja pendendo para a direita e revelando a parte raspada da

cabeça.

— Bom dia, minha Bela Adormecida linda! — ela diz. — A gente tava falando sobre a senhora agorinha.

— Marcamos alguma coisa e eu esqueci? — pergunto, beijando sua bochecha.

— Ninguém pode mais visitar os amigos, é? — Thamy, que está atrás de Ana na fila para o abraço, fala.

— Lógico que pode, mas ninguém comentou que tava vindo. Fiquei surpreso.

— Foi uma visita não programada, como todas as coisas lindas da vida — Ana dá a vez para Thamirys, que sussurra “bom dia” e me abraça.

— E embora seja uma surpresa pra você — ela diz —, foi Eric quem nos disse pra dar uma passadinha.

Eu amo como elas são tão sincronizadas que podem terminar os pensamentos uma da outra. META DE RELACIONAMENTO .

— Mas e o rocambole?

— Essa parte aí foi sorte de vocês — Ana responde, e as duas voltam a sentar na mesa.

— Sorte nada — Thamirys replica. — A Ana se atrapalhou achando que ontem era nosso aniversário de namoro.

— Ana! — exclamo.

— É mentira dela, Lucas. A verdade é que eu só queria compartilhar a receitinha vegana com as minhas seguidoras.

— Ela acha agora que é blogueira... — Thamy revira os olhos, mas está se divertindo; as duas sempre estão.

Finalmente, Pierre e eu fazemos contato visual.

— *Bonjour*. — Seu sorriso é amável e ele dá um gole no café.

— Bom dia, lindo — sussurro para ele, que sorri largamente. — Dormiu bem?

— Como não fazia há muito tempo. — Pierre nunca me deixa escapar de sua mirada.

É a primeira vez que o vejo para além da noite. Aqui, à luz do amanhecer, em meio aos domínios do sol, contemplo-o com uma clareza que até então me faltava. Se é assim que ele fica quando acorda, bochechas vermelhas e olhos preguiçosos, mal posso esperar por todas as outras manhãs que estão por vir.

Sua voz torna tudo sólido. Lembro da noite anterior — nós dois no sofá, sua boca e... Ok, Lucas. Não é hora de pensar nisso, não na frente de todos os seus amigos.

Ele deve reviver a mesma sequência de memórias; sua expressão se transforma, subitamente astuta.

Vou até ele e descanso a mão em seus ombros, massageando-os devagarzinho.

— Todas já conheceram o Pierre, meninas?

— Claro! — Ana está animada. Sabia que ficaria feliz. — Ele é bem mais lindo do que você descreveu, Lu.

— *Merci* — Pierre agradece, levantando a caneca e fazendo tim-tim com Ana.

O NÍVEL DE INTIMIDADE.

— Eu já tinha visto o Pierre no Titanic, apesar de não termos sido formalmente apresentados — Thamy diz. — Se bem me lembro, vocês estavam ocupados demais se atracando no chão.

Eu dou uma risada. Já faz tanto tempo assim desde aquela noite?

— Pena que você perdeu as fotos, miga. Queria muito um registro daquele momento.

Thamy levanta a sobrancelha, fazendo uma expressão misteriosa.

— Bom, quanto a isso... — Ela olha para a mesa. Há um envelope lilás ali que eu não reparei antes. É o que acho que é?

— Não me diga que...

— Aham — Thamy assente. — Foi *bem* doido. Eu tava fazendo um backup das fotos dos últimos meses. Enquanto arrumava o escritório, *voilà* : encontrei o cartão de memória perdido.

— As nossas estavam lá?

— Sim. — Ela sorri. — E nós preparamos uma surpresa pra vocês. Não estava em meus planos imprimir, já que, bom, vocês tinham se desencontrado, né? Mas hoje Eric mandou uma mensagem contando o babado e decidimos contribuir com a magia do reencontro. Espero que não se importe.

— Claro que não. Isso é incrível!

— Minha esposa é perfeita, pô. Sem condições, caralho. Eu amo uma mulher. — Ana suspira e puxa Thamy para um selinho.

Pierre pergunta:

— Não entendi. Você tirou fotos nossas no Titanic? E perdeu? E encontrou ?

(É um bom resumo para a minha vida.)

Thamy responde jogando as tranças dramaticamente e levantando o envelope. Muito devagar, sob a atenção redobrada de todos nós — inclusive Eric —, ela mostra o conteúdo.

Meu queixo cai.

Hora da surpresa

— TEU CUUUUUUUUUUUUU ! — eu dou um berro quando vejo a primeira.

A foto é perfeita, como tudo que envolve o trabalho cuidadoso de Thamirys. Ela havia se agachado para bater, porque é um close-up de Pierre e eu, de perfil. As pernas das pessoas formando um círculo ao nosso redor estão desfocadas. Entre suas brechas escapam pequenos flashes que parecem dançar sobre nós.

Uma luz azul neon ilumina meu rosto e o dele, a ponta dos cachos do francês brilhando como ouro líquido. É o momento antes do beijo, percebo. Ele me olha sério, esperando; e eu faço o mesmo com uma devoção explícita. Minha mente me transporta no tempo. Consigo voltar para o instante exato em que decidi pressionar meus lábios nos dele, o olhar de Pierre me desafiando antes que tomasse coragem.

É fantástico como Thamirys conseguiu capturar a magia que nos envolvia ali.

— Tá perfeito, miga. Sério.

— Ainda não acabou, Jéssica. Tem mais uma. — Os olhos dela brilham ao me entregar a foto.

A segunda é a sequência: Pierre e eu nos beijando, ambos de olhos fechados; o francês tem um sorriso de canto que esculpe a lateral do rosto com as covinhas. A diferença em relação à outra está nas cores. Essa é mais

clara. Um neon rosa é a tonalidade principal, despontando junto com um azul sutil no fundo, como a paleta da capa do *Teenage Dream* e suas nuvens de algodão-doce.

Nossos dedos se esbarram quando entrego as fotos a Pierre.

— Antes de você acordar, Lu, a gente contou pro Pierre sobre como ficamos felizes com esse reencontro — Thamy diz com certa timidez.

— Sabemos como os últimos meses foram difíceis para você, Lucas — Ana segue o exemplo da namorada em um tom afetuosos. — Como madrinhas autoproclamadas do casal, desejamos que este seja o recomeço que tanto buscou.

Ela sabe o quanto isso significa para mim?

Tento esconder as lágrimas que começam a se formar nos cantos dos olhos enquanto ouço Ana. Elas me conhecem bem demais para entender o que isso representa.

— E que bom que as fotos apareceram — Thamy aperta meu ombro com carinho. — É quase como se tivessem sumido de propósito, só para voltarem na hora certa.

Ela tem razão.

Reflico sobre como nada saiu como eu esperava, como todos os meus esforços para encontrar Pierre foram em vão. E então, de repente, estávamos juntos outra vez. Talvez haja uma lição aqui, afinal. Talvez eu devesse aprender a perder para que pudesse reencontrar.

— Como eu sempre digo, está tudo conectado — Eric, que estava terminando o café da manhã durante a maior parte da conversa, ressalta com uma risada. Pierre assente com afinco.

Ana me olha.

— Antes que venham me chamar de fofoqueira, também comentei sobre o estado deprimente em que te achei aquele dia, tá?

— Não é nenhum segredo — eu digo. — Ele já sabe.

Pierre sorri, os olhos ainda concentrados nos detalhes das imagens.

— Ficaram incríveis, Thamirys — ele diz depois de um instante.

— Pode me chamar de Thamy.

— Thamy, então — ele concorda. — Você tem muito talento. Gosto da técnica que usou. Que programa de edição foi esse? LightRoom?

— Aham. Cê gosta de fotografar também?

— É um dos meus hobbies. Tenho uma Zenit que levo comigo quando viajo.

Outra informação que eu desconhecia. Eles continuam conversando paralelamente sobre o assunto, e Eric dirige sua atenção a mim.

— Então aconteceu — ele sussurra, colocando o cuscuz na mesa e o amassando com um pouco de manteiga da terra e leite. — Vocês se reencontraram. Como se sente?

— Feliz como há muito tempo não me sentia, migo.

— Que bom. Enquanto você dormia, seu namorado e eu tivemos uma conversa bem legal sobre como isso tudo precisava acontecer... — Ele arregala os olhos para dizer em tom conspirador: — Sobre como tudo isso era parte da jornada pessoal de vocês.

Tento não ficar nervoso com o “namorado”.

— *Lógico* que sim. Devia imaginar que esse seria o tipo de assunto que vocês teriam em comum.

A gargalhada única de Eri ecoa novamente pela cozinha.

Ele parece diferente hoje. Não é apenas felicidade por ter dormido com Raul como das outras vezes; há uma animação peculiar nele, o tipo de agitação que o invade quando vence a partida difícil de um jogo. Acima de tudo, está feliz.

— Só pra te avisar — Eri prossegue, agora falando mais alto —, saiba que me desculpei pela minha parcela de culpa no desastre que rolou no Titanic. Não foi, Pi?

PI ?

ERI JÁ ARRUMOU UM APELIDO PRO MEU BOY ?

Mas é fofo, vai. Suave. Curto. Direto.

“Pi”.

— Eric foi muito sincero e enfático ao pedir desculpas — Pierre imposta a voz, se segurando para não rir e tentando minimizar o sotaque. Está aproveitando cada segundo dessa conversa.

— Era o mínimo, Eri.

— Concordo — Ana me apoia.

— Mínimo ou não, o importante é que deu certo! Vejam onde estamos agora! — Ele abre os braços. — É uma linda e ensolarada manhã de sábado, e estamos os cinco desfrutando nosso primeiro café da manhã em família... Não é INCRÍVEL ?!

— É perfeito — digo.

— Bem-vindo ao nosso squad maluco, Pierre — Ana sorri para ele.

— Obrigado mesmo, pessoal. Vocês são de longe as pessoas mais acolhedoras que conheci desde que cheguei a Natal. — Ele olha cada uma das minhas amigas nos olhos. — Sou muito grato ao Universo por ter me feito encontrar Lucas e vocês em seguida.

ELE É UM PRÍNCIPE.

— Aprovado — Ana sentencia sobre Pierre, fingindo bater na mesa com um martelo de juiz. — Aprova também, Eric?

— Com certeza. É dez de dez pra mim.

— Thamy?

— Só aprovo quando falar em francês pra gente.

Todos olhamos para Pierre, na expectativa.

Ele abre os braços teatralmente.

— *Que c'est bon d'être en famille!*

Rimos.

— Espero que não tenha mandado ninguém se foder, hein? — Eric diz.

— Não, abestado — Ana o corrige. — Se entendi bem, é, tipo, “como é bom estar em família” ou algo assim.

— Exatamente isso.

— Então fechou — Thamy fala. — Pierre, você tá oficialmente inserido na gangue. Espero que tenha seguro de vida, porque somos radicais.

— Ah, tá. Só se forem veganas radicais — eu arengo enquanto Eric serve uma jarra com meu bat gut de morango favorito. Ele dispõe os pratos, talheres e uma frigideira com ovo frito, sentando num tamborete de plástico extra.

— Vai ficar em pé? — Eri me pergunta. Nego e me acomodo ao lado de Pierre no espaço livre que deixaram propositalmente para mim.

— Oi. — Pierre mostra as covinhas ao sorrir. Ele pressiona a parte superior da minha coxa debaixo da mesa, o toque enviando um tsunami de endorfina que não me surpreenderia se terminasse em uma ereção matinal.

Eu o presenteio com um sorriso sem dentes e levemente envergonhado, murmurando um “oi” quase inaudível.

— AI. MEU. DEUS!!! — Eric, Thamirys e Ana berram com a voz estridente. Viro a cabeça para eles, e lá os encontro: rostos escorados nas mãos, nos assistindo como se contemplassem a cena mais romântica de suas vidas.

Eric diz:

— Vocês são muito fofos, Luerre. Tipo, muito, muito fofos *mesmo*. O supprassumo da fofura. O Adão e Ivo que Deus imaginou.

Eu rio, servindo meu prato e o de Pierre com cuscuz e queijo coalho assado.

— Desculpa se a gente tá emocionado aqui — Eri dramatiza. — Nunca pensei que esse momento fosse chegar.

— Honestamente, ninguém pensou — Ana diz. — Ver o Lucas assim, todo apaixonado...

— Não é comum? — Pierre pergunta.

Ana nega.

— Esse Lucas ao seu lado — minha amiga fala de boca cheia — é uma criatura desconhecida para todos nós, uma versão inteiramente nova. Contemple e aprecie o quanto quiser, Pierre. Pelo que eu sei, muito disso é por sua causa.

Pierre segue a deixa. Ele se move na cadeira, me encarando, e eu fico paralisado, queimando Ana com o olhar.

— *Meu* Lucas é de fato lindo — o francês murmura. Sua mão sobe um pouquinho além do esperado junto à minha perna, e há algo especial nesse carinho em público, nesse toque sem qualquer receio.

Sem fôlego, volto a atenção para Eri.

— Se querem fazer de mim o centro das atenções, tudo bem. Mas vamos reconhecer que Eric está agindo de forma estranha a manhã inteira?

— Por que reuniu todo mundo, Eri? — Thamy pergunta.

— E por que Raul não está aqui? — Ana dá a cartada final.

Eric entrelaça os dedos.

— São duas perguntas distintas e razoáveis. O motivo para reunir todo mundo é um — ele diz. — Mas não é o motivo para o Raul não estar, ao mesmo tempo em que é também.

— Eric — Ana revira os olhos, impaciente —, fala logo, viado. Você não é esfinge pra lançar enigma.

— Tá. — Ele dá um gole lento no café. — Vai rolar, migles.

— Rolar o quê? — Thamy pergunta.

Ele não responde de cara. Especialista em criar momentos de tensão, Eri respira fundo e pousa a xícara na mesa. Demorando tanto quanto a Lorde para lançar um álbum, ele sorri e anuncia:

— A bolsa do Ciência sem Fronteiras.

E então me ocorre: ele *conseguiu*. Conseguiu tudo o que sempre quis.

— Quê? Real isso?

— Aham! Recebi a carta de aceite da universidade ontem. Vou pra Barcelona no comecinho de 2016!

Ana, Thamirys e eu gritamos.

— Amigoooo?! Isso é maravilhoso, nego! — eu quase derrubo a cadeira ao me levantar para abraçá-lo.

— BÊCHAAAAAA, TEM NOÇÃO DA ERICA ? — Thamy dá pulinhos.

— EU-RO-PEI-A . Não acredito que você vai pra fora antes de mim! — Ana exclama, ela e Thamirys se jogando no abraço com a gente.

— Obrigado, gente! — ele choraminga. — Só vocês sabem o quanto isso é especial pra mim!

— A gente sabe o quanto você lutou! Por isso estamos surtando!

Eri nos aperta o mais forte que consegue. É tão incrível, tão justo. Esse viado ralou mais do que todo mundo que eu conheço para se amar, para ser ouvido, para ser respeitado... Uma jornada que está longe de terminar. Saber que tamanho esforço será recompensado com o que mais sonhou é surreal.

Eric Santos, negro, gay, potiguar, nordestino, aluno de escola pública a vida toda, o primeiro de sua família numa universidade, vai estudar fora do Brasil! Em Barcelona!

Chupa essa, haters!

Dessa vez, o roteirista acertou na mosca.

— Que massa, Eric! Parabéns! — meu boy exclama sem se juntar à nossa euforia.

Ana fala:

— Você é parte da família agora, Pierre. Vem pro abraço!

Ele segue a instrução dela e encaixa seu corpo atrás do meu. Minhas mãos tocam as costas de Ana; a cabeça de Eric está no meu ombro; e os braços de Thamirys me encontram. Respiramos o mesmo ar e rodamos na sala como uma única engrenagem pulsante.

Nesse abraço, assisto duas partes do meu mundo se integrarem: o mundo que construo com Pierre e o que tenho com minhas amigas. Não há mais diferença entre eles. Estamos todos juntos agora. São a família que escolhi.

Meus olhos marejam de novo. Abraçando Eric com força, penso em como meu amigo merece isso. Um filme inteiro da nossa história passa na minha mente. Do ensino fundamental em Luna do Norte, com todas as situações difíceis que passamos, à mudança para Natal, a jornada foi marcada por altos e baixos.

No fim das contas, talvez a gente colha mesmo o que plantou. E se você planta o bem, prepare-se para uma senhora colheita.

Passamos o resto do café comendo e botando os assuntos em dia. Eric monopoliza as conversas na mesa, indo de sua versão sobre os eventos no Titanic, passando pela sua reação às primeiras fotos oficiais da Gaga na quinta temporada de *American Horror Story*, até chegar em TODA a burocracia envolvida na mudança para a Espanha. Não julgamos sua animação; vibramos com ele, felizes por mais essa vitória.

Sob o pretexto de uma reunião emergencial com as meninas da Marcha, Ana e Thamirys saem mais cedo, deixando metade do rocambole e o envelope com as fotos reveladas. No final, restamos Pierre e eu sentados

lado a lado no sofá da sala, enquanto Eric nos faz ouvir o álbum novo da Carly Rae Jepsen, *E•MO•TION* (minha resenha: *pop perfection*).

Ele driblou com sucesso o assunto “Raul” enquanto as meninas estavam, mas conheço suas evasivas. Em momento oportuno, trago o assunto à tona.

— Como foi a noite passada?

— Você quer saber se contei pro Raul sobre o intercâmbio? — Ele sabe exatamente o que quero dizer. Senta no chão com as pernas cruzadas e descansa um travesseiro no colo. — Não. Não tive coragem.

— Eri!

— Não dava, Lu. Recebi o e-mail enquanto ele estava fora com a mãe. Fiquei lá, deitado na cama dele, feliz. Mas sabia que, no momento em que contasse, toda aquela alegria iria pelo ralo. — Ele suspira. — Não queria transformar a melhor coisa que me aconteceu na justificativa pro nosso término.

Balanço a cabeça, chateado.

— Se você não pode comemorar uma conquista importante assim com quem ama, essa pessoa não merece estar na sua vida.

Surpreendentemente, ele concorda.

— Você tá certo. Mas eu sei que ele vai reagir mal se eu contar sobre o intercâmbio.

— Sabe por quê?

— Porque ele não conseguiria lidar com um relacionamento à distância.

— Ou — eu digo — porque não conseguiria lidar com o fato de que você está crescendo.

— Acha que ele está com inveja? — Eric franze a testa.

— Não digo *inveja* , Eri. Eu acho que ele só consegue ver o que é bom para ele.

Eric põe a ponta do polegar na boca e começa a roer o canto da unha. Não quer que a gente perceba o quanto isso o afeta, mas é nítido. Penso em quão amarga deve ser a sensação de perceber que a pessoa que você gosta não está disposta a lutar pelo relacionamento.

— Posso dizer uma coisa? — Pierre preenche o nosso silêncio. Sua perna está encostada à minha e ele olha para Eric com ternura.

— Manda ver — meu amigo responde.

— Não te conheço bem, não conheço o Raul e sequer posso dizer que conheço Lucas o bastante, apesar de sentir que o conheço há anos... — Ele respira fundo. — Mas todo relacionamento nos ensina algo novo sobre nós mesmos. O que você acha que Raul te ensinou?

Os ombros de Eric se encurvam.

— A gente tá falando como se já tivesse acabado. O que, confesso, é só questão de tempo... Quando conheci Raul, me senti desejado pela primeira vez na vida. Isso foi muito poderoso. Sair daquela posição em que me sentia tão inferiorizado em relação às pessoas ao meu redor para ter alguém bonito e inteligente como o Raul gostando de mim foi incrível. Achei que precisava ficar com ele porque, se não fosse ele, quem iria me querer?

— Você sabe que isso não é verdade — eu rebato.

— Sei? — ele me desafia com o olhar. — Não me sinto à vontade pra falar sobre isso nem com você, Lucas, mas eu não tenho um relacionamento fácil com o meu corpo. Cresci ouvindo comentários gordofóbicos de todas as partes, e nem era só a gordofobia. Era o racismo, a homofobia... O pacote de opressão inteirinho. Eu internalizei muitos desses discursos, acreditei de verdade no que diziam sobre mim e qual era o meu lugar no mundo. Me joguei na academia em busca de um corpo ideal que não existe, sem jamais ficar satisfeito e me odiando no processo. Porra — ele leva as mãos à cabeça —, ainda nem consegui contar pros meus pais que sou gay, sabe?

Viver me escondendo e com medo, como se estivesse em uma corrida e precisasse fazer tudo duas vezes melhor que as pessoas ao meu lado só pra ser apreciado igual, só pra ter as mesmas chances e ser visto... Vocês não fazem ideia de como é doloroso.

Eu sabia que essa frustração e raiva existiam em algum lugar dentro dele, mas ouvir é diferente. Me dói tanto perceber a extensão de sua dor; uma dor que não precisaria existir se vivêssemos em uma sociedade diferente, acolhedora e justa.

Eu o puxo para perto e faço carinho em seu cabelo. Eric segura minha mão; seus olhos estão úmidos e a voz, vacilante.

Não sei definir o que na pergunta de Pierre o ajudou a se abrir. Mas fico feliz que tenha partilhado conosco.

É o mais próximo que me sinto dele em meses. E embora não possa dizer que sei o que está sentindo, posso ouvi-lo e oferecer abrigo. Quando estamos perdidos, é tudo que importa.

— Com o Raul eu consegui viver algo especial, mas com um preço: me adaptar às necessidades dele, me sujeitar a elas. Ele me deseja, sim, mas ser desejado é o suficiente? Devo me contentar com uma porção tão pequena de amor? Trocar uma jaula por outra? — Eric continua. — Estou exausto de ter que ficar me curvando e pedindo licença pra ser quem sou de verdade, implorando por migalhas de afeto. — Ele move a cabeça em direção a Pierre. — Acho que isso responde sua pergunta: meu relacionamento com ele me mostrou o quanto ainda permito que as pessoas me dominem, e que não estou mais disposto a aceitar que isso aconteça.

— Ter consciência disso é importante, Eric — Pierre suaviza.

— E quer saber, gente? *FODA-SE!* Talvez termine em um coração partido, mas se for preciso parti-lo para que eu o remende e renasça mais forte, então estou pronto.

Eric enxuga os olhos e ergue o queixo.

— Fico feliz que tenha confiado na gente para contar como está se sentindo — Pierre diz gentilmente. — É preciso muita coragem para expressar o que nos machuca de verdade.

— Eu sei. Demorou para eu chegar nesse ponto, mas agora sei exatamente o que fazer, sei exatamente o meu valor e não vou permitir que ninguém tire isso de mim. — Uma faísca de determinação chameja em seu olhar, e eu acredito; confio que Eric vai conquistar tudo que merece. — Então acabou o chororô, meninas, e vamo simbora celebrar porque eu vou morar na ESPANHAAAAA, caralho!

Os músculos da minha face doem de tanto rir quando o vejo sair batendo palmas em direção à cozinha. Pierre balança a cabeça e me dá um beijo, tocando nossos narizes. Segundos depois, Eri volta com três copinhos de shot e a cachaça.

— Proponho um brinde. — Ele entrega os copos transbordando para a gente. O cheiro de álcool invade a sala. — Gosta de cachaça, Pi?

— Não sou o maior fã...

— Mas esse é um momento especial — Eric finaliza por ele. Estamos os três em pé suspendendo os copos no ar. — Por isso, quero brindar ao meu namoro prestes a ser arruinado, ao meu novo cunhado e à minha vida de luxo na Espanha. Lucas?

— Quero brindar ao meu reencontro com a pessoa mais linda que podia ter conhecido — digo lentamente, sorrindo para Pierre. — E ao meu irmão por estar ganhando o mundo e se dando conta do quanto é especial. Estou orgulhoso demais de você, Eric.

Eric faz uma reverência.

Olhamos com expectativa para Pierre.

— Eu quero brindar ao inesperado. — Ele limpa a garganta. — Às pessoas que entram na nossa vida quando nos abrimos a ele. A tudo que acontece quando simplesmente lançamos o dado e decidimos arriscar as consequências.

Bebemos juntos, inebriados de felicidade, e caímos no sofá. Eu os deixo jogar conversa fora, observando-os. A manhã está quente e ventilada. As plantas na varanda balançam e a luz do sol brinca com as feições dos dois enquanto falam sobre viagens e lugares que Eri pode conhecer a partir de Barcelona.

— E se a gente for à praia? — atraio a atenção deles.

— Acho ótimo — Pierre se anima.

Eric rejeita o convite.

— Vou encontrar o Raul e contar sobre o intercâmbio. Se ele quiser terminar, tudo bem. — Ele explica. — Só vai confirmar o que a gente conversou.

— Estaremos de volta mais tarde e prontos pra te apoiar, se for preciso — eu prometo. — Farei brigadeiro e pipoca e a gente pode ver *De repente 30* de novo.

— Perfeito — Eric diz. — Já sabe pra onde vai levar o Pierre?

— Então... — Busco a mão do francês no sofá e o concedo um olhar misterioso. — Tive uma ideia.

— Teve? — ele me pergunta.

— Uhum. É um lugar *bem* especial.

— Vai no esconderijo? — O sorriso de Eric é maroto.

Pierre semicerra os olhos.

— O que é o esconderijo? Do que vocês estão falando?

Eric sai em minha defesa.

— Se preocupa não, Pi. Você vai curtir.

— É, *Pi* . Confia. Era isso que o Universo queria te ensinar, não era?

Gays não têm um segundo de paz

— Tem certeza que não estamos perdidos? — Pierre pergunta, sem ar, conforme contornamos uma duna, o resplandecente mar azul de Natal à frente.

— Absoluta.

— Você sabe que o sol do Nordeste não é o meu melhor amigo, certo?

— Foi por isso que passei meu protetor todo na sua pele.

— Eu me sinto em chamas, Lucas.

— Ok, Katniss. Cala a boca e para de reclamar que a gente já tá chegando — repreendo com uma risada.

— Espero que esse lugar seja de fato fantástico como você prometeu.

— Vou te contar, hein? Pra alguém que se vangloria tanto em ser a nova encarnação de Buda, Pierre, você tá negativo demais. Viva o agora! Aprecie as belezas do Universo!

Ele ri alto, e me viro para olhá-lo. Pierre está uma gracinha: a bermuda e a camisa de ontem, óculos escuros, uma ecobag no ombro e um chapéu de palha que Eric emprestou e que mal cabe em sua cabeça. O sol a pino reflete nele, iluminando-o, e o céu, sem nuvens, se estende no horizonte. Atrás dele, as dunas da Via Costeira de Natal se erguem como os monumentos de areia que são. Se olhássemos para o caminho que percorremos, daria para avistar o Morro do Careca ao longe.

Meu plano consiste em levar Pierre a um dos meus lugares favoritos na cidade. Quero que o sábado seja perfeito. Depois de apresentá-lo aos meus melhores amigos e à minha casa, conhecer o meu refúgio vai ajudá-lo a descobrir outro pedaço de mim.

É engraçado sair com ele pela cidade. A quantidade de olhares que recebemos no ônibus escancara nossa “peculiaridade” enquanto casal. Pierre grita GRINGO a quilômetros de distância. Morar em Natal há meses não apaga isso, e nossa marcante diferença de altura tampouco colabora.

Depois de descermos no Praia Shopping, caminhamos até chegar à Via Costeira. Passamos por dois grandes hotéis e pelo centro de convenções de Natal. Dali, é preciso encontrar um espaço aberto onde a falésia forma um caminho sinuoso que, se seguido com cuidado, leva à praia.

Pierre passa a maior parte do percurso quieto, contemplando os arredores: a vegetação tropical e a maneira ensolarada com que a cidade se desnuda para a gente. Quando finalmente alcançamos o destino, quase uma hora depois do início da aventura, ele fala:

— Uau.

— Lindo, né?

— Incrível, Lucas. Eu não conhecia esse lugar. É estonteante.

Ele tem razão; é mesmo *estonteante*, palavra que só Pierre diria com tanta naturalidade.

É como se estivéssemos na locação de uma caríssima comédia romântica de verão. A enorme falésia às nossas costas, cambiando em tons de laranja, branco e amarelo, forma um paredão colossal que projeta sombra na praia. Como se não bastasse, o mar, de um azul cintilante, deixou uma enorme piscina natural junto à areia alva ao recuar.

Somos os únicos na praia.

Estendemos uma canga arco-íris no chão. Usamos nossas chinelas como suporte nas pontas para o tecido não voar. Fico de sunga, tirando a roupa rápido, e observo Pierre fazer o mesmo. A sunga que Eric emprestou a ele é rosa neon, e chama atenção entre suas pernas brancas.

Deito na canga, assistindo o sol reluzir em seus ombros nus e as ondas calmas do mar em infinito vaivém.

— Como esse lugar não está cheio? — Pierre pergunta, sentando ao meu lado.

— Pouca gente conhece. Quem vem mais é a galera que fica nos hotéis — explico.

— É estranho que uma praia tão linda não esteja em todos os roteiros.

— Eu prefiro que seja assim — digo. — Gosto de vir sozinho e fingir que estou em uma ilha deserta.

— Parece uma praia perfeita para isso. — A mão dele segura a minha. — Não diria que estamos no meio de uma cidade com quase um milhão de pessoas.

— É por isso que chamamos de esconderijo.

— Obrigado por ter me trazido — Pierre fala, se inclinando para me dar um selinho.

Estamos ambos ensopados de suor, mas a brisa que corre pela praia leva o calor embora. Bebemos água de uma garrafinha e ele tira uma tangerina da ecobag. Depois de descascar, me passa metade.

Quando terminamos, nossas bocas ficam lambuzadas com o sumo. Pierre manea a cabeça, indicando a praia.

— Vamos dar um mergulho?

— Bora. — Levanto antes que ele possa reagir, furando a largada. — Quem chegar por último vai ter que ficar pelado!

Minha voz ecoa pelas falésias, e eu corro.

Pierre grita alguma coisa, reclamando, e se lança atrás de mim. A adrenalina dispara. Atravesso a piscina quentinha na areia, espalhando água por todos os lados. Minhas pegadas ficam pelo percurso.

Pierre se aproxima, seu rosto tomado do sorriso mais sincero do mundo. Está quase me alcançando agora. Foco no mar, na fina faixa de espuma onde quebram as ondas, correndo o mais rápido que minhas pernas permitem.

Mas justo na linha de chegada ele me ultrapassa e sua risada vitoriosa preenche tudo como uma canção.

Nos lançamos contra a água. Ela é morna, deliciosa, e entrevejo em câmera lenta o instante em que os cachos dourados de Pierre submergem junto com uma onda.

— Agora vai ter que tirar a sunga. — Ele reaparece na superfície, os ombros suavemente queimados pelo sol.

— É o preço da derrota — reconheço. Me afasto dele, nadando mais para o fundo. Numa distância segura, tiro a sunga branca e começo a girá-la entre os dedos, me exibindo.

Estou na contraluz, e Pierre coloca a mão sobre os olhos para me enxergar melhor. Sorri, a água cintilando ao seu redor, e percebo que não sinto a menor vergonha, que não poderia estar mais à vontade.

— Essa distância não é justa — ele fala, dando um mergulho e sumindo. Procuro por ele, mas Pierre de fato se esconde dentro do mar. Então, do nada, ressurgue pertinho de mim, me atacando.

Começamos a atirar água um no outro. Fujo dele, a sunga enrolada em minha mão, e nos transformamos em crianças: dois meninos no Atlântico milenar, dentes à mostra em sorrisos arreganhados, vento, sal na pele e pura alegria.

Ele finalmente me prende em um abraço por trás, rindo enquanto tento me desvencilhar.

— Peguei você — ele murmura em minha orelha.

Sinto seu corpo pressionando o meu, e o dia brilha como brilhamos. Penso que, se quiséssemos, poderíamos iluminar o universo todo, Pierre e eu, como um farol.

Eu nos vejo através de mim, como se fosse ao mesmo tempo o observador e o observado. Eu vivo, e me contemplo viver também: a água, o sabor salgado dos lábios dele, o faiscar dourado em seus olhos cor de mel, nossas peles se tocando em todos os lugares que importam. Eu sinto o gosto da perfeição, e ela é esse momento, cada pedacinho dele.

— Tem sido muito especial, não tem? — Pierre sussurra. Estamos na piscina natural agora. Minha cabeça descansa em seu colo, a água quentinha nos molhando, e ele me encara por entre os cílios longos.

— Tem sido mágico.

— Nosso terceiro dia juntos — ele diz.

— Tenho a impressão de que é mais do que isso.

— Talvez seja.

— É. — Ele acaricia meu rosto, e eu respiro fundo. — Como vai ser daqui pra frente?

Ele não responde. Está com os olhos fixos no mar, o rosto subitamente pálido. Há algo o incomodando. *O que é?*, tento supor. É algo relacionado ao que queria me contar ontem?

— Pierre?

Seus olhos estão nublados quando enfim me olha.

— Tenho que te pedir desculpas — ele murmura.

— Por quê?

— Eu deveria ter te contado, mas não consegui. Você estava tão feliz. *Eu* estou tão feliz.

Prendo a respiração.

— Do que você tá falando?

— Eu vou voltar para a França, Lucas.

— Essa é outras de suas piadas? — digo quando consigo reunir forças.

— Não. — Pierre está cabisbaixo. — Prometi à minha avó que voltaria.

— Quando isso aconteceu?

— Comprei a passagem há uma semana.

— Mas você volta pro Brasil logo, certo? É só uma viagem curta?

— Lucas... — Pierre parece triste e desesperado e até um pouco arrependido. — Eu não sei ainda.

— Como assim não sabe?

— Talvez eu não volte — a voz dele falha. — Voltar não estava nos meus planos, não até ontem.

Sinto o peso da notícia despencar sobre mim. Tento ser razoável e ouvi-lo, mas não *consigo*. *Ele vai e não volta mais*, minha mente diz. *Tudo isso, tudo o que vivemos nas últimas vinte e quatro horas, foi apenas a antecipação de um novo adeus*.

Eu fecho os olhos e enterro as mãos na areia. Quero sair correndo, como no Titanic e ontem, ao reencontrá-lo no Carrefour. Seria mais fácil fugir. Mas seria errado. Estou sempre correndo quando as coisas não saem como quero. Ele merece a chance de se explicar, assim como eu merecia o benefício da dúvida antes.

Estou triste e desapontado, mas não deixarei essa praia. Eu não o perderei novamente.

Quando Pierre toca o meu braço e vira meu rosto para o seu, paro de resistir.

— Também não é fácil para mim — ele murmura. — Sei como você está se sentindo.

— É você quem está indo embora.

— Isso não me faz sentir menos.

— Eu sei. Mas me responde uma coisa. — Ele me olha com expectativa.

— Se a gente tivesse se encontrado antes de você ter comprado a passagem, teria sido diferente?

Pierre inspira.

— Teria, porque eu não tomaria essa decisão sem te consultar primeiro, Lucas. Não fazíamos ideia de que nos reencontraríamos — ele diz, baixinho.

— Imaginar algo que não aconteceu não muda nada. Você falou isso ontem.

A informação finalmente me acerta. Ele está prestes a ir embora.

— Então você vai mesmo.

— Eu *preciso* voltar, Lucas — ele soa desesperado. — Às vezes acho que só conseguimos ver o quanto fomos transformados por uma viagem ao voltarmos para casa. Sinto como se estivesse correndo, fugindo, deixando de enfrentar uma realidade que precisa ser enfrentada. Eu tinha medo de regressar a Paris e me tornar a pessoa que costumava ser. Mas já não sou o menino que foi embora com sua mochila anos atrás, assustado com os fantasmas do passado. Sou o menino que precisa enfrentá-los agora, lidar com o que ficou pelo caminho.

Há uma nuvem onde antes havia céu aberto, e eu entendo que, para ele, não se trata apenas da passagem comprada. É a decisão de voltar para casa que pesa, tudo o que ela representa. Não é uma escolha fácil.

— Quando você vai?

— Em janeiro.

Faço as contas.

— Isso é daqui a... quatro meses.

— Sim.

— A gente só vai ter quatro meses juntos?

— Lucas...

— Porra. Calma. Me deixa processar. — Respiro fundo. — Essa situação é um resumo perfeito da minha vida. Algo bom acontece, e logo em seguida tudo desmorona. Pensei que a gente ficaria junto pra valer agora, mas claro que não. Claro que faltava um detalhe importante. Por que não me disse ontem, Pierre?

— Eu fiquei com medo. Como podia fazer isso no instante em que tinha você de volta? Sabia que não reagiria bem.

— Continuo não reagindo bem.

— Eu sei. — Ele baixa a cabeça. — Desculpa, Lucas. Não precisava ser assim.

Silêncio.

Tudo o que ouvimos é o vento, o sussurro do oceano, nossas respirações agitadas.

Ele procura em meu rosto uma resposta, mas ainda não tenho uma.

— O que a gente vai fazer? — eu pergunto.

— Você está certo: é uma merda. Tudo isso, todos esses desencontros, não é nada como imaginei. Podemos sentar aqui e culpar o destino pelo resto do dia, desperdiçando o tempo que temos. Mas seria em vão. Até onde sei, nós temos quatro meses. — Pierre segura o meu rosto. Ele está tão intenso agora, pupilas dilatadas e a testa franzida.

— Mas isso é suficiente? Quatro meses?

— Isso nos dá cento e vinte dias. Não precisamos saber como serão, mas podemos vivê-los. Consegue imaginar tudo o que somos capazes de fazer com eles? — Pierre beija minha bochecha. — Eu quero isso contigo, ouviu? Quero descobrir o que podemos nos tornar nesse tempo, e estou disposto a

entregar meu coração inteiro a você, se o aceitar. Sinto como se te procurasse minha vida toda. Não quero te perder depois que te encontrei, Lucas. E embora não possa prometer um para sempre, posso prometer o meu agora, que é tudo que tenho. Então fica comigo, por favor. Por cento e vinte dias. Por quatro meses. Mas fica comigo.

Antes do entardecer

Há algo engraçado em se perceber um azarado, amaldiçoado: tudo está em risco, sempre. Você não consegue aproveitar os dias de sol porque uma nuvem de chuva o acompanha aonde vai. Você leva essa nuvem consigo à medida que caminha, tornando cinza o que há de colorido.

Por um segundo, imagino que isso vai se repetir aqui na praia. Eu já antecipo as gotas na pele, o frio do azar corroendo meus ossos. Ele vai embora e vou ficar sozinho. Será o fim de algo que nunca começou...

Mas este momento com Pierre, em que ele me pede para ficar quando tudo o que enxergo é a tormenta e a fuga... é aqui que decido.

A resposta escapa dos meus lábios, e é assim que sei que vem do coração.
— Eu fico.

Fecho os olhos. Vejo a nuvem espessa que paira sobre mim, antiga companheira amarrada com uma corda em meu pulso. Ela costumava me impedir de viver o que eu mereço; não mais. Desato os nós que nos prendem e a solto.

Eu a contemplo desaparecer na atmosfera, se apequenando conforme se distancia no infinito. Estou livre.

Pierre me beija. Há amor e certeza e algo desconhecido, também. Nós selamos nosso destino nesta promessa. Estamos mais conectados do que nunca.

Quando ele finalmente desencana a boca da minha, volto à realidade. Um bem-te-vi passa cantando e a lua crescente já está no céu. Antes, acreditava mesmo que a Lua e o Sol eram amantes separados, amaldiçoados como eu. Contemplava os dois juntos em tardes como essa, imaginando se no insondável universal eles também tentavam desfazer os nós que os mantinham afastados.

— Como vai ser? — pergunto, desesperado para me agarrar a algo sólido naquele oceano de incertezas.

— Eu não sei. Não posso adivinhar o futuro, mas posso dizer o que quero nele — Pierre responde.

— O quê?

— Nenhum celular quebrado, mais tardes nessa praia... Um futuro onde eu possa aprender mais e mais sobre quem você é, Lucas. Onde possa te beijar e dormir contigo na sua cama apertada... — Ele sorri. — Sem etiquetas, sem projeções. Só nós dois, Lucas, e tudo o que pode acontecer a partir desse encontro.

Meu coração se aquece.

Pierre é precioso, incrível. Dá para sentir sua luz; sua sinceridade pulsante; sua honestidade consigo e com os outros. Me sinto grato por conhecê-lo, grato por saber o quanto ele gosta de mim.

Estou disposto a tentar.

Ele indo embora em quatro meses ou não, estou disposto.

É isso que esse momento significa.

É a prova do quanto mudei.

Porque o antigo eu nunca se sentiria merecedor de tentar.

— Não sei merda nenhuma sobre relacionamentos — eu o alerto.

— Nem eu — ele rebate.

— Pierre, eu *nunca* me apaixonei antes — minha voz afina. — Sou leso pra porra. Exagerado. Mando mensagens em horários inoportunos. Potencialmente ciumento. Dramático. Escuto Katy Perry mais do que é humanamente aceitável... Tem certeza que tá a fim?

Sua risada é, como de praxe, deliciosa.

— Sou eu quem estou te pedindo para continuar comigo mesmo sabendo que vamos ter que nos despedir em breve — ele contrapõe. — *Tem certeza que tá a fim?*

— Tenho. Mas só falo isso porque não quero enfiar os pés pelas mãos. Quero fazer tudo direitinho contigo — digo. — Quero fazer a gente dar certo.

— Eu também. Ainda assim, o amor não nasceu para ser controlado — diz em seu tom filosófico, fazendo cafuné no meu cabelo úmido e cheio de areia.

— Essa é a perspectiva sagitariana da coisa — contraponho. — Eu sou virginiano. Ter tudo sob controle é a única forma de lidar com a realidade sem pirar.

— Então talvez eu tenha aparecido na sua vida para te ajudar a soltar as rédeas, já pensou?

— A teoria do espelho de novo?

Ele assente.

— Escuta, sei que é difícil para você deixar as coisas acontecerem. Mas fazer isso não significa que não estamos cuidando do nosso futuro ou sendo irresponsáveis com nossos sentimentos — Pierre fala, manso. — Confia em mim, amor. Eu quero que a gente dê certo mais que qualquer um.

Se há um instante quis entrever o futuro, agora quero que se desenhe sozinho. Porque, como Pierre disse, que graça teria?

É melhor conhecê-lo um pouco mais a cada dia, chego à conclusão, e encaixar uma peça por vez. Não como quem observa em *time-lapse* a flor ir

da geminação ao desabrochar, mas como quem contempla, e aguarda, o momento certo.

Acho que é isso que Pierre tem tentado me dizer: *confia* . Confia que a vida vai nos guiar pelo que quer que venha pela frente. Confia porque o que existe é o agora, esse precioso tempo e espaço em que estamos juntos. Confia porque, se nos encontramos e nos perdemos e nos encontramos de novo, a despeito de todas as probabilidades, é porque há algo mais forte nos conectando. Algo pelo qual vale a pena tentar.

Quando ergo os olhos, vejo que o sol, assim como a lua, se escondeu atrás das nuvens. O mar avançou desde a nossa chegada na praia. O crepúsculo deve demorar uma hora até preencher tudo com os riscos lilás de uma noite pronta para assumir o comando, mas nós dois...

— Ei — eu digo, e ele volta a me olhar. — Já assistiu *Antes do amanhecer* ?

— Do Richard Linklater?

— Isso.

— Seria um déjà-vu se eu dissesse que amo esse filme? — ele me questiona, sorrindo.

— Seria mais uma confirmação doida de que a gente tem gostos perturbadoramente parecidos. Não que esteja reclamando — acrescento.

Ele ri.

— O que tem o filme?

— É que eu não conhecia. Via indicações de outros cinéfilos, mas nunca tinha sentido vontade de ver até a Ana falar que era quase a nossa história.

— Nossa história em que sentido?

— No sentido de que, tipo, a gente viveu aquela noite intensamente, certo? Nossa troca foi linda, de um jeito quase impossível. Eu até diria que foi uma noite *milagrosa* , considerando as circunstâncias e como me apaixonar

parecia distante da realidade. E pra completar a gente dividiu coisas tão íntimas. Eu me abri com você como nunca consegui fazer com mais ninguém, e logo depois nos perdemos um do outro.

— Pra ser honesto, Lucas, reassisti o filme pouco tempo atrás...

— Mentira!

— Verdade. E você tem toda razão. Enquanto eu via a Celine e o Jesse perambulando pelas ruas de Viena, só pensava em nós dois. Em como você estava lá fora, em algum lugar, e que nossos caminhos poderiam se cruzar outra vez, como acontece n...

— Ei! Sem spoiler, pelo amor de Deus. Não assisti o segundo ainda.

— Então você não sabe o que acontece? — Ele arqueia a sobrancelha. — Não sabe se eles cumprem ou não a promessa?

— Não, não sei. E gosto de pensar que eles foram magicamente felizes, se encontrando em outro verão perfeito e transando na grama de algum parque de novo.

— Desde quando você é tão romântico?

— Desde que um maldito francês apareceu na minha vida e fodeu tudo. Ele me beija, rindo.

— Uma pena que a gente não teve a parte do sexo em público.

— Um primeiro beijo no chão do Titanic não conta?

— Seu argumento é forte, admito. Mas a gente está em uma praia quase deserta... Poderíamos aproveitar de algum jeito, se você quiser — ele sugere, me olhando com a malícia que aprendi a reconhecer.

— Vou pensar no seu caso.

— Pense com carinho.

Alguns minutos depois, quando voltamos a nos acomodar na canga, eu pergunto:

— Você cumpriria a promessa, Pierre? Voltaria seis meses depois pra estação de trem em Viena?

— Eu voltaria.

— Mesmo que houvesse grandes chances de que eu não fosse?

— Sim. Porque eu teria cumprido minha parte. E porque, mesmo se as chances fossem pequenas, acreditaria que você iria voltar também — Pierre fala. — Você voltaria?

— Gosto de pensar que sim, mas não tenho certeza.

— Não voltaria por mim? — Ele faz beicinho.

— E correr o risco de não te encontrar? — Balanço a cabeça. — Essa é a diferença entre nós dois, Pierre. Você está disposto a assumir riscos, perder ou ganhar se for necessário. Mas tenho medo demais de perder. Medo demais de me desapontar, a ponto de não ousar tentar. Eu tive tanto medo de não conseguir sentir nada por alguém que, agora que isso mudou, tenho medo do que pode acontecer se meu coração for partido.

— Está tudo bem em ter medo, Lucas. — Ele me abraça. — Mas é como a gente conversou ontem. Não deixe que o medo te paralise ou te impeça de viver o que você merece. Porque você é lindo, lembra?

E sabe de uma coisa? Eu acredito nele. Não porque é Pierre quem está dizendo, mas porque realmente acredito que sou lindo.

Ele não é o primeiro tentando me lembrar disso. Meus amigos e minha família sempre repetiam, mas eu, machucado como estava, não ouvia. E embora seja importante e necessário receber esse apoio, eu só poderia avançar de verdade se encontrasse essa percepção dentro de mim. Se me amasse.

Tem sido um longo caminho. Não digo que a jornada terminou, mas tampouco me surpreende que, nesse momento, mesmo com o futuro incerto

adiante, sinto aquilo que busquei, sem saber, durante tanto tempo: o amor-próprio.

Inspiro fundo e ligo a caixinha de som.

Decido fazer diferente dessa vez e colocar no aleatório, sem controlar nada; apenas confiando. Para minha surpresa, é “Amado”, da Vanessa da Mata, que começa a tocar.

É irônico, até. Perdi as contas do quanto ouvi essa música nos dias sem Pierre, e agora estamos aqui, gastando o mar no meu refúgio.

— Vanessa? — ele reconhece logo nos primeiros acordes. Eu murmuro que sim.

Ficamos olhando a linha do horizonte, introspectivos. Imagino tudo o que há do outro lado do oceano, em continentes distantes, e saboreio a letra. “Sinto que você é ligado a mim, sempre que estou indo você volta atrás”, Vanessa entoa, sua voz me acalmando como costumava fazer.

E eu me movo, deixando de lado o mar para observar o rosto de Pierre.

A retidão de seu nariz.

As sobrancelhas grossas.

As covinhas erguidas junto com o sorriso que ele nunca abandona...

Então, quando Vanessa diz “quero dançar”, Pierre pega minha mão.

— Quero dançar com você — ele repete, intenso, e há uma galáxia inteira se remexendo em seu olhar.

Não digo nada; nenhum meme ou piada boba, nenhuma de minhas típicas reclamações...

Levanto, sentindo o calor que passa da mão dele à minha, e *dançamos*.

Imagine isso.

Imagine um drone nos sobrevoando, a câmera fechando o foco em nós dois, nossas mãos unidas, a falésia em segundo plano e “Amado” de trilha sonora.

Você escuta Vanessa dizer que sente uma extensão divina, e que tudo pode, *sim*, acontecer.

Você assiste o meu sorriso, e o sorriso de Pierre, e o nosso valsar tímido. Assiste também quando nossos lábios se encontram, e quando eu, de sunga branca, descanso o queixo no ombro salgado dele, de sunga rosa neon.

Pierre não enxerga a expressão em meu rosto, mas você, sim. Você contempla a alegria estampada em mim, meus lábios agradecendo baixinho à vida.

Num instante, meus olhos encaram a câmera diretamente e a quarta parede se desintegra. Isso dura um microssegundo, mas você nota — não conseguiria deixar de notar o breve momento em que nos esbarramos, meu sorriso flagrado na tela.

E então, lentamente, a imagem se afasta, desvendando o mar e seu pano de fundo mágico.

Pierre e eu, agora, não somos mais do que elementos secundários compondo a imensidão de uma paisagem maior. E embora você conheça nossa história, nomes e sonhos, deixamos de ser dois meninos para nos tornarmos dois corpos indistintos dançando na areia da praia antes do entardecer.

Epílogo

Janeiro de 2016

Nunca gostei do fim dos contos de fadas, o modo como os “felizes para sempre” encerram as histórias, reduzindo heroínas às suas breves aventuras. A felicidade infinita não era notável o suficiente para ser contada.

Lembro de ter pensado uma vez: *se um dia eu viver meu final feliz, por favor, que não seja chato.*

Considerando tudo de ruim que podia ter acontecido, minha história, ou a fração dela que você conheceu, não encontra somente *um* final feliz. Todos os dias que Pierre e eu vivemos juntos ao longo daqueles meses; todas as noites que dormimos de conchinha na apertada cama de solteiro, a respiração dele em meu pescoço; todos os beijos e os toques e os segredos confiados são finais felizes em si mesmos, momentos doces e suaves como sonhos em noites de verão.

Contente apenas em tê-lo pertinho de mim, fiz o melhor que pude para ignorar a ampulheta que nos perseguia, fingindo não escutar o tiquetaquear do tempo... Mas a areia que caía sem parar marcava tanto o instante da separação quanto as possibilidades do que tínhamos pela frente, e preferi focar nesse último.

Juro: não sei como consegui. Às vezes era como se minha consciência fosse guiada por uma força desconhecida, mais sábia, mais forte que meus

medos, limitações e desastres.

Se parte de mim quis evitar o fim inevitável, outra até descobriu gostar dele. Saber que só tínhamos mais quatro meses me fez querer vivê-los intensamente. Ali estava eu: sorridente e confiante, um Lucas em nada similar a quem eu era na época do Titanic. Meu pragmatismo virginiano tomou conta e senti que era melhor saber que Pierre iria embora em uma data específica do que ser devastado pela surpresa da notícia.

Pierre fez o máximo para tornar aqueles meses incríveis. Ficou mais com a gente do que em sua própria casa, com a família. Acordava antes de mim para sua ioga matinal e não raro me trazia café da manhã na cama (ele é esse tipo de anjo). Me ensinava palavras em francês. Deixava post-its com mensagens românticas pelo meu quarto. E sempre me dava um último beijo na testa antes de dormirmos.

Ele tinha um jeito especial de lidar com os outros. Ouvia, se importava de verdade e sabia o que dizer.

Eu me sentia seguro com ele.

Livre.

Pierre se aproximou muito dos meus amigos (cheguei a levá-lo comigo em uma viagem a Luna do Norte para conhecer meus pais, um episódio que merece ser detalhado no futuro). Ficou ao lado de Eric nos dias chorosos após o namoro com Raul oficialmente desandar, nos encorajando com passeios malucos, meditações ao luar e técnicas de respiração. Eu topava mais por Eric, meus olhos abertos e desconfiados como os de uma raposa (já tentou meditar? Não é nada fácil!).

Descobri que Pierre não era perfeito e não se importava com minha própria imperfeição (desenvolvi uma teoria de que era isso que ele mais gostava em mim).

Às vezes ficava quieto, e o sentia distante. Deitava na cama e encarava o teto por minutos a fio. Eu não sabia como reagir a esses momentos no início. Seu rosto em branco. O vazio... Até entender que, como todo mundo, ele tinha dias difíceis, mas acolhia sua tristeza sem se apegar a ela.

Compartilhávamos histórias — não na urgência da noite no Titanic, mas no desabrochar da nossa rotina. Revelava as sombras aos poucos: os abusos com drogas e um relacionamento complicado.

E eu contei também. Entreguei todos os meus medos em suas mãos — como um dia ele disse que faria com seu coração — e Pierre tomou conta deles como se fossem seus.

Ele vivia em movimento e, ao fazer isso, nos mantinha em ação. Em seu aniversário de vinte e três anos, Ana, Thamirys, Eric, Pierre e eu saímos de viagem para uma península perdida no tempo chamada Galinhos, com seus passeios de carroça na areia do mar, dunas e praias quase desertas.

O sabor da lembrança permanece em minha boca.

Os vidros abertos do carro.

Nós cinco cantando “Suddenly I See”.

O céu azul.

Eric, na janela, sorrindo apesar da relutância inicial, as pequenas peças do seu coração partido voltando a colar.

A gargalhada de Pierre.

Naquele dia, ele me pediu em namoro. A lua cheia era brilhante e tinha faltado energia em nosso hotel. Velas foram espalhadas pelos cômodos para substituir o vazio das lâmpadas.

Minha cabeça repousava em seu peito, a orelha pressionada em sua pele, no espaço onde os fios dourados reluziam; eu ouvia os batimentos tranquilos, o staccato suave de seu coração.

Estávamos ambos pelados. Não era a nossa primeira vez. A noite em que perdi a virgindade aconteceu antes, com um Pierre respeitoso, safado e lindo, rindo quando eu não sabia o que fazer e pedia para ele parar a cada segundo.

— Lucas — ele falou então, na mesma pronúncia de quando nos apresentamos. “Lou-cas”, a mistura do sotaque potiguar com seu francês. Frequentemente dizia meu nome ao acaso, só pelo prazer de dizê-lo.

— Pierre — eu costumava replicar.

Seu rosto era iluminado pelo prata da lua e as chamas vacilantes das velas. Ele se virou para mim.

— Quer namorar comigo?

Passei alguns segundos intensos fitando seus olhos. Eram tão brilhantes. Não a janela, mas a porta para sua alma.

— Pensei que não fosse pedir nunca.

As covinhas ressurgiram em suas bochechas.

— Isso é um sim? — Pierre perguntou.

— Você sabe a resposta.

Chame de ironia do destino, parcas vingativas ou como quiser, mas Pierre e Eric acabaram voando para a Europa em uma mesma tarde cinzenta de janeiro. Agora imagine como eu me senti: dois coelhos numa cajadada só, o Universo deve ter rido, deixando-me sem o melhor amigo e sem o namorado.

A pior parte era não saber quando os veria novamente. Eri ficaria em Barcelona por um ano, já Pierre não tinha a menor expectativa de retorno.

Passei todo o caminho para o aeroporto com o estômago embrulhado, incapaz de abrir a boca. Meu coração doía como nunca, e utilizei toda a força restante para não desabar na frente deles.

Eric era um reflexo do meu próprio nervosismo. Estava animado, claro, mas havia uma parte que temia que alguém o beliscasse e o despertasse do sonho. Nos fez chegar com duas horas de antecedência ao aeroporto e perguntava coisas como: “E se eles me pararem na fronteira?”, “E se não me deixarem entrar na Espanha?”, “E se forem racistas?”, “E se eu for deportada?!”.
— Você não vai ser deportado, amigo — precisei insistir.

Pierre, que a essa altura já havia sido totalmente corrompido por nosso linguajar, disse simplesmente:

— VDC , Eric.

Vai dar certo.

E deu.

Spoiler: Eric chegou intacto à Espanha. Exultante. Feliz pra cacete. Sortudo por ser da ÚLTIMA leva do Ciência sem Fronteiras, já que o programa logo foi cortado pelo golpista.

Antes de entrar no avião, porém, tivemos um momento nosso. Estávamos em frente ao ponto de verificação da segurança. Meu amigo vestia uma calça jeans, moletom vermelho e um casaco amarrado na cintura. Seu cabelo havia crescido nos últimos meses e cachinhos apareciam no topo; era a primeira vez que os deixava crescer.

A gente se abraçou forte.

— Nego, escuta — minha voz estava embargada. — Sei que foram muitas mudanças ano passado e que nem tudo saiu como queríamos.

— Não vai me fazer chorar não, né? — ele fungou.

— E é por isso que eu quero que você se jogue, tá? — continuei, olhando-o seriamente. — Quero que você agarre essa experiência com unhas e dentes e faça tudo sem hesitar, Eri. Seja você por completo, sem máscaras, reservas

ou medo. Se arrisque. Sêrio. Vá com tudo. O mundo é pequeno demais pra você. Estaremos todos aqui quando você voltar.

— Te amo — ele disse. — Obrigado por tudo.

— Também te amo.

Quando nos separamos, lembrei de algo.

— Ei, Eri.

— O quê, Lu?

— Traga nosso ouro de volta, tá?

Ele riu espalhafatosamente.

— Combinado. Só volto com nosso ouro e um passaporte europeu — ele disse.

— Você com marido espanhol, eu com marido francês. Quem diria?

Foi mais difícil me despedir de Pierre.

Eu conseguia dizer adeus a Eric porque sabia quão importante era aquela viagem para ele; porque estava feliz por sua conquista; porque queria que ele viajasse; e porque sabia que voltava. Não me sentia da mesma maneira em relação ao meu namorado. Por mim, Pierre não voltaria à França, mas ficaria em Natal, comigo.

Nem mesmo as promessas de que manteríamos contato, faríamos longas videochamadas no Skype e escreveríamos cartas prolixas me acalmavam. Por mais perfeitas e sinceras que fossem, aquelas estratégias nunca se equiparariam à sua presença física.

Falávamos da possibilidade de eu ir visitá-lo em Paris. Mas será que era mesmo viável? Como eu pagaria uma viagem dessas, para começo de conversa? Meus pais mal viajavam para fora do Rio Grande do Norte; nunca bancariam uma travessia do filho pelo Atlântico, não importava o quanto

gostassem de Pierre. Ainda assim, por insistência dele e de Eric, tirei meu passaporte. Se a oportunidade surgisse, eu a agarraria.

Era quase hora de dizer adeus.

Havíamos nos esquivado um do outro após a partida de Eric, matando os cento e vinte minutos de espera para o voo dele na praça de alimentação do aeroporto. Àquela altura, eu era uma bomba-relógio. As rachaduras se espalhavam em mim a cada minuto. Eu via a areia da minha ampulheta imaginária derramando seus últimos grãos. Meus pés, impacientes, tamborilavam no piso, e meus olhos evitavam os de Pierre.

Era uma linha tênue, e estávamos prestes a cruzá-la. Sentia o enjoo, a ardência nos olhos. Se alguém dissesse algo, se *ele* dissesse algo, eu desmoronaria como as peças enfileiradas de um dominó.

— Está na hora, Lucas.

Pierre hesitou. Ele tentou segurar minha mão, mas fui mais rápido. Levantei, me concentrando na mala metálica prateada onde ele guardava suas coisas, e comecei a puxá-la pela alça. Atrás de mim, Pierre tentava entender como quebrar o gelo e me alcançar.

Mantive o passo acelerado até chegarmos ao controle de segurança do embarque internacional. Uma fila considerável nos aguardava, ainda maior do que quando estivemos ali com Eric. Tudo era branco e iluminado e ninguém demonstrava estar perdido; todos tinham suas mentes no céu, enquanto eu estaria para sempre preso à terra.

Entramos na fila. Pierre estava ao meu lado agora, e eu o espiei. A barba havia crescido, o bronzeado caramelizara a pele branca e o corpo era o mapa que eu decorei perfeitamente com a ponta dos dedos.

Respirei fundo.

Se ficasse, acabaria chorando na frente de todos aqueles desconhecidos. Teria que dizer adeus agora, antes que as comportas se abrissem e eu me

tornasse um rio desaguando nele.

— Então é isso — eu disse, fitando o chão.

— Lucas...

Ele já me conhecia bem demais.

— Tenho que ir, Pierre. Não consigo. Tô tentando, mas puta que pariu, boy — eu falei. — Não consigo.

Ele tocou meu ombro.

— Eu sei. — E então, baixinho, pediu: — Posso te abraçar?

Eu concordei.

Ele me puxou para perto e eu enterrei a cabeça em seu ombro. Pierre cheirava ao perfume de sempre, o aroma que marcaria as lembranças dos nossos meses juntos. Ele beijou minha testa e acariciou minha nuca.

Tudo aquilo — os beijos e os carinhos, o cuidado e o afeto... Como eu poderia viver sem isso?

Me afastei dele.

— Então tchau, lindo — murmurei, dando um sorriso fraco para ele. — Boa viagem, tá? Me avisa.

Ele inspirou profundamente antes de responder.

— Deixei algo meu em casa pra você não se sentir tão sozinho quando voltar.

— Deixou o quê?

— Uma carta — ele disse. — Está dentro daquele primeiro livro.

Eu o encarei, confuso.

— Qual?

— Você vai saber quando olhar a estante.

— Tchau, lindo. Boa viagem — repeti, cabisbaixo, e me virei; não queria pensar na minha casa sem Pierre.

Ele sabia que seria assim. Conversamos sobre aquilo antes; sobre como eu chegaria ao meu limite ali, antes da partida, e que ele não deveria forçar nada.

Como esperado, Pierre me deixou ir. Podia sentir seu olhar queimando minhas costas conforme eu forçava os pés para longe dele.

Mas a dor era quase física. Quando cheguei à porta de saída do aeroporto, as lágrimas já rolavam pelo meu rosto e nublavam a visão. Eu me encostei contra uma pilastra e tentei me acalmar, respirando como ele me ensinara.

Foi nesse instante que me dei conta da verdade da qual vinha tentando fugir: eu estava sozinho. Não acordaria ao seu lado na cama amanhã, e ele não correria até mim, deixando seu voo para trás.

Pela primeira vez nos últimos meses, eu sabia o que estar só significava.

A ampulheta decretara o fim da linha. Dali não havia ponto de retorno, apenas um futuro abstrato e desconhecido.

Esfreguei os olhos e refiz mentalmente o caminho que tinha acabado de percorrer. Vi a escada rolante que tinha descido e, antes que mudasse de ideia, *corri*.

Dessa vez eu não fugia dele, mas o buscava. Passei como uma flecha por entre as pessoas, pedindo desculpa e licença à medida que tentava cortar caminho.

Como eu podia ter deixado que ele fosse embora daquele jeito?

Eu precisava vê-lo mais uma vez.

Eu precisava beijá-lo mais uma vez...

Se corresse rápido o suficiente, talvez ainda o encontrasse. Era isso que minha mente pedia. *Por favor, Universo*, eu implorava. *Só dessa vez, por favor, faça com que ele ainda esteja lá*.

Meu coração pulava, frenético. Todos me olhavam como se eu estivesse louco, o que não era bem um exagero.

Estava quase chegando.

Girei no corredor e...

Eu o vi. Mostrava algo para o segurança, prestes a desaparecer de vista.

Se não agisse agora, não o reencontraria tão cedo.

Então gritei. Minha voz estilhaçou o fluxo natural do aeroporto como um tiro, e todos, inclusive ele, me encararam quando seu nome ecoou pelo saguão.

— PIERRE !

Tudo ficou em suspenso, como as águas calmas do oceano antes de o navio colidir com um iceberg.

Eu também fiquei paralisado.

Notei a mudança em sua postura quando me viu. Pierre tranquilizou o segurança, que assentiu e me olhou com as sobrancelhas levantadas. Em seguida, meu namorado veio até mim. Encontrei forças para correr outra vez e nos encontramos no meio do percurso.

Pierre soltou a mala e me agarrou no ar quando me joguei em seus braços. Seus olhos denunciavam a surpresa e o contentamento. Eu me ergui na ponta dos pés e o beijei.

Era o clichê perfeito.

Eu o beijei como se fosse a última vez, porque provavelmente era. Tudo o que existia à nossa frente era um futuro incerto que estávamos dispostos a revelar, apesar das consequências. E o futuro podia ser bom ou ruim, mas aquele momento em seus lábios era real demais, perfeito demais para ser perdido.

— Ei — Pierre murmurou em meus lábios. — Isso não é um adeus. É só um até logo, amor. Em breve estaremos juntos de novo. Eu prometo.

Eu tinha consciência das pessoas à nossa volta e do que deviam pensar da nossa demonstração de afeto, mas não me importava nem um pouco.

Merecíamos nosso conto de fadas, afinal. Merecíamos nossa cena de cinema.

Ninguém jamais tiraria nosso direito de ser feliz.

Quando nossas bocas se afastaram, ele manteve o rosto colado ao meu.

— Eu sabia que você ia fazer isso — Pierre disse, sorrindo.

— Como assim?

— Amor, você nunca desperdiçaria a chance de causar uma comoção pública dessas — ele falou, e eu gargalhei tão alto quanto pude.

— Fazer o quê se sou uma bichinha emocionada?

— É exatamente por isso que eu te amo. — Ele passa a mão pelo meu cabelo.

Para ser justo, eu não sabia se um dia me acostumaria a ouvir aquelas três palavras.

— Também te amo, lindo. Não me perdoaria se fosse embora sem te dar um último beijo — eu falei, puxando-o pela cintura.

— Que bom que fez isso. — Ele acariciou minha bochecha. — Vou sentir falta dessa sua mente criativa que nunca cansa de me surpreender. Mas é só por agora.

— Como pode estar tão certo?

— Minha intuição me diz. Afinal — Pierre continuou com um ar de mistério —, você acabou de correr gritando pelo aeroporto e me deu um beijo na frente de todo mundo. Como eu não poderia ter certeza?

— Faz sentido — sorrio.

— Desde aquele primeiro dia eu sabia que ficaríamos juntos, amor — ele disse. — Nunca duvidei de nós dois, sabia? Nosso final feliz é só o começo.

— *Je t'aime* — eu falei, dando um selinho nele. Pierre ficou calado. — Quê? Pronunciei errado?

— Não. Disse certo.

— Então por que tá me olhando assim?

— Estava tentando decorar esse momento para nunca esquecer.

— Você vai perder seu voo.

— Já tô indo. Sem escândalo dessa vez, *oui* ?

— Prometo. — Cruzei os dedos, e assisti ele pegar a mala e se distanciar de mim. — E Pierre?

— Fala.

— Eu vou pra Paris. Ainda não sei como, mas você não vai se livrar de mim tão fácil.

Ele riu.

— Eu sei. — Os olhos de Pierre faiscaram, como se soubesse mais do que revelava. — Estarei te esperando. Não esquece de ler a carta.

— *Tá!* Agora vai logo, menino!

— Te amo.

Ele voltou só para me dar um último beijo.

— Eu também.

Em poucas horas ele vai estar a um mundo de distância de mim. Até onde sei, há noventa e nove por cento de probabilidade de não nos vermos de novo. Mas eu nunca fui muito fã de estatísticas, de qualquer maneira. Então terei que fazer esse um por cento valer.

Trilha sonora



[Clique aqui](#) ou leia o código com seu celular para acessar a playlist no Spotify

Você está chorando? Você está rindo? Você gostou dessa jornada? Escrever *Enquanto eu não te encontro* foi uma das aventuras mais loucas da minha vida. Ao longo desse processo, minha maior companhia foi a música. Enquanto me revelava escritor, também me descobria cantor e compositor.

Foi assim que algumas canções sobre o livro ganharam vida em uma trilha sonora original escrita e cantada por mim.

A primeira música, homônima, surgiu em dezembro de 2018, quando eu morava em Lisboa. Era um dia frio de inverno, eu estava doente, triste e totalmente sem dinheiro. Tive que andar quase três quilômetros para ir a uma clínica médica. Na caminhada, “Midnight Bottle”, da Colbie Caillat, começou a tocar em meu fone de ouvido. Foi quando a letra de “Enquanto eu não te encontro”, que engloba muito do desejo reprimido de Lucas pelo amor, nasceu.

Quando tive certeza de que publicaria o romance pela Seguinte, prometi a mim mesmo: “Vou escrever um álbum inteiro para acompanhar o livro!”. Isso aconteceu em 2020, durante a quarentena, e criei a trilha sonora nesse período. Muitas das músicas que escrevi têm frases ditas pelos personagens e referências que ampliam a experiência e o universo da leitura.

“Desastre” é a faixa-tema do Lucas, e fala sobre como ele se vê e tudo o que esconde. Afinal, Lucas é um romântico incorrigível, mas finge não ser. Ele acredita que não merece o amor, e essa música define sua jornada de reconexão consigo mesmo. “Diário secreto” brinca com o enredo do livro e fala sobre como os caminhos de Lucas e Pierre estavam alinhados mesmo antes de se conhecerem.

“Titanic” é um interlúdio em que convidei minha mãe, a cenopoeta Josy Dantas, para dar vida à icônica frase que Holly Bardo diz a Lucas quando o garoto entra na boate. “Viver agora” é o tipo de hino *deep house*/ EDM que eu sempre quis criar. A canção mistura todas as conversas de Lucas e Pierre sobre viver e celebrar o que temos: este momento. “Naufrágio” é sobre Lucas pós-Titanic, fazendo tudo ao seu alcance para reencontrar Pierre; comecei a esboçar a estrutura dessa logo após o meu último término de namoro, e a adaptei para a trilha.

“Festoxonar” é um interlúdio com a explicação de Lucas para a palavra que inventou. “Não sei quando vou te ver”, com um título autoexplicativo, se refere ao momento em que Pierre anuncia que está indo embora do Brasil (nesse instante, Lucas poderia ter feito outra escolha, mas decide ficar com Pierre e aproveitar todo os segundos que os dois ainda têm juntos). “Fim?” é outra música-quase-interlúdio, que sintetiza a ideia da jornada do herói, ressaltando que o aparente “fim” nem sempre é mesmo o encerramento de tudo. “Nosso final feliz” vem logo a seguir, fechando a trilha sonora com a frase icônica de Pierre — pode parecer o fim, mas o fim deles é só o começo.

Todas essas faixas nasceram de um lugar de amor. Sonoramente, reuni referências que dialogam com o universo de *Enquanto eu não te encontro* : a música pop dos anos 2000 e 2010, trazendo muitos elementos sutis que remetem a Katy Perry e Taylor Swift, como coros, harmonias, sintetizadores e percussão, além da contação de história nas letras. Espero que você ame a nossa trilha sonora, reunida no meu álbum *Contador de história* , e que ela embale seus dias com muita positividade e carinho!

Conheça meu trabalho como músico!



[Clique aqui](#) ou leia o código com seu celular

Agradecimentos

Esta história começou a ganhar forma em 2016. Na época, eu era um jovem saindo do interior para estudar na capital, assim como Lucas. Meu protagonista surgiu como uma projeção minha, uma necessidade de me expressar e de me sentir visto através da ficção como nunca tinha experimentado antes.

Como eu, este livro já teve várias versões. Dos primeiros capítulos postados casualmente (e sem muito sucesso) no Wattpad à publicação independente na Amazon em 2020, o romance se apresentou em diversas formas antes de chegar ao resultado final que você acabou de conhecer (que gosto de chamar de “fase borboleta”). A cada uma dessas transformações, somavam-se novos nomes para agradecer. Em um jogo de sincronias que ainda me surpreende, o livro sempre chegou às mãos certas na hora certa — de outra forma, não estaria aqui.

Themis Lima, você foi a peça que viabilizou essa aventura, a ignição que pôs tudo em movimento. Conhecer você no início da graduação me ajudou a me entender como o contador de histórias que sou. Você me mostrou que o mundo era repleto de possibilidades, que minhas limitações eram apenas ilusões, e que eu poderia, sim, voar, se quisesse. A partir do nosso encontro, *voei*. Foi quando reencontrei você na sua casa na Espanha, na metade de 2018, que olhei para esse romance e tive a clareza de que ele valia a pena.

Foi nessa mesma viagem que, submerso em sua banheira cercada de velas, decidi usar meu nome artístico, “Pedro Rhuas”.

Daquele ponto em diante, passei a me apresentar como o escritor de *Enquanto eu não te encontro*. Eu não era só o Pedro viajante, mas o Pedro escritor-viajante que levava essa história para todos os cantos com seu mochilão. Eu a contava aos estranhos-futuros-amigos que conhecia em minhas viagens, e todos acreditavam em seu potencial. A todos, portanto, que conheci no Couchsurfing, no Sandy Camps, no Marrocos, e no My Rainbow Rooms, em Lisboa, obrigado. Vocês me receberam de portas abertas e apoiaram o meu sonho com algo sutil: confiança. Isso foi essencial. Marlon, amigo querido, você integrou essa etapa. Te amo e sou muito grato por nossa amizade.

Agora volto no tempo e agradeço a Juan. Juan era meu melhor amigo quando estudávamos no IFRN Campus Macau. Nosso amor pelos livros — e pela música pop — foi o que nos uniu. Após tanto tempo me sentindo como se estivesse só, conhecer Juan — tão parecido comigo, mas tão diferente — possibilitou que eu me visse de maneira inteiramente nova. Você sabe que personagem inspirou nessa história, Juan, e sabe o quanto te amo. Acredito nos seus sonhos e na sua capacidade de conquistá-los — ninguém consegue te parar. Espero que sempre lembre o que verdadeiramente merece (só uma dica: não é pouco).

Quando voltei ao Brasil em agosto de 2019, após um ano e meio de pé na estrada, já não era mais o mesmo, tampouco o livro. Tinha uma capa para a publicação independente (presente de Themis) e logo começaria a divulgá-la. Alguns nomes importantes surgiram nesse momento. Gleice Couto, minha talentosa amiga escritora, me ajudou com dicas e orientações. Sou muito grato a Gleice por sua receptividade, assim como a Leo Oliveira, pela atenção. Lina Cooper, leitora beta, foi uma das primeiras pessoas a conhecer

EENTE em sua “fase de lagarta” e a agradeço por ter me feito enxergar o potencial do que escrevia. Kathleen Lopes, amiga do peito, muitíssimo obrigado também. Você sabe seu papel nessa construção — te amo!

Tudo mudou, é claro, com a Clipop, lançada vinte e poucos dias após o meu retorno ao Brasil. Ao ler sobre o concurso, algo despertou em mim. Era a combinação perfeita de oportunidade e vontade de agir para aproveitá-la. Ainda recordo o dia em que imprimi o manuscrito na xérox da UFRN , mostrando a todos os amigos que encontrava pelo caminho o que aquelas páginas significavam e aonde me levariam. Aqui, agradeço aos companheiros da Casa Tomada, em especial a Thais Tenório (minha astróloga/ taróloga particular) pela confiança. Você disse “Vai e confia!”, e eu fui e confiei. Deu certo, Tha!

Um pouco sem acreditar que venceria a Clipop, lancei *Enquanto eu não te encontro* na Amazon. Era apenas a primeira parte da história, uma maneira de me testar diante do público sem mostrar tudo o que o livro trazia. Foi um acerto. O carinho que recebi das pessoas, mesmo em sua “fase de casulo”, foi surreal. A partir desse momento tudo mudou, e os melhores companheiros nessa jornada entraram em campo. Fred é o principal deles. Nordestino, de cara abraçou meu livro como dele. Foi meu maior apoiador, leitor beta, conselheiro e, sobretudo, um irmão. A junção das nossas mentes só podia resultar em algo grande, e não há nada mais divertido que dividir esse processo com ele. Obrigado por ser o melhor, Fred. Te amo!

Então, os meus leitores betas. Thales Eduardo, Matheus Monteiro, Matheus Aiam e Eduardo Tadeu foram peças essenciais e eu não poderia deixar de mencioná-los. Entraram em cena assim que iniciei o processo de escrita do segundo encontro. A seguir, surgiu ela: Alba Milena. Minha agente me ajudou demais na saga de profissionalizar a minha escrita e a minha

carreira. Ela agarrou *Enquanto eu não te encontro* com unhas e dentes e me ajudou a ter uma certeza: faríamos o livro acontecer.

Quando o resultado da Clipop foi anunciado (nunca vou esquecer meu choque diante da notícia!!!), o Universo, que já havia colocado os meus sonhos em movimento, escancarou as portas. Eu passei a ter o time dos sonhos ao meu lado (quando blogueiro, fiz parte da primeira leva de parceiros da Seguinte). E que time! Quero agradecer muito à minha editora, Nathália Dimambro, pelas sugestões essenciais, pela dedicação com a história e por sua mão mágica que me ajudou a encontrar o prumo. Agradeço também a Gabriela Tonelli por sua energia tão positiva, sorriso que abraça, contribuições necessárias e um respeito imenso a *Enquanto eu não te encontro* ; a Antonio Castro, pela acolhida; Paulo Santana, pelo trabalho incrível — e incansável! — no marketing; e a toda equipe da editora por ter me feito sentir em casa. Icônicos!

Agradeço à minha família, à minha eterna fonte de luz que é minha irmã Liz Maria. Sem meus pais, Josy Dantas e Júnio Santos, seria mesmo possível? Eles incentivaram e nutriram o meu amor pela leitura, gastaram mais em livro do que deveriam e me ajudaram a acreditar nos meus sonhos. Todas as empreitadas em que decidi embarcar foram apoiadas por eles. Me criaram como uma pessoa livre, carregando as ferramentas para a minha emancipação. Ao abraçar a minha liberdade, eu também os desafiei. Expressei minha sexualidade, mostrei quem eu era e o que queria, e recebi apoio. Obrigado por terem me proporcionado um espaço seguro para que eu pudesse ser minhas várias faces em toda a sua potencialidade.

Ao Universo, gratidão. A espiritualidade sabe que é a mão que rege essa obra. Torço que tenha conseguido partilhar o que me pediram. Obrigado infinitamente pelo meu despertar; por me guiar e me amparar com mãos bondosas, mas firmes, em direção ao meu propósito.

Aos meus leitores, gratidão. Por um tempo, imaginei que vocês seriam algo abstrato, uma força que eu não tocaria concretamente. Não poderia estar mais errado: vocês são incríveis e reais! Recebo muito amor de vocês. Vocês panfletam, apoiam, esgotam pré-vendas com brindes (sério, VOCÊS!), fazem memes, me arrancam risadas e sonham junto comigo. Essa história é *nossa*. Essa trajetória é *nossa*. E estamos juntos, de verdade. Jamais esqueçam: vocês conseguem e têm o poder de tornar realidade suas maiores fantasias. E, acima de tudo, podem criar seus contos de fadas. Estou aqui para vibrar com vocês.

Finalmente, a *you*. Você que, enquanto eu não encontro, sigo tentando encontrar “em cada olhar, em cada lugar” (sim, moção, eu acabei de citar uma letra que eu mesmo escrevi; supere). Um dia vamos rir juntos desse parágrafo, já posso até ver a cena. Não te conhecer ainda — não saber o seu nome, onde, quando ou por quê — é uma fonte estranhamente interminável de inspiração. Já não coloco o peso da minha felicidade em ti, mas te espero com a certeza de que será incrível quando estivermos juntos. Não vejo a hora de descobrir o meu amor em você (mas, por favor, apareça logo, boy!).

Obrigado!

Como diria Pierre, *nosso final feliz é só o começo*.

Entrevista com o autor

1. Você descreve *Enquanto eu não te encontro* como uma história “orgulhosamente nordestina e LGBTQIAP +”. Você sente que escreveu o livro que gostaria de ter lido quando era adolescente?

Com toda a certeza. O Pedro adolescente era viciado em livros jovens. À época, ainda era difícil encontrar títulos com temática LGBTQIAP + até entre obras estrangeiras traduzidas, ainda mais livros brasileiros. Mesmo depois que essas publicações passaram a ganhar força no mercado nacional, ainda existe um grande vácuo de histórias nordestinas. Eu teria ficado muito feliz em ler uma narrativa com a minha cultura, trazendo as referências que amava. Achava, sinceramente, que nunca me veria tão bem representado na literatura. Fico feliz de ter escrito um livro que contribui para mudar isso.

2. Antes de vencer a Clipop, essa história havia sido publicada como um e-book independente. Como foi a sensação de ter vencido o concurso literário? E o que mudou no texto da primeira edição para esta?

Vamos ser sinceros? Foi uma das melhores sensações da minha vida! Dias desses estava me inscrevendo para o Big Brother Brasil (será que vem aí?), e uma das questões da seletiva era sobre a maior realização de nossas vidas. Eu escolhi essa, de tão marcante que foi. Em relação às mudanças no texto, *muita* coisa foi alterada. Não só os leitores passaram a conhecer a história completa de Lucas e Pierre, como todo o segmento do PRIMEIRO

ENCONTRO foi transformado. Reduzimos bastante material dessa parte, domando o excesso de referências e até incorporando personagens novas, como a Thamy. Tudo isso foi essencial para dar fôlego ao livro.

3. Como Lucas, o maior fã de Katy Perry do Brasil, se sentiria sabendo que sua história foi publicada pela Seguinte, uma editora assumidamente fã de Taylor Swift?

Ok, vou quebrar o protocolo e dizer que eu *morri* de rir com essa pergunta. Olha, não é só o Lucas que é fã da Katy Perry: o autor também! Inclusive, é um dos principais elementos autobiográficos dessa história. Em 2015, Seguinte, o Lucas não reagiria tão bem. Mas em 2021, “You Need To Calm Down” já curou todas as feridas entre as *fanbases*, claro. Aposto que ele só enviaria o GIF da Taylor e da Katy se abraçando como resposta.

4. Qual é a sua formação, e quando você decidiu que queria ser escritor?

Sou graduado em jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, instituição onde o Lucas também estuda em *Enquanto eu não te encontro*. Comecei a escrever muito cedo, aos onze anos, em comunidades de RPG de Harry Potter no Orkut. Meus pais são artistas de rua, então cresci mudando de cidade. Os livros eram meus maiores aliados, e a escrita se tornou a minha forma mais genuína de expressão. Digo que quero ser escritor desde sempre. É bonito ver que hoje, anos depois, o sonho se tornou realidade.

5. De Gretchen a Lady Gaga, passando por nomes da política nacional e da cena drag potiguar, o livro é recheado de referências populares de 2015. Por que você decidiu marcar a época em que o livro se passa dessa forma?

O ano de 2015, início da minha jornada universitária, foi quando me mudei para Natal. Ao começar a escrever *Enquanto eu não te encontro* no ano seguinte, a história acabou trazendo o clima dessas experiências que tinha vivido. Foi um período de muita liberdade, de muitas “primeiras vezes”. Ia para todas as festas, conheci a cena drag (em 2017, até daria vida à minha própria personagem, BiBi Bitx) e participava ativamente do movimento estudantil da UFRN. E então deixei o livro de lado por alguns anos. Quando retornei a ele, percebi que havia se tornado um registro vivo daquela fase. Ao lê-lo, sinto que sou transportado no tempo. É incrível ter essa lembrança na literatura de uma fase que me marcou bastante — e olha que 2015 foi outro dia!

6. Apesar de viver longe da família, Lucas está sempre rodeado de pessoas que o acolhem. Seja nos momentos de dor, seja entre risos e memes, Lucas, Eric, Ana e Thamirys formam uma verdadeira rede de apoio mútuo. Você acha que a história de Lucas teria sido diferente sem esse grupo de amigos?

Há uma passagem, quando estão todos juntos, em que o Lucas fala que os amigos são a família que escolheu. Isso é simbólico. Para pessoas LGBTQIAP+, as famílias em que nascemos frequentemente não são espaços seguros e acolhedores, então a família escolhida é aquela que supre uma demanda existencial muito forte. Lucas só consegue ser quem é com leveza por ter esse sistema de apoio: um grupo de amigos que cuida, entende e, acima de tudo, o respeita. Sem eles, assim como tantos em nossa comunidade, Lucas teria uma vida bem menos colorida.

7. Pierre é o garoto dos sonhos de Lucas — e certamente se tornou o de muitos leitores. De onde veio esse personagem lindo, que fala com uma mistura de sotaque potiguar e francês?

Pierre nasceu das minhas projeções de um amor idealizado. Em vários sentidos, era a pessoa que eu teria adorado conhecer. É mais do que isso, porém. A falta de representatividade nordestina e LGBTQIAP + na literatura e na mídia faz com que comédias românticas não carreguem nossos rostos. Quando aparecemos, somos estereótipos — a dor, a pobreza, a seca, o bruto... Essa invisibilidade cria uma sensação terrível de que não somos vistos. Mais ainda, de que não *merecemos* esses clichês, de que não temos o que é preciso para viver nossos finais felizes. Pierre, então, atua como um elemento de contraposição. Ele sou eu dizendo que até um protagonista gay e do interior do Nordeste pode se apaixonar por um francês em uma boate chamada Titanic! Pode parecer bobo para quem esse tipo de história nunca faltou, mas é único para quem raramente se viu nessa posição. Não que eu soubesse de nada disso no início, claro. A ideia de escrever o Pierre surgiu quando conheci um intercambista francês em Natal e faniquei horrores o boy comigo. Não rolou nada, mas pelo menos na ficção tinha que dar certo pra alguém (sorte do Lucas)!

8. O relacionamento de Eric e Raul é uma das tramas paralelas mais fortes do livro. Apesar de se sentir amado, Eric acha que precisa se adaptar e se moldar às necessidades de Raul. Que mensagem você deixaria para leitores que já se sentiram — ou se sentem — dessa forma em um relacionamento?

Nossa relação com os outros é apenas um reflexo do nosso relacionamento com nós mesmos. Eric finalmente percebe isso. Em determinado ponto, nota como dava poder às pessoas por ter uma percepção equivocada do próprio valor (algo que, no caso dele, é também resultado direto do racismo). O processo de autoconhecimento é algo que acontece tanto com Eric quanto com Lucas, e transforma a vida dos dois. Autoconhecimento não é nada além de se olhar com carinho, paciência e

amor. Quando nos conhecemos de verdade, percebemos os padrões de dor que contribuem para atrair certas situações para nossas vidas, e nos damos conta de que merecemos muito mais do que relações que nos silenciam... Como canto na música “Desastre”, tudo o que busca já está dentro de *você* . Afinal, quando descobrimos nosso valor, não aceitamos menos do que ele.

9. O fim do romance deixa os leitores curiosos sobre o que acontece depois do último encontro entre Lucas e Pierre. Teremos mais histórias sobre o nosso casal favorito no futuro?

Tenho algumas ideias muito legais para conteúdos extras sobre esses dois! Mal posso esperar para escrever mais sobre eles. Até lá, vai depender dos leitores... Será que vão querer mais? Atenta!

10. Diversos livros juvenis populares na época em que o livro se passa são mencionados ao longo do romance. Que livros publicados desde então o Lucas iria gostar de ler e você recomenda aos seus leitores?

O Lucas amaria ler histórias como *Vermelho, branco e sangue azul* , da Casey McQuiston; *Quinze dias* , do Vitor Martins; *Os sete maridos de Evelyn Hugo* , da Taylor Jenkins Reid; *E se fosse a gente?* , da Becky Albertalli e do Adam Silvera; *Bem-vindos à Rua Maravilha* , do Gabriel Mar; e minha novela “O mar me levou a você”, em que o próprio Lucas faz uma participação especial!

Enquanto eu não te encontro não termina aqui!

Acesse conteúdos exclusivos no site:

<seguinte.com.br/eente>



JOSY DANTAS

PEDRO RHUAS cresceu entre o Rio Grande do Norte e o Ceará. Contador de histórias, é escritor, cantor e jornalista. Suas letras e narrativas falam de amor à primeira vista, protagonismo LGBTQIAP + e as potências de um Nordeste vivo. *Enquanto eu não te encontro* — vencedor da Clipop, o concurso literário da Seguinte — é seu livro de estreia. t i y **@pedrorhuas**

Copyright © 2021 by Pedro Rhuas

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A .

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA Renata Nolasco

PREPARAÇÃO Sofia Soter

REVISÃO Renata Lopes Del Nero, Valquíria Della Pozza e Luciane H. Gomide

VERSÃO DIGITAL Marina Pastore

ISBN 978-65-5782-227-2

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br



Vermelho, branco e sangue azul

McQuiston, Casey

9788554515751

392 páginas

[Compre agora e leia](#)

O que pode acontecer quando o filho da presidenta dos Estados Unidos se apaixona pelo príncipe da Inglaterra?

Quando sua mãe foi eleita presidenta dos Estados Unidos, Alex Claremont-Diaz se tornou o novo queridinho da mídia norte-americana. Bonito, carismático e com personalidade forte, Alex tem tudo para seguir os passos

de seus pais e conquistar uma carreira na política, como tanto deseja. Mas quando sua família é convidada para o casamento real do príncipe britânico Philip, Alex tem que encarar o seu primeiro desafio diplomático: lidar com Henry, irmão mais novo de Philip, o príncipe mais adorado do mundo, com quem ele é constantemente comparado — e que ele não suporta.

O encontro entre os dois sai pior do que o esperado, e no dia seguinte todos os jornais do mundo estampam fotos de Alex e Henry caídos em cima do bolo real, insinuando uma briga séria entre os dois. Para evitar um desastre diplomático, eles passam um fim de semana fingindo ser melhores amigos e não demora para que essa relação evolua para algo que nenhum dos dois poderia imaginar — e que não tem nenhuma chance de dar certo. Ou tem?

"Vermelho, branco e sangue azul é escandalosamente divertido. É romântico, sexy, espirituoso e emocionante. Amei cada segundo." — Taylor Jenkins Reid, autora de *Daisy Jones & The Six* e *Os sete maridos de Evelyn Hugo*

[Compre agora e leia](#)



Venha o que vier

Rowell, Rainbow

9786557822906

560 páginas

[Compre agora e leia](#)

No aguardado desfecho da trilogia Simon Snow, nossos heróis tentam seguir em frente de uma vez por todas — mas ainda há algumas perguntas a serem respondidas.

Em *Sempre em frente*, Simon Snow e seus amigos perceberam que tudo o que sabiam sobre o mundo podia estar errado. E em *O filho rebelde*, eles se

perguntaram se o que estava errado era o que sabiam sobre si mesmos. Em *Venha o que vier*, Simon, Baz, Penelope e Agatha procuram um jeito de seguir em frente.

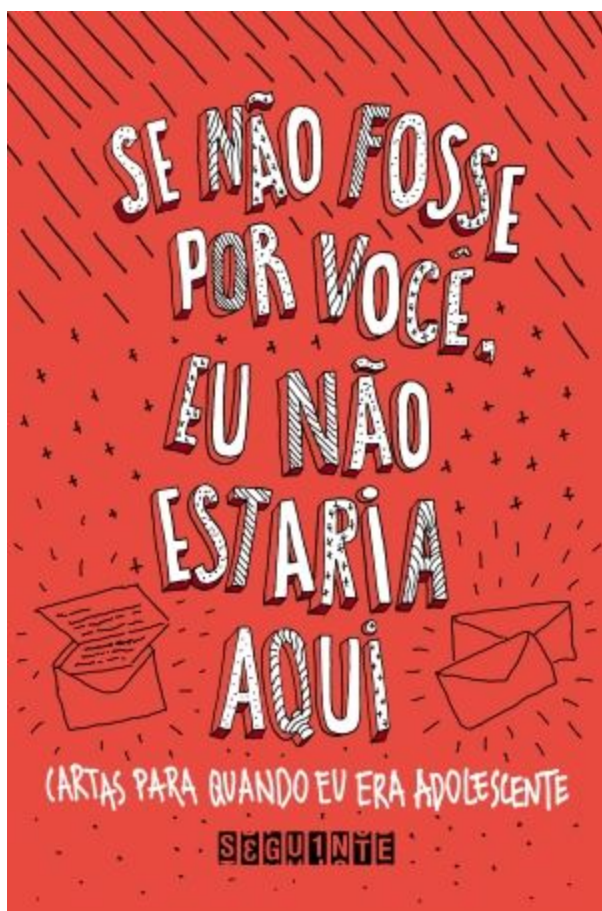
Para Simon, isso significa decidir se ainda quer fazer parte do Mundo dos Magos — e, se não quiser, o que isso representa para seu relacionamento com Baz?

Enquanto isso, Baz está dividido entre duas crises familiares e sem tempo algum para compartilhar com alguém seus novos conhecimentos sobre vampiros. Penelope adoraria ajudar, mas trouxe um americano normal para Londres e não tem ideia do que fazer com ele. E Agatha? Bom, Agatha Wellbelove já está farta de aventuras.

Venha o que vier leva os quatro amigos de volta à Inglaterra e à Watford e às suas famílias. Cada um a seu modo, todos estão prestes a viver a aventura mais longa e emocionalmente dolorosa de todos os tempos.

A conclusão dessa saga, que começou como uma história sobre o Escolhido, chega revelando segredos, dando as respostas que faltavam e resolvendo todos os mistérios. *Venha o que vier* é um livro sobre colocar um ponto-final nos lugares certos, sobre catarse e conclusão, sobre escolher seguir em frente apesar dos traumas e dos triunfos que tentam nos definir.

[Compre agora e leia](#)



Se não fosse por você, eu não estaria aqui

Vários autores

9788554517861

75 páginas

[Compre agora e leia](#)

Se você pudesse mandar uma carta para si mesmo quando adolescente, o que diria? Convidamos os participantes da quarta edição da Flipop a fazer exatamente isso, e o resultado você encontra nesta coletânea gratuita.

A adolescência é um período cheio de descobertas, mudanças e escolhas — algumas sem grandes consequências, outras absolutamente determinantes na nossa vida. Imagine poder reencontrar quem você foi na adolescência e poder dar conselhos (ou spoilers!) que só alguém que sabe como a história termina pode dar.

A Editora Seguinte convidou os participantes da quarta edição do Festival de Literatura Pop (Flipop) a escreverem uma carta com tudo o que diriam para eles mesmos quando adolescentes. O resultado é uma reunião de testemunhos honestos, ora repletos de humor, ora de angústia, ora de alívio — mas sempre carregados de sentimentos. Algumas mensagens trazem conselhos aparentemente banais, como olhar para os dois lados antes de atravessar a rua, outras pedem que nada seja feito de forma diferente. Seja como for, essas vinte e seis cartas mostram que a adolescência é muito mais do que só uma fase — é por ter passado por ela que chegamos aqui hoje. Com cartas de Adriel Bispo, Alba Milena, Alec Silva, Aryane Cararo, Beatriz D'Oliveira, Bruna Vieira, Carol Christo, Clara Alves, Felipe Castilho, Gabriel Mar, Giulia Paim, Iris Figueiredo, Jana Bianchi, Jim Anotsu, Koda Gabriel, Leo Hwan, Lorena Pimenta, Luiza de Souza, Mia Roman, Nanni Rios, Natalia Borges Polesso, Rebeca Kim, Samuel Gomes, Thalita Rebouças, Tiago Valente e Vitor Martins.

[Compre agora e leia](#)



Meu corpo virou poesia

Vieira, Bruna

9786557822654

184 páginas

[Compre agora e leia](#)

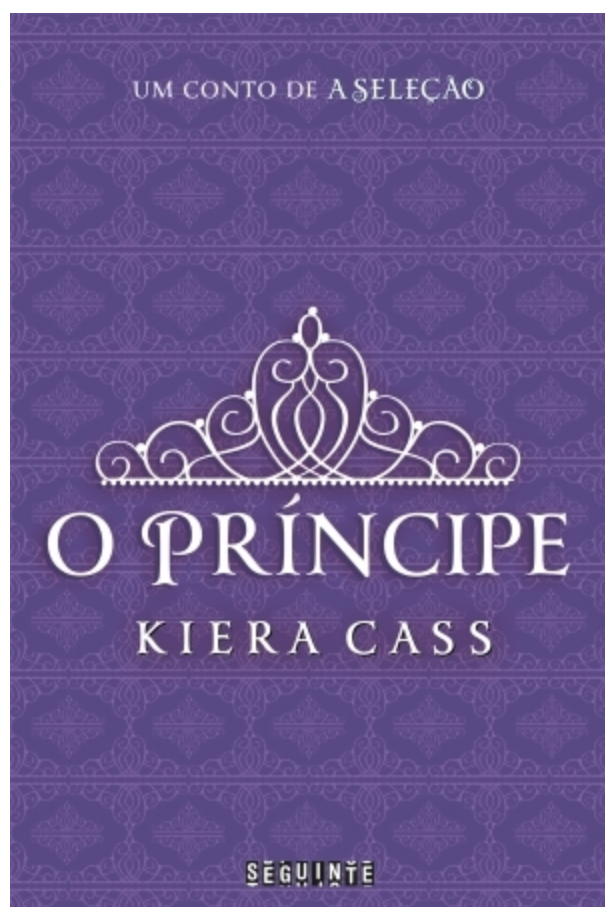
Em seu primeiro livro de poesia, Bruna Vieira percorre uma viagem para se reencontrar.

Em 2017, Bruna Vieira fez as malas, deixou a vida no Brasil de lado e foi escrever uma nova história em outro país, vestida de coragem e guiada por um sentimento que sempre foi sua maior prioridade: o amor.

Com o tempo, porém, os dias foram ficando cada vez mais longos e solitários. Era como se naquele lugar o amor tivesse perdido o equilíbrio e se tornado uma obrigação. Foi bem perto do fim e de jeito mais frio que ela finalmente se deu conta: é impossível ser "nós" sozinha.

Formado por quatro partes — cabeça, garganta, pulmão e ventre —, este livro é um mapa. Um mapa que leva Bruna de volta à escrita e a si mesma. São relatos reais, repletos de lembranças, aprendizados e cicatrizes, que agora deixam o corpo da autora para encontrar o seu, em forma de poesia. Ao tocar em temas como autoestima, amizade feminina e relacionamentos (com o outro e sobretudo consigo mesma), Bruna olha para dentro e nos convida a percorrer nestes versos nossa própria viagem de autodescoberta.

[Compre agora e leia](#)



O príncipe

Cass, Kiera

9788580866827

72 páginas

[Compre agora e leia](#)

Antes que trinta e cinco garotas fossem escolhidas para participar da Seleção... Antes que Aspen partisse o coração de America... Havia outra garota na vida do príncipe Maxon.

Conto inédito e gratuito, *O Príncipe* não só proporciona um vislumbre dos

pensamentos de Maxon nas semanas que antecedem a Seleção, como também revela mais um pouco sobre a família real e as dinâmicas internas do palácio. Você descobrirá como era a vida do príncipe antes da competição, suas expectativas e inseguranças, assim como suas primeiras impressões quando as trinta e cinco garotas chegam ao palácio. É uma leitura indispensável a todos que terminaram A Seleção e ficaram querendo mais! Ao final, contém os dois primeiros capítulos de A Elite, segundo volume da trilogia.

[Compre agora e leia](#)